SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

POR

JOÃO CARDOSO JUNIOR

ANTIGO ALUMNO DAS FACULDADES DE MATHEMATICA E PHILOSOPHIA
NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
PHARMACEUTICO DE 1.ª CLASSE, E 1.º DO QUADRO DE SAUDE
DE CABO VERDE E GUINÉ,
CAVALLEIRO DA REAL ORDEM MILITAR DE S. BENTO D'AVIZ,
CAVALLEIRO DA ANTIGA, NOBILISSIMA E ESCLARECIDA ORDEM DE S. THIAGO,
DO MERITO SCIENTIFICO, LITTERARIO E ARTISTICO,
E AFRICANISTA

TOMO II

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1905

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

POR

JOÃO CARDOSO JUNIOR

ANTIGO ALUMNO DAS FACULDADES DE MATHEMATICA E PHILOSOPHIA
NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
PHARMACEUTICO DE 1.ª CLASSE, E 1.º DO QUADRO DE SAUDE
DE CABO VERDE E GUINÉ,
CAVALLEIRO DA REAL ORDEM MILITAR DE S. BENTO D'AVIZ,
CAVALLEIRO DA ANTIGA, NOBILISSIMA E ESCLARECIDA ORDEM DE S. THIAGO,
DO MERITO SCIENTIFICO, LITTERARIO E ARTISTICO,
E AFRICANISTA

TOMO II

SUMMARIO

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1905

A

Sua Magestade El-Rei

O SENHOR DOM CARLOS

Em Homenagem, a mais respeitosa, aos seus valiosos trabalhos oceanographicos, que honram a Sciencia portugueza e a Patria,

Off.

João Cardoso, Junior.

SUBSIDIOS

PARA A

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

DAS

POSSESSÕES ULTRAMARINAS PORTUGUEZAS

Um dia de nossos peccados, indo em meio o seculo XVI, deu á costa em aparcelada praia da enseada de Nankim uma panoura miseravel, da qual se salvaram quatorze portuguezes, dos vinte e cinco navegantes d'ella.

Passadas grandes privações, soffridos muitos trabalhos, presos e açoutados como ladrões, condemnados a longinquo degredo para as fronteiras da Tartaria, os nove compatriotas nossos, que dos quatorze haviam podido resistir aos supplicios e tormentos a que durante longos mezes todos foram sujeitos lá por terras da China, tiveram de deixar-se alistar, para viver, na guarda de corpo de um governador da provincia, que, naturalmente, lhes mandou dar adaga e lança para seu armamento.

Satisfeita a fome, livres das algemas os macerados pulsos, fechadas as cicatrizes que os pungiam, refeito, emfim, o physico na tranquilla e pouco trabalhosa vida de quartel, entrou a ociosidade de fazer seu officio, e esses miseros, exules lá por tão desvairados e ainda não conhecidos climas, sem esperança alguma de tornar a vêr a terra da patria, de que se hão de lembrar?—de discutir, a furiosas cutiladas, uns contra os outros, uma questão da maior transcendencia: a questão de saber qual de duas familias, de certo illustrissimas, cá de Portugal—a dos Fonsecas ou a dos Madureyras—*tinha melhor moradia na casa de el-rei!...*

Fernão Mendes Pinto, um dos nove da contenda famosa, aquelle *illustre fidalgo* de Montemór que passára os primeiros annos da vida «na miseria e estreiteza da pobre casa de seus paes», e que viera para

Lisboa exercer o *nobre* mister de criado de servir, o bom Fernão Mendes opinou que semelhante «desaventura» outra origem não tivera senão «uma certa vaidade que a nossa nação portugueza tem comsigo...» Esta vaidade, o famoso viajante não sabia explical-a senão por sermos nós por natureza «*mal soffridos nas cousas da honra*».— Ora Fernão Mendes deixara já narrado em anteriores capitulos qual a especie de empreza nocturna que os Fonsecas e os Madureyras, seus companheiros, expiaram no calamitoso naufragio de que salvaram as vidas para est'outra façanha...

O caso é, porém, que o nosso grande zelo das *cousas da honra* não ficou sepultado nas fetidas masmorras para onde o govermo mandou atirar os nove desordeiros brigões. Medrou por lá fartamente o tal zelo, e por isso a China, por nosso respeito ou nossa culpa, fechou os seus portos e territorio á Europa.

Por cá, por Portugal, tambem se não ficava atraz em demonstrações semelhantes, maxime quando as *cousas da honra entendiam com as melhorias da moradia* ou implicavam com o regio favor. Pedro Alvares Cabral descobre o Brazil, os Fonsecas e os Madureyras do seu tempo arranjaram-se tão bem que o illustre navegante morreu obscuro e esquecido. Affonso de Albuquerque dá um imperio a el-rei D. Manuel para ter o premio que sabemos. Eram ainda os Fonsecas e os Madureyras que lhe faziam a cama; os paes dos que, mais tarde, desapossando-o do seu derradeiro repouso, lhe lançaram as cinzas ao vento.

As taes duas illustrissimas familias, que ás competencias de mais largos favores e acolhenças realengas juntavam os cuidados da immortalidade, eternisaram-se, com effeito, de tal modo na historia, que chegaram a conseguir apparecer reviviscentes n'ella, em tempos bem proximos de nós, na propria actualidade até.

. . . .

Ahi, onde um leal servidor da causa publica, cheio de sinceridade e de desinteresse, aspirar a pôr a sua dedicação, a sua intelligencia, o seu prestimo, em summa, e faculdades ao serviço da patria, qualquer que seja o assumpto que perlustre, surgirão para logo os eternos Madureyras e os Fonsecas redivivos a travar o passo ao misero, a desprestigial-o, a annullal-o, apestando-lhe o sangue e envenenando-lhe a vida, até o reduzirem, se puderem, ao desespero, ou, quando menos, á apathia percursora da morte ingloria.

E aqui está como a *vaidade* tem sido o nosso maior flagicio e as taes *cousas de honra* o nosso mais jurado inimigo. Cegos pela vaidade, temos cahido e continuamos a cahir em todas as armadilhas em que ella sabe enredar a nossa immensa ignorancia; enlevados em prosapias futeis, somos indignamente ludibriados pelos especuladores sagazes d'este nosso nacionalisado fraco. Não sabendo utilisar o que ainda possuimos, nem por isso se esbofa menos o nosso orgulho estulto a pretender provar-nos a nós mesmos que nada mais precisamos senão ter

o que temos, e vamo-nos entretanto rindo das *castelhanadas* dos nossos vizinhos d'além do Caia.

Ha quatro seculos que dominamos no archipelago de Cabo Verde e ainda não conseguimos subtrahil-o aos horrores da fome, que periodicamente o devasta, por falta de um bem dirigido e bem sustentado systema de arborisação, que attraia as chuvas fecundantes de que o archipelago tanto precisa. Andamos ha já annos sem conto a dar-nos mutuamente a novidade de que é preciso promover o povoamento do Alemtejo e rarefazer a população demasiado agglomerada do Minho, sem que os Fonsecas e os Madureyras do nosso tempo pleitêem estas cousas da nossa honra, como nação que diz aspirar a ser contada entre as que tomam a serio os problemas da economia social que as occupam.

Dominámos na India, e contentes por termos lá mandado, nos tempos aureos da nossa vitalidade, um Thomé Pires e um Garcia da Horta, satisfizemo-nos com as noticias que elles de lá nos mandaram da fauna e flora indiatica, e deixámos que uma legião de investigadores e de sabios estrangeiros, rindo-se das nossas pretensões de prioridade avassaladora e scientifica, espalhassem no mundo as mais completas noticias de riquezas naturaes cuja extensão e prestimo nunca nos occupámos em averiguar.

Garcia da Horta, traduzido em imperfeita interpretação castelhana, bem depressa foi eclipsado por toda essa pleiade de viajantes italianos que vão de Barthema e Jeronymo de Santo Estevão até Filippe Sassetti, o viajante naturalista mais sagaz que ainda possuiu o seculo XVI, e emquanto toda a Europa se inteirava a fundo de quantas riquezas a India nutria em seu solo e guardava no fundo de seus mares, para seus dominadores quasi por completo desconhecidas e inuteis, um ministro em Portugal, cheio de boas intenções, coitado, consultava o naturalista Alexandre Neves sobre a vantagem economica e commercial de mandar plantar chá nas serranias do Algarve!

*

* *

Taes foram as considerações amargas que em nosso intimo suscitou a leitura do programma, que temos presente, de uma obra inedita portugueza, dedicada a historiar a *materia medica e therapeutica das nossas possessões ultramarinas.*

Basta lêr este programma para se perceber para logo que o auctor da obra, o sr. João Cardoso Junior, compoz um livro de alto valor scientifico, e para nós, particularmente, seus compatriotas, de altissimo valor *politico.* Politico, dizemos, se bem que não pertencente á escola dos Fonsecas e dos Madureyras conhecidos hodiernos.

Por isso mesmo é bem provavel que o livro do sr. João Cardoso Junior esteja de antemão condemnado ao desdem dos poderes publi-

cos, comquanto seja a estes que hoje incumbe desempenhar o proposito que o nosso grande epico tanto recommendou a el-rei D. Sebastião:

> Todos favorecei em seus officios,
> Segundo tem das vidas o talento;

Este livro, se chega a vêr a luz da publicidade, conseguirá uma cousa duplamente essencial para nós: — dar-nos-ha um logar distincto no mundo da sciencia e — o que é capital — affirmará, pela maneira mais brilhante a que poderiamos aspirar, o nosso *direito de posse* ás regiões feracissimas de que nos dizem na Europa indignos possuidores.

Como o auctor terá n'este duplo resultado a parte gloriosa que lhe advem pela sua applicação, pelo seu talento e pela dedicação com que áquella e a este os poz ao serviço da honra e renome do seu paiz, é mais que provavel que os Fonsecas e os Madureyras do costume intervenham no assumpto e consigam provar que as *melhorias de moradia* de hoje, o louvor que se deve a quem pela patria e sciencia se devota, como o sr. João Cardoso Junior, o premio que tem de dar-se a quem pela sciencia se desvela e o reconhecimento com que se hão de acolher os serviços d'esta ordem, não pertencem ao auctor de tão prestimoso e utilissimo tratado, mas a elles, que em nada concorreram para elle, a elles, que nem o entendem em suas laboriosas revelações, nem o comprehendem em seus grandiosos resultados.

E todavia que maravilhosas consequencias nós não tirariamos da divulgação, por nós mesmos feita, das riquezas naturaes de que as nossas colonias são opulento repositorio!

Que excitariamos a inveja das outras nações com o imprudente estadear d'essas riquezas?

Mas essa inveja a concitámos já contra nós mesmos sem lhes dizer nada, restando ainda apurar se o que as nações que hoje nos disputam as nossas melhores possessões africanas sentem é inveja do que temos, e não aproveitamos, se *necessidade* de aproveitarem ellas o que nós nos mostramos tão pouco nos termos de desfructar.

Actos de posse não são só os que se traduzem por insufficientes manifestações do poder politico; actos de posse são tambem os que tendem a demonstrar de um modo positivo e pratico, já no campo commercial e industrial, já nos dominios da sciencia, que quem possue sabe o que possue, interessa-se pelo que possue, estuda o que possue e lhe liga importancia e valor.

Se não tratamos de melhorar as condições climatericas das regiões que possuimos, que podemos esperar d'ellas? Se não tratamos de demonstrar que as exploramos, estudando-lhes os meios de as aproveitar, outros virão fatalmente fazel-o, porque o direito de propriedade vae ser d'ora ávante apanagio de quem se mostrar capaz de merecel-o. E é animando os que trabalharem n'esse sentido, seja qual fôr a especie de contribuição, que se ha de conseguir esse objectivo.

A obra do sr. João Cardoso Junior é da natureza das que não podem vir a lume sem o patrocinio dos poderes publicos, não só pelo

seu custo, incompativel com as posses de um funccionario modesto e trabalhador, mas não opulento, porque os não ha, mas porque sob a egide official não será a obra de um simples particular entregue ao seu simples e isolado esforço, mas uma obra que a nação adopta como digna representante do seu estado intellectual e scientifico, como um determinado dominio da sciencia. [1]

. . . .

(*Commercio de Portugal*, XVII anno, n.º 4:904, de 30 de novembro de 1895.)

---

[1] Podemos affirmar que foi o saudoso e illustre homem de lettras que se chamou visconde de Melicio quem, pelo que acima fica transcripto, á parte, evidentemente, todas as referencias amaveis a merito e qualidades que verdadeiramente só á obra pertencem, e não a nós, que simplesmente a elaborámos, compilámos, etc., nos certificou espontaneamente e em publico qual o valor politico dos nossos *Subsidios para a Materia Medica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguezas*, enchendo-nos este facto de subida satisfação intima, por vermos que, ainda sob este ponto de vista, haviamos sabido, felizmente, realizar o que patrioticamente se nos afigurara, desde a nossa chegada, em 1883, ao archipelago de Cabo-Verde, como uma lacuna importantissima a preencher, no mais curto espaço de tempo, por um Portuguez, a favor de Portugal.

Fixando á nossa obra, como se parte integrante d'ella fosse, o que o illustre e saudoso extincto entendeu dever dizer a proposito d'ella, temos em vista fazer que a memoria do visconde de Melicio reviva, não se apague do espirito dos que souberam aprecial-o em vida, bem como apontar aos vindouros que meditem nas palavras d'elle com referencia ao nosso Ultramar, e que por ellas, a breve trecho, *todos, todos,* concorram com a sua quota de trabalho para não só engrandecermos o que herdámos das gerações passadas, como termos a certeza que legaremos a nossos filhos um futuro sem nuvens, receios ou preoccupações de qualquer genero.

O grande campo de acção para nós, Portuguezes, principalmente no actual momento historico, é no Ultramar. A este devem convergir, pois, todas as intelligencias, todas as iniciativas, todo o capital disponivel, todas as forças productivas, n'uma palavra, da Nação Portugueza.

Que todos se convençam (como aliás já o dissemos por occasião da Commemoração do centenario da India: *Plantas medicinaes do Oriente,* trabalho offerecido á Missão do *Instituto Ultramarino),* que todos acceitem, como um dogma, *ser necessario* que a Civilisação Portugueza nas nossas Possessões Ultramarinas não offereça a mais pequena solução de continuidade; e para este fim trabalhe cada um, na sua esphera, *tanto quanto é preciso.*

Praia (Cabo Verde), outubro de 1902.

João Cardoso, Junior.

Parecer do Ex.mo Sr. Conde de Samodães com referencia á obra «Subsidios para a Materia medica e therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguezas»:

. . . .

«É um trabalho interessante, erudito, curioso e de grandes conhecimentos.»

«A Commissão[1] agradece a V. este escripto, de que, embora perfunctoriamente, se fez devida apreciação.»

. . . .

Porto, Palacio de Crystal Portuense, 28 de dezembro de 1893.

(ass.) *Conde de Samodães.*

---

[1] Commissão Executiva da Exposição Insular e Colonial.

INDICE DOS CAPITULOS DO TOMO II E SEU ADDITAMENTO

ADDITAMENTO

NOTAS

CAPITULO V

Materia medica, Therapeutica colonial e Formulario medico-indigena

I

Materia medica e Therapeutica colonial

Adansonia digitata, L. (Bombaceas)

Nomes vulgares.—*Baobab, Calabaceira, Cabaceira, Pão de macaco.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Fogo e Santo Antão.

Area geographica.—Senegal, Ilha de S. Thomé, Angola (Benguella, Pungo Andongo, Ambriz, Mossamedes), Moçambique (terras baixas), Guiné.

Propriedades therapeuticas e usos.—A casca é remedio contra a febre. Os irmãos Duchassaing ensaiaram a casca, methodicamente, nas febres palustres, no Guadalupe; em 93 casos observados por elles e outros medicos o medicamento falhou só tres vezes!

Eis, segundo Guibert, a acção physiologica da casca:

1.º Sobre o systema nervoso: falta de acção apreciavel;

2.º Sobre os apparelhos circulatorios e respiratorios: n'alguns casos diminuição de pulso, mas nunca além de 12 pulsações, respiração não modificada;

3.º Sobre o apparelho digestivo: augmento de appetite em muitos doentes.

A casca emprega-se em decocto, na dose de 30 grammas para um litro de agua (faz-se ferver até reducção de um terço). É muito mucilaginosa e encerra a *adonsina.*

No Senegal as folhas são consideradas emollientes.

Em 1885, no Humbe (districto de Mossamedes), durante a guerra,

como faltasse a quinina, foi o decocto da casca da *A. digitata* (a qual não é amarga) que a substituiu.

O fructo do *baobab* fornece aos enfermos uma excellente limonada.

No archipelago de Cabo Verde empregam:

Ilha de S. Thiago:

a) O fructo reduzido a uma especie de farinha, que misturam com leite;

b) O fructo em limonadas, que são reputadas «muito saudaveis em dysenterias e febres inflammatorias»;

c) As sementes pisadas, nas doenças syphiliticas e de pelle.

Ilha de Santo Antão:

a) O fructo como excellente nos casos de diarrhea, dysenteria e febres;

b) As folhas pisadas contra as contusões.

Ilha do Fogo:

a) Os fructos em limonadas refrigerantes;

b) As folhas pisadas e em decocto como emolliente nas inflammações;

c) O decocto da raiz, tomado durante 15 dias, e a cataplasma das folhas, topicamente, para combater a doença a que o indigena chama *figado* ou *figro,* a qual é caracterisada por erupções ulcerosas por todo o corpo, especialmente na planta dos pés, onde se formam feridas que obstam por completo á locomoção.

Observações.— As folhas, quando são tenras, fornecem um prato semelhante ao dos espinafres para condimento com carne.

João Cardoso, Junior.

Argemone mexicana, L. (Papaveraceas)

Nome vulgar.—*Argemonia, Cardo, Cardo sancto.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Boa-Vista, S. Thomé.

Area geographica.—Mexico, Brazil, Senegal, Antilhas, Asia, Java, Hong-Kong, Senegambia, Ilha de Santa Helena, Ilhas de Sandwich.

Descripção.—Planta herbacea.

Caracteres da familia.[1]—«Plantas herbaceas, ou ainda, raras vezes, subarbustas, de folhas alternas, simples, mais ou menos profundamente recortadas, cheias em geral de um succo lacteo, branco ou amarellado. As flôres são solitarias, ou dispostas em crinas, ou em cachos ramosos. O calice é formado de duas, rarissimas vezes de tres, sepalas concavas e fragilissimas. A corolla, que falta algumas vezes, compõe-se de quatro, mui raramente de seis petalas singellas, comprimidas e enrugadas antes do seu desabrochar. Os estames, em grandissimo numero, são livres. O ovario ou globuloso, ou estreito e tambem linear, de uma só loja, contendo grandissimo numero de ovulos unidos a trophospermos salientes sobre a fórma de petalas ou falsas divisões. O estylete, curtissimo ou pouco distincto, termina em tantos estigmas quantos trophospermos. O fructo é uma capsula ovoide, coroada pelo estigma ou abrindo-se em póros simples abaixo do estigma; ás vezes é alongada

[1] Pinto.

em fórma de siliqua, abrindo-se por duas valvas, ou rasgando-se transversalmente por articulações. As sementes, ordinariamente pequenissimas, compõem-se de um tegumento proprio, trazendo ás vezes uma especie de carunculasinha carnosa, de endosperma egualmente carnoso, no qual está collocado um pequenino embryão cylindrico.»

Propriedades therapeuticas e usos.— O succo (amarello) é emetico, caustico. As flôres e os fructos peitoraes e somniferos.

Sementes emeticas, quando frescas, e ligeiramente narcoticas.

O oleo (obtido pelas sementes pulverisadas e tratadas pela agua fervente) é empregado como calmante na colica secca.[1]

No Brazil os indigenas empregam: as *folhas* no curativo das ulceras, sobretudo syphiliticas; o *oleo*, como purgativo, na dose de 30 gottas para effeito cathartico, que se manifesta cinco horas depois da sua ingestão; o *succo* como antiherpetico, e o cozimento das sementes contra a queda dos cabellos.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Pouppé-Desportes.

Arachis hypogoea, L. (Leguminosas)

Nomes vulgares.— *Mancarra, Amendoim, Amandobi, Mandobi, Ginguba.*

Hab.— Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, S. Thomé, Guiné, Moçambique, Angola (terras de Nyassa e Lunda, etc.), Timor, Sofala, India.

Area geographica.— America meridional, Asia, Africa, Cochinchina, China e Japão.

Descripção.[1] — *Arachis asiatica*: *Caulis* herbaceus, annuus, 3-pedalis, multiplix, teres, pilosissimus, ruffescens, sub-erectus, ramis diffusis procubentibus. *Folia* sparsa, petiolata, abrupté pinnata, 2-juga: *foliolis* ovatis, pilosis, integerrimis: petiolis brevibus. *Stipulae* acuteae, bifidae, oppositae, semi-amplexicaules. *Flos* aureus, congestus, axillaris: pedunculis tenuibus, longissimis, 1-floris. *Flores* masculi multi, commixti hermaphroditis. *Calyx* bilabiatus: labio superiore ovato, 3-fido: inferiore subulato, integro, incurvo, longiore. *Corolla* papilonacea, resupinata: *vexillo* latissimo, obtuso, emarginato, expanso: *alis* brevioribus, ovatis, *conniventibus:* carinna falcata, alis breviore. *Filamenta* 10, omnia in vaginam connata, ad angulum rectum assurgentia: *antheris* 5 oblongis, 5 aliis alternis sub-rotundis. *Germen* (hermaphroditi) oblongum. *Stylus* subulatus, aequalis staminibus: *stigmate* simplici. *Pericarpium* supra terram nullum: sub terra folliculus, oblon-

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 430 e 431.

gus, obtusus, reticulatus, torulosus, evalvis, 3-4 spermus, et germine floris in maturescentia, reclinato pedunculo, terram perforante enatus. *Semina* ovata, saepe obliquè truncata.

Arachis Africana. Diff. spec. *Ar. foliis* pinnatis, glabris; *stipulis* integris: folliculis 2-2-spermis. *Caulis* annuus, teres, longus, procubens, ramosus. *Folia* abruptè pinnata, 2-juga: foliolis ovatis, glabris. *Flos* aureus, plerunque geminus, axillaris, pedunculis brevioribus: *floribus* masculis cum hermaphroditis sparsis. *Corollae alae* et carina vexillo triplo minores. *Folliculis* evalvis, torulosus, reticulatus, 2-3-spermus, subterraneus. *Stipulae* subulatae, integrae, oppositae ad basim petiolorum.

Propriedades therapeuticas e usos.—Haec semina[1] leviter tosta sapida fiunt, et variis tragematibus misceri solent amygdalas suppletura. Oleo tenui, limpido scatent, lucernis aptissimo, communis usus in Cochinchina. Ad frigenda edulia etiam adhibetur, quamvis prestantia saporis cedat oleo olivarum.

As sementes podem substituir as amendoas na preparação dos loochs.

A analyse das sementes é, segundo Coren Winder,[2] para 100 partes:

Agua	6,76
Oleo	51,75
Substancias azotadas	21,80
Materias azotadas e amylaceas	17,66
Acido phosphorico, potassa, magnesia, chloro	2,03
	100,00

O oleo das sementes foi proposto por Lacartene para substituir inteiramente, nos usos medicinaes, o azeite de oliveira.[3]

A Commissão nomeada pelo governo provincial de Cabo Verde para indicar as formulas por que podem substituir-se, sem prejuizo, os medicamentos caros de preparação nacional ou estrangeira, frequentemente empregados na provincia (*Boletim official*, n.º 12, março de 1892, etc.), e da qual fizemos parte, propoz que se substituisse o *oleo de amendoas* por *oleo de amendoim* (*Relatorio*).[4]

As sementes são reputadas aphrodisiacas (Brazil).

Com o residuo das sementes, depois de extrahido o oleo, misturado com farinha, faz-se uma especie de chocolate, que se consome em Hespanha.

---

[1] Loureiro. Obra citada.
[2] *Journal de chimie et de pharmacie*, 1875, XVIII.
[3] *Recueil de memoires de médecine et de chirurgie militaires*, 2e série, VIII.
[4] *Boletim official de Cabo Verde*, n.º 31, de 30 de julho de 1892.

Observações.— O oleo das sementes serve para tempero das comidas e outros usos domesticos.

O processo de extracção varía um pouco nas diversas regiões, mas de um modo geral é o seguinte:[1]

«As sementes são pisadas em grandes almofarizes de madeira e reduzidas a uma pasta, que depois misturam com agua quente em vasilhas chatas; esperam que o oleo venha juntar-se á superficie da agua, e vão, pouco a pouco, tirando o que sobrenada, com colheres de pau, e lançando-o em outra vasilha.»

Os negros comem a ginguba, crúa ou torrada, quando verde. Perfeitamente madura (demasiadamente oleosa então), é aproveitada em mistura com farinha de mandioca, bananas e outras materias feculentas (Ficalho).

A especie de pães ou bolos, que os negros conservam enrolados nas folhas do *Phrynium ramosissimum,* não é outra cousa mais que a ginguba pisada e temperada com pimentos. Esta planta é uma das principaes especies da cultura africana.

O sr. visconde de Villa Maior tem sobre a *Arachis hypogrea* um longo e importantante trabalho: *Estudo chimico das sementes de amendobi,* o qual foi publicado nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* XVIII, nova serie, tomo I, parte I.

Monteiro (obra citada) e O'Neil (*Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 4.ª serie, pag. 25) trataram dos processos de cultura do amendobi em Angola e Moçambique.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Conde de Ficalho. *Plantas uteis da Africa Portugueza.*

Aloe vulgaris, C. Bauh (Liliaceas)

Nomes vulgares. — *Aloes, Babosa.*

Hab. — Ilhas de Santo Antão, S. Thiago, S. Nicolau, Fogo.

Area geographica. — Asia, Africa, America. (A. socotrino, A. de Bombaim ou das Indias occidentaes, A. das Barbadas ou da Jamaica, A. de Curaçao, A. do Natal.)

Propriedades therapeuticas e usos. — Purgativo, drastico, emmenagogo, anthelminthico, tonico, aperitivo, congestionante.

Principio activo. — Diversas aloinas *(Aloesina* ou *Barbaloina, Nataloina, Socaloina),* resina insoluvel.
A *Aloina* é quatro ou cinco vezes mais activa que o *Aloes* (Smith), embora a sua acção tardia (Shroff).

Guillemain empregou o aloes no cholera, Trousseau emprega-o nas affecções do *peito,* Olivier d'Angers em certas *paraplégias,* Aran, Gamberini, no *catarrho uterino.*
Externamente foi o aloes outr'ora muito usado pelos cirurgiões no curativo das chagas. Ainda hoje se emprega, em collyrio ou em pó, em certas affecções de olhos ou como penso de ulceras atonicas, e nos trajectos fistulosos em pomada ou em banho.[1]

Em Goa tomam o aloes, pisado e misturado com leite, nos casos

---

[1] Dr. Armand B. Paulier. *Manuel de therapeutique et de Matière médicale.*

de chagas, rins ou bexiga, ou nos dos que «mijam materia por alguma outra maneira».[1] Na India é ainda usado o aloes para amadurecer os fleimões.

O dr. Garcia da Orta, que consagrou todo o Colloquio II ao aloes, diz que viu na India «usar a um physico de Cambaya por mézinha familiar e benedicta, tomando talhadas das folhas de *herva babosa,* cozida com sal dentro n'ellas; e d'este cozimento dava-se a beber oito onças; com que fazia quatro ou cinco camaras, sem molestia nem damno algum, a quem o tomava». O nosso respeitavel botanico João Loureiro[2] occupou-se tambem do aloes, ao qual attribue, entre outras, propriedades purgativas, emmenagogas, anthelminthicas, antispasmodicas e vulnerarias.

Em Cabo Verde empregam o aloes d'esta fórma:

Ilha do Fogo.— Como purgativo o succo (raras vezes), e contra as feridas suppurantes dos animaes.

Ilha de Santo Antão.— Como na ilha do Fogo.

Ilha de S. Thiago.— Como purgativo o succo, misturado com leite; para as contusões as folhas assadas nas cinzas.

Diversas ilhas do archipelago.— Como topico, contra callos, a polpa extrahida das folhas, depois d'estas estarem algum tempo sob cinzas; contra o rheumatismo as folhas abertas, depois de cozidas, collocadas sobre a parte dolorosa.

Substancias synergicas, auxiliares.— As resinas purgativas, sobretudo a gomma gutta; os calomelanos, que obram especialmente sobre o figado; o sulfato de ferro, segundo Christison.

Como adjuvantes os alcalinos, que favorecem a solução das substancias resinosas.

Substancias antagonistas, incompativeis.— Os narcoticos, os acidos; como correctivos os alcalinos (Gubler).

O aloes é *contra-indicado:* quando existe um *estado inflammatorio* da *mucosa intestinal* ou do *figado,* hematurias, metrorrhagias congestivas, tendencia ao aborto, ou quando se receia provocar a apparição das hemorrhoides.[3]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Dr. Garcia da Orta. Obra citada, pag. 57.
[2] Obra citada, pag. 203 e 204.
[3] Dr. Paulier. Obra citada.

Allium sativum, L. (Liliaceas)

Nomes vulgares.—*Alho, alho ordinario das hortas.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago.

Area geographica.—Europa, Cochinchina, China e todo o globo.

Descripção.—Bolbo quasi redondo, com tunica inteira secca, papyracea, branca; composto de bolbilhos em uma ou duas series de fasciculos, coberto de uma tunica branca propria; bolbilhos, cinco ou seis, quasi eguaes, parallelos, oblongos, curvados para dentro, agudos, convexos exteriormente, interiormente com dois planos inclinados, cada um coberto de uma tunica de duas laminas, a exterior papyracea, a interior mais tenue, parenchyma branco, carnoso, cheio de um succo limpidissimo.

Propriedades therapeuticas e usos.—Excitante, estimulante, febrifugo, vermifugo, emolliente e antiscorbutico; externamente, rubeficante, caustico, vesicante, antiseptico (vinagre).

O succo emprega-se contra os callos, a sarna, a tinha, a surdez.

É o alho rico em oleo volatil sulfuroso, o que faz suppôr que gose, como a scilla, de propriedades incisivas e diureticas.

Faz-se com elle xarope, oxymellito, vinagre e cataplasma, e a chamada *mostarda do diabo*, que é um unguento que se obtem pisando a mostarda com banha e azeite; poderoso resolutivo dos tumores frios, e do qual os arabes se servem como contraveneno e topico nas hemorrhoides e nas feridas dos animaes venenosos.

No Oriente empregam o alho, usualmente, contra os rheumatismos lombares; e, segundo Lauderer, a polpa do alho, misturada com polvora, é um topico vulgar na Grecia contra certas doenças da pelle.

Na India é administrado contra as febres intermittentes.

O alho é ainda recommendavel, nas areias e pedras da bexiga, escorbuto, cholera e hydropisias (Forestier, Cullen, Bartholini, Sydenham), nas febres typhoides, typho e podridão do hospital, raiva e mordedura de serpentes (Bajon), na coqueluche (Dewies), no tetano (Valentin), etc. Foi até muito empregado por estes medicos.[1]

Em Sumatra (Marsden) as folhas são applicadas como vesicantes.

João Loureiro[2] reconheceu no alho as virtudes: attenuante, diaphoretica, alexiterica, peitoral, diuretica.

O alho administra-se:

Internamente.— *Decocto* (4 a 15 grammas para 500 grammas de leite ou agua); *Xarope* (30 a 60 grammas, em poção); *Succo* (25 a 30 grammas, em poção ou pilulas); *Tintura alcoolica* (10 a 15 grammas); *Oxymel* (30 a 60 grammas, em poção); *Vinagre* (5 a 20 grammas em 100 grammas de tisana).

Externamente.— Em loções, fumigações, e associado a cataplasmas maturativas, a fim de as tornar mais fortes.

Observações.— Bouillon-Lagrange indicou para o alho a existencia de mucilagem, assucar, enxofre, saes, e um oleo volatil acre amarellado, de um sabor forte.

Cadet e Fourcroy, e principalmente Wertheim, estudaram a essencia do alho: é um oleo incolor, transparente, mais leve que a agua, pouco soluvel n'esta, soluvel no alcool e no ether, fervendo a 140° e decompondo-se a 150°, não sendo alterado pelos acidos e alcalis diluidos; atacado pelo acido azotico concentrado, que o dissolve, produz os acidos oxalico e sulfurico; em contacto com os metaes fórma combinações de sulfuretos metallicos e de sulfureto de allylo $(C^3H^5)^2S$.

A essencia de alho obtem-se distillando alhos com agua.

O alho é um remedio (popular, como o *acido arsenioso* e a *coca,* para este mesmo caso) bom para combater o *mal das montanhas.*

Foi o portuguez Costa quem primeiro, em 1590, deu a explicação *verdadeira,* pela rarefacção do ar, *do mal das montanhas.*

Ouçamos a este respeito o dr. Bordier:[3]

«...Cependant, en 1590, un jesuite, A. Costa, avait trouvé la véritable explication. L'élément de l'air est, dit-il, si subtil en ce lieu (l'Asie centrale) qu'il ne se proportionne pas à la respiration humaine, lequelle le requiert plus gras et plus tempéré, combien que l'air

---

[1] Dujardin-Beaumetz. *Clinique therapeutique.*
[2] Obra citada.
[3] *La Géographie médicale,* pag. 56.

y est froid; néanmoins, ce froid n'ôte pas l'appétit de manger; ce qui me fait croire que le mal qu'on en reçoit rien de la qualité de l'air qu'on y respiré». Notons qu'à l'époque où A. Costa parlait ainsi, Otto de Guérick, qui devait démontrer la pesanteur de l'air, n'était pas encore né; Torriceli n'avaient donc pas encore construit son baromètre; Pascal n'avait pas fait ses expériences de la tour Saint-Jacques; Priestley et Lavoisier n'avaient pas découvert l'oxygène et montré son rôb, dans la respiration; enfin on ignorait, par conséquent, la loi de Mariotte: «L'espace occupé par l'air athmosphérique est en raison même des poids qui le compriment.» Ce jesuite avait, il faut l'avouer, fait preuve d'une rare sagacité. Les travaux de Saussure, de Humboldt, de Bonpland, de Martins, de Bravais, ont confirmé ses vues, et nous savons aujourd'hui que le mal des montagnes est causé par la *raréfaction de l'air.*»

João Cardoso, Junior.

Anona muricata, L. (Anonaceas)

Nomes vulgares.— *Sap-Sap, Corossol, Corossilier, Cachiman espinhoso, Sappadilha.*

Hab.— Ilha de S. Thiago.

Area geographica.— Antilhas, Guyanna, Angola (Bengo, Icolo, Golungo Alto, Novo Redondo, Dondo — ao norte, etc.)

Propriedades therapeuticas e usos.— Fructos, quando maduros, antiscorbuticos; verdes, seccos e reduzidos a pó são empregados para combater a dysenteria. As flôres são peitoraes; as folhas antispasmodicas; as sementes emeticas; a raiz, em decocto, é um antidoto nos envenenamentos pelos estupefactivos. O fructo inteiro destroe a vermina, afugenta as moscas e os mosquitos.

O decocto das sementes é empregado em Angola, pelos curandeiros, nos casos de dysenteria e fluxo intestinal.[1]

As folhas, em infuso, são empregadas nas Antilhas, Guyannas e Reunião como sudoriferas *(chá corrossol)*.

Observações.— Os fructos são de grandes dimensões, aquosos, assucarados e refrigerantes.

João Cardoso, Junior.

---

[2] Monteiro. *Angola,* etc, II, pag. 252.

Abrus precatorius, L. (Leguminosas)

Nomes vulgares.—*Jequirity, Alcaçuz de America, Alcaçuz silvestre, Alcaçuz indiano, Manná de alcaçuz, Alcaçuz silvestre de Jamaica, Cam tháo dó hôt.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão e S. Thiago.

Area geographica.—Indias orientaes, Antilhas, Senegambia, Brazil, Cochinchina.

Descripção.— *Caulis* fructicosus, volubilis, multiplex, longus, ramosus. *Folia* abrupte pinnata, spersa, petiolo longo: *foliolis* oppositis, ovatato-oblongis, glabris, sub-12-jugis. *Flos* purpuraceus, spicis lateralibus. *Legumen* compressum, breve, glabrum, rostratum: *seminibus* 3-4, ovatis, nitide coccineis, macula laterali nigerrima: durissima, non edulia.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.—Como collyrio, nas ophtalmias, o macerado aquoso e filtrado das sementes pulverisadas. Wecker e Staller foram os primeiros medicos que na Europa observaram que tal macerado podia determinar uma inflammação purulenta da conjunctivite, das mais uteis como derivativa da conjunctivite granulosa, rebelde á maior parte dos tratamentos. As sementes foram felizmente utilisadas pelo dr. Collas,[2] como succedaneas, nas ophtalmias purulentas de natureza infecciosa e na conjunctivite granulosa.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 428.
[2] Notes inédites.

A inflammação intensa, acompanhada por vezes de phenomenos geraes, produzida pelo macerado das sementes, é explicada, segundo uns, pela existencia de um bacillo, e, segundo outros, pela de um principio de ordem chimica.

No Guadalupe prepara-se com as folhas um extracto que substitue o de alcaçuz.

A raiz emprega-se, em Java e Calcutá, nos mesmos casos que a do alcaçuz.

As folhas e as raizes fornecem tisanas bechicas.

As raizes são tambem empregadas na preparação do extracto.

Macerado de jequirity

Sementes finamente pulverisadas	10 grammas
Agua distillada	500 »

Macere durante 24 horas e filtre.

Façam-se loções — 1 a 3 por dia — até que a conjunctivite derivativa se tenha bem estabelecido.

Não se empregue macerado antigo, que seria sem effeito.

Pomada de jequirity

Pó das sementes	1 gramma
Vaselina	30 grammas

Segundo Wecker, o jequirity gosa de uma acção incontestavel e rapida sobre as granulações da conjunctiva, opinião que foi confirmada pelo dr. Hotz (de Chicago), o qual, entre outras conclusões, chegou á de que o jequirity é o melhor remedio conhecido até hoje contra a conjunctivite granulosa chronica.[1]

O dr. Shœmaker (de Philadelphia) tem empregado, com successo, o jequirity, topicamente, contra certas *affecções cutaneas*, caracterisadas por uma proliferação activa de elementos cellulares de marcha regressiva e ulcerosa.[2]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Dr. Armand B. Paulier. Obra citada, pag. 1184.
[2] Idem.

Anacardium occidentale, L. (Terebinthaceas)

Nomes vulgares.—*Caju, Acaju.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Thiago e S. Nicolau.

Area geographica.—India oriental, India occidental, Antilhas, Brazil, Malabar, Bengala (Loureiro), Ilha de S. Thomé, Angola, Moçambique, Timor.

Descripção.—Arvore copada, não muito alta. Ramos extensos. Folhagem pouco densa. Folhas simples, ovaes, coriaceas, de côr verde amarellada. Flôres em cachos pyramidaes. Calice campanulado, com 5 divisões. Corolla de 5 petalas, grande, 5 ou 6 estames, antheras oblongo-arredondadas, aromaticas e côr de rosa ou amarelladas. Fructo (noz) reniforme (*castanha* lhe chamam vulgarmente), coberto por dois involucros acinzentados.

Propriedades therapeuticas e usos.—Raiz: purgativa.

Casca, rica em acido gallico: aphtas, ulcerações da bocca (decocto), diabetis insipida (macerado).

O pedunculo do fructo (ao qual Hoffmann denominava a *confecção dos tolos!* porque durante muito tempo gozou da reputação de exaltar todos os sentidos e as faculdades): diuretico, sudorifico e antisyphilitico.

O oleo (incolor, soluvel na agua e insoluvel no alcool, etc.) do pericarpo é muito acre, e serve na India e na Martinica como rubefaciente e vesicante, e pela sua persistencia torna-se caustico. Pode-se

substituir ás cantharidas, tendo sobre estas a vantagem da sua acção se não estender aos orgãos genito-urinarios, e utilisar no tratamento da lepra, das ulceras atonicas e dos tumores verrugosos. Este oleo *cardol,* $C^{21}H^{31}O^{2}$, incorporado, na proporção de um oitavo, á banha ou á vaselina, fornece uma boa pomada epispastica; misturado em partes eguaes, com cera branca ou amarella, dá uma pasta vesicante. Dos causticos empregados pelo dr. Beauperthuy, no tratamento externo da lepra tuberculosa, *o oleo de caju* é um d'elles. A acção d'este oleo foi estudada pelo dr. Brassac:

«C'est un vésicant excellent, prompt, sans danger, déterminant un écoulement considérable de sérosité et un dégorgement notable du derme hypertrophié; il mériterait d'être conservé dans la therapeutique pour remplacer les emplâtres vésicatoires, souvent inertes.» *(Rapport sur la méthode Beauperthuy, Basse Terre, 1872.)*

O succo do caju é excitante, adstringente, diuretico e anti-syphilitico.

A resina (abundante) é succedanea da gomma arabica.

A casca do tronco é adstringente, e usa-se em banhos nas inchações das pernas.

A noz applica-se contra as dermatoses rebeldes (eczéma, psoriasis), e o dr. Caseneuve de la Roche preconiza-a, internamente, contra a impotencia, e sobretudo contra a debilidade consecutiva ás grandes doenças e na influenza (tintura).

A tintura do cardol é empregada como vermifuga: $^{1}/_{10}$, 2 a 10 gottas.

Observações.—Do tronco do cajueiro distilla-se gomma em grande quantidade, que na India e n'outras terras é aproveitada para vernizes. (Welwitsch, *Madeiras e drogas medicinaes.)*

A madeira usa-se em marcenaria.

Na India usam do anacardo, *deitado em leite* e *nutrido,* contra a asthma e contra as lombrigas. Fazem d'elle, quando verde, conserva com sal, para comer, a que os indios chamam *achar,* e vende-se na praça como entre nós as azeitonas; quando é secco usam d'elle, em forma de caustico, para as alporcas.[1]

Muito boa preparação me parece ser a do leite azedo para o tratamento da asthma.[2]

O nosso botanico João Loureiro falou-nos na sua obra do *anacardium occidentale.*[3]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Dr. Garcia da Orta. Obra citada. Colloquio v.
[2] Idem, idem.
[3] João Loureiro. *Flora cochinchinenses,* vol. I, pag. 248.

Bromelia ananas, L. (Bromeliaceas)

Nome vulgar.—*Ananás.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Brava, Maio.

Area geographica.— S. Thomé, Timor, Ilhas Samoas, Cochinchina, e por toda a Africa, Asia e America.

Descripção.— Caulis 1-pedalis, perennis, crassus, teres, erectus, foliis ad basim imbricatus, fructu magno, solitario terminatus. *Folia* 3-pedalia, subulata, margine utraque spinosa, cananiculata, crassa, cinereo-glauca, glabra, reclinata. *Bacca* composita, 8 polices longa, cylindracea, saepe sub-conica, ovata, aut subrotunda, diametro 5-pollicari, rubra squamosa. *Flores* nitide purpurei, singulis baccae squamis singuli adnati, supra medium exerti, ante maturescentiam baccae decideri. *Cal.* 3-fidus, minimus. *Corolla* oblonga, campanulata, 3-petala, in acutum desinens. *Filamenta* 6, tenuia receptaculo inserta. *Stigmata* 3: stylo profunde 3-sulcato, et in tres facile divisibili. *Baccae* partiales inferae, oblongae, coalitae, succosae, odorae, dulcissimae, subacidae, sapindissimae, salubres, 1-loculares: seminibus tribus, longiusculis.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.— O fructo maduro é refrigerante, temperante, diuretico, de um grande valor nas affecções da bexiga, estomachico, vermifugo e emmenagogo; verde é desobstruente e epispastico.

---

[1] João Loureiro. *Flora cochinchinenses,* vol. I, pag. 248.

O pó das raizes é hydragogo (hydropisias).

Flôres emmenagogas e abortivas?

O succo entra na composição de muitos digestivos empregados no tratamento das ulceras rebeldes. Segundo Labat, o succo misturado com oleo de amendoas é um bom carminativo.

O vinho, obtido por fermentação, é agradavel ao paladar, mas interdicto ás mulheres gravidas.

Observações.—O poeta Caramuru (C. VII, pag. 43) descreveu assim o ananaz:

> Das fructas do paiz a mais louvada
> He o Regio *Ananaz*, fructa tão boa
> Que a mesma natureza namorada
> Quiz como a Rei cingil-a de coroa.

João Cardoso, Junior.

Bidens pilosa, L. (Composta)

Hab.—Var. *radiata:* Ilhas de S. Vicente, Santo Antão e Boa Vista. Var. *discoidea:* Ilhas de S. Vicente, Santo Antão e S. Thiago.

Area geographica.—Cochinchina, Açores, America, Africa, Ilhas do Oceano Atlantico, India occidental.

Propriedades therapeuticas e usos.—Radix odontalgica. Folia ophtalmica, e contra tussim, ac ambustiones valere dicuntur (Loureiro).

João Cardoso, Junior.

Chenopodium ambrosioides, L. (Chenopodeas)

Nomes vulgares.—*Erva de Santa Maria, Ambrosia do Mexico, Erva Formigueira, Chá do Mexico, Matruz ou Mentruz, Anserina, Chá dos jesuitas.*

Hab.—Ilha de S. Thiago.

Area geographica.—Indias orientaes, Mexico, Madeira, Açores, Europa (Sul), Portugal (proximidades do Tejo, Mondego, Douro, etc.), America.

Descripção.—Planta toda aromatica. Folhas alternas, lanceoladas e um pouco dentadas. Caule de um a dois metros de altura, da grossura de uma caneta de escrever. Raiz oblonga, amarellada por fóra, branca por dentro. Flôr miuda, esverdinhada. Sementes muito pequenas, cobertas de um episperma amarello escuro. Cheiro forte, balsamico, mas um tanto ingrato. Sabor aromatico, mas um tanto amargo.

Propriedades therapeuticas e usos.—Hill preconisou internamente o decocto como hemostatico. O infuso é tonico e estomachico. Pleak e Urich serviram-se d'elle, com successo, nas doenças nervosas.

No Brazil empregam o infuso (4 ou 8 grammas de agua) como vermifugo.

Homeopathicamente é tambem usado o *Ch. ambrosioides,* que é de grande valor therapeutico.

Na therapeutica europêa são empregadas as summidades floridas do *Ch. ambrosioides* (o qual é considerado antispasmodico): 8 ou 10 grammas para 100.

Tisana de chenopodium

Chenopodium ambrosioides..........	4 grammas
Agua..........................	500 »

Infunda e junte.

Xarope de flôres de laranjeira	50 grammas

Contra a chorea da infancia.

RILLIET E BARTHEZ.

E tambem como estomachico.

Os negros estão sujeitos á doença denominada *maculo,* muitas vezes fatal, e que consiste em dysenteria, complicada com a ulceração, interna e externa, do anus. O sr. Monteiro [1] refere que nos depositos francezes, onde embarcavam milhares de negros sob o nome de *emigrantes livres,* estes morriam em numero de 50 e 60 por dia, *sendo tratados pelos medicos francezes;* e quando mais tarde ficaram entregues ao *tratamento africano,* a mortandade decresceu rapidamente. Este *tratamento heroico* consiste em introduzir no anus um rolo feito de *erva de Santa Maria,* pisada e misturada com polvora moida e aguardente forte, renovando a applicação ao fim de algumas horas, e dar ao mesmo tempo ao doente algumas bebidas adstringentes, como, por exemplo, infusões de *erva tostão* e de *empebi* (as sementes da *Anona muricata).*

Observações.—Existirá em Cabo Verde o *Chenopodium anthelminthicus?* No caso negativo seria conveniente acclimal-o. As sementes prescrevem-se em electuario, com xarope simples; o succo da planta e o decocto das folhas são empregados nas doenças verminosas.

A planta esmagada, ou o seu succo, é excellente topico nas feridas de mau caracter, ulceras phagedenicas, etc.

O *Ch. ambrosioides* foi muito usado outr'ora na parte meridional da Baixa-Saxonia, Baviera, Hungria e Siberia.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

---

[1] *Angola,* etc., II, pag. 253.

Calatropis procera, R. Br. (Asclepiadeas)

Nome vulgar.—*Bombardeira.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, Boa-Vista, Sal, Maio e S. Thiago.

Area geographica.—Arabia, Egypto, Persia, India oriental, Abyssinia, Molucas.

Descripção.—Arbusto de 5 a 6 pés de altura, cujos fructos encerram sementes revestidas de pêlos longos, brilhantes, sedosos, a que em Cabo Verde chamam lã de bombardeira.

Propriedades therapeuticas e usos.—Tonica, alterante, diaphoretica, emetica, em alta dose.

Emprega-se contra a syphilis, a paralysia, a epilepsia, os vermes, o herpes, o rheumatismo, a febre intermittente, a hectica, as mordeduras de serpente, a lepra e a dysenteria.

O succo, acre e leitoso, é empregado com efficacia nas doenças cutaneas rebeldes, elephantiasis e ulceras phagedenicas, e como calmante das dôres dos dentes cariados.

As suas propriedades particulares são attribuidas á *Mudarina,* principio que se coagula pelo calor e se torna liquido quando se abaixa a temperatura.

A casca é empregada na India contra a lepra, a syphilis, o herpes, as febres intermittentes, etc. Pó, na dose de 25 centigrammas, duas vezes por dia; o seu uso, por muito tempo, produz nauseas e vomitos, que se combatem com o oleo de ricino (dr. Collas).

A casca, principalmente da raiz, é de facto tonica e diaphoretica (25 a 30 centigrammas), e em maiores doses emetica (2 a 4 grammas).

João Cardoso, Junior.

Carica papaya, L. (Bixaceas)

Nomes vulgares.— *Papaya, Mamoeiro, Mamão, Arvore do Melão, Papayo.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Brava e Fogo, Angola, S. Thomé, Moçambique, India e Timor.

Area geographica.—Colonias tropicaes, Brazil, Africa, Cochinchina, China, Antilhas.

Descripção.[1]—*Arbor* 15–20 pedes alta: *caule* recto, plerumque simplicissimo: raro ramoso, 6 pollices in diametro crasso: *cortice* fibroso, cinereo, intus molliusculo, sucoso, albo. *Folia* ad verticem caulis, magna, 5-9-partita, lobis inaequalibus, sinuato-incisis, apice acutis: *petiolis* longissimis, rectis, crassis, inanibus, inordinate circa caulem dispositis. *Flos* Divicus, albus: *Masculus calyce* 5-fido minimo: *corolla* infundasbisliformi 5-fida, lacinis ovato-oblongis, reflexis: *staminibus* 10, tubo corollae insertis: *racemis* compositis, lateralibus, reclinatis. *Foemineus* flos pedunculis axillaribus, 2-3-floris: *calyce* 5-fido: *corolla* campanulata, 5 partita, laciniis sub obtusis, reflexis: *stigmatibus* 5, sessi libus, laciniatis, patentibus. *Bacca* ovalis, semipedalis, multisulcata, in tus, e extra rubro-lutea, 1-locularis, polysperma. *Semina* sub-rotunda, fusca. Piperis aequalia, plurima.

Propriedades therapeuticas e usos.—No Brazil o succo leitoso, neu-

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 628.

tro, obtido por incisões longitudinaes do fructo verde, é usado como anthelminthico; a sua applicação sobre a pelle é considerada excellente para a tornar macia; é aconselhado contra as sardas ou manchas do rosto, e empregado, dissolvido em agua, para tornar tenra a carne, ou em xarope, na dose de uma colher das de sopa, de duas em duas horas, como sedativo e expectorante; as sementes passam por bom vermifugo, e o fructo é refrigerante, peitoral e ligeiramente purgativo.

Louvet consigna o uso vulgar, na ilha da Reunião, como vermifugo, do succo de papaia, misturado com egual volume de mel.

Descourlitz affirma que o succo das raizes possue propriedades vermifugas.

O succo da papaya ataca e amollece, a + 40°, a carne e a fibrina, a clara de ovo e o gluten, em virtude da *papayna* — principio activo que tem servido de base a um grande numero de preparações digestivas.[1] Esta descoberta não é nova; na India e na Indo-China — como aliás o nosso Loureiro deu noticia — havia já muito tempo que se costumava regar a carne muito dura ou muito fresca com succo de papaya a fim de a tornar tenra.

As sementes são estimulantes, aromaticas, vermifugas e tenifugas, e frescas são rubificantes.

Os fructos assucarados, aquosos e comestiveis.

A *papayna* foi descoberta e estudada por Wurtz e Dr. Bouchut.

«Não deve continuar esquecido ou desprezado por nós, Portuguezes,[2] tão importante principio activo, descoberto pelo eminente chimico Wurtz e dr. Bouchut, que larga applicação pode ter nas regiões quentes, empregando-o, como propomos, em vez da *pepsina*.

«Wurtz e Bouchut certificaram-se de que toda a materia azotada, leite, carne, fibrina, é digerida pela papayna em quantidade muito maior que a que pode dissolver a pepsina que segrega o estomago, e que era tambem superior á pepsina, porque dissolvia a materia azotada, tanto em um centro acido, como em um centro neutro ou alcalino.

«A papayna, diz Bouchut, deve ser empregada sempre que haja a combater indisposições ou molestias dos orgãos de digestão, nas dyspepsias, gastralgias, gastrites, lienterias, emfim em todas as doenças que teem por causa qualquer desarranjo do estomago.»

---

[1] *La Nature*, setembro, 1880. Academie des sciences, août, 1877. *Journal de pharmacie et de chimie*, 4ᵉ série, xx.

[2] João Cardoso, Junior. *Parecer apresentado* (na qualidade de membro da commissão nomeada pela portaria provincial n.° 69, de 15 de março de 1892, *Boletim official*, n.° 12) *ao Governo da provincia de Cabo Verde.*

Preparação de papayna

WURTZ E BOUCHUT

«Filtre-se o succo extrahido da arvore ou dos fructos, e lave-se muitas vezes, em agua distillada, o deposito gelatinoso que fica sobre o filtro. Misture-se o succo filtrado com as aguas de lavagem, reduza-se tudo a um pequeno volume no vacuo, e depois junte-se dez vezes o volume de alcool. Fórma-se então um precipitado branco, que se deixa em contacto com o alcool durante 24 horas; filtra-se de novo e secca-se no vacuo o deposito que ficou sobre o filtro. Obtem-se assim um pó branco, de sabor mucilaginoso, soluvel em agua: é a papayna.»

A *papayna* é anodina quando administrada no interior, mesmo em doses fortes, no caso de doenças de estomago; diminue a acidez da saliva.

As folhas da *papayna* conteem a *carpina,* novo alcaloide descoberto em Java por M. Greshoff.

A *carpina* prepara-se pela seguinte fórma:

Digiram-se no alcool, addicionado de acido acetico, as fólhas pulverisadas; distille-se o alcool e trate-se o extracto que ficar pela agua, a fim de separar a resina e a chlorophylla. Agite-se muitas vezes a solução aquosa com ether, e addicione-se o carbonato de soda até franca reacção alcalina. O precipitado que se produz é facilmente soluvel no ether, e pela evaporação separa-se em crystaes estrellados incolores de que se obtem 0,25 por 100 das folhas tratadas. Os crystaes dissolvem-se mais lentamente no ether que o primeiro precipitado amorpho, o que permitte purifical-os e descoral-os inteiramente, lavando-os com um pouco de ether, mas d'esta fórma perde-se dois quintos do producto crystallisado. As folhas novas dão mais carpina que as velhas.

A carpina é um veneno do coração que atraza. Cincoenta grammas de carpina, injectada n'um frango que pesava 350 grammas, não produziu symptomas toxicos, que se mostraram todavia no fim de 10 minutos para desapparecerem depois de 25 — com 10 centigrammas. Com 20 centigrammas a dose tornou-se mortal para um frango que pesava 500 grammas.

Solução de papayna a 4 por 100

Na diphteria.

Pilulas de papayna, de 60 centigrammas

Duas por dia.
Na febre e nas colicas nephriticas.

Mistura de papayna

Papayna	72 centigrammas
Borax	30 grammas
Agua	7,20

M. s. a.

Para as verrugas e condyolomos.

João Cardoso, Junior.

Citrus sps.

Citrus Limonum, *Risso.*
C. Aurantium, *R.*
C. vulgaris, *R.*

Nomes vulgares.—*Limoeiro, Laranjeira, Laranjeira azeda.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Santo Antão, S. Nicolau.

Propriedades therapeuticas e usos.—Segundo[1] o dr. Descourlitz, o succo acido da especie *Citrus medica* dá uma limonada agradavel, que não só tempera a effervescencia do sangue, mas se torna infinitamente util no tratamento das febres angeiotenicas, biliosas e adynamicas, nas dysenterias putridas, nas hemorrhagias activas, na retenção de urina e envenenamento pelos vegetaes toxicos. Unido aos tamarindos, fornece um evacuante laxativo precioso, a empregar na febre amarella. A casca da raiz e o seu extracto são excellentes febrifugos, sobretudo se ao decocto se juntar algumas gottas de acido muriatico dulcificado. Uma colher de azeite de oliveira e duas de sumo de limão, como vomitivo, matam os vermes das creanças. Os negros, para a cura da tenia, empregam o remedio seguinte: um copo de sumo de limão em que se tem diluido dois punhados de cinza; a tenia morre, mas deve recorrer-se aos purgativos para a expulsar.

---

[1] João Cardoso, Junior. *Parecer* já citado e mandado publicar pelo Governo de Cabo Verde. Portaria provincial n.º 293. (*Boletim official* n.º 31, de 30 de julho de 1892.)

Sumo de limão, tres onças de agua de rosas e uma clara de ovo constituem, no dizer de Chomel, uma poção util contra a gonorrhéa! Uma colher (das de café) d'este sumo, tomado de hora a hora, tendo-se posto em effervescencia com carbonato de potassa, faz parar os vomitos causados por bilis introduzida no estomago ou no duodernum.

Eis, segundo Duhamel, a

Maneira de preparar o extracto de limão

Depois de ter exprimido uma certa quantidade de laranjas ou limões, deixa-se assentar o sumo, decanta-se, filtra-se, e deita-se, assim purificado, n'um vaso de louça.

Duas duzias de boas laranjas, pesando cinco libras e quatro onças, dão uma libra e nove onças e meia de sumo, o qual se evapora depois em banho Maria até reduzir a um quinto do seu peso, de modo que restam cinco onças de extracto. E como o volume d'estas cinco onças é quasi egual ao de tres onças de agua, pode guardar-se durante muitos annos, n'uma garrafa ordinaria, a parte acida de doze limões ou laranjas, com a qual se pode fazer limonada ou ponche quasi identicos aos que se preparam com os mesmos fructos emquanto frescos. O aroma do oleo essencial da casca torna estas bebidas muito agradaveis, e talvez lhes communique alguma virtude salutar, e por isso é conveniente misturar ao extracto algumas gottas de oleo essencial de limão, ou algumas aparas de casca, ou infundil-as em algum liquido espirituoso, ou deital-as em aguardente, para depois distillar.

Em Malta prepara-se o sumo de limão *(lime-juice)* pelo seguinte processo:

Mettem na prensa os fructos inteiros, ainda com a casca; extraem-lhes o sumo, a que addicionam alcool, e guardam-o depois em garrafas de dois litros, reunidos em numero de 18 em cada caixa. Este sumo serve para preparar uma bebida assim composta:

Lime-juice	14	grammas
Assucar	42	»
Agua	112	»

Nós propuzemos [1] que se substituisse no formulario official da clinica interna dos hospitaes de Cabo Verde o acido citrico por succo de limão, e se fizesse uso d'este nos casos das febres especificadas pelo dr. Descourlitz.

E a commissão official, de que fizemos parte, foi de opinião que,

---

[1] *Parecer* já citado.

no aviamento do receituario dos individuos soccorridos pelo Estado, se deve, como economia para este, e sem prejuizo para os doentes:

Utilisar ou substituir o acido citrico por sumo de limão ou de laranja, ou pelo extracto de algumas d'estas especies — todas as vezes que isto seja possivel.[1]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Relatorio já citado e publicado no *Boletim official de Cabo Verde,* n.º 31, de 30 de julho de 1892.

Cyperus rotundus, L. (Gramineas)

Hab.— Ilha do Sal.

Area geographica.— Cochinchina, China, Europa, Asia, Africa, America, Nova Hollanda.

Descripção.[1] — *Culmus* 1-pedalis, triquetus, saepe nudus, aliquando foliolis parvis, sparsis. *Folia* radicalia, congesta, subulata, reflexa, glabra, culmo buviora. *Umbella* decomposita, simpliciter foliosa: *spiculis* lanceolato-linearibus: *pedicellis* distichè imbricatis. *Radix* tuberibus avatis, sparsis, odoratis, exterius fuscis, pilosis, interius rubescentibus, friebilibus.

Propriedades therapeuticas e usos.— Tuberum: Diuretica, emmenagaga, vulneraria. Valet in hydnope, affectibus frigidis uteri et nervorum. Adstrictionem ventris solvit. Adnigridinem tosta, tritaque, cum vino pota fluorem album cohibent, et ulcera uteri detergunt (Loureiro).

João Cardoso, Junior.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 42.

Coffea arabica, L. (Rubiaceas)

Nome vulgar.—Café.

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Thiago, S. Nicolau, Fogo, Timor, S. Thomé, Angola.

Area geographica.—Cochinchina, Ethyopia, Antilhas, America.

Descripção.—*Arbor* debilis, 8 pedes alta: ramis patentibus, oppositis. *Folia* lanceolata, integerrima, nitida, undulata, opposita, petiolis brevibus. Flos albus, axillaris, congestus, subsessilis: *calyce* 4-dentato, misuccosa, dulcis: seminibus binis, arillatis.

Propriedades therapeuticas e usos.—Poderoso tonico e febrifugo, excitante da circulação. Activa as funcções intellectuaes e favorece a insomnia. Desinfectante. Dissipa a preguiça, a languidez proveniente do excesso de trabalho ou do abuso de prazeres venereos e de bebidas alcoolicas. Anticephalgico, antiasthmatico. Util na debilidade de estomago, dando-lhe força e augmentando a energia propria. Auxiliador da digestão. Allivia e faz desapparecer as colicas flatulentas. Mascara a amargura do sulfato de quinina, do sulfato de magnesia e do senne. Empregado contra a coqueluche, gotta, catarrhos chronicos, amenorrhea. Poderoso remedio para combater os effeitos do envenenamento pelos narcoticos.

Segundo Payen, a composição do café:

	Grammas
Cellulosa	34
Agua hygroscopica	12

	Grammas
Substancias gordas	10,13
Glycose, dextrina, acido vegetal indeterminado (galhico, quinino, cafeico?)..............	15,5
Legumnia, cafeina e glutina	10
Chloroginato duplo de potassa e de cafeina ..	3,5 a 7
Organismo azote........................	3
Cafeina livre..........................	0,03
Oleo essencial concreto insoluvel	0,001
Essencia aromatica fluida, de cheiro suave, essencia aromatica acre...................	0,002
Substancias mineraes (phosphatos, sulfatos, silicatos de potassa e de magnesia)........	6,697

Xarope de café

Café torrado e moido.............. 500 grammas
Xarope simples.................... 4:000 »

Trate-se o café por deslocação por meio de agua fervente de maneira a obter 1:000 grammas de liquido. Ponha-se o xarope então ao lume, e faça-se evaporal-o até que tenha perdido 1:000, e substitua-se esta perda pelo deslocado e côa-se.

GUIB.

Macerado de café

Café não torrado .... 25 grammas
Agua.............................. 300 »

Faça-se macerar durante doze horas; côa-se.
Contra a coqueluche copos assucarados durante o dia.

Infuso de café

Café torrado...................... 30 grammas
Agua.............................. 250 »

F. s. infuso.

Pó de café

Café verde não torrado, em pó .... q. b.

1 a 2 grammas, de hora a hora, durante a pyrexia.

Decocto de café

Café torrado......................	30 grammas
Agua fervente	375 »

F. s. a.

Meio calix de meia em meia hora.

A *cafeina* é o alcaloide do café (e egualmente do chá, encontrando-se ainda na noz de kola e no guaraná). Em doses fortes, de 30 a 50 centigrammas, determina phenomenos de excitação nervosa e vascular; em pequenas doses produz uma ligeira modorra, seguida de uma fraca estimulação circulatoria, favoravel ao exercicio das funcções animaes. O dr. Huchard considera a cafeina como um excellente cardiaco e um poderoso diuretico. As injecções de cafeina abaixam a temperatura na febre typhoide e combatem os phenomenos da depressão geral. São aconselhadas no cholera pelo dr. Huchard. A cafeina apresenta-se sob a fórma de prismas brancos, sedosos, inodoros, amargos, soluveis em 98 partes de agua fria, muito soluvel na agua fervente, um pouco soluvel no alcool e no ether, sublimando-se sem alteração a 384°, e precipitando-se em branco pelo tanino e em amarello pelo chloreto de platina. Fórma saes: citrato[1], lactato, malato, valerianato e salicylato de cafeina. Prepara-se tratando o café verde pela benzina, distillando e retomando o residuo pela agua fervente, fazendo crystallizar, e purificando muitas crystallizações.

Pilulas de citrato de cafeina

Citrato de cafeina..................	0,50
Extracto de grama..................	1 gramma

F. s. a. pilulas de 15 centigrammas.

Uma todas as horas, a começar no principio do accesso.

HANNON.

[1] O citrato de cafeina crystalliza em agulhas brancas assetinadas muito soluveis na agua.

Poção de cafeina

Agua distillada	....	300 grammas
Benzoato de soda... } Cafeina .... }	ana	5 »

De duas a cinco colheres das de sopa por dia.

1) Injecção hypodermica

Benzoato de soda	3gr,40
Cafeina	2 ,50
Agua distillada	5 ,40 ou q. b.

Para 10 centimetros cubicos. Cada centimetro cubico contém 25 centigrammas de cafeina.

Pode-se substituir o benzoato pelo salicylato e cinnamato de soda.

2) Injecção hypodermica

Benzoato de soda... } Cafeina .... }	ana	1 gramma
Agua distillada	....	3 »

Uma seringa de Pravaz contém 25 centigrammas de remedio.

Estas tres ultimas formulas são devidas a Tanret, que teve em vista obter — como de facto obteve — preparados que não deixassem depositar cafeina.

Para evitar os accidentes gastricos que muitas vezes a poção provoca, ou quando esta não é bem supportada, recorre-se ás injecções hypodermicas..

Doses: internamente 20 a 80 centigrammas.

Em injecções hypodermicas 60 centigrammas com um gramma de benzoato de soda e seis grammas de agua distillada.

João Cardoso, Junior.

Coccos nucifera, L. (Palmae)

Nomes vulgares.— *Coqueiro, Coqueiro da India, Rei dos vegetaes.*

Hab.—Todas as ilhas de Cabo-Verde, Madeira, Timor, Moçambique (Inhambane, etc.), Angola, Guiné, S. Thomé e Principe.

Area geographica.—Africa, Asia, America, Australia, Brazil, Ilha Reunião, Cochinchina.

Descripção.[1]—*Arbor* simplicissima, prolifera, 60 pedes alta, 1 circiter diametro crassa, erecta, recta, circulis parallelis ex frondibus decidentibus notata. *Frondes* pinnatae, reflexae, 12 pedes longae, rachi exterius rotundata, interius, sub-excavata: *aculeis* nullis: *foliolis* oppositis, plurimis, 3-pedalibus, subulato-ensiformibus, laevibus, simpliciter plicatis. *Flos* axillaris, *spatha* magna, acuta, striata, monophylla: *spadice* spicato, reclinato: *spicis* plurimis linearibus, tectis flosculis: foemineis uno, vel altero ad basim, caeteris masculis. In utroque *calyx* semper 3-partitus: *corolla* 3 petala. *Stamina* 6. *Stigmata* 3, sessilia. *Drupa* trigono-ovata, 8 pollices longa: *cortice* exteriore crasso, fibroso, non coriaceo: interiore tenniore, osseo: *medulla* albissima, duriuscula, inani, plerumque aqua dulci plena.

Propriedades therapeuticas e usos.— Os fructos fornecem uma bebida —agua de coco—agradavel, diuretica e refrigerante, que, externamente, é usada no Brazil contra as sardas e espinhas do rosto.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 566.

A seiva do coqueiro — obtida pela incisão da spatha que envolve as folhas — é um liquido assucarado (denominado *callon* na India) que: 1.º evaporado com certas precauções fornece o *jagre* (materia assucarada); 2.º abandonado á fermentação dá o *toddi* — vinho de coqueiro — do qual se extrae por distillação o melhor *arack* do Oriente (na India diversas palmeiras, e principalmente o *Borassus flabelliformis,* fornecem productos eguaes); 3.º estabelecida a fermentação acetica — o que tem logar se a fermentação ultrapassar 15 dias — produz o excellente *vinagre de coqueiro,* o qual se torna superior com a edade, maxime se n'elle se fizer macerar uma certa quantidade da casca e das raizes da *moringa pterygosperma* (as quaes teem o aroma e o sabor do rabano, e que, como elle, são antiscorbuticos).

O leite de coco — que ao passo que a maturação do fructo se executa se transforma em perisperma (amendoa) — convém, diz-se, aos tisicos. Contém, segundo Trommodorff, assucar, alguma gomma, um sal vegetal e uma fraca quantidade de acido carbonico, que provém sem duvida da fermentação da glycose que n'elle abunda (6 %), mas que não deve existir no coco fresco.

A amendoa pode fornecer um bom caldo para doentes quando fôr associada ao caldo de gallinha, sendo fervida na mesma occasião que esta. Martialis prescreveu-a na dose de 150 grammas contra a tenia.

Loureiro, na obra citada, consignou os seguintes usos:

«Arbor ista est omnium utilissima. Indiarum incolis. Truncus dat tigna, et columnas ad pauperum domos extruendas. Frondibus teguntur eadem domus. Foliolis procharta utuntur ad scribendum: eisdem texunt cistas, storeas, et parietes. Fructus cortex fibrosus torquetur in rudentes, et funes omnis generis, quibus etiam parantur naves Europaeae. Ex putamine osseo tornantur, vel aliter fiunt vascula et utensilia multa domestica, quorum aliqua pulcherrima. Drupae intima pars candida dat gratum cibum, et potum aquosum, jucundum, et salubrens: praeterea ex ea fit saccharum, lac, oleum, vinum, acetum: ac plurima condimenta, Europaeis etiam in deliciis habita. In Medecina Oleum hujus Palmae recenter expressum ex fructu non est inferius Oleo Olivarum.»

João Cardoso, Junior.

Cinchona sps.

Nome vulgar.— *Quineira.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão e S. Thomé.

Propriedades therapeuticas e usos.— Conhecidos.

Observações.—As especies que se encontram na ilha de Santo Antão são a *C. succirubra* e a *C. Calisaya;* na de S. Thomé, além d'estas especies, ha a *C. Calisaya* var., *Ledgeriana* e a *C. officinalis.*

Na primeira d'estas ilhas havia, em 1881, 743 individuos; em 1888 o numero de quineiras tinha-se elevado a 8:450.

A analyse das quinas de Santo Antão, feita em 1851 pelo 1.º pharmaceutico do quadro de saude, Eugenio Simões Diogo, deu para 100:

Quinina	3,5475	(*C. succirubra*)
Cinchonina...............	1,1922	
	4,7397	

ou 47,397 de alcaloides para 1:000 grammas.

A analyse das quinas de S. Thomé, feita em cascas de differentes edades pelo pharmaceutico-chimico Joaquim dos Santos e Silva, deu os seguintes resultados para 1:000 grammas:

54,80	alkaloides (*C. succirubra*)
43,45	
42,47	

correspondentes a

Quinina................	47,56	40,83	41,21
Cinchonina	7,24	1,64	2,24
	54,80	42,47	43,45

Analyse posterior, feita sobre cascas provenientes da roça Pouso Alto, e parecendo proceder tambem de *C. succirubra,* deu:

Quinina................	26,5	16,1	27,2
Cinchonina	11,0	9,1	16,4
	37,5	25,2	44,6

As localidades em que existem quineiras, na ilha de Santo Antão, são numerosas: Teixeira e Cabellão, Ribeira Maria Reis, Chã de Barba (600^{m}), Chã de Joaquim, Covão (1:000^{m}), Ribeira do João Affonso, Figueiral, Campo de Cão, Pico de Antonia (600^{m}), Taboleiro, Egrejinha (800^{m}).

A altura das quineiras varía de 2^{m},80 a 8^{m},56 de altura, e de 0,35 para 0,52 de circumferencia.

As quineiras vieram de Coimbra — Jardim Botanico — para a ilha de Santo Antão, e devem a sua existencia e desenvolvimento, em grande parte, aos cuidados dos drs. Bordallo Pinheiro e Hopffer. Em 1875 o dr. Hopffer tornou conhecido, officialmente, o «Estado do ensaio da cultura da quina na ilha de Santo Antão» *(Relatorio sobre o serviço de saude)*. O dr. Julio Augusto Henriques concorreu bastante com remessas de individuos e instrucções sobre a cultura da quineira para o estado em que as arvores das cinchonas se acham no nosso ultramar.

A este distincto Botanico — ornamento da Faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra e director do Jardim Botanico — se deve, entre muitos outros serviços importantes, o da publicação das *Instrucções praticas para culturas coloniaes* (1884).

João Cardoso, Junior.

Crescentia cujute, L. (Bignoniaceas)

Nomes vulgares.— *Arvore das Cujas, Coité, Calabaceira.*

Hab.— Ilhas de Santo Antão e S. Nicolau.

Area geographica.— Africa occidental, Antilhas, India occidental, America austral, Senegal, Cochinchina, Brazil.

Descripção.— Arvore de pequena altura e de casca esbranquiçada. Folhas estreitas, em verticillos de tres, quasi sesseis, lanceoladas, glabras, verdes e um tanto luzidias. Flôres não pequenas, de aspecto de um buzio ou corneta, esverdinhadas e sem cheiro, solitarias, mostrando-se pelo tronco e ramos. Fructos: especie de cabaças de 10 millimetros, pouco mais ou menos, ovaes ou subglobulosos, oblongos, podendo attingir mais de um pé de diametro; e de pericarpo esverdinhado, corneo, semi-lenhoso, contendo uma polpa branca, succulenta e repleta de sementes chatas, alouradas.

Propriedades therapeuticas e usos.— O succo da polpa do fructo é empregado, no Brazil, nos tetanos e espasmos: dose 10 grammas.

A polpa dos fructos, em maceração, é considerada depurativa, calmante, febrifuga; applica-se no caso de cephalalgia produzida pelos raios solares e no de queimaduras. Assada na cinza é ainda levemente purgativa e diuretica.[1]

É recommendado nas hydropsias,[2] na diarrhea chronica, nos ca-

---

[1] P. Lablat.
[2] Chevalier.

tarrhos bronchicos e nas hemoptyses (sob a fórma de xarope).[1] O extracto alcoolico (6 decigrammas) é aperitivo, e drastico (5 decigrammas).[2]

Observações.—Na costa occidental da Africa comem as folhas da *C. cujute* fervidas com as da *Adansonia digitata,* e as sementes assadas.

Os fructos, extrahida a medulla, constituem para os pretos as chamadas *cuias,* recipientes capazes de conter 10 a 12 litros de liquido.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Pouppé Desportes.
[2] Bardet.

Cucumis colocynthis, L. (Cucurbitaceas)

Nomes vulgares.— *Coloquintidas, Melão bravo.*

Hab.— Ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Sal, Boa Vista, S. Thiago.

Area geographica.— Abyssinia, Cochinchina, China, India, Ceylão, Canarias, Japão e Hespanha.

Descripção.— Planta de folhas alternas, subreniformes, agudas, 5 lobulos, sendo o do meio mais dentado, pubescente, offerecendo pêlos sobre as ramificações das nervuras. Flôres grandes, amarellas, monopetalas, 5 divisões. Fructo globuloso, amarello, da grandeza de uma laranja, glabro da casca, coriaceo, contando uma polpa branca, na qual se encontram numerosas sementes ovaes, comprimidas e brancas.

As *coloquintidas* foram examinadas por Braconnot, Vauquelin, Herberger e Meisner. Segundo este ultimo chimico, são compostas de oleo gordo, resina amarga, colocynthina, extractivo, gomma, acido pectico, extracto gommoso e saes.

A *colocynthina* é uma substancia amarello-apardada, soluvel na agua, e sobretudo no alcool (Walz). Existe não sómente nas sementes, como particularmente na polpa do fructo.

Propriedades therapeuticas e usos.— Depurativas (raiz secca, 4 grammas, ou sementes, 2 a 4, ou infuso da polpa); irritantes, de acção drastica energica (pilulas de Morison); diureticas, emmenagogas (Van-Swieten), abortivas (Trousseau e Pidoux).

São empregadas as *coloquintidas* na obstrucção intestinal, nas doenças do coração e nas hydropisias, sobretudo nas que estão ligadas a uma albuminuria aguda,[1] nas *congestões pulmonares* ou apoplexias cerebraes, e n'um grande numero de *doenças chronicas* dolorosas, como a *gotta*, o *rheumatismo* e as *nevralgias*,[2] na blennorrhagia e blennorrheas chronicas[3] (tintura de coloquintidas 1 a 4 grammas[4]), na syphilis constitucional[5] e no fluxo menstrual.[6]

Pó (10 a 75 centigrammas) em assucar, amido ou gomma pulverisada[7]); extracto simples 5 a 35 centigrammas. Extracto de colocynthina composto 25 centigrammas a 2 grammas, progressivamente; vinho 20 a 60 grammas.[8]

Colocynthina granulos de um centigramma.

No archipelago de Cabo Verde empregam as coloquintidas:

Ilha do Fogo.— Como purgativo: nas doenças venereas e nas febres palustres antigas.

Ilha de S. Thiago.— Como drastico, vantajosamente, nas doenças syphiliticas.

Ilha de Santo Antão.— Como antisyphilitico: cozem os fructos, e coam, expremendo o decocto. Juntam a este agua fria e 60 grammas de aguardente e bebem o todo. Tem feito victimas, applicando o *extracto* (cuja fórmula vamos de novo indicar[9]) na dose de 1 a 2 grammas para creanças ou de 2 a 4 grammas para adultos. Tem este *extracto indigena* exigido, por vezes, sem demora, a presença do clinico á cabeceira do que o tomou, isto de ordinario *nas condições apparatosas de que se sabem rodear e operar os curandeiros.*

Coloquintidas	Numero doze
Erva doce (ramos)	Duas onças
Erva agulha	Uma onça
Tanchagem (com raiz e terra)........	Quatro onças
Gomos de vinha (olhos novos)	Duas onças
Folhas de purgueira seccas..........	Uma onça
Agua commum	Quinze libras

---

[1] Raer.
[2] Dr. Paulier.
[3] Colombier.
[4] Gubler.
[5] Dalberg.
[6] Van Swieten.
[7] Dujardin Beaumetz.
[8] Rabuteau.
[9] João Cardoso, Junior. *Jatropha curcas. (Jornal de pharmacia e chimica,* 1888, n.º 24.)

Ferve-se bem até estarem a desfazer-se as coloquintidas; depois côa-se e leva-se novamente ao fogo até ao *ponto de extracto* e guarda-se.[1]

....

Na Europa faz-se uso do macerado de coloquintidas em vinho branco para combater a gonorrhea, mas este remedio popular é perigoso.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

[1] Tal qual nos foi dada, assim a transcrevemos.

Cassia occidentalis, L. (Caesalpineas)

Nomes vulgares.—*Fedegoso, Paja-marióba, Herbe puante, Caffe marron, Casse fetide, Canafistula (!), Café negro, Fedegosa.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Santo Antão, S. Nicolau, Angola, (Humbe, districto de Mossamedes), Zambezia.

Area geographica.—Canarias, Ilhas Filippinas, Ilhas Mariannas, Australia, Brazil, Chili, Abyssinia, Africa do Sul, Antilhas, Guyannas, Senegal.

Descripção.[1]—Caule um tanto lenhoso; cresce de 100 a 150 cen timetros; é esgalhado, de folhas lanceoladas, não pequenas, dispostas, em pares, por palmas. Flôres, em cachos pequenos, amarellas e dispostas como rosas. O fructo é uma vagem de 12 centimetros, estreita, parda, comprimida, com ondulações, mostrando os logares das sementes, as quaes existem em lojas divididas, de fórma ovoide e côr de castanha.

Propriedades therapeuticas e usos.—Purgativas e antihistericas (Descourlitz) e antispasmodicas, sementes (Delioux). O decocto das folhas e caules, feito com cevada, é excellente (Brazil) contra as tosses antigas e recentes, dôres rheumaticas, erysipelas e colicas.

A infusão aquosa do lenho, tomada diariamente, é empregada tambem diariamente nas edemacias.

---

[1] Pinto.

O café obtido pelas sementes torradas, e que é difficil de distinguir-se do verdadeiro café, é util contra o flato.

Em 1856, por occasião da primeira invasão do cholera no Brazil, foi empregada — no Brejo de Areia — a raiz da *C. occidentalis,* raspada, em infusão, misturada com uma pouca de aguardente; «era um especifico contra as diarrhéas cholericas».[1]

Os curandeiros attribuem ás folhas da *Cassia occidentalis* maravilhosas propriedades: contusas e applicadas em cataplasmas, resolvem os calculos renaes e de bexiga, curam a estranguria, a pleurodynia, a pneumonia, etc., e o seu decocto faz desapparecer as inflammações do anus e produz a extincção rapida das ulceras, e a maceração acetica é antihysterica.

No Humbe, as raizes, que são consideradas como excellente especifico contra a febre e sobretudo contra as doenças do figado, serviram, diz o director da missão no seu relatorio, «para curar uma creança que todos julgavam que ia morrer».

Na ilha do Fogo servem-se da infusão e maceração da *Canafistula* para combater as blennorrhagias.

Na ilha de S. Thiago as sementes, como purgativas, são empregadas com sôro de leite em muitas doenças.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Pinto.

Datura stramonium, L. (Leguminosas)

Nomes vulgares.— *Estramonio, Berbiaca, Palha Fede (Fogo), Ervilhaca (Praia).*

Hab.— Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Fogo.

Area geographica.— Japão, Siberia, India, Ilhas Mascarenhas, Antilhas, Egypto.

Descripção.— Grande planta annual, de caule herbaceo, cylindrico, altura de 1 a 2 metros, dichotomo. Folhas grandes, ovaes, pecioladas, agudas, alternas, formando sinuosidades, e angulosas. Flôres um pouco grandes, afuniladas, simples ou dobradas, brancas ou violaceas, e quasi sem cheiro. Fructo: capsula ovoide, eriçada de espinhos molles; dentro encerra sementes pardas e reniformes.

Propriedades therapeuticas e usos.— Narcotica, antispasmodica, calmante.

As folhas e sementes são dotadas de propriedades estupefactivas energicas, devidas á *Daturina.*

O oleo extrahido das sementes conserva as propriedades d'estas.

Segundo Prommitz, as folhas seccas do estramonio encerram:

Extractivo gommoso..........................	0,58
Extractivo..................................	0,6
Fecula......................................	0,64
Albumina....................................	0,15

Resina	0,12
Saes	0,23
Lenhoso	3,15

A *Datura* é preconisada, com muita prudencia, na epilepsia, nevralgias, asthma e rheumatismo; administrada em alta dose produz vertigens, somnolencia, vista turva, dilatação das pupillas, ardor na garganta, agitação, vomitos e delirio.

A Daturina, alcaloide da *Datura,* tem os mesmos effeitos que a atropina, da qual é identica, segundo Planta: dilata fortemente a pupilla e é muito venenosa. Ladenburg considera a *Daturina* identica á *Hyosciamina* e á *Duboisina.*

A *Daturina* crystalliza em prismas brancos, brilhantes, inodoros, de um sabor acre e amargo. É soluvel no alcool, menos no ether, e sómente em 280 partes de agua fria e 72 de agua fervente.

Posologia.— Internamente:

Alcoolatura	5 a 30 gottas
Extracto alcoolico	1 a 10 centigr.
Extracto aquoso	2 centigr. e 2 decigr.
Pó	5 centigr. e 1 gramma
Xarope	10 a 30 grammas
Tintura alcoolica	5 a 30 gottas
Tintura etherea	5 a 30 »

Externamente:

Infuso	10 a 50 gottas
Oleo	q. b.

Para 100 grammas de agua.

Pilulas antinevralgicas

(Trousseau)

Extracto de estramonio	5 decigrammas
Extracto de opio	8 grammas
Oxydo de zinco	8 »

F. s. a. 40 pilulas.

Dê 8 em 24 horas.

Cigarros de estramonio

Folhas seccas........................	1 gramma

F. um cigarro.

Ceroto de Datura

Extracto de Datura..................	1 gramma
Ceroto simples......................	9 grammas

F. s. a.

Na China as folhas frescas, contusas, do extramonio são applicadas sobre as ulceras cancerosas, e as folhas seccas, cortadas, no tratamento das vias respiratorias.

Em Cabo Verde:

Ilha de S. Thiago:

a) As folhas nas ulceras rebeldes;
b) As cataplasmas das folhas reduzidas a pó contra as inchações.

Ilha do Fogo:

a) As folhas contra a dyspnea;
b) As cataplasmas como resolutivo;
c) Topicamente, as folhas, contra as dôres produzidas por pancadas;
d) As mesmas ainda contra as entorses.

Ilha do Sal:

a) Fricções com as folhas sobre os joelhos, quando haja dôres excessivas;
b) Cataplasmas das folhas sobre as *malditas* e no caso de picadas nos dedos.

Ilha de Santo Antão:

a) Cataplasma ou suador das folhas para combater as cephalalgias;
b) As folhas em pó para curar as chagas dos animaes.

João Cardoso, Junior.

Datura metel, L. (Leguminosa)

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Boa Vista, S. Thiago.

Area geographica.—Cochinchina, China, Africa, Asia, Abyssinia, Europa, Portugal, Hespanha, America, India.

Descripção.[1]—Caulis 3-pedalis, crassus, annuus: *ramis* inordinatis, diffusis. Folia sub-ovata, acuminata, incomptè angulata, cordata, saepe integerrime, sparsa, glabra, aliquando pubescentia. Flos terminalis et lateralis, solitarius, violaceus, vel luteus, in aliis albus, aliquando utroque colore mixtus: *corollã* infundibuliformi, longa, plicata, sub-integerrima. *Fructus* plerumque rotundus, spinosus, loculis binis, saepe quatuor, polypermus, raro in valvas regulares dehiscens. Semina multa compressa, subreniformia.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.—Soporifera, inebrians, antispasmodica. Fumus racis contusae per fistulam tabacariam exceptus sedat parumper graves asthmae paroxismos. Folia contusa et recentia topicè applicata leniunt dolores haemorrhoidium, combustiones et ulcera corrosiva.[2]

João Cardoso, Junior.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 110.
[2] Idem, idem.

Dolichos Lablab, L. (Leguminosas)

Nome vulgar.— *Cumandalia.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Thiago, S. Vicente, Boa Vista.

Area geographica.—Abyssinia, Egypto, Indias Orientaes, Zambezia.

Descripção.— Var. β purpureus, floribus purpureis, alis patentibus, seminibus cinnamomeo-purpuris, reniformi-ovatis.
Var. γ albiflorus, floribus albis, alis subadpressis, seminibus reniformi-globosis pallide ferrugineis, paullum minoribus.

Propriedades therapeuticas e usos.—Os fructos promovem os menstruos e a diurese.
São applicaveis nas affecções dos bronchios e pulmões.

João Cardoso, Junior.

Gossypium punctatum, Sch. e Thonn. (Malvaceas)

Nome vulgar.—*Algodoeiro.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Fogo, Maio, Boa Vista, Santo Antão.

Area geographica.—Guiné, Cabo da Boa Esperança, Cabo Delgado, Angola, Tete, Timor, Abyssinia, Estados Unidos, Brazil, Egypto, Guyannas, Hespanha, Sicilia, Antilhas, Virginia, Georgia, Ilhas do oceano indico, China, Japão, Africa oriental, Ilhas Celebes, Ilhas Samoas.

Propriedades therapeuticas e usos.—O extracto provoca contracções uterinas mais seguras que a cravagem; usam-n'o na amenorrhea e dysmenorrhea.

Extracto fluido

Casca de raiz de algodoeiro	100 grammas
Glycerina	35 »
Alcool a 94°	q. b.

F. s. a. 100 grammas de extracto.

Applica-se na dose de 4 a 15 grammas por dia.

As sementes, reduzidas a pasta, empregam-se nas cephalalgias; contusas, com vantagem, sobre os tumores e abcessos, como maturativo, na dose de 8 grammas; e em infusão (500 grammas de agua), tomada tres vezes ao dia, na dysmenorrhea.

As raizes são emmenagogas e diureticas (16 grammas para 500 grammas de agua, tres vezes ao dia).
A casca do algodoeiro emprega-se em infusão e em decocto.

Infuso

Casca	10 grammas
Agua...........................	1:200 »

F. s. a. infuso.

Para tomar duas vezes por dia.

Decocto

Casca	120 grammas
Agua	1:200 »

Para tomar 60 grammas de meia em meia hora.

Na ilha de S. Thiago, as folhas, consideradas emollientes, são usadas em infuso nas bronchites, e em cataplasmas nos inchaços.
Na ilha da Boa Vista fazem uso do succo das sementes, misturado em agua, para injecções no ouvido ou lavagem da bocca.

Observações.— Diz o nosso João Loureiro, obra ja citada, que não ha planta que seja completamente util como o algodoeiro; que as sementes de qualquer das especies são doces e boas.

Os botanicos não estão de accordo com referencia ao numero de especies que ha de algodoeiro. Assim, Linneo cita 5 especies, Lamarck, 8, Candolie 13, Rohor admitte 29, e o dr. Royle apenas 4.
As especies mais importantes são:

1.º Algodoeiro herbaceo ou de Malta (G. herbaceum).
2.º » arboreo ou arborescente (G. arboreum).
3.º » da India (G. indicum).
4.º » felpudo (G. hirsutum).
5.º » religioso ou de tres pontas (G. religiosum).
6.º » folha de videira (G. vitifolium).

O caroço do algodão é excessivamente oleoso. A industria aproveita-o para a extracção de um oleo proprio para illuminação, fabrico de sabões, uso de machinas e emprego medicinal.

O processo de extracção d'este oleo é analogo ao do oleo de ricino.

João Cardoso, Junior.

Guilandina bonduc, L. (Leguminosas)

Nomes vulgares.—*Boddus, Bois-ouete, Olhos de gato, Nâm siê lâe.*

Hab.—Ilha de Santo Antão.

Area geographica.—Indias orientaes, Arabia, Cabo das Palmas, Senegal, Arabia, America austral, Antilhas, Nosi-Be, Martinica.

Descripção.—Caulis fructicosus, teres, rectas, crus crassus: *ramis* longe scandentibus,. vel procumbentibus: aculeis multis reflexis, sparsis. *Folia* 2-pinnata, 10-juga, sine impari: *foliolis* oblongo-ovatis, acuminatis, glabris, integerrimis, aculeis binis ad basim. Flos luteus, hermaphroditus, monogynus, *racemo* oblongo, terminali. *Legumen* 3-pollicare, latum, compressum, echinatum: *seminibus* 6–7, oblongo-ovatis, cinereis, nitidis, du rissimis. *Stamina,* 10, libera.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.—As folhas (amargas) são tonicas, desobstruentes e emmenagogas; as sementes vomitivas e febrifugas; o pó vesicante, segundo Belanger.

O principio activo, que é uma resina, *bonducina,* misturado com oleo de ricino, é empregado contra o hydrocele, e considera-se tonico e antiperiodico, tendo uma acção tão rapida como a quinina.

A raiz, adstringente, serve na dysenteria, e o oleo das sementes, externamente, contra as convulsões e paralysia.[2]

As sementes administram-se na dose de 50 a 75 centigrammas duas vezes por dia; a tintura $^1/_5$, 30 gottas; o pó, composto de bonduc e pimenta negra, de 1 a 2 grammas tres vezes ao dia; a bonducina de 10 a 20 centigrammas.

João Cardoso, Junior.

---

[1] João Loureiro. Obra citada, pag. 265.
[2] Idem, idem.

Hura crepitans, L. (Euphorbiaceas)

Nomes vulgares. — *Assacu* (Brazil), *Sablier* (França).

Hab. — Ilha de S. Nicolau.

Area geographica. — Mexico, Antilhas, Brazil (Pará, Amazonas), Cayenna.

Descripção. — Arvore colossal. Folhas subcordiformes, ovaes, eguaes e ligeiramente denteadas. Flôres masculinas, dispostas em amento oblongo, femininas e solitarias.

Fructo: capsula lenhosa, com uma só semente em cada loja.

Propriedades therapeuticas e usos. — Veneno energico, emetico, cathartico, hydragogo e rubeficante (externamente).

Do tronco d'esta arvore distilla, por incisões, um succo leitoso, branco e acre, que se acreditou, durante muito tempo, ser efficaz na cura da elephantiasis dos gregos; os indios ainda hoje o empregam como vermifugo, etc. As sementes são emeticas e diureticas, podendo determinar symptomas de cholerina e dysenteria.

O extracto da casca é empregado no Brazil contra a lepra.

O oleo é emetico, cathartico, na dose de 5 a 10 grammas; tem reacção acida e é insoluvel no alcool.

As sementes encerram, além do oleo fixo, albumina.

Observações. — O succo da *H. crepitans* entra na preparação da 3.ª variedade do *curare* (a *urari-uva).*

João Cardoso, Junior.

Indigofera tinctoria, L. (Papilionaceas)

Nomes vulgares.—*Anil, Anileiro.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, Boa Vista, S. Thiago, Brava, Fogo, Moçambique, Guiné, Angola.

Area geographica.—China, Egypto, Arabia, Russia, India oriental, Senegal, Ilhas Samoas.

Descripção.—Caule suffruticoso, foliis imparipinnatis 4–6 jugis, foliolis oblongo-ovatis vel ovalibus, apice evidenter tuncatis mucronulatis, subtus pasce adpresse pubescentibus glaucescentibus, rasemis axillaribus, folio brevioribus, leguminibus teretius culis arcuatis, breve pubescentibus 8–12 spermis.

Propriedades therapeuticas e usos.—Estomachica, febrifuga, antispasmodica (epilepsia), diuretica (raizes, Jousset).
Das folhas disse o nosso João Loureiro:[1]

«Resolvens, Abstergens. Ex Indigofera istâ cum curcuma fit unguentum aptum ad resolvendas contusiones, et inflammationes, abstergenda ulcera, et scabiem.
«Folia contusa et in aquâ, paucâ admixtâ calce, macerata resolvuntur in pigmentum, Indicum dictum, ad tingendum colore cyaneo, viridi, et purpureo usitatissimum in toto orbe.»

---

[1] Obra citada, pag. 459.

Observações. — O nosso naturalista João da Silva Feijó, que visitou o archipelago de Cabo Verde, subsidiado pelo governo portuguez, publicou, entre outros trabalhos, uma *Memoria sobre a Fabrica Real do Anil da Ilha de Santo Antão,* a qual corre impressa nas *Memorias Economicas* da Academia Real das Sciencias, tomo I, pag. 407 a 421.

O anil é cultivado em Africa, e em certos pontos tornou-se expontaneo. Em Cabo Verde conhecem-se varias especies: *I. anil,* L. (cujas sementes e as raizes são utilisadas, pisadas ou em maceração em aguardente, nas Antilhas, para destruir as pulgas), *I. viscosa,* Guill. e Perr, *I. hirsuta,* L., *I. senegalensis,* Lamck, *I. linearis,* Guill e Perr.

As indigoferas teem o seu principio córante nos tecidos; desenvolve-se na maceração, com ou sem trituração.

André Alvares de Almada (1566), no seu *Tratado breve,* etc., fala-nos dos pannos de algodão brancos e pretos que usavam os Jalofos e os Mandingas, e explica o processo que empregavam na extracção da tinta:

«A tinta com que se tinge esta roupa, he a mesma com que se faz o verdadeiro anil da nossa India Oriental, mas estes negros o fazem por differentes maneiras, e não em taboletas. Recolhem as folhas d'estas arvoresinhas, que são pequenas, de altura até 4 palmos, e hão de recolher estas folhas antes d'estas arvoresinhas darem as sementes, que se dão em umas baguinhas pequenas; e, recolhidas as folhas, as pizão muito bem, e depois de pisadas fazem huns pelouros tamanhos como de hum falcão pedreiro; e hão de entender que não recolhem muita quantidade d'estas folhas e fazem montes d'ellas para depois d'ahi a alguns dias fazerem estes pelouros; — não se faz assim. Recolhe-se sómente aquella quantidade que se ha de fazer n'aquelle dia, porque tanto que seccão as folhas não prestão mais para isto: e d'aquelles pelouros feitos a tinta com que tingem os seus pannos, os quaes, como fica dicto, são mui formosos e tão tintos que ficão parecendo setins.»

Em Cabo Verde ainda na actualidade se servem do anil para tingir roupa, mas pelo processo já apontado por Chelmicki: [1]

«Apanham as folhas que lhes parecem melhores, nem muito verdes nem amarelladas; chegando a caza, antes que a folha principie a demurchar, pisam-a n'um pilão de figueira brava, aonde a machucam até ficar em maça, da qual fazem pequenos pães, que enxugam ao sol, e depois guardam em logar secco para não apodrecerem. Estes pães ou bollos custam dez até vinte réis. Para usar da tinta, mettem-os em tinas, deitam-lhe em cima agua fria, e estando desfeitos, cinzas de purgueira ou bananeira, na razão de 40:1, que vem a ser quarenta bolos de anil para um alqueire de cinzas. Experimentam o grau da

---

[1] *Chorographia Cabo-verdeana,* tomo II, pag. 15 e 16.

força d'esta lexivia, fazendo sobrenadar um ovo. Alguns põem ainda brazas á roda do vaso, a fim de fazer a agua morna, e assim facilitar a fermentação. A quantidade da agua tambem a regulam, segundo a força da tinta que precisam. Ao fim de dez dias dos quaes durante os primeiros oito se meche esta preparação, e nos dois ultimos toma assento, está a tinta prompta.

«É n'este liquido que mergulham os fios e os pannos que querem tingir de uma só côr, comò os *Pretos* ou *Ordinarios*. Se os pannos devem ser de um lado mais escuros, cozem-os dois a dois, como saccos, e assim os mergulham algumas vezes segundo o grau da côr que lhes querem dar.»

Duarte Barbosa, em 1515 ou 1516,[1] disse-nos com referencia a Sofala:

«...e porque nam sabem tingir, ou por nam terem tinta, tomaram pannos azuis ou de outras cores de Cambaya, e desfiaomnos, e tornaomnos ha juntar, de maneira que fazem hun novelo, e coeste fiado, e com outro branquo do seu, fazem muytos panos pintados.»

João Cardoso, Junior.

---

[1] Livro de Duarte Barbosa. *Noticias ultramarinas*, II, pag. 248.

Ipomaea maritima, Curt. (Convolvulaceas)

Nome vulgar.—*Salsa da praia.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Maio e Santo Antão.

Area geographica.—Africa, Asia, America, Cochinchina, China, Brazil, Ilhas Galopagos.

Descripção.[1]—Erva leitosa, alastrada, cujos ramos são verdes, sulcada, com folhas alternadas, ovaes, cordiformes e coriaceas, tendo a lamina dobrada sobre si; sempre estão verdes. As flôres grandes, em fórma de campana, roxas, solitarias, nas axillas das folhas; não são desengraçadas. Sua côr roxa é bonita; ellas teem no centro filetes brancos. O fructo é uma capsula que se abre em cinco valvulas foliaceas e contém cinco caroços dentro. Todas as suas partes são leitosas.

Propriedades therapeuticas e usos.—As folhas, quer internas quer externas, são empregadas no Brazil contra as gonorrheas antigas, e a raiz, que é leitosa, considerada como purgante energico. As folhas e o caule são emollientes.[2] Todas as partes da planta são leitosas.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Pinto.
[2] Peson.

Jatropha curcas, L. (Euphorbiaceas)

Nomes vulgares. — *Purgueira, Purgueira dos colonos, Mupuluca, Purga, Grão de Maluco, Sassi, Pinhão de parga, Pião, Mandubi-Graçu, Pinheiro bravo, Pingão de cerca, Médecinier, Medecinier cathartique, Pignon de Barbarie, Gros pignon d'Inde, Pignon des Barbades, Physic. nut.*

Hab. — Ilhas de S. Thiago, Brava, Fogo, Boa Vista, S. Nicolau, Santo Antão, Angola, Guiné, S. Thomé e Principe, Moçambique, India, Macau.

Area geographica. — Asia, Africa, America.

Descripção. — Arbusto que attinge por vezes uma altura superior a quatro metros; de cotyledones planos, muito mais largos que a radicula, e de uma largura quasi egual á do albumen; antheras levantadas durante a perfloração; flôres em fórma de cachos, na axilla das bracteas, e amarellas com riscas rubras; as masculinas com 10 estames, tendo os filetes soldados pela base; as femininas no ovario; lobulos uniovulados, e 3 estyletes bifidos; estivação quincocial; tronco liso com escamas nas antigas cicatrizes das folhas, que são largamente pecioladas em fórma de palma, recortadas e lisas; fructo capsular de grandeza pouco menor do que a de uma noz; de tres gomos verdes, e ornado de tres palhetas, osseo trilocular; sementes em numero de tres em cada lobulo: ovaes, cinzento-escuras, convexas de um lado e planas do outro; sem cheiro, de sabor agradavel ao principio, acre depois; amendoa oleosa e de côr branca, apresentando crista no apice. Sempre viçoso e florescendo em junho e outubro.[1]

João Cardoso, Junior.

---

[1] João Cardoso. *Jatropha curcas. (Jornal de pharmacia e chimica,* 1888, n.º 22.)

Jatropha curcas, L. (Euphorbiaceas)[1]

Propriedades therapeuticas e usos. — O oleo extrahido das sementes, por expressão, é um drastico muito energico. O succo é assás irritante e vesicante, e, como purgativo, é empregado na dose de 5 a 10 gottas.

O decocto das folhas é empregado para activar a secreção do leite.

As sementes torradas são purgativas.

Trousseau observou que 30 centigrammas de polpa de *J. curcas* produziram vomitos e purgação.

Emprega-se o oleo de purgueira, na dose de 2 grammas, como purgativo, e na de 8 a 12 grammas como emeto-cathartico.

O oleo de purgueira é obtido por expressão, ou por intermedio do alcool. Não encerra principio volatil, mas uma materia resinosa complexa e de reação acida, insoluvel no alcool, e contém albumina.

Observações. — As sementes da *J. curcas* são toxicas quando são ingeridas em certa quantidade. Enfraquecimento extremo, inchação da lingua e perda dos sentidos são os accidentes caracteristicos da intoxicação, que se pode combater com tonicos e opiados.

M. F. Cadet analysou as sementes da *J. curcas*.

O respeitavel chimico (pharmaceutico) Roberto Duarte Silva publicou no *Bulletin de la Société Chimique de Paris*, 2.ª série, tomo II, pag. 3 e 41, um estudo sobre o *Oleo de curcas* e nova fonte de alcool octylico.

Os negros do Rio Nuno empregam o oleo de purgueira, obtido por expressão das sementes e saponificados na cinza da papeira, para pensar os recentemente circumcisados.

O succo que corre, por incisão, de qualquer parte da *J. curcas* é assás irritante e vesicante.

---

[1] Por lapso de paginação foi cortado, pela assignatura na pagina anterior, o texto referente a esta planta.

Em Cabo Verde empregam o oleo de purgueira contra as molestias syphiliticas e de pelle.

As folhas de purgueira, seccas, entram na formula indigena de que já fallámos quando tratámos das *Coloquintidas*.

Nas ilhas de S. Thiago, Santo Antão, S. Nicolau e Fogo procede-se da seguinte fórma na extracção do oleo ou azeite de purgueira:

Torram as sementes ao ar livre.

Quando tenham attingido uma coloração negra, e se mostram oleosas, pizam-n'as.

Moem-n'as então, fervendo as em seguida em agua, até á evaporação d'esta, em caldeiras de ferro.

Posto de parte o oleo que sobrenada, fervem ainda uma outra vez as sementes, e o oleo que assim se obtem juntam n'o ao primeiramente obtido.

Levam a mistura d'estes productos ainda uma vez ao lume, evaporam-lhe por ultimo a agua que possam conter, e dá-se por terminada a preparação.

É, como se vê, muito vicioso estc processo.

João Cardoso, Junior.

Lantana camara, L. (Verbenaceas)

Nome vulgar. — *Camarasinho* (Brazil), *Trepadeira, Freira.*

Hab. — Ilha de Santo Antão.

Area geographica. — America do Sul, India occidental, Jamaica, Brazil, Ilha da Madeira.

Descripção. — Sub-arbusto de flôres côr de lirio, ou violeta, sem espinhos.

Propriedades therapeuticas e usos. — As da erva cidreira.

Observações. — A *L. camara* conterá, como a *L. brasilensis,* Link, a *Lantanina,* alcaloide (descoberto por Buiza e Negreta) que actua sobre a circulação e abaixa a temperatura, curando (duas grammas em vinte e quatro horas, em pilulas de um decigramma), febres intermittentes nos casos em que a quinina é sem acção?

João Cardoso, Junior.

Momordica charantia, L. (Cucurbitaceas)

Nomes vulgares.— *S. Caetano, Melão de S. Caetano.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Braga, S. Vicente, Santo Antão.

Area geographica.—India oriental, Cochinchina, China.

Descripção.[1] — *Caulis* annuus, teres, tenuis, ramosus, cirrhis lateralibus, scandens. *Folia* sinuato-palmata, rugosa, glabra, dentata, in orbem expansa, nervis pubescentibus, alterna, petiolata. *Flos* luteus, monoicus, quandoque etiam hermaphroditus: *pedunculis* longis, axillaribus, 1-floris. *Calyx* utriusque profunde 5-partitus. *Corolla* plerumque 5-partita, interdum 6-partita: *staminibus 3,* connexis. *Pomum* oblongum, obtuse angulatum, tuberculatum, utrinque attenuatum, exterius album, flavum, aut viride, interius ruberrimum, carnosum, elastice, diffiliens, 1-loculare: *seminibus* ovatis, planis margine praemorsis.

Propriedades therapeuticas e usos.—A polpa, de côr de ouro, lustrosa e doce, a que estão ligados os caroços, raspada e machucada com um pouco de sabão, até que mude de côr, fórma um unguento suppurativo, util nos tumores, leicenços, furunculos, carbunculos, etc.

O succo do caule e folhas, misturado com alcool, combate as febres intermittentes.

As folhas aquecidas e applicadas nas partes affectadas empregam-se ainda no Brazil para os casos de colicas verminosas, leucorrheas, menstruações difficeis e tardias, e nas dôres rheumatismaes.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 589.

Fructus,[1] quamvis amari, ab indigenis in taleolas fecti accetariis adhibentur. Cocti amaritiem doponunt, salubres que censentur, refrigerantes, ac stomachici. (Balsamina et charantia totius varietates discendae videntur quam diversae species...)

Em Cabo Verde:

Ilha de Santo Antão: Contra as hemoptises «o fructo maduro, mas não aberto, pisado», em infusão com aguardente, á qual se tem misturado casca de *marmulano*.

Ilha de S. Thiago: Contra as bronchites e mais doenças pulmonares; e como vermifugo e antifebril o infuso ou dococto. N'este ultimo caso em pediluvios.

Observações.—Muitos comem as sementes, brancas e ellipticas, attrahidos pelo sabor; são doces e não desagradaveis, mas teem a propriedade de exacerbar as hemorrhoides. No Brazil (Brejo de Areia) a *M. charantia* foi especifico na cura das hydropisias consecutivas ao cholera, tomado em fórma de xarope, ás colheres das de sopa, de quatro em quatro horas.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 590.

Musa paradisiaca, L. (Musaceas)

Nome vulgar.— *Bananeira.*

Hab.— Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau e S. Thiago.

Area geographica.— S. Thomé, Angola, Africa, Asia, America, Antilhas, Brazil, India.

Propriedades therapeuticas e usos.— As folhas são utilisadas, na Republica Brazileira, em banhos, no caso da urticaria, nos engorgitamentos dos testiculos e inchações chronicas das pernas.

A seiva que distilla dos caules incisados, e que é rica em acido galhico, misturada com agua é considerada util nas aphtas das creanças.

O fructo, quando maduro, é peitoral, emolliente e nutritivo; misturado com azeite ou oleo de dendê é suppurativo nos tumores.

As folhas podem servir perfeitamente para curar os vesicatorios, para ligaduras de topicos antisepticos e para armação do leito na casa dos variolosos. Na China reconhecem-lhe propriedades emollientes e bechicas.

O succo dos botões floraes[1] é adstringente, como a seiva, e constitue um excellente topico para modificar a surperficie das ulceras antigas; e a casca do fructo é aconselhada, depois de carbonisada, no tratamento das feridas ulcerosas da planta dos pés, ás quaes os pretos chamam *crabes.*

O detricto das folhas, regado de algumas gottas de essencia de

---

[1] Chevalier.

terebinthina, é um poderoso antiseptico, que tem a sua applicação na putrefacção dos hospitaes.

O macerado aquoso (durante uma noite) do eixo do cacho, cortado em talhadas, é uma bebida sudorifera.

Na ilha de Santo Antão empregam as folhas da bananeira no penso das ulceras e como anticephalalgicas.

Na ilha de S. Thiago utilisam a cataplasma das folhas contra o vomito continuo.

Na India Portugueza as folhas das bananeiras são empregadas como o melhor succedaneo de ceroto espermacete no curativo das superficies vesicadas; o proprio distincto medico naturalista João Torie assim as reputou.

Observações.—Nas ilhas de Cabo Verde ha differentes especies de bananeiras: *Musa argentea* (Banana prata), *Musa sapientium,* L. (Bananeira da terra ou comprida), etc.

A *M. paradisiaca* é conhecida pelo nome de Bananeira de S. Thomé ou curta.

João Cardoso, Junior.

Mammea americana, L. (Guttiferas)

Nomes vulgares.— *Abricó do Pará, Damasqueiro da America, Mamey, Alricote.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago e de Santo Antão.

Area geographica.—Antilhas (S. Domingos, Martinica), America do Sul, Brazil (Amazonas, etc.), Ilha Caribe, Mexico.

Descripção.—Arvore. Folhas oppostas e grandes, com peciolos vermelhos e nervuras transversas. Flôres solitarias oppostas, 2 a 2, e grandes. Petalas com numerosas nervuras, maxime ao centro. Fructo carnoso e drupaceo internamente. Sementes compostas de um embryão homotropo sem endosperma, 2 a 4, do volume de um ovo.

Propriedades therapeuticas e usos.—Fructo ligeiramente laxante.
A agua distillada das flôres refrigerante e digestiva.
O decocto das folhas preconisadas contra as febres intermittentes.
A gomma resina antiparasitaria.
A casca emolliente. Empregada em decocto, em applicações locaes, sobre as chagas e as feridas.
O succo leitoso do caule do fructo, misturado com agua e sal, é util nas picadas de insectos e nas ulceras.
A amendoa do fructo anthelminthica.

Observações.—Os fructos, quando maduros, são doces, agradaveis e deliciosos.[1]

---

[1] Welwitsch, *Apontamentos sobre a Flora angolense.*

O succo das sementes é considerado toxico. Na Martinica servem-se d'elle para marcar roupa.

Na familia das guttiferas ha varias especies medicinaes: *Clusea rosea; Calophyllum inophyllum* (casca diuretica, resina emetica e purgativa); *C. calaba* (succo resinoso: balsamo de Maria); *Garcinia Morella, G. cambogia* (fornecem gomma gutta); *G. mangostana,* etc.

Esta ultima encontra-se na India. D'ella nos falla o dr. Garcia da Orta (obra citada, pag. 151 *y*) e Rhumphius *(Hort. Amboin,* vol. I, pag. 132), etc.

Gruppe (pharmaceutico residente em Manilha) preparou com o pericarpio, casca do caule e ramos (adstringentes) um extracto, *G. mangostana,* que tem sido applicado, com vantagem, na dysenteria, na diarrhea chronica e nos catharros da bexiga e da urethra.[1]

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

---

[1] *Journal de pharmacie et chimie,* 1874.

Nicotiana tabacum, L. (Solanaceas)

Nomes vulgares. — *Tabaco, Erva santa, Erva da Rainha, Erva do grão, Nicotiana.*

Hab. — Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Brava, Timor, Sofala, Cabo Delgado, Inhambane, Lourenço Marques, Angola e S. Thomé.

Area geographica. — America Austral, Ilha Formosa, Cantão, Ilhas de Samoa.

Propriedades therapeuticas e usos. — Narcotico, emetico, purgativo, esternutatorio.

Narcotico acre, empregado nas nevralgias, epilepsia, coqueluche, tetano, asthma, hydropisia, catarrhos chronicos, paralysia da bexiga; internamente: 2 grammas de folhas para 250 grammas de agua fervente (infuso); externamente: 60 grammas de folhas para 750 grammas de agua fervente.

O decocto é parasiticida (loções: 10:1:000 grammas).

Na China o decocto de tabaco é empregado no penso de algumas ulceras da pelle.

O pó do tabaco emprega-se na dose de 5 a 10 centigrammas.

Principio activo: a nicotina, $C^{20}H^{14}Az^{2}$, é preconisada por Hangton contra os tetanos e empregada na paralysia da bexiga; internamente 1 a 3 gottas; externamente 60 centigrammas para 300 grammas em injecções.

Infusão (para banho)

Folhas de tabaco	4 grammas
Agua fervente	250 »

Na ilha do Fogo empregam o tabaco:

a) O pó contra as dôres de dentes.
b) Misturado com azeite, ou oleo de purgueira, contra feridas.

Na ilha de S. Thiago: O pó, misturado com uma gemma de ovo e azeite de purgueira, como purgativo; em certas doenças, em especial as do utero.

Observações.—As folhas do tabaco chegam ás vezes a attingir um metro de comprimento por cinco decimetros na sua maior largura, em Cabo Verde, onde é costume mastigar o tabaco puro, misturado com manteiga fresca, segurelha, outras plantas aromaticas e cinza, assim como cheirar o tabaco em pó, ou rapé, ou ainda *ciré,* e fumal-o.

João Cardoso, Junior.

Punica granatum, L. (Myrtaceas)

Nome vulgar.—*Romeira.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Boa Vista, S. Nicolau, Santo Antão, S. Thomé e Timor.

Area geographica.—Europa, Ilha Mauricia.

Descripção.[1]—Arbusto que se ramifica desde a base. Folhas estreitinhas, oppostas, lineares, lanceoladas e luzidias. Flôres de um bonito encarnado, em calice avermelhado, coriaceo, parecendo um jarro, formado na base por um tubo, do qual se desprendem, em circulo, laminas vermelhas, contendo os orgãos floraes. O fructo é redondo, de 6 a 9 centimetros de diametro, pouco mais ou menos, offerecendo no apice uma corôa tubulosa denteada. A sua superficie é lisa, mas não é bem egual; a côr é amarella, esverdinhada ou rubra. A casca é coriacea, de alguma espessura, dentro amarella, formando lojas divididas por delgadas membranas e cheias de pequenos grãos côr de rosa, arredondados ou facetados, transparentes, encerrando um liquido doce, acido, e um caroço no centro, oblongo e branco.

Propriedades therapeuticas e usos.—Adstringente, vermifugo, tenifugo. Casca da raiz febrifuga, anthelminthica; fresca, optimo tenicida. O pericarpo (ou casca do fructo) é adstringente, e empregado em decocto no tratamento das dysenterias, diarrheas, etc. O pó das

---

[1] Pinto.

cascas goza da propriedade de fazer parar as hemoptyses e outras hemorrhagias, propriedade de que gozam tambem as flôres seccas da romeira. A polpa cahida que envolve as sementes é diuretica.

Além da granatina, tanino, mannita, encerra a casca da romeira a pelletierina e a isopelletierina.

Tamet aconselha que não deve administrar-se a pelletierina, $C^{16}H^{15}$, ás creanças.

Cozimento de romeira

Romeira, casca da raiz, recente e contusa...........................	200 grammas
Agua	1:500 »

Macere por 12 horas; ferva até reduzir a 1:000 grammas; côe espremendo.

(Pharmacopêa Portugueza.)

Cozimento de romeira composto

Romeira, casca da raiz, em pó grosso.	200 grammas
Agua............................	2:000 »
Tintura de romeira	100 »

Ferva a romeira na agua até esta ficar reduzida a 900 grammas; côe espremendo, deixe depositar, decante; ajunte a tinctura; não filtre.

(Pharmacopêa Portugueza.)

Xarope de casca de raiz de romeira

Casca de raiz de romeira, pulverisada. 500 grammas

Trate-se por lixiviação aquosa, de fórma a obter 200 grammas de liquido, e junte-se

Xarope simples .... 900 grammas

Faça-se reduzir o todo a 100 grammas.

(Guib.)

Poção anthelminthica (Deslandes)

Extracto alcoolico de casca de raiz de romeira	25 grammas
Succo de limão	50 »
Agua de hortelã	50 »
Agua de tilia	50 »

Ás colheres, contra a tenia (Bouch).

Em Cabo Verde utilisam assim a romeira:

Ilhas de Santo Antão e do Fogo:

a) A casca do fructo, em pó, contra as ulceras.
b) O cozimento da casca de raiz contra as lombrigas.

Ilha de Santo Antão:

O cozimento da casca da raiz contra a solitaria.

Ilha de S. Thiago (interior):

a) A casca pisada e pulverisada contra as feridas.
b) O decocto das raizes contra as lombrigas.

João Cardoso, Junior.

Portulacea oleracea, L. (Portulaceas)

Nome vulgar.—*Beldroega.*

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Santo Antão e S. Nicolau.

Area geographica.—Europa, America, Java, Ilha de Tristão da Cunha, Cochinchina, China.

Descripção.[1]—Caulis annuus, teres, aquosus, ruber, laevis, procumbens; *ramis* diffusis, saepe repentibus. *Folia* sub-cuneiformia, oblonga, obtusa, carnosa, glabra, sessilia, confecta, integerrima. *Flos* luteus, sessilis, sparsis; *corollis* 5-petalis, patentibus, apice sub-truncatis, emarginatis. *Stamina* 10. *Capsula* 1-locularis, horisontaliter dehiscens: *seminibus* multis, rotundis, nigris, minimis.

Propriedades therapeuticas e usos.—Toda a planta é emolliente e diuretica. As folhas applicadas sobre as ulceras obram como detersivas; cozidas formam um apposito anti-hemorrhoidal. O seu decocto é diuretico e lactifero. O succo é antiophtalmico. As sementes são anthelminthicas: xarope.

Loureiro diz: «Virtus: praecipue seminum in decocto. Refrigerans, Emolliens, Diuretica, Antiscorbutica. Sinensis imprimis utuntur a attenuandum sanguinen, ac diuresim promovendam. Hujus oleris frequenti usu ante partum solet praecaveri ejus difficultas.[1]

Na China misturam o succo da *P. oleracea* com cal, a fim de resolver tumores carbunculosos, e consideram excellente diuretico o decocto das sementes.

Na ilha de S. Thiago a cataplasma das folhas e o seu decocto são empregadas como emollientes.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Obra citada, pag. 293.

Physalis somnifera, L. (Solanaceas)

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Vicente, S. Thiago e Brava.

Area geographica.—Sardenha, Sicilia, Peloponezo, Ilhas Jonias, Chypre, Egypto, Nubia, Abyssinia, Algeria, Canarias, Palmas, Mexico, Hespanha, Zanzibar, India.

Descripção.—Caulis fructicosus, multiplex, erectus: *ramis* sub-rectis, patentibus. *Folia* subrotunda, integerrima, glabra, conferta, basi obtusissima, inaequali. *Flos* confertus, lateralis; *pedunculis* 1-floris. *Corolla* campanulata, albo-viridis, acute 5-fida. *Bacca* rubra, subrotunda, 2-locularis, polysperma, intra calycem inflatum, 5-gonum, magnum.

Propriedades therapeuticas e usos.—Diuretica, calmante e narcotica.

João Cardoso, Junior.

Physalis alkekengi, L. (Solanaceas)

Nomes vulgares.—*Alkekenge, Coqueret-Cerise, Coquerett, Herbe à cloques, Soàn tsiam, Toan tuong, Alquequenje, Cerise d'hiver ou de Juif.*

Hab.—Ilha de S. Thiago.

Area geographica.—Europa (Portugal, etc.), Japão, China, Cochinchina.

Descripção.— Caulis herbaceus, sesquipedalis, crectus, teres, glaber parum ramosus. *Folia* ovato-lanceolata, integerrima, glabra, nun gemina, nunc sparsa. *Flos* albus, lateralis, solitarius; *pedunculis* pendulis. *Bacca* globosa, rubra, calyce, versiculari fota.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.— As bagas são diureticas e febrifugas; entram na composição do *xarope de chicoria composto*. D'ellas se fórma um extracto (entra nas pilulas do dr. Daville contra a gotta). Em pó foram aconselhadas, na dose de 10 a 30 grammas, como febrifugo, pelo dr. Gendrin.

Dessaigne e Chantard obtiveram das folhas a *physalina,* materia crystallina muito amarga e não alcalina.

Loureiro consigna ainda á *P. alkekengi* a propriedade de refrigerante. Toda a planta, segundo elle, é util.

O extracto applica-se de 4 a 6 grammas. Pó 5 a 20 grammas. Vinho 15 a 30 (diuretico), 60 a 100 (febrifugo).

---

[1] Loureiro. Obra citada.

Pilulas antigottosas de Laville

Extracto de alkekenji	3 partes
Soluto de silicato de soda a 30°	1 parte
Pó de chamoedris	q. b.

F. s. a. 30 pilulas de 3 decigrammas, 4 a 10 por dia.

Observações.—As *bagas* são quasi redondas, tamanho pouco menor que cerejas, cobertas do calix, rubras, polposas, polyspermas. Recentes: sabor, ao principio, acidulo, depois amargo. Seccas: sabor mais fraco. As sementes são quasi ovaes, chatas de ambos os lados, acres, levemente amargas; calix intensamente amargo.

A *P. pubescens* tem raizes, folhas e bagas diureticas; empregadas nas hydropisias (Antilhas). A *P. flexuosa* passa por diuretica, calmante e narcotica (India).

João Cardoso, Junior.

Parthenium hysterophorus, L. (Synantheraceas)

Nomes vulgares.—*Falso absyntho* (Antilhas), *Camomilla* (Reunião), *Herbe à pian.*

Hab.—Ilha da Boa Vista.

Descripção.— Herba.

Propriedades therapeuticas e usos.—Antipyretica, analgesica e febrifuga (dr. Ulrici).

Folhas, caules e summidades: amargas, estimulantes, anthelminthicas (macerado aquoso); no exterior: cataplasmas resultivas; o succo é preconisado na ophthalmia torpida e no penso das ulceras tuberculosas ou syphiliticas chamadas *pians.*

A *parthenina* (principio crystallizavel que o dr. Ulrici extrahiu da planta) tem sido empregada contra as nevralgias craneanas, e com successo, na dose média de cinco decigrammas (*Bul. de la Soc. de Thér.,* avril 1886) e na de um gramma por dia. O infuso da planta (10:100) emprega-se como digestivo.

João Cardoso, Junior.

Ricinus communis, L. (Euphorbiaceas)

Nomes vulgares.—*Bafureira, Palma Christi, Mamona, Ricino, Jague-Jague.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Vicente, Boa Vista, Sal, Fogo e Brava.

Area geographica.— Angola, Moçambique, Indias, Hong-Kong, Tien-Tsin, America, Europa, Africa, Cochinchina, China.

Propriedades therapeuticas e usos.— Conhecidas.

Os negros servem-se do oleo, externamente, para combater, á semelhança dos gregos, a sarna e outras doenças cutaneas, e para untar o corpo como meio hygienico.

Na Africa de leste as folhas verdes, aquecidas e applicadas sobre as pernas inchadas e ulceradas, formam um caustico energico, que suppura durante alguns dias (Grant).

Misturado com succo de limão, o decocto das folhas é nas Antilhas especifico contra as febres as mais graves.

A medicina chineza emprega o oleo de ricino (Tama-tzé-yéon) no tratamento das doenças organicas ou accidentaes dos intestinos, dôres rheumatismaes, etc.

Em Cabo Verde tem o ricino varias applicações:

a) As folhas ou decocto d'estas são empregadas no tratamento de varias dôres;

b) Consideradas emollientes, o seu decocto é empregado ainda, em banhos, contra os tumores;

c) O decocto quente das folhas, *xême,* ou estas pisadas e applicadas no seio das recemparidas, activa ou determina a secreção lactea, *mesmo em mulheres velhas;* obtem-se o mesmo resultado pelos banhos extremamente quentes, directos ou de vapor, depois do parto;

d) Na ilha do Fogo as sementes são usadas como purgativas, e as folhas aquecidas, applicadas nos seios, com o fim já indicado; e o pó como emmenagogo (fermentações nas partes genitaes).

Observações. — João Loureiro[1] exprime-se d'este modo com referencia ás propriedades do ricino:

«Virtus: seminum, vol olei expressi. Purgans, Anthelminthica, Antispasmodica, Diuretica, Valet in Volvulo, colica pictonum, et nephritica. Externe in convulsionibus, vermibus, hydrope, abdominis flatibus, et terminibus, doloribus podagrae.»

A expressão a frio é o melhor processo da preparação do oleo, devendo-se para isso tirar ás sementes o seu envolucro testaceo.

A semente do ricino contem, além do oleo, um principio resinoso. Esta resina é purgativa em pequena dose, mas em dose mais elevada é um violento purgativo e determina vomitos. O oleo de ricino é purgativo porque encerra pequena quantidade d'esta materia resinosa, cuja maior parte se localisa no troço do ricino, o qual encerra 3,67 de azote para 1,63 de acido phosphorico; por isto não se devem substituir em pesos eguaes as sementes do oleo.

Accidentes os mais graves se teem declarado em individuos pela ingestão de 20 a 30 sementes de ricino.

O troço do ricino é muito proprio para as terras phylloxeradas, e emprega-se na razão de 800 grammas para 1 kilogramma por pé.

O oleo de ricino pode ser empregado na tinturaria; misturado com sulfuretos constitue o *sulfoleato* ou o *sulforicinato;* e pela sua densidade e unctuosidade emprega-se tambem nas machinas de grande velocidade, pois que o calor por ellas desenvolvido mantem-o no estado fluido.

A côr do oleo de ricino, proveniente da primeira pressão, é branca, mais ou menos ligeiramente amarellada, e a da segunda é amarello-esverdeada; o oleo é viscoso, possue cheiro fraco, desagradavel e sabor adocicado.

O seu ponto de congelação é a 18° abaixo de zero. O litro de oleo de ricino pesa 964 grammas, a 15°. Dissolve-se em todas as proporções no alcool, o que o distingue dos outros oleos.

No sertão do continente de Moçambique ha uma arvore chamada *Murraly,* de grande copa, elevando-se até 8 e 10 metros, e cujo tronco tem 4 a 6 decimetros de diametro. Os fructos são semelhantes aos fi-

---

[1] Obra citada, pag. 584, tomo II.

gos de Portugal, sendo cada um do tamanho de uma noz, com uma polpa doce e secca.

Á casca d'esta arvore attribuem os indigenas tambem a virtude de fazer apparecer o leite nos peitos de uma mulher, mesmo de avançada edade, e lá, como em Cabo Verde, citam-se exemplos de avós amammentarem netos!

O dr. Collas[1] affirma tel-a utilisado com successo.

João Cardoso, Junior.

---

[1] *Notes inédites.*

Sonchus oleraceus, L. (Composta)

Nome vulgar.—*Serralha, Chicoria Brava* (Brazil).

Hab.—Ilha de Santo Antão (João Cardoso), Ilhas de S. Vicente e de S. Thiago.

Descripção.—Erva agreste. Folhas oblongas, rentes ou sesseis, fendidas horizontalmente, tendo a parte superior de côr azulada. Flôres em pequenos grupos, amarellas e brilhantes. Calice ou receptaculo semelhante a um jarro, offerecendo na parte superior muitas linguetas estreitas, dispostas em circulo, decrescendo para o centro. Fructo uma especie de pequena pevide preta, coroada por um feixe de pêlos macios e brancos que voam facilmente com o vento. Todas as partes da planta são leitosas.

Propriedades therapeuticas.—Aperitiva.

Observações.—Ha no archipelago duas variedades d'esta planta: *α, S. obraceus,* Laevis, e *β, S. oleraceus,* Asper. A primeira foi usada, *com grande vantagem,* em Coimbra, como *lithontropica,* pelo dr. Caetano José Pinto, e mais tarde pelo eminente pratico Bento Joaquim de Lemos.[1]

O succo leitoso é extrahido pela fervura, e depois d'isto pode preparar-se com a planta um bom prato.

João Cardoso, Junior.

---

[1] *Flora pharmaceutica alimentar portugueza,* por Jeronymo Joaquim de Figueiredo.

Solanum nigrum, L. (Solanaceas)

Nomes vulgares.— *Erva moura, Moreble, Cãy lu lu duc.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Thiago, S. Vicente e Boa Vista.

Area geographica.— Cochinchina, Brazil, Asia, Africa.

Descripção.— *Caulis* herbaceus, annuus, inermis, teres, glaber, erectus, 3-pedalis: *ramis* patentibus. *Folia* ovata, acuta, suberenata, tormentosa, alterna, petiolata. *Flos* albus, axillaris, umbellis parvis, nutantibus, *Bacca* rotunda, parva, nigra.[1]

Propriedades therapeuticas e usos.— Narcotica e emolliente. No Brazil emprega-se o decocto das folhas (50 grammas para 1:000 grammas) como emolliente, em banhos, no eczema, e em injecções; emprega-se tambem internamente.

A cataplasma das folhas frescas, applicada sobre o hypogastrio, é de grande utilidade nas retenções espasmodicas da urina. As bagas do *S. nigrum,* (bem como de outras especies), contêm a *solanina.*

Este glucoside foi descoberto por Desfosses. Crystalliza n'uma solução de alcool quente; tem sabor amargo, acre e nauseabundo; é insoluvel na agua, fracamente soluvel no alcool e ether, e mais soluvel no alcool quente. A uma alta temperatura decompõe-se e fórma a *soladinina.*

A *solanina* tem acção anesthesica sobre as extremidades do plexo pulmonar, diminue a sensibilidade das mucosas dos bronchios e atraza

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 129.

a respiração; modera ao principio o pulso, depois accelera-o; irrita o estomago. Em alta dose provoca vomitos, colica, constipação; em fraca dose é laxativo. Foi empregado contra a sciatica, as nevralgias, o rheumatismo, a gotta, a cystite, a bronchite, a asthma cardiaca, a coqueluche e outras affecções espasmodicas, as dôres do estomago, a dyspepsia e o prurigo.

A solanina emprega-se em injecções subcutaneas 3 vezes por dia, com uma solução aquosa de hydrochlorato de solanina, na dose de 15 milligrammas a 3 centigrammas.

Loureiro consigna as seguintes propriedades ao *S. nigrum*:

«Refrigerans, Anodyna, Repellens. Folia externe applicata valent contra cephalgiam, haemorrhoides, paronychiam, cancrum et ulcera corrosiva: sed caute utenda.»

Na ilha de Santo Antão empregam os indigenas a infusão das folhas do *S. nigrum* para chamar a menstruação perdida.

Injecção

Folhas seccas de solanum nigrum....	50 grammas
Agua fervente....................	1:000 »

Infunda por uma hora, decante e filtre (Cod.).

João Cardoso, Junior.

Sinapis nigra, L. (Cruciferas)

Nome vulgar.— *Mostarda.*

Hab.— Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau e S. Thiago.

Area geographica.— Europa (Portugal, etc.).

Descripção.— Folhas oblongas e asperas, denteadas, de côr verde-gaio. Flôres em espigas longas, amarellas, formando quatro segmentos cruzados. Fructos: especie de vagens de 10 millimetros, ou pouco mais, lisas, finas, foliaceas, contendo umas sementes de côr castanha ou vermelha e redondas que se tornam depois escuras.

Propriedades therapeuticas e usos.— As sementes encerram myrosina e mynonatc de potassa, dando oleo volatil. São rubificantes (podendo-se tornar vesicantes), excitantes e antiscorbuticas. Externamente empregam-se, sob a fórma de sinapismo, contra a gotta, dôres rheumatismaes, pleurodynia e apoplexia.

Epithema rubefaciente (Faure)

Essencia de mostarda	20 grammas
Alcool	30 »

Embeba-se um bocado de flanella e applique-se sobre a parte dolorosa (Bouchut).

Vinho de mostarda (Thilennio)

Sementes de mostarda, contusas	30 grammas
Vinho branco	400 »

Macere-se por 5 dias e junte-se.

Xarope antiscorbutico	50 grammas

Vinagre de mostarda

Sementes de mostarda..............	10 grammas
Vinagre..........................	20 »

Distille-se depois de 8 dias de maceração:

Tisana de mostarda

Sementes de mostarda negra, contusas.	10 grammas

Macere-se por uma hora em

Agua............................	1:000 »

Côe-se.
A tomar por copos durante o dia.

DUJARDIN BEAUMETZ.

Na ilha do Fogo empregam as sementes como rubefacientes, e as folhas e flôres em infuso contra as bronchites, provocando abundante transpiração.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Tamarindus indica, L. (Leguminosas)

Nomes vulgares.— *Tamarindeiro, Dakar* (Senegal).

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Thiago, Brava e Fogo, S. Thomé, Guiné, Moçambique e Timor.

Area geographica.—Indias Orientaes, Egypto, Brazil, Cochinchina, Antilhas, Senegal, Arabia, Sul da Abyssinia, Ilhas Samoas.

Descripção.[1]—Arbor magna, cortica scabro, fusco: ramis patentibus. *Folia* pinnata, plurijuga, alterna, nunc cum impari, nunc sine. *Foliola* minuta, ovato imbricata. Flos racemulis parvis, lateralibus, pedunculo communi longo, erecto. *Calyx* campanullatus, pellidus, limbo magno, patente, 4-partito, laciniis lanccolatis, concava, inaequalia, patentia, calyce longiosa. *Filamenta 3,* filiformia, ascendentia, corolla longiora; a basi usque ad medium lateraliter coalita in laminam planam, superius libera: setis binis ad apicem lamellae, utrinque adhaerentibus. *Nectarium* nullum. *Stylus* subulatus, in medio dilatatus, longior staminibus, cum illis adscendens. *Stigma* crassiusculum. *Pericarpium* legumen semipedalc, crassum, subcurvum, compressum subtuberosum, 1-loculare: seminibus paucis, circundatis pulpa fusca, fuccosa, acida, inodora.

Propriedades therapeuticas e usos.—Acidulo, refrigerante e laxativo. Segundo Loureiro: Pulpae leguminum. Refrigerans, Incidens, Ecco-

---

[1] Loureiro. Obra citada.

protica. Prodest in febribus calidis et putridis: in Tenesmo: in plerisque morbis biliosis. Medici indigenae decoctum corticis propinant pueris variolis constuentibus laborantibus, saepe saelici exitu.

In Indiis condimentum est universale, gratissimum et salubre.

Eleituario purgativo (Jourdan)

Polpa de tamarindos	12	grammas
Cremor tartaro pulverisado	4	»
Sal de Seignette pulverisado.........	2	»
Manná em lagrimas	2	»
Xarope de rosas pallidas............	8	»

F. s. a.

15 a 30 grammas.

Tisana de tamarindos

Polpa bruta de tamarindos	30	grammas
Agua fervente	1:000	»

Dilua-se a polpa na agua fervente; deixe-se em contacto durante uma hora; côe-se. Opera-se n'um vaso de porcellana ou de prata. (Codex).

Conserva de tamarindos

Polpa de tamarindos preparada.......	50	grammas
Agua............	50	»
Assucar em pó	125	»

Amolleça-se a polpa com agua, a banho-Maria; quando a mistura estiver bem homogenea junte-se o assucar e faça-se reduzir a 200 grammas. Conserve-se n'um vaso de porcellana.

Xarope de tamarindos

Tamarindos	1:000	grammas
Assucar	5:000	»
Agua de flôres de laranjeira.........	60	»

Fervam-se os tamarindos algum tempo com q. b. de agua; côe-se e com o decocto e assucar faça-se um xarope clarificado com clara de ovo. Arrefecido, junte-se o hydrolato.

Refrigerante, laxativo.

BARLET.

Polpa de tamarindos

Tome-se a quantidade sufficiente de polpa bruta, e posta n'um vaso de porcellana faça-se digeril-a a banho-Maria com q. b. de agua, até que a massa amolleça bem por egual; passe-se então por um peneiro de cabello, e evapore-se em seguida até á consistencia de extracto molle.

Nas ilhas do Fogo e de S. Thiago os indigenas empregam o decocto de tamarindos, só ou associado ao senne, como laxante.

Na China o decocto das silicas é empregado, como purgativo, no tratamento das febres perniciosas, e para o caso de variola confluente nas creanças.

Os tamarindos conteem acido tartarico, citrico e malico, assucar, bitartrato de potassa, etc.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Tagetes patula, L. (Compostas)

Nome vulgar. — *Cravo de Defuncto,* singello.

Hab. — Ilhas de Santo Antão e de S. Thiago.

Area geographica. — Mexico, Cochinchina, China, Japão, Brazil.

Descripção.[1] — Caule herbaceus, annuus, sesquipedalis, subdivisus, subcrectus, glaber, diffusus. Folia profunde pinnatifida, laciniis lanceolatis, serratis, glabris, obscuro virentibus. Flos solitarius, terminalis, aureus, pulcher, graveolens, magnus, pedunculo longo, erecto. *Calyx* 1-phyllus, oblongus, 8-sulcatus, apice 8-dentatus, laevis. Corullulae disci tubulosae, hermaphroditae: *radii* 30 circiter, soeminae, ligulatae, magnae, sulcato-plicatae, patentes. *Semina* linearia, compressa, longa, sub-nigra: *pappo* aristato. *Receptaculum* nudum.

Propriedades therapeuticas e usos. — Planta aromatica, estimulante e sudorifera.

Emprega-se na hysteria, n'algumas affecções uterinas, e contra os vermes intestinaes, e o decocto nas fluxões, tosses, etc.

As flôres teem propriedades bechicas e diaphoreticas.

João Cardoso, Junior.

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 504.

Terminalia catappa, L. (Combretaceas)

Nomes vulgares.—*Amendoeira das Antilhas, Amendoeira da India, Mirabolanos.*

Hab.—Ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, Boa-Vista, S. Thiago, S. Thomé e India.

Descripção.—Arvore alta e elegante. Tronco vertical. Ramos, galhas, dispostos em varios verticilios, em umbrella, de distancia em distancia.

Folhas ovaes, obovaes ás vezes, reflexas, coriaceas e um tanto grandes.

Flôres em espigas longas, miudas.

Fructo: uma noz interior, de 3 a 6 centimetros, em fórma de coração; por fóra tem um tegumento carnoso, roxo e um pouco molle; dentro é quasi lenhosa, dividindo-se em 4 ou 5 loculos ou lojas, aonde encerra as sementes.

Propriedades therapeuticas e usos.—A casca é adstringente. Pouppé-Desportes administrava internamente o decocto contra as gonorrheas e flôres brancas[1], e tinha-o em grande conta.

«Na India fazem uso do decocto de mirabolanos como purgativo, e deitam muito mais quantidade do que nós deitamos em Portugal; usam tambem d'elles em conserva, s. dos *quebulos,* que teem em muito

---

[1] *Pharmacopée de Saint-Domingue.*

preço; estes fazem em Bisnager, Bengala e Cambaia; e tambem usam em conserva dos *citrinos* e *indios,* feitos em Batecalá e Bengala; e sem duvida nenhuma que esta é uma mézinha que elles muito louvam; e com o seu uso nenhum physico é deshonrado; tambem se usa mandar estilar a agua de *mirabolanos* verdes para dar a beber sobre alguma conserva pontica; e a mando misturar nos xaropes quando é necessario; e sobre estes *mirabolanos* verdes sahe muito bem a agua, e eu uzo de *citrinos* e *belericos,* no principio de comer, em quem tem camaras ou estomago muito corredio; e é um comer bom e estitico, com ser azedo um pouco; e tambem do sumo d'estes mirabolanos uso muito nas camaras quando são verdes.»[1]

Na ilha de Santo Antão servem-se das folhas da amendoeira das Antilhas contra as cephalalgias.

Observações.— A existencia, no archipelago de Cabo Verde, da *Terminalia Catappa,* admitte a possibilidade da especie congenere, *T. macroptera,* que se encontra no Senegal e cujo valor therapeutico não é para desprezar; o decocto da raiz e lenho e casca dos ramos é empregado, no Senegal, nas hydropisias cacheticas.

João Cardoso, Junior.

[2] Dr. Garcia da Orta. Obra citada, pag. 150*y,* 151.

Tamarix gallica, L. (Tamariscineae)

Nomes vulgares. — *Tarrafe, Tamargueira.*

Hab. — β. *senegalensis:* Ilhas de S. Thiago, S. Vicente, Boa Vista, Santo Antão e S. Nicolau.

Area geographica. — Canarias, Senegambia, Asia, Africa, França, Sardenha, Italia e Argelia.

Descripção.[1] — Glabra, cinerea, crystallis salsis rugulosa, foliis imbricatis lanceolatis acuminatis, basi amplexicaulibus, floribus approximatis, bracteis subulato-acuminatis, staminibus vix corollam superantibus, capsula piramidato-trigona.

Propriedades therapeuticas e usos. — Casca adstringente, amarga e diuretica.

Em Cabo Verde:

Ilha da Boa Vista: contra as dôres de dentes o decocto dos seus renovos.

Ilha de Santo Antão: (!) como emmenagogo o decocto das folhas.

João Cardoso, Junior.

[1] Dr. Johann Anton Schmidt. *Beiträge zur Flora der Cap Verdischen Inseln.* Heidelberg, 1852, pag. 296.

Verbena officinalis, L. (Verbenaceas)

Nomes vulgares.—Erva sagrada dos druidas, Verbena, Urgebão, Gervão.

Hab.—Ilhas de S. Thiago, Santo Antão e Açores.

Area geographica.—Cochinchina, China, Europa, Asia, Africa America, norte e sul, Hollanda, Algeria, Abyssinia, Canarias, Nepal, Japão, Australia e Ilhas de Galopagos.

Descripção.[1]—*Caulis* herbaceus, annuus, simplex, angulatus, ramosus, 3-pedalis. *Folia* magna, crenato-multifida, opposita, glabra. *Flos* purpuraceus, terminalis, spicis filiformibus, longissimis. *Calyx* tribuloso-angulatus, inaequaliter 5-fidus, dente uno truncato. *Corolla* brevis, tubulosa, limbo 5 fido, laciniis rotundatis, subaequalibus, patentibus. *Stamina 4,* brevissima. *Semina 4,* nuda. *Spica* subsolitaria in quolibet ramo.

Propriedades therapeuticas e usos.— Tonica e adstringente; nervina e desobstruente: decocto na hydropisia, cataplasma nos tumores do escroto (Loureiro).

O succo é avermelhado.

Em Cabo Verde:

Ilha de Santo Antão: sementes empregadas como vermifugas.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Loureiro. Obra citada, pag. 27.

Ximenia americana, L. (Oleineas)

Nome vulgar. — *Muhinge.*

Hab.— Ilha de S. Thiago.

Area geographica.— Antilhas, Brazil, Abyssinia, Indias occidentaes e orientaes, Guiné e Angola.

Descripção.— Arbusto espinhoso. Folhas pequenas, quasi redondas, com espinhos na base. Flôres peludas, amarelladas e em fórma de roseta. Fructos de 3 a 6 centimetros ou do tamanho de ameixas, quando maduros, mais ou menos redondos ou cylindricos, com o exterior pelliculoso, amarello e lustroso; dentro a massa é molle e tem um só caroço, cuja amendoa é saborosa e contem oleo.

Propriedades therapeuticas e usos.— A polpa e a amendoa do fructo são preconisados nos embaraços gastricos, constipação habitual, dysenteria e rheumatismo. O oleo da amendoa é empregado pelos negros como tempero das comidas e para untarem os cabellos e o corpo.

Observações.— A amendoa come-se. A *ximenia gabonensis* é simplesmente oleaginosa.

João Cardoso, Junior.

Sterculia acuminata, Beduv

Entre as arvores medicinaes africanas figura a *S. acuminata*, ou *Cola acuminata*, R. Br., vistosa e cultivada em quasi todos os districtos montanhosos de Angola, e que se encontra em S. Thomé e Principe, Gambia, Casamansa, Rio Nuno, Senegambia Portugueza, etc.

A noz de *kola* ou *cola* (semente: especie de castanha de um gosto particular, um tanto amargo) encerra tanino, cafeina e théobromina.

Pode-se empregar, depois de torrefacta, tratada á maneira das sementes de café e de cacáo, mas são preferidas as preparações pharmaceuticas:

a) Vinho de cola

Cola secca pulverisada .... 100 grammas
Vinho-licôr .... 1:000 »

Macere por 15 dias. Dose: 2 a 5 colheres.

b) Tintura de cola

Cola secca pulverisada .... 100 grammas
Alcool a 60° .... 500 »

Macere por 15 dias. Dose: 4 a 10 grammas.

Extracto de cola

Cola secca pulverisada	100 grammas
Alcool a 60°	q. b. para esgottar por deslocação.

Destille-se o liquido para retirar o alcool e concentre-se a *colatura,* a banho maria, em consistencia conveniente.

Serve para confeccionar pilulas, pastilhas, elixires, etc.

Emprega-se: *fluido,* 10 a 30 gottas; *molle,* de 15 a 50 centigrammas.

Infuso de cola

Folhas de cola	10 grammas
Agua	150 »

F. s. a.

O pó de cola emprega-se de 50 a 1gr,50.

As pastilhas — 6 a 10 por dia (cada uma encerra 20 centigrammas de pó).

M. Dujardin-Beaumetz tem experimentado todas estas preparações, bem como o xarope de cola, feitas por M. Natton.

Foram Huchard e Dujardin-Beaumetz *(Société de thérapeutique,* 1884), Heckel e Schlagdenhauffer *(Journal de pharmacie et de chimie,* 1883), e Monnet *(These,* Paris, 1884), que chamaram, assás judiciosamente, a attenção para este producto que, em Materia medica, se pode collócar a par do café, cacau, coca, ou ainda superiormente a elles.

Segundo M. Monnet, a acção physiologica e as indicações medicas de noz de cola podem resumir-se assim:

«1e La kola par la cafeine et la théobromine qu'elle contient c'est un tonique du cœur, dont elle accélère les battements, exagère la puissance dynamique et regularise les contractions.

2e A la seconde phase de son action, à l'exemple de la digitale, c'est un regulateur du pouls, qu'elle relève; sous son influence, les pulsations deviennent plus amples et moins nombreuses.

3e Comme corollaire de son action, sur la tension sanguine, on voit la diurèse augmenter, et, à cet effet, on peut utilement employer la kola dans les affections du cœur avec hydropisies.

4e Il semblerait resulter de nos observations que la kola, qui active énergiquement les contractions cardiaques et agit sur la contractilité des muscles de la vie organique, aurait, au contraire, une influence

paralysante sur les muscles à fibres striées, quand on l'emploie à doses toxiques.

«5.ᵉ C'est un antidéperditeur, un aliment d'épargne, qui diminue les déchets (urée) resultant des combustions des substances azotées, probablement en exerçant une action spéciale sur le système nerveux (aliments nerveux de Mantegazza).

«6.ᵉ C'est un tonique puissant par les principes qu'il contient, et son emploi est indiqué dans les anémies, dans les affections chroniques à forme débilitante et dans la convalescence des maladies graves.

«7.ᵉ Elle favoriserait la digestion, soit en augmentant la sécrétion des sucs stomacaux (eupeptiques), soit en agissant sur fibres lisses d'estomac, qu'elle rendrait moins atones dans certaines dyspepsies. Sous son influence, on voit des enémies rebelles disparaître et les fonctions digestives se régulariser.

«8.ᵉ Enfin, c'est un antidiarrhéique excellent qui a rendu de très grands services dans les diarrhées chroniques, dans certains cas de cholera sporadique (Cunés, Huchard, Durian), sans qu'on puisse d'un façon bien nette expliquer physiologiquement son action.»

Eis a analyse da *Cola* ou *Kola* feita por MM. Ed. Heckel e Schlagdenhauf:

	Grammas
Cafeina[1]	2,348
Théobromina[1]	0,023
Tanino[1]	0,027
Corpos gordos[1]	1,585
Tanino	1,591
Vermelho de cola	1,290
Glucose	2,875
Saes fixos	0,070
Amido	33,754
Gomma	3,040
Materias córantes	2,561
» proteicas	6,761
Cinzas	3,325
Agua de hydratação	11,911
Cellulosa	29,831
Total	100,000

Esta analyse mostra:

1.º Que as colas são mais ricas em cafeina que os melhores cafés, e que este principio se acha em liberdade, ao contrario do estado de combinação a um acido organico, como n'estes ultimos;

2.º Que a quantidade de theobromina é muito apreciavel;

[1] Materias soluveis no chloroformio.

3.º Que contém uma quantidade notavel de glucose, de que não existem traços alguns no cacau;

4.º Que a quantidade de amido é tripla da existente nas sementes do cacau, o que explica o valor nutritivo das cascas.

MM. Heckel e Sch. affirmam que as colas teem sido empregadas em Africa contra as affecções dos intestinos, do figado e contra atonia das vias digestivas.

A *kola* ou *cola* é muito apreciada pelos indigenas de Angola.

Dá força ao estomago, dizem elles, mastigada uma ou duas castanhas pela manhã, só ou com alguma porção de raiz de *gengibre* ou de *mundondo*.

No Soldão os pretos mastigam as castanhas, uma ou duas, *para quebrar o amargo do jejum*.

Na India é empregada como masticatorio tonico, á semelhança da *noz de areca*.

A cafeina foi encontrada tambem nas colas, e em grande quantidade, por Liebig.

João Cardoso, Junior.

Os Strophanthus

Plantas trepadeiras da familia das Apocyneas.

O caule fórma sobre o solo circulos que lembram a *Boa constrictor*, e lança-se em seguida sobre as arvores vizinhas, correndo de ramo em ramo. A sua espessura diametral varía de cinco a quinze centimetros. Os fructos crescem dois a dois horizontalmente e amadurecem em setembro.

O seu *habitat* é extenso, e ás vezes peculiar para certas especies ou variedades:

S. laurifolius, *DC* — Senegambia.
S. sarmentosus, *DC* — Senegambia, Serra Leoa, Zanzibar, Lourenço Marques.
S. hispidus, *DC* — Serra Leoa, Zanzibar, Lourenço Marques.
S. scaber, *Pax* — Bacia de Niger, Gabão.
S. Preussi, *Eng.* e *Pax* — Camarões, Angola.
S. Bullenianus, *Mast* — Gabão.
S. Grocilis, *K, Shum* e *Pax* — Gabão.
S. Ledieni, *Stein* — Congo.
S. intermedius, *Pax* — Angola.
S. Schurchardti, *Pax* — Angola.
S. Petersianus, *Klotzsch* — Moçambique.
S. Emini, *Aschers* e *Pax* — Região dos Lagos.
S. Kombé, *Ol* — Bacia do Zambeze, centro de Africa.
S. speciosus, *Reber* — Cabo da Boa Esperança.
S. Boivini, *Baill* — Madagascar.
S. Grevei, *Baill* — Madagascar.
S. divergens, *Grah* — China (sul).

S. Cumingii, *DC* — Phillipinas.

S. Wallichi, *DC*, S. Whigtianus, *Wall*, S. brevicaudatus, *Wight*, S. caudatus, *Kurz*, S. pubezulus, *Pax*, S. Jackianus — India oriental e Java.

S. minor — Bacia do Niger.

S. de fructos curtos — Africa occidental, Victoria Nyansa, Kilima Ngar, Moçambique (costa).

S. Glabre do Gabão.

S. Lanoso do Zambeze.

Senegal-strophantus.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Os S. hispidus, *DC*, S. Kombé, *Oli*, e S. Glabre, são os que até hoje teem apresentado interesse.[1]

MM. Hardy e N. Gallois descobriram nas suas sementes a *indina*, glucoside que tem acção sobre o coração. A *strophanthina* crystallizada do Kombé (a qual é um glucoside perfeitamente determinado) foi extrahida por M. Catillon, que para isso fez crystallizar no vacuo uma solução de extracto preparado, esgottando pelo alcool a 70° as sementes completamente privadas da materia gorda pelo ether.

Quinze milligrammas, em digestão, em acido chlorhydrico a 1 %, reduzem dez centimetros cubicos de licôr de Fehling. Não tendo sido sujeita á acção do acido chlorhydrico, a *strophanthina* não produz coloração alguma; é um corpo neutro que dá com o tanino um precipitado branco, soluvel n'um excesso de *strophanthina*; fica indifferente em frente de todos os reagentes dos alcaloides; com o acido sulfurico produz uma bella coloração verde esmeralda. Os crystaes, convenientemente seccos, dissolvem-se em tres a quatro vezes o seu peso de alcool absoluto, a quente; em treze vezes o seu peso de alcool absoluto a frio; e sómente em quarenta partes de agua fria.

Segundo a analyse feita por M. Arnaud, a sua formula é $C^{31} H^{48} O^{12}$.

M. Catillon e M. Arnaud provaram que o *S. Glabre* contém 45 a 50 grammas de *strophanthina* por kilogramma, emquanto que o *S. Kombé* contem apenas 4gr,5 a 9 grammas. M. Catillon mostrou que a strophanthina do *S. kombé* e a strophanthina do *S. glabre* são corpos differentes.

A primeira crystalliza em agulhas e desvia para a direita o plano de polarisação. A segunda apresenta-se sob a fórma de bellas *tablettes* achatadas, rectangulares, e desvia para a esquerda. Segundo M. Arnaud, ella é identica á *ouabaïna*.

M. Gley mostrou que as duas strophanthinas e a *ouabaïna* tinham os mesmos effeitos physiologicos.

MM. Huchard (1886) e Dujardin-Beaumetz (1887) serviram-se da *tintura franceza* (a 1/5) das sementes, e na dose de 10 gottas, podendo

[1] H. Bocquillon-Limousin. *Formulaire des médicaments nouveaux*.

elevar-se a 14 e 16 gottas por dia, como excellente tonico do coração, tão activo como a digitalis, e realmente diuretica.

M. Frater utilisou tambem a tintura das sementes, e sobre as propriedades já ditas reconheceu-lhe a vantagem de não contrahir as arteriolas.

M. Bucquoy prescreve 2 a 4 granulos (de 1 milligramma) de extracto de strophanthus, com vantagem, aos corações fatigados e aos asystolicos. A diurese é mais rapida que a produzida pela digitalis, mas não menos energica.

M. Catillon indica granulos de extracto hydroalcoolico de cem milligrammas, na dose de 1 a 4 granulos por dia.

A strophanthina é de tal fórma activa que o seu poder toxico é de meio milligramma para um kilo de animal.

Deve-se administrar com precaução.

A dose habitual é de um granulo de $^1/_{10}$ de milligramma; dose maxima meio milligramma.

Tinturas

1.ª Franceza: A um quinto.

2.ª (Fraser):

Sementes	1 gramma
Alcool concentrado	8 grammas

3.ª (Martindale):

Sementes	1 gramma
Alcool	20 grammas

4.ª (Helbing): Parece a melhor, e deve ser seguida, porque dá um producto uniforme:

Sementes	1 gramma
Alcool a 90°	20 grammas

Seque-se a semente a 45° sem empregar a *aigrette* nem o involucro. Pulverise-se e extraia-se o oleo por meio do ether; seque de novo o residuo e prepare-se a tintura por maceração.

Prescreve-se na dose de 5 a 20 gottas, a tomar duas vezes por dia, só ou com agua de louro-cerejo.

A tintura é muito amarga e ligeiramente amarellada.

Os africanos servem-se dos fructos dos *Strophanthus* para a preparação de um veneno de flechas *(Kombe)*.[1]

---

[1] H. Bocquillon-Limousin. *Formulaire des médicaments nouveaux.*

NOTAS

Os naturaes do archipelago de Cabo Verde applicam por vezes, a plantas differentes, o mesmo nome vulgar.

Para varias especies, o nome vulgar entre os indigenas de Cabo Verde varía de ilha para ilha, applicado á mesma especie.

Os nomes vulgares, applicados a algumas especies assignaladas por nós em 1896, pertencem á ilha de Santo Antão, á excepção do de *Poilão,* referente á *Adansonia digitata,* L., da qual só temos conhecimento, para o archipelago, na ilha de S. Thiago, sendo certo que na Senegambia Portugueza, especificadamente na ilha de Bissau, dão o nome de *Poilão,* como tivemos occasião de ouvir, ao *Eriodendron anfractuosum,* DC., que tambem existe na ilha de S. Thiago.

Parece-nos que é este um dos casos em que os naturaes de Cabo Verde applicam, como temos observado, para algumas especies, o mesmo nome vulgar a duas especies distinctas (embora pertençam á mesma Ordem e Tribu), as quaes elles confundem de ordinario, applicando-lhes indistinctamente o mesmo nome.

Para os indigenas de Cabo Verde ha plantas verdadeiramente medicinaes, isto é, classificadas assim scientificamente, das quaes, algumas pelo menos, elles não empregam por lhes não conhecerem as propriedades, e outras consideradas entre elles sómente medicinaes, e como taes usadas, o que não quer dizer que não sejam, em grande parte, verdadeiras especies medicinaes, cujo valor therapeutico scientificamente se ignora ainda hoje; sendo um facto que a muitas plantas de qualquer d'estes dois grupos os naturaes do archipelago não puzeram até hoje nome vulgar.

Praia, dezembro de 1901.

João Cardoso, Junior.

II

Formulario medico-indigena

I

Cabo Verde[1]

1.º Blennorrhagias

a) Maceração de raiz de limoeiro, ou infusão de farello de milho. Para tomar aos copos, tres vezes ao dia.

b) Purgante de jalapa *(batata d'asno)*.

2.º Tosse proveniente de constipação na occasião da menstruação

Estramonio	tres folhas
Purgueira nova	tres pés
Cuncalva	tres raizes

Pize-se tudo e faça-se cozimento com *tres* garrafas de agua, que devem ficar reduzidas a uma.

3.º Dôres de peito

Petroleo misturado com laranja.

4.º Cancro no peito

Nata de vacca	uma porção
Pós de Joannes	uma pitada

Faça-se pomada.

Para pôr no peito, depois d'este bem lavado com agua tepida.

---

[1] Sem alterar, na essencia, o original, démos, todavia, á materia que extractamos, uma disposição que entendemos mais adequada ao fim a que n'este logar ella é destinada.

João Cardoso, Junior

5.º Odontalgias

a) Gestiva, levada á consistencia molle (pela seccura), misturada com seiva de mandioca e purgueira.
Ponha-se no dente.

b) Matto Gonçalves .... uma pequena porção
Sal .... uma pedrinha
Urina de creança .... um calice

Faça-se cozimento. Para bochechos.

c) Pó de tabaco, misturado com seiva de mandioca e purgeira.
Ponha-se no dente.

d) Cuncalva .... uma pequena porção
Urina de creança .... um calice
Sal .... uma pedrinha

Faça-se cozimento. Para bochechos.

6.º Antrax

Sangue de gallo preto. Topicamente.

7.º Enterites

Sangue de cabrito e leite coalhado.

8.º Coryza

a) Cigarros de excremento secco de burro.
b) Aspirações, pelo nariz, do vapor obtido por brazas lançadas dentro das bacias que tenham servido a urina e que apresentem deposito de saes ammoniacaes.
c) Infuso de flôr de cardo ou decocto da sua raiz.

9.º Epilepsia

a) Testiculo de bode. Para comer crú ou assado.
b) Baço de vacca.

10.º Belidas

a) Excremento de lagartixa. Em pó secco. Para collyrio.
b) Ferrugem de chaminé. Em massa. Cauterisante. Para collyrio.

11.º Rheumatismo

a) Defumadouros com excremento de vacca.
b) Sangue de tartaruga. Para beber.
c) Fricções de gordura de *garça* e *ghon-ghon* (aves).
d) Sebo de lagarto das Desertas (especificadamente da ilha de Santa Luzia).

12.º Paralysias

Excremento secco de vacca, misturado e fervido com manteiga da mesma.

Applica-se o todo, quente, nas articulações.

13.º Phtysica (Apostema—indigenamente)

Azeite de peixe vermelho.

14.º Ferimentos

a) Excremento, fresco e quente, de porco (para o obter o indigena acouta o animal).
b) Pó de pelle de cabra cortida com goyabeira.

15.º Blepherite ulcerosa

O succo das folhas de dulcamara misturado perfeitamente com manteiga fresca e bem lavada.

16.º Soluções de continuidade

a) Topicamente: mistura de excremento de cabra, resina, clara de ovo, assucar e uma colher de aguardente.
b) No caso de não produzir effeito: uma colher de aguardente, clara de ovo, fios de linhos e assucar. Chamam a esta modificação — *carnatibe.*
c) Tabaco em folha, mastigado ou em pó, misturado com assucar e oleo de purgueira.
d) No caso de ferimentos mais graves: lavagem d'estes com agua, fazendo em seguida a sutura, em pontos separados, pondo depois em cima resina previamente moida ou canna queimada.
e) No caso de existencia de suppuração: fios com aguardente.

17.º Ophtalmias agudas

a) Sangrias e semicupios de agua.
b) Aguardente e agua.

18.° Orchites blennorrhagicas

a) Infusão de farello de milho.
Para beber, aos copos, tres vezes por dia.
b) Purgantes.

19.° Bubões

a) Infusão de farello de milho.
Para beber, aos copos, tres vezes por dia.
b) Purgantes.

20.° Contusões

a) Topicamente: aguàrdente, agua e sal.
b) Seiva de purgueira e sal.
c) Pannos impregnados de seiva de figueira: nos casos de dôres.

21.° Tumores

a) Duas minhocas torradas n'uma colher de ferro ou concha, com um bocado de sebo de cabrito capado, misturado, e applicado do todo uma pequena quantidade sobre o tumor. Fal-o rebentar logo.
b) Da mesma fórma: folha de batatal pisada.

22.° Bronchites

a) Infuso de folhas ou flôres de laranjeira.
b) Decocto de erva cidreira e casca de limão.
c) Infuso de arruda.
d) Aguardente fervida com café.
e) Suadouros de agua fervida com losna, aipo e rosmaninho.
f) Pediluvios de agua bem quente, seguidos de fricções violentas nas pernas.

23.° Colicas

a) Como vomitorio de effeito muito rapido: excremento de rato diluido em agua morna.
b) Cozimento de barba (estiletes) de milho.
c) Defumadouros com a mesma substancia e fermentações, no ventre, com azeite de purgueira. (Para creanças.)

24.° Asthma

Cigarros de estramonio e de excremento de burro ou cabra.

25.° Constipação do ventre

Clysteres de agua e sal e purgantes de tamarindos ou sene.

26.° Dyarrhea

Decocto de amido de mandioca, feito com caldo leve ou dissolvido em agua.

27.° Dysuria

a) Decocto de milho vermelho. Para beber.
b) Semicupios de decocto de *fedegoza.*

28.° Vermes intestinaes

a) Infuso de qualquer das seguintes especies: Losna, Palha Teixeireira, Papayeira (seiva), Romanzeira (casca da raiz), S. Caetano. Para uso interno.
b) Santonina.

29.° Furunculos

Emplastro de seiva de purgueira com sal.

30.° Febres intermittentes

a) Infuso de qualquer d'estas especies: Palha Thomaz, Fel da terra, Macella, Erva cidreira e Cidra (casca).
b) Sulfato de quinina.

31.° Gastralgias

a) Leite fresco fervido com erva doce.
b) Aguardente com polvora.
c) Decocto de marroio.

32.° Aphtas

Trebinha mastigada. [1]

ANTONIO MANUEL DA COSTA LERENO.

33.° Escorbuto

Bochechos de cozimento de tanchagem, feito com o liquido extrahido da bosta de vacca secca.

34.° Syphilis

a) Pilulas de coloquintidas, purgueira, etc., cuja formula se pode vêr no artigo *Citrullus colocynthis.*
b). Salsa. O tratamento assim chamado consiste no seguinte:

---

[1] *Relatorio do serviço de saude publica,* concernente á ilha do Fogo, 1882.

1.º Beber aos copos o decocto de salsaparrilha:

Salsaparrilha	um duodecimo de litro
Agua......................	duas garrafas

Ferva até ficar reduzida a uma garrafa.

2.º Tomar um purgante de jalapa, no fim de cada garrafa de cozimento, a qual dura para dois ou tres dias.

3.º Descançar por dois dias; estar-se encerrado n'uma casa, o mais cuidadosamente fechada, calafetando-se as fendas, as mais estreitas, das portas e janellas; guardar o leito; não beber senão agua, e o menos possivel d'esta; ter por dieta a gallinha ou cabrito assados, milho ou cuscus torrado, e bolacha.

4.º Seguir este tratamento e regimen durante um mez, e sempre no leito.

5.º No mez seguinte mudar e alargar a alimentação. Só então é que se sae á rua.

Este tratamento é considerado de nenhum effeito se por acaso na habitação do doente entrar uma mulher menstruada; e, acontecendo isto, principia-se de novo.

35.º Variola «no estado maduro»

Pulverisações topicas de terra finissima, depois de raspada ou limpa a materia com faca de canna *(tenta)*.

36.º Doença da ilha de S. Vicente

Esta doença foi caracterisada, em 1893, por vomitos, dôres de barriga, caimbras e diarrhea: *cholera benigno de fraco poder expansivo,* ou *gastrites graves,* ou *catarrho intestinal (?):* [1]

a) Aguardente fina ou genebra	meio calice
Contrapeçonha..........................	um decigramma
b) Aguardente fina ou genebra	meio calice
Contrapeçonha..........................	um decigramma
Mostarda em pó	um decigramma
c) Aguardente fina ou genebra..............	meio calice
Contrapeçonha..........................	um decigramma
Pimenta em pó	um decigramma

Qualquer d'estas formulas foi usada, a intervallos, com chá de *cidreirinha,* ou de *losna,* ou de *belgate,* ou de *malagueta.* [2]

---

[1] *Diagnosticos medicos.*
[2] Plantas muito usadas pela therapeutica indigena.

Affirma-se que a primeira parte d'este tratamento produzia *promptas melhoras,* que muitos se curavam, falhando o remedio, todavia, n'alguns casos.

A *contrapeçonha* foi analysada *ha oito annos* (1885) pela commissão de chimica da *Sociedade Pharmaceutica Lusitana,* a pedido do dr. Frederico Hopffer, que a enviara de duas procedencias — a *contrapeçonha da Garça* e a *contrapeçonha do Frade.*

Eis o resultado da analyse:

	Contrapeçonha da Garça	Contrapeçonha do Frade
Sulfato de ferro............	80 %	73 %
Carbonato.................	10 %	2 %
Silica e materias terrosas....	10 %	25 %

Sobre o seu *valor* therapeutico diz o dr. Hopffer:

«Os ensaios physiologicos e therapeuticos a que me dei logo ao principio me convenceram de que a contrapeçonha era uma panacéa como tantas outras, cuja celebridade provém da ignorancia e credulidade popular, que os espertos sabem explorar dominados pela sentença *mundus vult decipi decipiatur.*

«Na dose de 1 decigramma, produziu em mim, tomada pela manhã, durante uma semana, certo peso no estomago e sentimento incommodo, e ennegrecia as dejecções alvinas. Augmentei a dose, sobrevieram enjôos, e cessei a experiencia.

«Ao mesmo tempo administrava-a a varios doentes, sem saberem o que tomavam.

«Um tisico tolerou-a na dose de 2 decigrammas por espaço de 15 dias e dizia-se melhorado; porém depois appareceram vomitos e diarrhea e tive de pôr ponto no ensaio.

«Uma menina tuberculosa em segundo grau não supportou por mais de tres dias a dose matutina de 5 centigrammas.

«Em febres intermittentes experimentei-a sem vantagem.

«Empregando-a topicamente e pulverisada, não logrei effeito proveitoso em ulceras, nem simples nem complicadas, de gangrena ou de phagedenismo.

«Conclusão. A contrapeçonha me parece de nenhum valor therapeutico. Reputo esta substancia mineral prejudicial até nos casos de indigestão, em que só com agua morna se pode evacuar o estomago.»

João Cardoso, Junior.

II

Senegambia[1]

Mandingas, Mouros e Jaloffos, etc.

1) Infusão das raizes do *Ricinus viridis* (badas abalas, entre os mouros), tomada em jejum, contra os vermes.

2) Infusão de uma especie de *Lathyrus (uboom)* contra as dôres intestinaes.

3) O fructo da *Guilandina bonducella* (koory: *reunido em um)* é empregado nas ulcerações da garganta e nos engorgitamentos glandulares. Como gargarejo, o decocto das folhas assucarado; fervem as folhas com assucar.

4) As folhas pisadas de *Moringa arabica* são applicadas sobre as contusões; na agua destinada aos banhos fazem tambem ferver aquellas.

5) Empregam uma das especies do genero *Sida (sany-sany:* magnifico, precioso) como bom remedio para vermes.

6) Fazem ferver as sementes do *Dolichos lablab* (entre os Mouros: natos) com gordura de bode, e d'esta fórma preparam uma especie de unguento, com o qual friccionam a pelle, contra as flatuosidades.

7) As sementes assadas da *Cassia occidentalis* (que para os mandingas parece ser a sua panacéa) são utilisadas em logar de café. As folhas, lançadas em grande quantidade nos banhos quentes, são prescriptas em todas as especies de doenças. Teem a virtude de curarem radicalmente as diversas especies de rheumatismo, e com ellas friccionam ainda a pelle dos doentes attingidos de febre de qualquer natureza que esta seja.

8) As folhas pisadas ou o decocto do *Solanum carolinense* são applicações externas contra a especie de sarna craw-craw.

---

[1] Compilação de varios trabalhos e sob fórma nova.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

9) A especie do genero *Convolvulus*, á qual os indigenas chamam *lemmy-lemmy* (labios negros), é empregada como purgativo energico. Malcom Ritchie ensaiou-a, com successo, em muitas circumstancias; a administração de uma colher das de sopa, cheia do pó das sementes, produziu effeito suave, e sem dôr, durante trės dias. Este remedio tem contra si a quantidade a que obriga e o ser nauseabundo.

10) A raiz da *Asclepias pubescens* é empregada pelos naturaes como um purgativo violento *(faftan)*.

11) O pó da *Chrysocoma denticulata*, depois de secco ao sol, é administrado nas doenças de peito.

12) Das folhas da *Clematis chinensis* preparam um emplastro que applicam contra as dôres da espadua.

13) O xarope *(basab)* que os mouros preparam com o *Hibiscus trionum (dum modo)* é utilisado na tosse. As folhas fervidas com arroz communicam-lhe sabor acido.

14) Contra os vermes, e como purgativo, o *Hibiscus senegalensis (ratach)*.

15) Como anti-venereo o *Asparagus officinalis*.

16) O infuso do *Chenopodium caudatum (koonak*, entre os mouros), depois de secco, tomado em jejum, é remedio contra os vermes.

17) O fructo de uma das especies do genero *Conocarpus*, secco, reduzido a pó, e misturado com agua, é administrado contra a tensão do ventre.

18) O infuso do *Ocymum basilicum* é utilisado, como bebida refrigerante, nos casos de febre e tosse.

19) Uma especie do genero *Polygonum*, conhecida entre os indigenas pelo nome de *semen contra*, é empregada como remedio para combater os vermes.

20) O infuso das folhas da *Bauhinia reticulata* é empregada, como expectorante, na bronchite, ou em gargarejos, para socegar as dôres de dentes.

O decocto da casca dos caules (muito adstringente) é utilisado na diarrhea ou dysenteria chronicas.

Os mouros seccam facilmente a gomma proveniente da *Acacia Adansoni*, a qual, muito adstringente e vitrea, é utilisada para curarem a dysenteria.

Indigenas do Rio Nuno, etc.

A· Paullinia africana é empregada contra as hemorrhagias.

O infuso das folhas da *Guiera senegalensis*, como diuretico, é usado na uréthrite e em muitas outras doenças.

As sementes da *Sterculia acuminata* são utilisadas pelos negros de Gambia, Cazamansa, Rio Nuno, etc., para conservar os dentes e

as gengivas, amortecer ou não sentir a necessidade de comer, e estimular o appetite genesico.

O succo das *Tabernœmontana*, misturado com os decoctos da raiz da *Erythrina senegalensis* e da casca do *Sarcoçephalus esculentus*, serve entre os indigenas do Rio Nuno para combater externamente a elephantiasis.

A casca amarga e febrifuga, ora de um bello alaranjado *(chata)*, ora de um pardo ligeiramente rosado no exterior, granulosa e de um amarello alaranjado nas camadas internas *(enrolada)*, o pó (de um amarello alourado, antes que alaranjado), a maceração aquosa (de um bello amarello claro e cheiro que recorda o da cerveja fraca, e de sabor amargo, um pouco adstringente), a tintura alcoolica (que offerece um assaz curioso phenomeno de dichroismo — é de um amarello madeira claro por transparencia, e de um verde claro por reflexão), são empregados nas mesmas doses que as preparações analogas de quina, e convém nas fórmas ligeiras de intoxicação palustre, anemia consecutiva ás febres endemicas, anorexia e dyspepsia atonica. [1]

Empregam como tenifugo, no Rio Nuno, o rhizoma *d'amomacea*, de aroma muito aromatico, a que os negros chamam *Dadi-gogo*. Servem-se d'elle, fresco, despojado da sua camada cortical, pisado e tratado pela agua fervente, não se limitando a beberem o infuso, pois engolem, de ordinario, tambem o residuo da infusão.

A expulsão da tenia pode ser obtida pelo infuso assim preparado:

Pó do rhizoma do *Dadi-gogo*......... 80 grammas
Agua............................. 500 »

em seguida ao qual se deve administrar:

Oleo de ricino .... 30 grammas

As folhas da *Bauhinia rufescens* são utilisadas (Rio Nuno) como diureticas.

As raizes de um *Smilax (goli-goli*, Rio Nuno) são empregadas, como depurativas e antisyphiliticas, entre os naturaes.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Memoria de E. Heckel e F. Schlagdenhauffen *(Archives de medecine navale*, décembre 1885 et janvier 1886).

III

Angola [1]

Curandeiros negros e Negros

O *Catúlu-vernonia* sp. (arbusto de 2 a 3 pés) é, pelas suas folhas seccas, empregado no tratamento das ulceras.

Infuso e cataplasma das folhas da *Alvardia arborea,* Walw (arvore que attinge 20 e mais pés de altura, e que é frequente nas mattas virgens do Golungo Alto), são remedios poderosos contra tosses e doenças de peito, e o mais efficaz medicamento peitoral de todo o sertão.

É considerado tonico energico o *Myrothamnus flabellifolia (cachinde can'dange:* arbusto pequeno de Pungo Andongo, pedras de Guinga, Huilla, morro de Lopollo), cuja infusão ou fumigações são empregadas contra dôres rheumaticas.

A mistura da raiz de *gengibre, cola* e *mundondo* é utilisada para dar força ao estomago.

No tratamento de febres exanthematicas e diarrheas, e externamente para lavar feridas e ulceras, o decocto das raizes aereas *(barbas de mulemha)* do *Ficus psilopoga,* Welw (bella arvore, sempre verde, de 30 a 60 pés de altura, das florestas do Golungo Alto, Barra do Dande e Loanda).

A resina de *Canarium edule,* Hook. f. *(mubafo),* é um dos mais efficazes e celebrados medicamentos da pharmacopêa africana; applica-se: *a)* no tratamento das feridas de qualquer natureza, e em especial das

---

[1] Compilação, sob fórma nova, das investigações do dr. Welwitsch.

João Cardoso, Junior.

ulceras nas pernas (caso frequente e difficil realmente de curar); *b)* em fumigações para facilitar os partos. O pó fino da casca é empregado na cura de ulceras syphiliticas e escorbuticas.

As raizes da trepadeira *Mundondo* (filamentos muito tenazes, finos, lustrosos: espontanea em quasi todas as mattas virgens dos districtos selvaticos de Angola), em decocto, tem a mesma applicação que o alcaçuz na Europa.

O *Lonchocarpus sericeus*, H. Bk. (*mutala menha:* arvore formosissima, um dos principaes ornamentos do sertão angolense, sobretudo quando se acha coberta por numerosos cachos de flôres roxas sedosas e prateadas pela parte de fóra[1] — margens do Quizembo, Lifune, Dande, Bengo, etc.) fornece, das suas raizes, um cozimento e um infuso: o 1.° é conhecido e celebrado como remedio antiscorbutico; o 2.° é empregado, com bom resultado, na lavagem das feridas de mau caracter.

Para combater as febres applicam o infuso das cascas (consideradas tonicas e fortificantes) da *Vernonia senegalensis*, Less. (*molulu:* arbusto que attinge a altura de mais de 6 metros — Dande, Golungo Alto, Pungo Andongo, Ambriz, etc.).

Consideram remedio anthelmintico poderoso o decocto das hastes da *Modecca lobata*, Jacq. (*Mobiro* ou *mobilo:* trepadeira arbustiva de fructos amarellos do tamanho de um ovo de pomba — florestas de Cazengo, Golungo Alto e Dembos.

Tratam o escorbuto com a casca da *Odina acida*, Welp (*pau mucumbi:* arvore pequena ou quasi arbusto — Golungo Alto e Ambriz).

O infuso das folhas do *Rubus pinnatus*, Willd (*musano:* arbusto candente, aculeado — mattas de Golungo Alto), é empregado no tratamento das anginas.

São empregados como tonicos e estomacaes os infusos do *Tarchonanthus camphoratus*, Lin. (*Pau quicongo:* arvore de 20 a 25 pés de altura; constitue uma das essencias florestaes mais frequentes no planalto de Huilla, desde a serra de Chella até á lagoa de Jabantalo, formando ás vezes por si só extensas mattas, cujo aspecto recorda os zambujaes de Portugal[2]), cuja madeira é aromatica, tendo um cheiro pronunciado a camphora.

É considerada, entre os negros, como poderoso anthelmintico, a raiz do *Combretum constrictum*, Benth. (*Muhondongolo:* pequeno arbusto — Loanda, Libongo, Icolo, Bengo, Golungo Alto, Ambaca).

---

[1] Conde de Ficalho. Obra citada.
[2] Idem.

IV

S. Thomé

Casca de cajueiro preparada	uma porção
Folhas de sap-sap	uma porção egual
Folhas de goyabeira	a mesma porção

Ponha-se a cozer, cõe e tome aos copos.

Nas diarrheas.

DR. FERREIRA RIBEIRO.

V

India

Xarope contra a splenite

Raiz de alcaparra................	ana, uma onça
Salva verde.....................	
Avenca secca....................	
Funcho..........................	ana, uma oitava
Erva doce.......................	
Cravo...........................	
Canella.........................	
Gengibre........................	
Noz moscada.....................	
Cardamomo.......................	

Reduzem a pó estas substancias e juntam-lhe:

Alcaçuz contuso..................	quatro oitavas
Losna............................	» »
Passas...........................	duas »
Ameixas..........................	n.º quinze
Senne recente....................	duas onças
Rosas de Alexandria..............	uma onça

Infundem por algum tempo em

Agua.......................... quatro canadas

Levam ao fogo e fervem até ficar em duas canadas e meia. Na ultima fervura juntam-lhe:

Rhuibarbo em pó............. duas oitavas e meia.

Depois de frio côam e juntam-lhe:

Assucar.................................... q. b.

Levam ao fogo até lhe darem a consistencia de xarope.

Mandam tomar este xarope, que dizem ser efficassissimo, diluido em agua morna, pelo espaço de trinta dias, começando por uma onça, até quatro por dia. Deve ser tomado de manhã, tres horas antes do almoço. Dieta restaurante.

Se produz soltura de ventre alteram o tratamento e mandam tomar o xarope um dia sim outro não, diminuindo n'este caso a dose.

As doenças de debilidade são communs entre os gentios, por isso quasi todos os medicamentos que empregam são compostos de ervas, de raizes e de decocções aromaticas e estimulantes. Os gentios são egualmente sujeitos ás suppressões de transpiração e aos exanthemas, por dormirem, quasi sempre nús, sobre os pavimentos terreos e se exporem a todas as variações atmosphericas e ás mordeduras dos insectos imperceptiveis.

Antonio Gomes Roberto (pharmaceutico).

VI

Macau

Aguardente amarga

Lô-Houi (succo de aloes).............	12	grammas
Mo-Hio (myrrha)...................	12	»
Kâ-Lô-Hiang (incenso)...............	12	»
Shan-Lan (raizes de curcuma)........	2	»

Pulverisem-se estas substancias e encerrem-se, com 750 grammas de aguardente, n'um vaso tapado, que se exporá ao sol durante um mez; decante-se depois.

Memorias dos Missionarios de Peking (1780).

NOTAS

O dr. Francisco Frederico Hopffer, em 1874, e o dr. Antonio Manuel da Costa Lereno, em 1882, foram os primeiros medicos militares que em Cabo Verde, e de uma maneira que não deve ficar esquecida, assignalaram officialmente as propriedades consideradas therapeuticas entre os indigenas, e por estes utilisadas, a respeito de plantas, principalmente, e que registando aquellas, pela fórma que melhor entenderam, reproduzindo tambem as respectivas utilisações populares, etc., lançaram desde logo, por essa colheita de indagações, as bases para a formação do que se póde chamar o *Formulario Medico-Indigena de Cabo Verde.*

Sobre este capitulo tão especial, interessante e valioso da *Materia Medica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguezas,* e completando assim o que principiámos em 1883, tornaremos conhecido no tomo III dos nossos *Subsidios,* etc., todo o material que, abrangendo o Ultramar Portuguez, temos vindo amontoando, pacientemente, durante annos successivos; não o fazendo figurar, desde já, n'este tomo II, para não atrazar, e muito, a sua publicação.

É de tão grande importancia a *Materia Medica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas,* que todos os cuidados, attenções, auxilios, despezas mesmo, que o Governo da Metropole, bem como os Governos de cada uma das Provincias Ultramarinas, dispensem e façam, serão muito largamente compensadas, a todos os respeitos, além de honrarem Portugal, affirmando, por exemplo, de uma maneira altamente significativa, que o nosso paiz não dorme á sombra do seu admiravel passado historico, e que sabe praticamente tirar partido, aproveitar utilmente o que possue, no seu ainda vasto dominio ultramarino.

Mais dois factos de alta importancia, modernamente, podem ser registados, para attestarem a riqueza therapeutica da flora dos climas quentes, a qual, aliás, está demonstrada, e de ha muito:

1.º **A cura da doença do somno,** pelo emprego da *Tabernanthe Iboga,* Baillon.

Explique-se o facto pela *ibogaina* (como pretendem os exploradores Dybowski e Landrin, etc.); explique-se pela existencia de outro principio activo que mais tarde se determine, se não determinado já; explique-se pela acção combinada de tudo quanto de valioso para a therapeutica se encerre n'essa planta,—o que é positivo é que os indigenas da Guiné, de Angola, etc., sabem curar a doença do somno, e que não deve admirar na Europa se se vier a saber, mais cedo ou mais tarde, que, em regiões quentes, onde ella existe, ha tambem uma ou mais plantas differentes da *Tabernanthe Iboga,* e com as propriedades therapeuticas d'esta.

2.º **A cura da elephantiasis dos gregos.**

Conhecemos, para combater efficazmente esta doença, para a curar, de facto, estamos convicto, preciosos medicamentos de origem exclusiva das regiões quentes.

Porque se não emprehenderá, sem mais delongas ou hesitações, a cura dos leprosos espalhados por muitas partes do globo, e, especificadamente, emquanto a nós, Portuguezes, a dos numerosos individuos que, atacados de lepra, vivem na

aliás rica e pitoresca ilha de Santo Antão, onde esta doença grassa ha muitos annos e onde grandes estragos faz?

A série não interrompida de estudos que temos feito, successivamente, da *Materia Medica e Therapeutica de cada uma das regiões quentes do globo,* — estudo particular e estudo comparativo, etc. — permitte-nos fazer, desde já, entre outras affirmações que mais tarde tornaremos conhecidas, as seguintes:

1.º Quasi todas as doenças, se não todas, nas nossas Possessões Ultramarinas, se poderão tratar com resultado e economia, empregando os recursos therapeuticos que a Natureza offerece, prodiga e expontaneamente, nas mesmas Possessões Ultramarinas Portuguezas;

2.º Este systema, chamemos-lhe assim, simples, economico, natural, de tratamento medico, poderá estender-se á Mãe Patria, nas mesmas condições em que se praticasse no Ultramar.

Praia, novembro de 1902.

João Cardoso, Junior.

CAPITULO VI

Adivinhos, Curandeiros, Feiticeiros, Idolos, Encantações, Provas judiciaes

I

Por toda a Africa encontram-se, intimamente associadas, a entidade *real* — *curandeiro,* e essa outra, mas *imaginaria,* — *feiticeiro.*

Curandeiro é o medico gentilico, o *doutor*[1] preto, que dispõe de uma influencia poderosa entre as massas negras, e que leva a audacia a intrometter-se no tratamento indicado pêlo verdadeiro medico, pronunciando-se claramente sobre se devem ou não ser applicados os medicamentos por este ultimo receitados!

O curandeiro africano, que tambem é *adivinho,* tem nomes differentes, segundo a localidade em que se encontra.

Pertencem-lhe, entre outros, os seguintes:

Ganga (Moçambique);
Chinguilador (Angola: Cazengo, etc.);
Bolungueiro (Angola);
Balobeiro maior (Guiné);
» *menor* (idem);
» *interprete* (idem);
Benzedores (ilha do Sal);
Espojareiro (ilha de Santo Antão);
Curador (idem).

As entidades *curandeiro, adivinho* e *feiticeiro* andam confundidas, e d'aqui resulta ter-se attribuido a este ultimo as praticas dos primeiros.

---

[1] Em Africa chama-se *doutor* a *qualquer medico,* provenha elle de que escola provier..., seja ou não bacharel, bem como a qualquer individuo *esperto, muito sabido* e *velhaco.*

O *curandeiro sabe tratar todas as doenças,* e para a *cura* emprega drogas da localidade e tudo o mais que entende poder fazer impressão no cerebro dos seus doentes.

A nigromancia entra, em grande dose, nas suas praticas.

Elle vive fóra dos povoados, e só vem a estes de noite, vencendo grandes e até violentas distancias, quando é chamado em casos de perigo ou desesperados, *embora haja medico na localidade, e muitas vezes o doente seja por este tratado;* salta por cima de tudo que seja legalidade, e não conhece difficuldades ou embaraços, sendo quasi sempre protegido pelos seus patricios

A ser verdade o que nos foi affirmado, até da protecção official gozam, pois um d'estes curandeiros fôra chamado á casa do administrador do concelho de uma das ilhas de Cabo Verde, a fim de *adivinhar* quem seria o auctor de um certo roubo......

Tanto a *curandice* como a *adivinhação* são *profissões rendosas,* e, de ordinario, dão mais ao seu *sacerdote* que a clinica ao medico diplomado — o mais graduado, o melhor pratico.

O *curandeiro* tem a sua clinica, os seus creditos, a sua fama e os seus dedicados.

A casa que habita converte-se, a breve trecho, em hospital, cujo unico director é elle, que, com a certeza prévia de ser obedecido, ordena aos seus doentes que pesquem, etc., sendo, já se vê, os productos de taes *exercicios* para o *doutor preto.*

O *veredictum* do *adivinho* é mais terrivel que os casos fataes de que é causa.

Reunindo em si as duas entidades, o *curandeiro mata o doente, e aponta em seguida, como auctor d'essa morte, o individuo que lhe não cahiu em graça, de quem é inimigo, ou cuja perda jurou, por interesse ou vingança.*

O indicado por elle como *feiticeiro* não resiste ordinariamente á *prova,* porque a dose que entra na beberagem que lhe administraram é calculadamente toxica; é pois assassinado por esta fórma, e sem appellação possivel, cahindo desde logo, em toda a sua familia, a nota de opprobio, que a perseguirá sempre.

*

* *

Os curandeiros são uma maldita praga, que até hoje não foi possivel extirpar, e cujos tentaculos se ramificam por toda a Africa.

Nas suas encantações servem-se, como de vara adivinhatoria, das vagens da *Cassia sieberiana,* DC., e das da *Cassia fistula* de Angola.

Eis o que a tal respeito, e da provincia de Angola, disseram dois funccionarios que bem souberam desempenhar os seus logares — João Guilherme Pereira Barbosa e dr. Frederico Welwitsch:

«Tem duas classes de impostores: astutos, que são os adivinhos, e chinguiladores, a que chamam cirurgiões, a quem os pretos recorrem em qualquer transe; se lhe adoece um parente, se lhe morre alguma creação, correm logo ao adivinhador para lhe dizer d'onde vem o mal, e este nunca deixa de dar solução mais confusa: umas vezes lhe diz que o mal é causado por feiticeiros, e até chega a declarar quem; outras vezes que é o idolo tal que o persegue, e n'este caso chama-se logo um chinguilador do tal idolo e procede-se ao chinguilamento, reunidos os parentes, vizinhos e amigos; mas para entrar no desenvolvimento dos differentes chinguilamentos, das suas fórmas e casos, isso é materia vasta para que me não acho habilitado.

«..... Tem mais que, se a rapariga morre nos primeiros annos do enlace, o barregão exige, e o sogro é obrigado a dar-lhe, outra rapariga para o logar da defuncta, sem que por isso receba nova offerta, mas tão sómente um presente; além d'estes aviltamentos, ainda a mulher tem que soffrer repetidos interrogatorios dò barregão para que lhe conte a infidelidade *(o pundas)* que tiver commettido, e taes interrogatorios quasi sempre são acompanhados de chicote ou bibanba; se nega, é levada ao mestre imbolungueiro para lhe dar o juramento, que é uma beberagem que se dá á rapariga; se a vomita é julgada innocente, do contrario é criminosa, e então não deixa de contar, ainda que não seja senão algum preto que lhe poz as mãos em má acção, ou lhe puxou a tanga, e lá vae o barregão cobrar o crime ao preto que ella indicou, que n'este caso são cinco beirames, e se é o panda são quinze beirames.

«Os taes mestres imbolungueiros são uma praga que origina grandes contendas n'estes povos; eu bem os tenho perseguido, mas sem resultado, porque as jurisdicções vizinhas teem os mais afamados.»[1]

«...... e as vagens (cylindricas e compridas, de 1 /½ a 2 ½ pés da linda arvore de mediana altura, *Cassia fistula* de Angola, que habita as mattas um tanto elevadas dos districtos interiores de Angola) encontram-se em todas os mercados das costas, onde são procuradas pelos curandeiros pretos, não para fazer parte de algum remedio, mas sim para lhe servirem de instrumento divinatorio nas suas prophecias, sobre a origem de qualquer doença, acto este em que estes habeis embusteiros empregam a mais circumspecta pericia, explorando d'esta arte não só o pobre enfermo, mas simultaneamente tambem os parentes e conhecidos d'elle, porque todos elles teem que recear de serem apontados ou accusados como causa ou motivo provocador da respectiva doença.»[2]

João Cardoso, Junior

---

[1] *Cazengo.* Descripção d'este districto, por João Guilherme Pereira Barbosa. *(Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino,* n.º 48, maio de 1858.)

[2] Dr. F. Welwitsch. *Madeiras e Drogas medicinaes. (Idem, idem,* n.º 102, 1862.)

II

Feiticeiro quer dizer para os africanos uma entidade tão maligna que não hesita em comer creanças.

Está de tal fórma inveterado n'ella essa concepção que, mesmo fóra dos curandeiros, é muito vulgar qualquer pessoa que adoece e não melhora breve, ou mesmo a familia do doente, suppôr logo que é feiticeiro que o está comendo, sendo chamado a toda a pressa o *curandeiro*, que manda immediatamente pôr de parte os remedios receitados pelo medico, os quaes de nada servem, segundo aquelle.

Preside ao chamamento do *curandeiro a idéa do doente estar fatalmente condemnado se tal não se fizer, pois só elle destruirá os effeitos do feiticeiro.*

A provincia de Cabo Verde, onde ha muitas superstições, tem assás *curandeiros* e *entretem-se* com *feiticeiros* e *feitiçarias.*

Ouçamos o que sobre uns e outros disseram alguns individuos residentes ha annos n'esta provincia e que portanto, já por isto, já pela sua posição e acharem-se mais ou menos em contacto com as massas populares, podem ser tomados como auctoridades na materia sujeita:

«Para os casos que reputam menos complicados — affirma o fallecido chefe do serviço de saude, reformado havia muitos annos, e eximio poeta que foi, dr. Custodio José Duarte[1] — teem então uma pharmacopêa onde tudo quanto o mais baixo e desnorteado empirismo antigamente inventou se acha recamado das coisas mais abjectas e incommodas.»

. . . .

«Os individuos de certa qualidade, quando doentes, chamam o facultativo; mas tanto esses como os outros não dispensam os conselhos dos curandeiros, em que a ilha é abundantissima.

«A extrema acceitação de que gosam funda-se na tradição da ignorancia e na falta de homens de sciencia em que aqui estiveram por muito tempo.

«Em razões economicas não, porque as pagas que elles pedem são exorbitantes e sem comparação com os honorarios que poderia receber o medico mais exigente.

---

[1] *Relatorio do serviço de saude,* concernente a S. Vicente e ao anno de 1872.

«De ordinario é um porco, uma cabra, um burro, um boi ou alguns garrafões de aguardente.

«Os remedios que mais vezes empregam são a coloquintida, em alta dose, a cabaça nova, o azeite de purgueira, a bombadeira e o torta-olho.

«Tudo isto é administrado ao acaso e acompanhado de certas praticas supersticiosas.» [1]

«Para elle (povo da ilha do Sal) — diz o sr. Botelho da Costa, director reformado da alfandega e ex-administrador do concelho [2] — toda a molestia se cifra em *rabada* e *fêtamal,* que assim chamam ao mau olhado, quebranto ou feitiços, recorrendo para curar-se aos benzedores e curandeiros, que, quando por felicidade não matam, deixam arruinados os pobres tontos que lhes caem nas mãos, mas não desanimam, nem se emendam, nem ha quem convencel-os possa da sua estulticia.»

Sobre a ilha de S. Nicolau — diz, finalmente, o sr. conego Caetano da Silva [3] —: «Os maiores prejuizos d'esta gente versam sobre a saude publica, por acreditarem em beneficios e maleficios dos suppostos *feiticeiros* ou *curandeiros,* que, em suas falsidades e imposturas, a todos illudem......

«...... O feiticeiro, pela possibilidade de se transformar e introduzir em qualquer logar sem ser visto, é para elles um ente terrivel e odioso pelos males que pode causar, e as suas palavras são sempre respeitadas e obedecidas, pela virtude de adivinho que lhe attribuem. É tal a idéa que d'elle formam que nem mesmo por mero gracejo consentem que se lhes dê aquelle epitheto, por ser a maior injuria que ha entre elles, e a unica, no dizer de Pussich, que lhes imprime a nota de infamia. — Quando alguem adoece e não melhora com a brevidade que deseja, diz logo que é feiticeiro que o está comendo, e, a meia voz, indica a pessoa de quem desconfia (supposição de que não estão isentas as pessoas mais intimas da familia), chegando a credulidade ao excesso de julgarem nocivos os remedios subministrados pela medicina, ou de nenhum effeito, porque o doente, irremediavelmente, ha de morrer se não vier em seu auxilio um segundo curandeiro que destrua os effeitos do primeiro; detestavel crença, causa de tantas mortes!»

....

De todas as ilhas do archipelago de Cabo Verde, S. Vicente é aquella em que, desde longa data, existe maior numero de europeus.

A ilha de S. Nicolau *ha mais de vinte annos recebe* a influencia européa; *continúa* representada pelo pessoal do «Seminario episcopal», ahi estabelecido.

....

João Cardoso, Junior.

---

[1] Dr. Custodio José Duarte. *Noticia sobre a ilha de Santo Antão.*
[2] *Boletim da Sociedade de Geographia,* 3.ª série, n.º 11.
[3] Idem, n.º 6.

III

Ser feiticeiro é um crime, ás vezes o maior, como, por exemplo, entre os cafres.

Para estes, todo o mal ou qualquer acaso procede de feitiço.

É ao *ganga* (adivinho) que se recorre para saber, por exemplo, quem mandou um tigre que appareceu, quem matou a mulher.

E logo que o *ganga* se pronuncie, indicando um nome, o desgraçado a quem este pertence é sujeito á *prova,* e, se esta o atordôa, logo o queimam vivo.

O *feiticeiro* — como chamam ao *curandeiro* — conjura e desencadeia os elementos, *determina* por encantações e processos especiaes a queda da chuva, *chama a bom caminho* as esposas e as filhas transviadas, pela ameaça de castigos espantosos que a superstição[1] inventa, pelo exorcismo, etc.; e *moralisa,* apparecendo de noite nas casas, sob a fórma de um espantalho, coberto de folhas de arvores e *mascarado...*

Interdiz, por um falso terror, de que não partilha, já se vê, á sua clientella, que muitissimas vezes é representada pela totalidade dos habitantes, não só da povoação em que reside como dos povoados circumvizinhos, a passagem em certos logares, rios, lagos, ilhas ou ilhotas, tornando-se tudo isto desde logo inviolavel para todos, menos para elle, que aufere os proventos.

Prohibe tambem que se toque nos fructos de certas arvores, bem como em certos animaes, etc., e que sejam comidos certos alimentos.

E tudo se torna sagrado para os *credulos,* que chegam, não raras vezes, a soffrer a fome por causa de taes imposições; *mas não é,* bem entendido, para elle *curandeiro-feiticeiro-padre-juiz, cuja mesa está sempre admiravelmente fornecida.*

A credulidade vae ao ponto de, por indicação de tal *mestre-senhor,* se plantarem arvores proximo das casas dos recemnascidos, *ficando desde tal momento dependente a vida d'estes da sorte d'aquella,* e de acreditarem que em sitios altos existem *calmões* (mandados para lá pelo feiticeiro), encarregados de devorarem os fugitivos; de admittirem a existencia de idolos ou fetiches capazes de trazerem a desgraça ou a felicidade, fazerem encontrar a mulher que se pretende ou assegurarem

---

[1] A superstição entre os povos africanos é tão grande que, por vezes, se foge, cheio de medo, *porque é feiticeiro,* de um porco que vagueia de noite, fóra de horas, muito á sua vontade, pelas ruas ou becos das povoações.

João Cardoso, Junior.

a fidelidade d'ella — idolos ou fetiches que serão um talisman no mar ou na guerra, que desviam o fogo ou o raio, bafejam o bom resultado da pesca, a abundancia das colheitas, e que, finalmente, provocam a saude, a doença, o somno e a insomnia.

O *typo* singular, de que vimos fallando, *tudo conhece:* passado, presente e futuro; é esclarecido pelos espiritos; se não salva o doente, dá-lhe a consolação de ser vingado sobre um innocente e de ter um *companheiro* na morte.

De ordinario os casos simples são tratados pelo *baloubeiro menor*, e a *alta medicina* pelo *baloubeiro maior*.

No *arsenal therapeutico* d'estes *figurões* entram as danças, os gritos, as manobras burlescas, etc., tudo acompanhado de pancadas no *bombolon* ou no *bolofon.* [1]

Por vezes os doentes são collocados préviamente ao fundo da casa escolhida para o tratamento n'ella se effectuar, a qual se torna desde logo o ponto de reunião de todas as mulheres e ociosos, que falam, riem e se divertem. [2]

Pobres doentes! Pintados todos os dias com pós de diversas côres, saem a passeio assim ornados, de manhã e á tarde, acompanhados de um côro de mulheres e espalhando durante o percurso sementes seccas.

O passeio, ao principio, é apenas em volta da villa ou aldeia; vae augmentando, porém, gradualmente, podendo attingir leguas até aos logares habitados.

Á noite são obrigados a dançar, e a dança vae augmentando tambem gradualmente, ate ser, não só muito demorada, mas a tornar-se em completo delirio.

Para seguir o effeito da medicação, o *curandeiro* vê o doente a um espelho, e o *tratamento* não pára emquanto elle não descobrir alguma melhora, *o que tem logar no fim de oito dias.*

Outras vezes o tratamento aconselhado é:

a) Repouso, durante alguns dias, em cima de folhas de arvore, ro-

---

[1] *Bombolon* e *bolofon* são dois instrumentos indigenas. O primeiro tem a fórma triangular, e para produzir som forte untam-no de azeite e expõem-no por algum tempo ao fumo. O segundo tem a configuração de um tambor; é feito de calmões, ou de qualquer madeira, e tem uma especie de teclado que produz notas desafinadas.

[2] Isto mesmo augmentado, porém, com a *guiza* (chôro simples, *cantado* ou *soluçado) obrigatoria*, da praxe, do estylo, se observa por alguns ou muitos dias, entre *comes* e *bebes,* na casa onde morreu alguem, e a um canto da qual se mostra, sobre uma mesa coberta de panno preto e galão amarello, e no meio de castiçaes dourados, já gastos, que supportam vélas delgadissimas, de uma côr mystica, apagadas, a imagem de Christo crucificado, a qual é assim testemunha do que se pode classificar, na maior parte dos casos, simplesmente uma *palhaçada.*

João Cardoso, Junior.

deado o enfermo de bolas de argilla, tendo ao lado uma bananeira, *na qual se conserva empoleirada uma gallinha.*

b) Comer medulla de bambu.

Dr. Paul Barret.

c) Beber *agua maravilhosa,* em que se tem deitado, préviamente, em quarto fechado e sem testemunhas, umas *pedrinhas*...

O *curandeiro-feiticeiro-padre-juiz* sabe contemporisar...

Na reserva do seu *veredictum* é avaro, ás vezes, de palavras, mas logo que se julga perdido, e que tem desconfiança que o doente morrerá, apressa-se em estabelecer a accusação terrivel, que immediatamente se traduz em opprobrio e morte quasi certa.

Mas a verdade exige que se diga tambem que, se tal *entidade quasi sempre commette para cada enfermo um duplo assassinato, por vezes tem operado curas admiraveis, graças á riqueza medicinal das florestas, em especial, e da flora das regiões quentes, em geral.*

João Cardoso, Junior.

IV

O feitiço é para o preto o movel e a causa da adoração, o acto com o auxilio do qual esta toma corpo e se realisa, o objecto adorado por si proprio, o idolo que representa a divindade e tão poderoso como esta, a prohibição de fazer uma certa coisa ou de passar além de outra, o apparato mystico do primeiro ao combate onde elle o conjure ou o chame pela magia, pelas encantações, a fim de obter vingança sobre os inimigos ou afastar o mal dos seus amigos.

Fazer feitiço é, de facto, para o preto, uma *expressão sacramental* que está ligada aos habitos os mais insignificantes da sua existencia e aos actos mais graves; é a chave da sua moral, o recurso cheio de transes e desejo, o meio de attrahir a si alguns favores materiaes, desviados do ser da esphera invisivel, ou de afastar a sua colera.

A *arte de curar* é *fazer feitiço por excellencia,* e os que a exercem accumulam com as funcções de *medico* as de *padre* e *juiz.*

Estes singulares typos são de si muito orgulhosos; o orgulho na raça preta está na razão directa da distancia real ou imaginaria que existe entre um typo considerado e o resto da massa negra.

Predominam bastante junto d'ella, porque teem a seu favor o prestigio do desconhecido e do terror; os lucros que auferem são sempre importantes.

Elles, por vezes, exercitam na sua arte rapazes e raparigas da sua familia, e, por esta fórma, a *arte negra* torna-se hereditaria. Para este fim torna-se indispensavel a *vocação precoce.*

A aspirante a ser *mulher fetiche* ou *mulher idolo* é coberta de fitas e de campainhas e pintada de côres magicas. [1] Em seguida é posta em communicação com os espiritos durante muitas semanas. Principiam então n'ella os extasis e a sobreexcitação extraordinaria; torna-se somnambula e é arrebatada a regiões desconhecidas; *vidente,* ella lê no passado, no presente e no futuro, conversa com os espiritos e os mãnes, e por fim, com este regimen infernal, torna-se verdadeiramente possessa. É n'este momento physiologico que as raparigas, suas companheiras, são chamadas; os tambores entontecedores resoam, apparecendo por fim a pythoniza, em altos gritos e dançando. Dirige-se então ao templo, onde profano algum a deve vêr. D'aqui, sempre agitada,

---

[1] O estado mental da que se pretende fazer *mulher fetiche,* etc., recorda, immediatamente, a obra *Magnetisme et Hypnotisme,* do dr. A. Cullere (Paris, 3.ª edição, 1892), n'algumas das suas passagens — *Devins, Mages, Sybilles, Guerisseurs et Toucheurs, Fakirs et Djoguis,* etc. (pag. 15 a 36).

João Cardoso, Junior.

delirante, volta a casa da sua habitação, variando sempre n'estas correrias os seus cantos e a dança. De dia renova-se esta cerimonia até á vespera d'aquelle em que, no maior segredo, se realisa a iniciação definitiva.

. . . .

São idolos ou fetiches uma variedade infinita de objectos: — uma trança de cabello, dentes, ossos, membros inteiros, carne reduzida a cinzas e misturada com pós symbolicos ou reduzida a pó e cuidadosamente arrecadada n'uma concha de caracol, cornos de antilopes ou de cabritos, craneos humanos, etc.

Estes objectos são muitos estimados, e para tal estima concorre poderosamente o *curandeiro,* porque isto traduz-se evidentemente em maior fonte de receita para elle.

Para obter craneos humanos — idolo de alto valor e de tão grande respeito que aquelle que beber aguardente por um d'elles fica, *ipso facto,* obrigado religiosamente a cumprir o que o chefe lhe ordenar — violam-se os tumulos.

Os craneos são seccos e embebidos n'uma tintura vermelha; momificam-os e conservam-os na *casa das encantações (alumbi),* e, em occasião opportuna, é d'elles extrahida a particula, que é misturada na comida do extrangeiro, hospede do chefe, que crê ou finge crer ser este o processo de conseguir o que quer d'aquelle no negocio importante que os poz em frente um do outro.

O *feiticeiro-curandeiro-padre-juiz* varía velhacamente os seus processos, segundo as circumstancias, industria e pessoal, e no proprio local onde se encontra.

A sua habitação — casa fechada onde *arde um fogo sagrado* e que se torna o ponto de reunião dos *fieis* — é inviolavel.

Este é o templo do fetichismo, o qual muitas vezes só se fórma de um momento para outro, quando é preciso recorrer aos espiritos. Tendas de folhagem, servindo á meditação dos crentes, se aggregam ao templo.

. . . .

Paul Barret.

O templo dos *Papeis d'Antim (Senegambia Portugueza)* está assente em *Bandim,* onde reside o regulo; é construido de taipa e coberto de colmo; tem uma infinidade de portas, desviando-se ao centro um grande altar quadrangular, e seis compartimentos, dos quaes estão dependuradas uma grande quantidade de caveiras e ossos de animaes; do lado do oriente arde constantemente uma fogueira, em volta da qual se encontram uma harpia horripilante e os tres *baloubeiros* (sacerdotes) — o *B. maior,* que exerce predominio até sobre o regulo; o *B. menor,* que, por ser o mais novo, falla com a *Hiran,* de quem não

obtem resposta, e o *B. interprete* — do *soberbo alcaçar* do regulo de Antim; do lado do occidente existe uma pequena fresta, onde se consulta a *Hiran,* espirito que elles suppõem alli existir, e que *bebe agua no craneo humano, que se acha enroscada da serpente, e não se rebaixa a fallar a uma creança.*

A consulta á *Hiran* — se o individuo ausente em parte incerta é vivo ou morto, etc. — obriga o interessado, para obter resposta satisfactoria, a deitar aguardente sobre a fresta já referida.

A resposta é dada pelo *baloubeiro* ou pela *sacerdotiza que guarda o fogo sagrado do templo da Hiran,* isto é, o espirito communica-lhes o pensamento pela magia e elles transmittem-no ao consulente.

. . . .

LUIZ FREDERICO DE BARROS.

Os idolos occupam tambem logar nas proprias casas particulares. N'este ultimo caso desempenham junto da familia o officio dos antigos *lares.* São de ambos os sexos, teem fórmas mais ou menos extravagantes, presidem ás refeições, recebem orações, podem ser objecto das maiores honras e presidem ás cerimonias encantadas. São alvo de grande estima para os africanos, e, como *deuses protectores,* são invocados muitas vezes e para varios fins, como, por exemplo, para impedirem o desembarque dos extrangeiros.

. . . .

O preto ama o fetichismo — *essa ficção vulgar, essa crença credula,* tão incapaz de qualquer abstracção como o simples espirito que o forjou, e desprovido da logica sensata de um systema estabelecido em corpo de doutrinas.

As suas concepções são as mais extravagantes, as suas praticas bizarras e o seu culto inconsciente.

Os seus idolos variam de aldeia para aldeia, de casa para casa, de habitante para habitante, conforme as necessidades.

O fetichismo do africano tem por caracteristica o mais refinado egoismo; é portanto pessoal, desconhece o amor e o reconhecimento, é todo de occasião, é sempre pratico. [1]

O preto é uma creança mal creada ou sem educação, egoista e toda materia, que gratifica previamente o idolo, fetiche ou espirito da sua predilecção ou escolha, fazendo com elle, desde logo, um contracto

---

[1] São perfeitamente exactas as observações do dr. Paul Barret, que, na qualidade de medico no Gabão, etc., teve occasião de se achar em contacto com as populações negras, de as estudar, e de... as aturar.

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

tacito, no qual entra em linha de conta o reembolsar-se o mais depressa possivel.

Se o resultado é contrario á sua expectativa, se essa entidade superior não pertence á classe das más ou vingativas, ou das que muito ha a recear, ella desce logo do pedestal a que o preto a soube elevar, e é substituida sem demora por uma outra; além de egoistas e de consummados agentes de contractos e de sonhadores, os pretos são essencialmente calculistas e medrosos..

Definem-se claramente pelo que valem com o seu fetichismo em materia de veneração supersticiosa, idolatria de pessoas e doutrina de systema e de cousas.

DR. PAUL BARRET.

V

As provas judiciaes em toda a Africa não devem admirar-nos. São ellas como um reflexo das provas judiciaes, e em especial dos chamados *juizos de Deus,* que outr'ora houve em quasi todos os paizes.

A differença está em que os africanos, nas suas provas, usaram e usam plantas toxicas como o *muavi,* o *eseré,* o *m'bundu,* o *m'bambu,* o *tanghin.*

No seculo passado, na Allemanha, havia ainda memoria do *supplicio da roda.*

Na Hollanda houve a *balança dos feiticeiros* — invenção de Carlos V — a qual salvou muita gente.

Na Alsacia (Mandreuve, ao pé de Mont Belliard) existiu a *Prova do bordão.*

A *Prova do duello* remonta á mais alta antiguidade; tornou-se judiciaria no seculo V, e manteve-se até 1303, em que foi riscada, havendo duas excepções posteriormente — uma d'ellas em 1375 — por ordem régia.

Da *Prova do ferro em braza,* empregada em Leão, Castella e Portugal, falla-nos o nosso grande historiador Alexandre Herculano.

Do *juramento da agua vermelha,* tal como se pratica ainda hoje entre os Casangas do Casamança, deixou-nos noticia (1594) André Alvares de Almada, no seu *Tratado breve sobre os rios da Guiné.* Os accusados eram obrigados a tirar tres vezes uma agulha, ou qualquer pequeno objecto, do fundo de uma panella cheia de agua a ferver, sendo declarados innocentes no caso provavel de sahirem incolumes d'esta prova.

Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental,* falla-nos do juramento da *Xoqua,* entre os cafres, o qual consistia em lamber um ferro, levado á temperatura rubra.

Modernamente, o dr. Peters, o dr. Bolle, Gamito, Monteiro, O'Neil, Capello e Ivens, n'uma palavra todos que conhecem, mais ou menos praticamente, a Africa, fazem referencias ás provas judiciaes na Senegambia, Gabão, Angola e Moçambique.

Como se deve imaginar — diz o sr. Conde de Ficalho na sua bella obra *Plantas uteis da Africa Portugueza,* pag. 165 — estas provas variam de região para região, na natureza do veneno empregado, nos signaes que levam a condemnar ou absolver o paciente, nas cerimonias que rodeiam o julgamento, e em muitas outras circumstancias. Em geral, as provas servem para averiguar a culpabilidade ou inno-

cencia dos réos accusados de crimes diversos, entre os quaes avulta o de *feitiçaria,* a que attribuem quasi todos os successos notaveis, e particularmente as mortes, sobretudo de regulos, sobas, macotas ou pessoas importantes. Para este fim, o accusado deve tomar uma certa dose de veneno, cujos effeitos são diversos, segundo a natureza da planta, mas que habitualmente produz os seguintes resultados: ou causa a morte e fica reconhecida a culpabilidade e ao mesmo tempo applicado o castigo, ou determina evacuações, o que tambem é considerado signal certo de que o réo é criminoso, ou, finalmente, provoca vomitos, e, n'este caso, é proclamada a sua innocencia.

Variadas vezes as provas se complicam com circumstancias accessorias, obrigando-se o accusado, quando já está sob a influencia do veneno, a percorrer uma linha recta sem cahir, ou a reconhecer os objectos que se lhe apresentam, etc.; mas, em geral, são os citados effeitos do veneno que determinam a convicção verdadeira ou simulada dos juizes.

Recorrendo-se a estas provas sob o mais futil pretexto, passando os bens do condemnado, as suas mulheres e os seus parentes a sérem propriedade do rei, e sendo facil a quem prepara o veneno temperal-o de modo que denuncie, segundo a sua vontade, a innocencia ou a culpabilidade do réo, resulta de tudo isto que tão singular modo de administrar a justiça é a origem de extorsões, violencias e horrores de toda a natureza. No emtanto a crença n'estas provas está arreigada no espirito dos negros, e, quando se julgam innocentes, submettem-se a ellas sem reluctancia, persuadidos de que as atravessarão sãos e salvos.

A substancia mais extensamente empregada n'estas provas é a casca do *Erythrophloeum guineense,* especie muito espalhada pela Africa tropical, observada em diversas regiões e descripta sob nomes differentes. É uma arvore vistosa, tendo bonitas e perfumadas flôres, mas escondendo sob este aspecto enganador alguns principios energicamente toxicos, localisados principalmente na casca.[1]

*

* *

O macerado da casca do *Erythrophloeum guineense* é de uma bella côr vermelha sombria; a casca encerra o principio activo, a *erythropleina,* que foi isolada por Ronhaud, na Goré, e por Gallois e Hardy posteriormente.

---

[1] Sobre este assumpto é mui digno de lêr-se *todo* o capitulo do sr. Conde de Ficalho, obra já citada, *Muave,* pag. 165 a 171.

O *eseré* é o *Physostigma venenosum;* o *m'bundu* é uma especie do genero *Strychnos.*

João Cardoso, Junior.

A *erythropleina* é crystallizavel, incolor, soluvel na agua, no alcool e ether acetico, insoluvel ou pouco soluvel no ether sulfurico e chloroformio. Combina-se com as bases, para formar saes, e dá as seguintes reacções:

REAGENTES	PRECIPITADOS
Iodeto de potassio..................................	Amarello-avermelhado.
Iodeto duplo de mercurio e de potassio...............	Branco.
» » de cadmio e de potassio..................	Branco floconoso.
» » de bismutho e de cadmio...............	Amarello.
Bichromato de potassio.............................	Amarellado.
Bichromato de mercurio............................	Branco.
Chloreto de ouro....................................	Esbranquiçado.
Chloreto de palladium..............................	Branco.
Acido phosphomolybdico...........................	Amarello-esverdeado.

Segundo Vulpian, a *erythropleina* determina a paralysia do coração, em systole, e obra á maneira do *Upas-antiar*, do *Strophanthus hispidus*, do *Tanghinifera venenifera*, do *Loureiro-rosa*, do *Therevetia neriifolia*, etc.; obra sobre as mucosas do estomago e do intestino, que são profundamente alteradas; é um fortificante e um calmante do coração, sendo as suas propriedades identicas ás da digitalina e da picrotoxina.

O dr. Dujardin-Beaumetz reconhece-lhe as propriedades da *Digitalis*, e as de tonica do coração e diuretica.

O dr. Lewin emprega-a, com successo, em collyrio, e como anesthesica, para os olhos.

A tintura a $^1/_{10}$ emprega-se de 5 a 10 gottas, tres vezes por dia; os granulos de $^1/_{10}$ de milligramma, de 1 a 2, por dia.

Até hoje (1887) não foram descriptos os symptomas e as lesões que a *erythropleina* causa no homem, mas conhecem-se os phenomenos por que teem passado certos mammiferos, como macacos, chacaes, cães e coelhos, sujeitos á sua acção.

Eis como o dr. Corre—*Illustração medica africana*—se exprime, a este respeito, n'um trabalho em que collaborou, e em que ás suas observações se acham alliadas as de outros obreiros da sciencia[1]:

«Quelques minutes après l'administration du poison, l'animal éprouve de l'inquietude; il se réfugie dans un coin, il s'accroupit ou

---

[1] A. Corre. *Journal de thérapeutique de Gubler*, 1876.
Gallois et Hardy. *Journal de pharmacie et de chimie*, *Bulletin de la Société de biologie*, *Bulletin général de thérapeutique*, 1875–1876

s'affaisse; les traits s'étirent, les yeux deviennent ternes et comme larmoyants, les pupilles se dilatent; mouvements de mâchonnement, sali vation, écume à la bouchc (quelle qu'ait été la voie d'administration du toxique), puis vomissements très penibles, et de plus en plus répétés, de matières glaireuses et spumeuses; un peu plus tard, excrétion de matières fécales et de matières analogues à celles des vomissements par l'anus, excretion d'urines claires, en même temps que la prostation s'accuse davantage.

«Quelques cris plaintifs, sorte de crispation des extrémités, allongement spasmodique du cou, rétraction du ventre, mouvements vacillants et incertains, très affaiblis dans les derniers moments (l'animal tombe et reste étendu sur l'un des flancs), sensibilité très émoussée; pouls accéléré, petit; respiration irrégulière, tantôt précipitée, tantôt ralentie; température rectale très diminuée; trismus, hoquet, secousses convulsives précédant ordinairement la mort. Celle-ci est presque foudroyante chez les animaux de petite taille (rats). A l'autopsie, congestion plus ou moins prononcée des viscères abdominaux; muqueuse gastro-intestinale recouverte par une couche assez épaisse de matières glaireuses, souvent rosées et comme sanguinolentes; la membrane est épaissie, eschymosée par places (même quand le poison a été introduit par voie hypodermique), quelquefois cependant pâle, presque exsangue (quand la mort a été rapide), quelquefois aussi légérement ulcérée (?). Poumons hypérémiés; oreillettes dilatées, ventricules contractés; injection des membranes cérébro-spinales, sourtout au niveau du mésocéphale, où l'on peut constater des raptus hémorrhagiques, piqueté de la substance cérébrale. Il nous a été donné de constater, dans un cas, l'annihilation réciproque des effets de la strychnine et de l'érythropléine l'une par l'autre. L'indication, dans un empoisonnement par le teli, comme en toute autre substance du même ordre, serait, après l'administration des évacuants, l'emploi des stimulants cardiaques.»

No Rio Nuno os indigenas consideram a casca da acacia, por elles conhecida por *sink (Acacia gracilis?)*, como contra-veneno do *Erythrophloeum guineense*.

João Cardoso, Junior.

*

* *

O parente mais proximo do fallecido arranca a planta pela sua propria mão, e vae leval-a, ante-manhã, ao mestre que deve applical-a, o qual já está esperando, no campo, para esse fim. D'esta planta, que elle mesmo pisa com pilão de pau, fórma tres bolos eguaes, cada um do tamanho de um limão.

Os condemnados a beber o *muavi* estão em custodia desde o dia

antecedente, e com elles todos os outros que se presumem co-réos, não tanto para os terem seguros, senão por tolherem que comam alguma coisa. Na hora aprazada são levados ao logar da execução, em companhia de todos os da aldeia e seus arredores, e, como estejam a rosto com o mestre, ajoelham, cruzam as mãos, recebem na esquerda aquelles tres bolos, que mastigam e engolem, retirando-se depois para alguma distancia, aonde estão seus parentes e os do fallecido ou do queixoso, conforme a natureza da culpa.

Todos os assistentes se formam em duas alas, armado cada um d'elles de uma varinha de verbena, que rodeiam e cruzam nos ares, triangularmente, e um d'elles brada em altas vozes:

— «Se este individuo é o feiticeiro que obrou o maleficio, o muavi o arrebente!»

— «Seja assim», respondem todos em côro.

— «Se elle o não é, e falsamente o accusam, o muavi o deixe viver.»

— «Embora viva!», repetem todos a um tempo.

Repetem, alternadamente, esta imprecação até os accusados, que passeiam pelas alas, vomitarem ou cahirem por terra atordoados; então os matam e os queimam, captivam-lhes a mulher e os filhos, e os bens a favor dos parentes do morto, salvo nos crimes de morte e de adulterio, em que não ha confisco.

O que não vomitou nem cahiu é havido por innocente, e todos o acompanham a casa, aonde lhes acodem logo com uma bebida emetica para expulsar o veneno, e fazem *purures* por tres dias, que quer dizer festas publicas de regosijo. Como seja pratica entre elles deixarem ás partes o seu direito, usam d'elle contra os accusadores, requerendo a pena de talião, que alli é havida pela mais conforme á justiça. Compete a acção não só ao accusado, senão a toda a familia, sem exceptuar os soccorros.

Sebastião Xavier Botelho — *Memoria estatistica.*

*

* *

Juramento do muavi e cerimonial

Estando as partes litigantes com seus defensores e pessoas de familia na presença do capitão-mór, manda este chamar o cuchecucheiro (mezinheiro, adivinho), e o faz recolher a uma palhota, onde permanece incommunicavel por espaço de doze horas, pelo menos, sendo guardado á vista pelos parentes ou pessoas de confiança de uma e outra parte, a fim de que não possa ser subornado.

Entretanto o capitão-mór faz convocar os regulos vizinhos e a sua gente para presenciar o julgamento.

Depois de apparecer numero sufficiente de regulos, são chamados os litigantes, que são obrigados a prometter sujeição á decisão, depositando n'este acto uma determinada quantia como multa, ou antes impostos de licença, para a fazenda publica (8$000 a 10$000), a pagar a importancia dos emolumentos dos empregados das terras, a pagar ao cuchecucheiro, e finalmente a depositar a importancia combinada, que deve receber, como indemnisação, o que ficar absolvido.

Satisfeitos estes encargos dá-se principio á cerimonia pela seguinte maneira: fórma-se um grande circulo de povo, collocam-se no centro os litigantes, que teem sempre ao pé de si os padrinhos (parentes). Apresenta-se em seguida o cuchecucheiro, sempre guardado á vista, e, depois de ter pronunciado uma curta arenga, pede a cada uma das partes uma manilha de metal, que estes costumam trazer no braço como adorno, e as guarda sem cerimonia, entregando, em troca, a cada um, uma gallinha que toma das mãos do capitão-mór, que assiste com o seu estado a este acto. Em seguida applica ás gallinhas uma certa dose de veneno, que de antemão se prepara, e é feito de succo de plantas só conhecidas dos negros. Para ministrar o veneno, lança a mão a uma folha de arvore, que dobra em fórma de funil, e que lhe serve para o medir e introduzir no bico.

Os litigantes e os espectadores, no maior silencio e com a maior anciedade, esperam o resultado, que se não faz demorar.

No fim de dez ou doze minutos uma das gallinhas morre; o vencedor eleva então a sua gallinha sobre a cabeça, a fim de que todos a vejam viva e reconheçam a sua innocencia.

Como é de prever, esta gallinha poucos minutos sobrevive á outra.

Todos os circumstantes soltam grandes gritos e acompanham o vencedor em triumpho.

O vencido trata de desapparecer, a fim de não ser insultado, sendo preciso muitas vezes recorrer á protecção do capitão-mór, porque tendo sido a questão de feitiço, por exemplo, o desgraçado corre risco de ser morto pelos outros negros. Em 1852 ou 1853 o governador Pinho mandou dar muavi a uns negros da povoação de Murrumbeui, accusados pelo regulo de feiticeiros, e permittiu que estes desgraçados tomassem o veneno, de fórma que morreram alguns. D'essa epocha em deante não se permittiu mais tal barbaridade.

Consentiu-se que houvesse o juramento do muavi, mas determinou-se que o veneno fosse applicado ás gallinhas. Não era possivel banir, de repente, este uso. Impoz-se uma multa, para o estado, aos pretos que quizessem praticar este juramento, com o fim unico de o difficultar. Esta medida tem sortido bons effeitos. Os pretos já raras vezes se apresentam a pedir que as suas pendencias sejam julgadas por semelhante fórma.

Dr. Ferreira Ribeiro.

*
* *

. . . .

Resta-nos fallar da ultima especie de provas judiciaes, a dos juizos de Deus. Os wisigodos parece terem desconhecido este meio barbaro de defesa. Na sua legislação não se encontra o menor vestigio do uso judicial do ferro candente ou do combate singular. Quanto á prova caldaria, que consistia em metter o réo o braço em uma caldeira de agua a ferver, prova que se menciona no codice wisigothico, o mais crivel é que fosse alli inserida, nos tempos posteriores á conquista arabe, a disposição que indirectamente se refere a ella. Desde o seculo XII, porém, o systema dos juizos de Deus, vindo provavelmente dos paizes francos de além dos Pyreneos, foi-se gradualmente introduzindo e radicando nas monarchias estabelecidas pela reacção christã. Das tres formulas: a prova caldaria, o ferro em braza e o combate singular, só as duas ultimas continuavam a vigorar na organisação judicial dos nossos municipios, e os vestigios da sua conservação, apesar das tendencias em contrario de legislação geral, mais humana e judiciosa que os costumes locaes, são numerosos e profundos. Nos concelhos do typo de Salamanca é onde o uso do ferro candente, como meio de averiguar a innocencia ou a culpa dos réos, nos apparece mais vezes applicado em varias hypotheses, mas sobretudo nos processos de roubo. Em outros concelhos vêmol-o usado tambem nas causas de assassinio. Os foraes e costumes que nos restam não particularisam as cerimonias que se empregam n'este singular methodo de recorrer á Providencia para a manifestação da verdade; mas os monumentos dos concelhos de Leão e de Castella, onde a prova do ferro candente era assás commum, descrevem miudamente essas cerimonias. Conforme os fóros de Cuenca, a chapa empregada n'este mister devia estar levantada sobre quatro pés com sufficiente altura para o réo ou a ré metterem a mão por baixo, sendo da largura de dois dedos e do comprimento de um palmo. O juiz e um sacerdote punham a aquecer o ferro, e, emquanto não estava em braza, a ninguem mais era permittido chegar-se ao pé d'elle, para não haver algum dolo. A pessoa que tinha de passar pela prova era primeiro examinada e obrigada depois a lavar e enxugar a mão deante de todos. Pegava então no ferro, sustentando-o pela parte inferior, andava com elle o espaço de nove pés e punha-o devagar no chão, ao passo que o sacerdote a abençoava. Immediatamente o juiz cobria-lhe a mão com cera, punha-lhe por cima linho ou estopa, e enfaixava tudo com um panno. Tres dias depois examinava-se o estado da mão, e, se n'esta apparecia queimadura, o réo era irremessivelmente condemnado.

Na nossa jurisprudencia municipal o combate singular *(repto)* foi adoptado egualmente como meio de defesa judicial. Nos casos de roubo,

a prova do ferro candente é muitas vezes substituida pelo duello nos foraes da segunda fórmula. Nas causas crimes entre habitantes de diversos concelhos, que se decidiam nos medianidos, achámos vestigios do combate judicial, e já tambem notámos que o foral-typo de Evora estabelecia em regra, n'essa hypothese, a alternativa do repto ou da prova testemunhal. Na verdade, diversas cartas municipaes d'este typo, concebidas sob a influencia de idéas mais humanas e judiciosas, não se limitavam a excluir a *firma* nos processos, e com ella a compurgação que lhe era correlativa, mas, excluindo tambem o duello, reduziam todas as contendas com extranhos á *exquisa*. Em compensação, pela orla meridional da Beira, onde a organisação municipal da segunda fórmula e a da terceira se compenetravam, o repto era positivamente estatuido nos respectivos foraes, como equivalente á prova testemunhal no caso de medianido. Entretanto, apesar de consagrado o principio do duello n'um grande numero de cartas constitucionaes de concelhos tanto perfeitos como imperfeitos, esse meio judicial parece ter-se obliterado sobretudo nas provincias meridionaes, porque nos costumes dos mesmos concelhos da Extremadura e do Alemtejo, onde os foraes estatuem o repto, não se acham vestigios do seu uso no seculo XIII, nem nos costumes que a elle deviam forçosamente referir-se, nem em outro algum monumento, ao passo que tantos encontramos dos systemas de inquerito e de compurgação. Accorde com a rudeza de todas as outras instituições locaes, esta prova barbara onde parece resistir por mais tempo aos progressos da civilisação é pela Beira oriental e pela orla meridional de Traz-os-Montes, isto é, pelos territorios onde predomina a carta municipal de Salamanca. Os costumes da Guarda applicam-na largamente. Nos homicidios, nas affrontas e nos ferimentos, ella era positivamente ordenada, ou admittida facultativamente, conforme as circumstancias do delicto. Em alguns foraes do mesmo typo, ella é facultativa, como substituição do ferro candente, nos crimes de roubo, levando os costumes a sua applicação ao excesso de ter de a empregar para a propria defesa o réo accusado de apanhar com rede pombos alheios, se o queixoso a preferia á do ferro em braza. A esta mesma alternativa estava sujeito aquelle que, havendo recebido de alguem por prestamo uma herdade, negava, ao dono d'ella, o reconhecimento de senhorio. O mouro ou moura convertidos, e que obtendo carta de alforria, a davam a guardar a alguem, se esse individuo recusava restituir-lh'a tinham jus a obrigal-o á prova do ferro ou á *lide*. Bastava que qualquer fosse accusado de ter acolhido um solarengo rebelde ou um extranho inimigo de vizinho seu para estar sujeito a provar de um d'esses dois modos a propria innocencia. O mesmo succedia aos moradores do campo quando, havendo appellido por entrada de inimigos, deixavam de acudir e que por esse facto o gado de alguem era roubado. Estes exemplos bastam para avaliarmos quão frequentemente se recorria áquelle brutal meio de defesa n'esses districtos, onde por tantos modos temos visto manifestar-se a nativa ferocidade de seus habitantes.

Pelo que respeita ás formalidades do combate judicial, os monu-

mentos municipaes d'aquella epocha subministram-nos diversas especies curiosas. Da disposição anteriormente citada, ácerca das cartas de alforria dos mouros convertidos, se deduz claramente que o queixoso podia dar por si um campeão, visto que a mulher forra tinha direito de chamar o réo á prova do repto. O mesmo se conclue de serem os aldeões, acccusados de remissos em correr ao appellido, constrangidos a defender-se judicialmente por *lide*, não sendo crivel que n'esse caso viessem combater todos juntos, e ainda acceitando semelhante hypothese fôra necessario admittir campeões em numero egual por parte do accusador. Pelos costumes da Guarda, o que queria chamar outro homem a combate, nos casos em que este era admissivel, ia desafial-o com tres vizinhos, ou enviava doze a desafial-o em seu nome. O réo tinha então nove dias para dar judicialmente reparação do damno ou offensa de que o accusavam; mas, passados nove dias, ou se encerrava em casa, acolhendo-se á immunidade d'esta (e d'ahi não podia sahir sem ser multado), ou tinha de combater. Se já estava encerrado por outro desafio, e queria evitar o segundo, vindo ao tribunal confessar-se culpado, não podia o anterior adversario fazer-lhe mal algum durante a ida e volta. Havia uma devesa, ou logar determinado para estes duellos, e os alcaldes assignalavam os limites para fóra dos quaes nenhum dos dois campeões podia passar. Se alguns d'elles, quer a lide fosse a pé, quer a cavallo, os transpunha e buscava guarida, receando o desfecho da lucta, e se, intimado pelos alcaldes para voltar ao campo, não obedecia, era considerado como vencido, ou, conforme a phrase d'aquelle tempo, como *cahido*.

Faziam-se estes duellos, segundo se vê de alguns foraes, a cavallo com lança e escudo, ou a pé com clava ou bordão, distincção que se achava em harmonia com a existencia das duas classes de cavalleiros e de peões. N'algumas partes era estatuido por fôro que os combatentes tivessem por unica arma defensiva o escudo e por unica arma offensiva a clava, prohibindo-se, expressamente, o uso de elmo e loriga.

Nenhuns documentos, porém, d'aquella epocha nos subministram especies tão particularisadas, ácerca d'esta especie de juizo de Deus, como os fóros dos grandes concelhos da margem direita do Côa e dos que lhes ficam ao meio dia, Castello Rodrigo, Castello Bom, Sabugal e Alfaiates. Esses fóros, a bem dizer identicos ou pelo menos pertencentes a um typo commum, regulam todas as circumstancias dos combates judiciaes. As suas provisões a este respeito são as seguintes: resolvido o duello, os alcaldes examinavam se os lidadores eram eguaes em forças, e, sendo-o, iam todos, d'ahi a tres dias, assistir á missa da alva na egreja matriz. Escolhiam então os combatentes, por padrinhos, dois alcaldes, e armavam-se, depois do que ambos os campeões prestavam juramento: o reptador, ou quem o representava, de que o direito e a razão estavam da sua parte; e o reptado, ou quem o substituia, de que o juramento do seu adversario era falso.

Esta particularidade indica-nos que, apesar das rudes idéas d'aquelle tempo, havia um sentimento mais ou menos vago do absurdo da prova por armas. Fazendo anteceder a ella uma especie de

prova de juramento contradictorio, o resultado do combate podia considerar-se como uma vingança celeste, visto que, necessariamente, um dos dois campeões jurava falso. O que sustentava a acção era obrigado a dar fiança de que no caso de ser vencido pagaria, em dobro, o valor da causa e o estrago das armas, verificando os alcaldes se o fiador era sufficiente. Desde que davam o juramento, era tolhida, aos lidadores, toda a communicação externa. Qualquer pessoa que entrasse na egreja tinha de pagar aos alcaldes um morabitino, e os dois padrinhos deviam expulsal-a, sob pena de perjurio. Quem, no logar do combate, entrava para dentro das balisas era levado perante os alcaldes e multado em seis morabitinos, salvo sendo algum viandante que, accidentalmente, por alli transitasse. Do mesmo modo nenhum dos campeões podia sahir para fóra das balisas, ou lançar mão de outras armas que não fossem as suas, nem apoderar-se das do seu adversario, ou pegar em pedras ou torrões, nem receber de alguem vestidos ou pão, nem cortar as redeas ou cabeçadas do cavallo do contendor ou matar-lh'o. E se porventura acontecia alguns d'estes accidentes, devia declarar com juramento que o não fizera de proposito. Morto o cavallo, montava o que ficava a pé n'outro, cujo preço taxado de antemão tinha de pagar o adversario, dando desde logo fiadores idoneos. Quanto ás armas rotas pagava-as o vencido. Se o reptado punha pé em terra, devia esperar o seu adversario no campo, de modo que os alcaldes vissem que este o podia offender por todos os lados, e era obrigado a defender-se, durante tres dias, desde sol nado até sol posto. Se então o reptador se apeava, tinha de esperar que o acommettesse o reptado, o qual devia combater com elle braço a braço, atacando-o tres vezes por dia, e ferindo-o no elmo, na loriga, no escudo, ou em quaesquer armas que tivesse, excepto na lança, ou finalmente no corpo. Se o reptado se conservava a cavallo, podia ainda assim combater o adversario as tres vezes por dia, e se este não o derribava e vencia ficava elle vencedor. Como já vimos, não era licito a nenhum dos contendores ultrapassar as balisas postas pelos alcaldes, e qualquer d'elles que quebrasse as leis do repto, por esse facto era desde logo reputado como *cahido*. As prevenções que se tomavam, desde que começava o desafio, para que o equilibrio, entre as forças physicas e moraes dos dois contendores, não fosse destruida por meios extranhos, eram assás singulares. Aquelle dos dois que, depois de estar encerrado na egreja, tomava qualquer refeição leve, era multado em meio morabitino para os padrinhos, e, depois de sahirem para combater, tantos morabitinos tinha de lhes dar o vencido quantos dias durava a lide.

Se ambos tomavam refeição, por ambos era paga a multa. Quem vinha cantar com qualquer d'elles, ou lhe trazia de comer, multavam-n'o em cinco morabitinos, porque, estando ambos sob a guarda dos dois alcaldes que lhes serviam de padrinhos, com elles deviam comer, e só durante esta comida se podiam desarmar. Cada dia dos que durava o duello, quando o sol se punha, os alcaldes conduziam á villa os dois campeões, e na manhã seguinte haviam de apresental-os no campo antes do meio dia, sob pena de perjurio. A prohibição de se

entrar no terreno demarcado para o recontro não abrangia os magistrados e officiaes do concelho. Finalmente, o que animava com palavras algum dos contendores, ou dava vozes ou silvos ao que *cahia,* pagava a multa de cinco morabitinos.

Tal era a ordem das provas judiciaes nos julgamentos dos nossos primitivos concelhos. Por imperfeitas que ellas fossem em geral, por barbaro e absurdo que fosse o systema dos juizos de Deus, é certo que o pensamento de todos esses methodos, mais ou menos complicados, mais ou menos seguros, de averiguar a verdade, fôra o de crear garantias a favor da innocencia contra o crime. Para apreciar com justiça a indole de semelhantes instituições importa não as vêr á luz da civilisação actual, mas, remontando a essas eras, medil-as pelos costumes e idéas de então, quando o sentimento religioso, não só profundo, mas tambem exagerado, dava um grande valor ao juramento d'alma, sobretudo quando era feito sobre a cruz; a essas eras em que se acreditava que, não bastando á Providencia as leis physicas e moraes com que ella revela a sabedoria eterna no regimento das coisas humanas, o seu dedo apparecia a cada momento em manifestações miraculosas, e que a vontade do homem podia compellil-a a semelhantes manifestações; n'essas eras, emfim, em que a força e o esforço estavam como cercados de uma aureola divina, e, tantas vezes e em tantas coisas, substituiam a justiça e o direito.

A. Herculano —*Historia de Portugal,* vol. IV.

CAPITULO VII

Aguas minero-medicinaes das regiões quentes Portuguezas

As aguas mineraes offerecem ao Medico e ao Enfermo hum dos mais importantes e ao mesmo tempo o mais simples meio de curar e de prevenir as enfermidades, se o seu anterior conhecimento assim de seus *contentes,* como de seu bom uso firmado com o sello da verdadeira experiencia affiança e assegura o bom successo da sua administração.

Francisco Tavares. *Instrucções e Cautelas Practicas,* etc.

São as aguas medicinaes naturaes uns dos mais importantes meios therapeuticos de que a clinica faz uso no tratamento de varias molestias.

O empirismo já desde tempos immemoriaes recommendava o emprego d'este meio, como efficaz em muitos casos, em que os methodos chamados naturaes eram impotentes para debellar estados pathologicos que encontravam o seu termo, ou consideraveis melhoras, em certas fontes naturaes.

Dr. Raymundo da Silva Motta.

As aguas mineraes da ilha de Santo Antão, levadas a todas as ilhas do archipelago, á Senegambia, ás ilhas de S. Thomé e Principe, a Angola, attrahirão interesses á provincia de Cabo Verde, cujo progresso, forçoso é confessar, tem sido demasiado lento.

Dr. Frederico Hopffer.

Aguas minero-medicinaes das regiões quentes Portuguezas

Nas Possessões Ultramarinas Portuguezas ha aguas minero-medicinaes. E comquanto não tenham sido estudadas até hoje pela fórma que o estado da sciencia aconselha e o proprio interesse do Estado e o das populações o estão exigindo, ellas, de longa data, são aproveitatadas, como, por exemplo, na Provincia de Cabo Verde, as alcalino-gazosas e as ferreas das ilhas de Santo Antão e Brava, e até, ultimamente, esta utilisação se tornou official, principiando, por esta sorte, a fazer-se, a favor de Portugal, uma certa economia, que pode mais tarde, e facilmente, avultar, quando substituam, por completo, aguas como as de Vidago, e não só dentro da Provincia como na Guiné, S. Thomé e Principe, pelo menos.

Se d'ellas pretendessemos fazer um inventario de certo não escapariam ao arrolamento as correspondentes ás seguintes localidades:

Mappa de aguas minero-medicinaes

LOCALIDADES	POSSESSÕES
Ilha de Santo Antão:	
Ribeira de Dentro (João Affonso)........................	Cabo-Verde.
Cham de Pedra..	
Canto de Cirio (Ribeira das Patas)......................	
Caibros da Ribeira do Jorge.....	
Ribeira do Feitor (Paul).....	
Ribeira da Silveira da Anna (Paul)......................	
Lombo de Santa (Paul).................................	
Etc., etc.	
Ilha Brava:	
Vinagre	
Duque de Bragança....................................	Angola.
Mossamedes..	
Mutiquite..	Moçambique.
Failacor, Bibissusso, Allas, Lacluta, Altesaba.............	Timor.
Pedra Agulha (Rio Geba), Jabadá (Rio Geba), Buba	Guiné.
Bardez	India.
Assonorá..	

Os drs. Frederico Hopffer e Custodio José Duarte foram os que estudaram, tanto quanto as circumstancias lhes permittiram, ha mais de vinte annos, as então mais nomeadas aguas-mineraes da ilha de Santo Antão.

Nos mappas que adeante seguem, e que nós formámos de proposito, acham-se reunidos todos os elementos determinados pelo segundo d'estes illustres funccionarios; o relatorio do dr. Hopffer é documento que merece não ser esquecido, e de proposito tambem adeante segue, e na sua integra.

A agua dos Caibros da Ribeira do Jorge é ferrea.

A da Ribeira do Feitor é bicarbonatada sodica.

A de Lombo de Santa é alcalino-ferruginosa. Julga o sr. dr. Bernardo José de Oliveira[1] poder applicar-se esta agua nos seguintes ca-

[1] O dr. Bernardo José de Oliveira foi um dos mais distinctos clinicos que

sos: dysenteria chronica, cachexia palustre, engorgitamentos visceraes, inappetencia, dysmenorrhea e dyspepsia.

A da Ribeira de Silveira da Anna é a que está sendo utilisada, tambem officialmente, na Provincia de Cabo Verde.

Estas tres ultimas nascentes mineraes não foram conhecidas, pois são modernas, pelos srs. drs. Custodio e F. Hopffer.

Trabalhou bastante o sr. dr. Hopffer para que as aguas minero-medicinaes da ilha de Santo Antão fossem convenientemente analysadas e aproveitadas.

Posteriormente, em 1886, pouco tempo depois de chegarmos á ilha de Santo Antão offerecemo-nos para encetar, gratuitamente, esse estudo chimico.

Não obstante tudo isto, das aguas minero-medicinaes da ilha de Santo Antão, pouco mais se sabe hoje do que se sabia em 1871![1]

Este *facto* attribuimol-o nós a não haver, na Metropole, uma idéa exacta do que existe de valioso pelo Ultramar, bem como ácerca do partido que se pode tirar do que a propria Natureza, principalmente nos climas quentes, offerece, sempre prodiga, sempre previdente, sempre amiga.

Na Guiné, uma das nascentes (Buba) é ferrea, outra é alcalina (Pedra Agulha), não estando bem averiguada a natureza da terceira.

Na ilha de S. Thomé ha aguas alcalinas, ferreas e sulfurosas.

São sulfurosas as aguas do Duque de Bragança e as de Timor.

Na India, duas das tres nascentes (Bardez) são de aguas ferreas.

A agua de Mutiquite é sulfurosa, e foi estudada, pela fórma que adeante transcrevemos, pelo sr. cirurgião de 1.ª classe da armada, Antonio Pinto Roquette (1862).

João Cardoso, Junior.

Cabo Verde tem tido; era natural da ilha de Santo Antão, e, portanto, patricio do pharmaceutico chimico Roberto Duarte Silva, que, pela sciencia, honrou, á devida altúra, o nome de Portugal, em Paris.

Os drs. Hopffer, Custodio Duarte e Bernardo de Oliveira foram contemporaneos, prestando serviço no Quadro de saude de Cabo Verde. D'esta trindade, verdadeiramente illustre e distincta, só hoje existe o dr. Hopffer, trabalhador incansavel, digno de por todos ser imitado, em beneficio do nosso Paiz.

[1] Este estado de coisas persiste, infelizmente, ainda na actualidade!

E, apesar de tudo o mais que recommenda aos poderes publicos a ilha de Santo Antão, esta presta-se admiravelmente ao estabelecimento n'ella, por conta do Estado, de um *sanatorium*.

Por que tantas hesitações e demoras quando tudo isto pode reverter em beneficio de muitos, e dos proprios interesses de Portugal?

Praia, fevereiro de 1903.

João Cardoso, Junior.

I

Ilha de Santo Antão

DESIGNAÇAO DAS NASCENTES E SUAS LOCALIDADES	CARACTERES
Fonte da Ribeira de Dentro (João Affonso)	Fica situada em um barranco escuso nas profundezas de uma ampla bacia, formada por alcantilados montes, rasgados em todo o sentido por quebradas sem conto, d'onde innumeraveis fios de agua vão ao longe nutrir uma virente vegetação. Brota e despenha-se, em numerosas lagrimas, da margem esquerda da ribeira, tão pouco superior ás aguas de rega proximas que estas, juntando-se em um tanque que alli ha, a cobrem por vezes quasi completamente. Vem de uma rocha basaltica, nua, revestida de um chão de lavra; mas o solo nas proximidades é argillo-silicioso. Volume: doze pennas. Temperatura: 25° centigrados. Sabor: fortemente adstringente. Não tem cheiro. Perfeitamente limpida, quando apanhada com cuidado. Exposição: ao norte. Altitude: cerca de 200 metros acima do nivel do mar. O vento na localidade onde não ha pantanos: o nordeste na maior parte do anno.
Nascente do Doutor (Cham de Pedra)	A nascente quasi á base da margem direita está exposta ao norte, e fica sobre o mar perto de 150 metros. Ventos mais conhecidos alli: os de nordeste. Por estar correndo debaixo de uma levada, não é bem visivel o ponto de que rebenta; é natural, porém, que saia de alguma fenda das enormes rochas que ali se encontram. Nenhum reservatorio a recebe. Obra alguma d'esta a resguarda. Nasce e é logo recolhida. Não mede, talvez, oito pennas. É inodora e completamente transparente. É notavelmente adstringente, mas menos que a de João Affonso. Na estructura dos terrenos proximos entram em muitas, e em differentes combinações, a argilla e a silica, e propriamente no logar ha só rochas basalticas ou sedimentosas. A sua temperatura, pouco superior á da corrente proxima, é de 27° centigrados, sendo a da segunda 26°,5.

DESIGNAÇAO DAS NASCENTES E SUAS LOCALIDADES	CARACTERES
Fonte do Cirio ou *Fonte do Canto do Cirio* (Ribeira das Patas)	Em um dos innumeros algares da vastissima Ribeira das Patas. O sitio em que a fonte nasce é um barrocal augusto e pedregoso, que se precipita por uma encosta pendente na direcção de nordeste e susudoeste, livre de terreno algum paludoso. Acha-se a nordeste e a uma altitude de 420 metros pouco mais ou menos acima do nivel maritimo. São de nordeste os ventos que alli sopram. Nas terras dos contornos, inclinadas e quebradissimas, acham-se dispostas algumas hortas, compostas principalmente de canna saccharina. Enormes troncos de purgueira crescem vigorosos n'aquelle chão. Ha tambem perto uns restos de vinhedo. A nascente surge da escarpa da ribeira, a pouco mais de um metro do alveo, e escorre logo pela rocha subjacente. Temperatura: ás 10 ou 11 horas da manhã 26 centigrados, marcando o thermometro ao ar livre e ao sol 28°,5. É bastante adstricta. Não affecta o olfacto, e se, a alguma distancia, está embaciada por sedimentos amarellados, na nascente é crystallina.
Agua Fervente (Garça)	O logar onde a agua tem nascença é uma pequena dobra do solo sobrepujada de serranias elevadas, e defrontando ao longe com escarpas alterosas e quasi inaccessiveis, onde, comtudo, de espaço a espaço, uma miseravel choça estende ao sol o seu pequeno e virente horto. Nem alli, nem nos arredores, se depara pantano algum. A exposição da fonte é ao occidente, e a sua altitude não inferior á do João Affonso. A maneira por que a nascente surde em pequenissimas bolhas é que lhe mereceu o nome de *Agua Fervente*. A pedra de que rebenta é uma rocha sedimentosa de côr amarellada e a bacia, onde se reune, uma pequena cova que a recebe gotta a gotta. Volume: $1/4$ de penna. A sua temperatura, quando consultada com thermometro, é inferior á do ar livre. N'este marcava 28°,5, n'aquelle 26°. Gosto alcalino. Sem cheiro. Pelo custo que ha em a colher é de pouca limpidez.

Dr. Custodio Duarte.

NOTA

PHARMACIA MILITAR E CIVIL
DA
ILHA DE SANTO ANTÃO

SÉRIE DE 1887

N.º 3

Objecto: sobre a analyse chimica das aguas mineraes da Ilha de Santo Antão.

Ex.mo Sr.

Desejando cooperar, tanto quanto minhas forças permittam, para o bom nome do meu Paiz e prosperidade do archipelago de Cabo Verde, e sabendo que na ilha de Santo Antão ha aguas mineraes de que a therapeutica poderá — é nossa convicção — mais tarde, quando ellas estiverem sufficientemente estudadas, sob o ponto de vista chimico, tirar resultados mui satisfatorios, com que lucrarão os habitantes da provincia que d'essas aguas careçam, e inclusivè, talvez, a propria fazenda publica; e não me constando que até hoje estas aguas tenham sido estudadas, como requer o estado actual da sciencia, embora o que sobre ellas ha feito seja muito para louvar, e por outro lado, não seja para admirar a lacuna referida, se attendermos á maneira assás lenta (verdade que não escapou ao criterio do «erudito e elegante escriptor medico» doutor Rodrigues Gusmão) porque se tem concorrido para a hydrologia medica no continente de Portugal, que, digamos de passagem, offerece n'uma extensão pequena (relativamente a outros paizes da Europa) maior numero de aguas mineraes, principalmente das thermaes; mas tendo em vista não obrigar, desde já, a provincia a grandes despezas:— não hesito em manifestar a V. Ex.ª que me seria extremamente agrádavel se se fizesse a acquisição para esta pharmacia, com o fim de eu encetar estudos sobre as aguas mineraes de Santo Antão, de uma caixa completa de reagentes chimicos, a qual póde custar, segundo vi annunciado, a pequena quantia de 20$000 réis. V. Ex.ª conhece muito melhor, e ha muito mais tempo que eu, a provincia.

Do seu espirito é quasi certo não ter-se ainda riscado a correspondencia official que sobre o assumpto — aguas mineraes de Santo Antão — se acha publicado.

Apezar d'isto, permitta-me V. Ex.ª que eu, sobre o caso sujeito, transcreva algumas phrases de um homem de sciencia, o qual respeito, e a quem a provincia, no meu entender, deve importantes serviços:

«.. A classificação das aguas mineraes referidas (trata-se das aguas mineraes de Santo Antão) é funcção de analyse chimica, a qual é na actualidade a base mais acceitavel para a distribuição methodica das aguas medicinaes, pois que os effeitos therapeuticos d'estas se derivam, quasi sempre, da sua composição chimica.

«A exploração d'estas aguas deve constituir uma tarefa para o administrador, até se conseguir que a industria particular se aventure a tomal-as á sua conta.
«Ilha sadia, sem endemias palustres, com abundancia de recursos naturaes os mais valiosos, Santo Antão acha-se em circumstancias de merecer a mais desvelada attenção dos poderes publicos, que d'ella em breve podem haurir quantiosos valores. As aguas mineraes levadas a todas as ilhas do archipelago, á Senegambia,

ás ilhas de S. Thomé e Principe, e a Angola, attrahirão interesses á provincia de Cabo Verde, cujo progresso, forçoso é confessàr, tem sido demasiadamente lento.

«...é de crer que pela quantia de 2:000$000 ou 3:000$000 réis, M. Fouqué se disponha a estudar as nascentes d'esta ilha.»[1]

N'esta ordem de idéas, interessando-me pela Hydrologia Medica Colonial Portugueza, peço a V. Ex.ª se digne levar ao conhecimento da Ex.ma Junta de Saude a materia d'este officio, a fim de ser presente a S. Ex.ª o conselheiro governador d'esta provincia.

Villa da Ribeira Grande, 4 de abril de 1887.

Ao Ex.mo Sr. Delegado da Junta de saude na ilha de Santo Antão, Dr. Bernardo José de Oliveira.

O Pharmaceutico de 1.ª Classe e do Quadro de Saude de Cabo Verde,

João Cardoso, Junior

---

1 *Relatorio sobre o serviço de saude na ilha de Santo Antão, com referencia ao anno de 1875,* pelo dr. Francisco Frederico Hopffer.

II

Relatorio do dr. Francisco Frederico Hopffer sobre as aguas minero-medicinaes da ilha de Santo Antão

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Uma das riquezas inexploradas da ilha de Santo Antão consiste de certo na existencia das aguas mineraes que apparecem nos dois concelhos em que administrativamente se acha dividida a ilha mais septentrional, mais accidentada e mais alterosa do archipelago de Cabo Verde.

Não consta por documentos escriptos que as auctoridades jámais houvessem prestado attenção a essas aguas. Sómente no anno passado foi encarregado do estudo de tão importante assumpto o facultativo de 1.ª classe, Custodio José Duarte, que havendo residido cerca de dois annos n'esta ilha a estudou sobre varios aspectos, como lhe cumpria por expressa determinação legal. Nos relatorios do citado facultativo, que ainda não estão registrados n'esta repartição, encontrar-se-ha provavelmente quanto seja preciso para se completar o estudo das aguas mineraes d'esta importante ilha.

Não constando, porém, que o meu predecessor houvesse feito analyse d'ellas, o que lhe seria impossivel por falta de um laboratorio adequado, apresso-me a remetter a V. Ex.ª uma porção de aguas mineraes para serem enviadas ao Ex.^{mo} Ministro da Marinha, a fim de se proceder ás respectivas analyses por professores e especialistas que mereçam confiança.

A respeito de cada amostra da agua porei uma breve noticia que poderá servir ao seu estudo.

A agua da fonte do Doutor é assim denominada porque muitos dos facultativos que teem visitado a ilha, ou n'ella residido, a teem ido vêr. Dista a fonte da villa da Ribeira Grande, cabeça do concelho, obra de duas horas de marcha, e, da aldeia de Cocoli, oito kilometros. Nada se sabe da historia do descobrimento da fonte, como conclui conversando e interrogando as pessoas mais edosas da localidade e da ilha, e fazendo indagações nos archivos das repartições publicas.

A fonte está situada n'um caminho publico, e a ella diz ter direito de posse uma tal Antonia Francisca Dias, que provavelmente não poderá exhibir o titulo de propriedade. Os pontos limitrophes entestam com as terras de Joaquim Duarte Silva e de Luiz Pedro de Lima. A distancia de cem metros ha algumas palhoças em que se abrigam os proprietarios e rendeiros das fazendas que ficam entre a Chã da Pedra, Lombo de Bruno, Cinta de Guido e Tope d'Espigão. As hortas fornecem os legumes, e dos vizinhos poder-se-hão obter gallinhas, ovos,

leite, milho, feijão e as mais producções do paiz, pois que pela fonte passam para a cabeça do concelho todos os que são obrigados pela natureza das suas occupações agricolas a virem das referidas localidades circumvizinhas, as quaes ladeiam a nascente, cuja exposição é a NNO., demarcando com a Ribeira do Pico, no alveo da qual assenta a fonte, d'onde brota com bolhas a agua mineral, que por esse motivo diz o povo que ferve.

Da cabeça do concelho á fonte vae-se sempre trilhando o alveo da Ribeira Grande, leito de confluencia das aguas vindas, á direita, das localidades chamadas Santa Barbara, João Dias, Affonso Martins, Ladeira de Hespanha, Canto de Loba, Canto do Ribeirão Thomé, Ribeira dos Orgão, Forrador, Chão de São Miguel, Campinho, Manuel de Joelho, Bocca da Ribeira de Jorge, Bocca da Ribeira do Pico, Fajan de Mattos, Tope de Fajan, Campo de Cão, Canto de Casal, Canto de Papaio, Cubin, Espigão do Ribeirão, Canto do Alfarroba, Lombo de Brunó; á esquerda, dos sitios de Autuy, Fachoca, Bocca da Ribeira do Duque, Canto de Barranco, Canto Mandante, Picoteiro, Canto dos Magos, Bocca de Figueiral, Cocoli, Chã de Banca, Canto de Frade, Canto das Furnas.

Todas estas localidades, com poucas excepções, são aprazíveis moradas aonde a vegetação é perenne a beneficio da quantidade de agua de que n'ellas se dispõe, de maneira que até no mez de junho a verdura que offerecem á vista contrasta com o aspecto arido das montanhas sobrepostas ao mar. Não é pantanoso o sitio onde apparece a agua mineral, que, como já disse, sae do alveo da Ribeira do Pico, da base de uma collina basaltica, de altitude de 4^m sobre o nivel da Ribeira. A vertente está $1^m,20$ mais alta do que as aguas proximas. A agua deixa no sitio um deposito de ocre amarello (trito-carbonato de ferro), e o terreno em que surge é argiloso.

Os ventos predominantes na localidade são os do quadrante N., modificados pelas montanhas que estão proximas, conforme as horas do dia e os graus de temperatura.

Na epocha da maior abundancia da agua mineral, no mez de outubro, começa a prevalecer o NE., vento, como se sabe, dominante n'esta zona geographica.

Os terrenos que cercam a fonte são deseguaes e assás accidentados, havendo cultura proxima, excepto no leito da ribeira, aonde espontaneamente se desenvolve o agrião, a avenca e outras plantas que vegetam banhadas em aguas correntes. Não ha arborisação avultada nas proximidades, mas o solo não está de todo nú de vegetação, a qual é entretida e entretem alli humidade incessante. Comquanto a nascente não seja acompanhada de algum abrigo e se ache exposta ás injurias do tempo e dos animaes, estes, passando por sobre ella, não bebem alli, o que me parece devido a estarem saciados os animaes quando chegam á origem, havendo-se elles regalado com as crystallinas aguas que banham os valles por onde transitam. A agua não é represada em nenhum reservatorio, sae do ponto aonde apparece, e descae para uma levada adjacente.

É applicada no seu estado natural, internamente, e exportada tambem para uso interno, porém em mui pequena quantidade. É empregada como objecto de curiosidade, e não constituindo tratamento formulado e seguido com regularidade. As pessoas de estomago fraco, as que experimentam falta de appetite, as que teem obstrucções, usam-n'a com vantagem. Tambem se teem tomado com proveito em casos de asthma, de tremuras do braço. Consta que um facultativo a manda usar em banhos.

Com o relogio á vista verificou-se, no dia 18 de junho, ás oito horas da manhã, que a fonte dá um litro de agua mineral por minuto, volume de agua que é muito maior no mez de outubro, tempo que succede immediatamente á queda das chuvas em agosto e setembro, os dois mezes em que mais avultada quantidade de chuva cae n'esta região.

Não soffre intermittencia o apparecimento da agua mineral, mas inundado o leito da Ribeira do Pico, em cuja madre está a nascente, confunde-se a agua mineral com a da ribeira durante os mezes chuvosos. Não tem sido constante o ponto d'onde ella surde, havendo todavia pequena variante a este respeito.

Proximo do local em que apparece esta agua mineral ha um deposito de argilla escura, na qual, mergulhadas por espaço de 24 horas, se tingem as pelles cortidas.

Não pude verificar, apesar das experiencias tentadas, o que se lê em algumas publicações de viajantes que visitaram a ilha de Santo Antão, e escreveram sobre a fé de informadores amigos do maravilhoso. Assim escreveu-se a este respeito:

«Tem (a ilha) varias fontes ferreas e thermaes: duas ha bem conhecidas, que servem para o cortume das pelles; porque uma dentro de uma hora despoja de todo o pello qualquer pelle que n'ella se mergulhe, e o lodo que se cria no alveo da outra tinge de preto promptamente qualquer pelle cortida (J. J. Lopes de Lima).»

«E tambem ha (na ilha) umas aguas mineraes de tamanha força que tingem completamente de negro uma pelle que por ellas se passe rapidamente, mergulhando-a por um lado e retirando-a por outro, pois se se demora um minuto que seja desfaz-se toda ao tirar-se da agua (J. M. de Sousa Monteiro).»

«Possue (a ilha) duas nascentes mineraes dignas de se notar; porque uma tem a propriedade de fazer cahir o cabello ou pello ás pelles no momento em que n'ella se mergulham, e a outra a de tingir de preto, immediatamente, as pelles assim preparadas (F. T. Valdez).»

Lopes de Lima foi illudido, e com elle todos os que escreveram, tendo adeante o livro d'aquelle prestimoso escriptor.

No dia 18 de junho findo, pelas oito horas da manhã, marcando o barometro de Adie a pressão correcta de 747,60, o thermometro

adjunto 23°, o thermometro exposto 23° ao ar, a temperatura da agua mineral no ponto de emergencia era de 28°, sendo de 25° a da agua mais proxima. Não existem exames por onde se possam conhecer as variações da temperatura da agua mineral com referencia ás quadras do anno.

O sabor da agua mineral, bebida logo ao sahir da origem, é adocicado-alcalino-ferrugineo.

Não é empregada como bebida ordinaria, nem para usos culinarios, mas só como remedio.

No ponto d'onde ella brota não ha vegetação porque sae da base de uma rocha de basalto núa. A côr é nulla. Vista atravez de um copo crystallino, é limpida ao sahir da nascente, enturvece pouco a pouco á proporção que vae perdendo o gaz que contém, o qual se evolve em finas bolhas. Vascolejada, crescem as bolhas. Ingerida em quantidade, produz logo certo grau de ebriedade.

Os imperfeitissimos ensaios chimicos tentados junto ao jazigo, e no consultorio, com o auxilio do habil pharmaceutico Antonio Duarte Silva, deram as seguintes reacções:

1.ª Papel de noz de galhas — ennegrecido;
2.ª Papel de tornezol vermelho — nullo;
3.ª Papel de tornezol azul — ligeiramente avermelhado;
4.ª Papel de curcuma — nullo;
5.ª Acetato de chumbo — precipitado branco, acizentado depois;
6.ª Nitrato de prata — turvação branca; precipitado cinzento, depois soluvel em ammonia;
7.ª Acetato de baryta — turvação cinzenta;
8.ª Chlorureto de calcio — flocos brancos;
9.ª Acido chlorhydrico, sulfurico, nitrico — effervescencia;
10.ª Deuto chlorureto de mercurio — finos precipitados escuros;
11.ª Tanino — escurece ligeiramente;
12.ª Agua de cal — turvação leitosa e precipitado em grumos brancos, que desapparecem com effervescencia pela addição do acido nitrico;
13.ª Sulphydrato de ammoniaco, tintura de noz de galhas, chá da India — côr escura, precipitado negro.

As rochas sobrepostas á nascente, que a cercam de todos os lados, excepto do de SE., são basalticas umas, de formação de sedimentos outras. Não se viram animaes nem vegetaes vivendo na agua mineral que mana da rocha, e corre immediatamente para a ribeira, sem ter depositos nem reservatorio.

Cousa alguma se pode dizer com solidos fundamentos ácerca das virtudes therapeuticas d'esta agua mineral, além do que fica exposto, que foi colhido em indagações a que procedi. Desde o dia 18 de junho tenho estudado esta agua, experimentando em muitas pessoas e em mim os seus effeitos immediatos, geraes e secundarios.

Ainda não é tempo de formular conclusões. Nenhum escripto se

nota, que eu saiba, sobre esta e outras aguas mineraes existentes n'esta ilha, aonde teem residido muitos facultativos pertencentes e não pertencentes ao quadro de saude.

Não ha a seu respeito opinião tradicional dos facultativos que residiram na ilha. No archivo da delegação de saude apenas consta que em officios, n.º 629, de 14 de agosto de 1870, da Junta de Saude Publica, e do Governo Geral, com o n.º 1580, de 23 do mesmo mez e anno, se encarregou ao facultativo de 1.ª classe, Custodio José Duarte, de fazer um estudo minucioso das referidas aguas, apresentando-se-lhe 35 quesitos que lhe deviam servir de topicos no seu estudo. Por motivos valiosos aquelle facultativo não poude deixar consignado n'esta repartição o relatorio que lhe cumpria lavrar sobre tão importante assumpto, de que ficarão lançadas aqui as deficientes noticias que pude colligir no meio da grave tarefa clinica que ha dois mezes pesa sobre mim. Deixando a *fonte do Doutor*, e caminhando um quarto de hora para o NO., chega-se á *nascente do Doutor*, na Chã da Pedra, sitio denominado *Bocca do Cavouco da Fajan da Barreira*, na base de uma collina que tem o nome de *Pia Debaixo*, distante da villa da Ribeira Grande cerca de 10 kilometros, passando-se sempre pelas ribeiras e sitios já mencionados. O proprietario da nascente é Braz Fortes Coutinho. Está ella no alveo da Ribeira do Pico, cujas aguas a alteram nos casos de inundações. É tambem prejudicialmente influida esta agua medicinal por uma levada que lhe fica immediatamente por cima, levada que precisa ser interceptada sempre que se pretende haver agua mineral não modificada.

Os pontos vizinhos são cultivados, deseguaes, e na ribeira vegetam agriões, avenca, alleluia e outras plantas que parecem darem-se bem alli.

Pelas 11 horas e 16 minutos da manhã, com a pressão atmospherica de 743,0, thermometro adjunto em 26°, o thermometro exposto em 24°, a agua mineral apresentava a temperatura de 25°, e a agua da ribeira fazia o thermometro marcar 23°.

Informaram que as alterações produzidas no leito da ribeira pelas cheias desarranjaram as relações que havia entre o ponto d'onde sae a agua e a mesma ribeira, pois que a nascente nos annos anteriores se achava a metro e meio de altitude, e actualmente quasi se nivela com a predicta ribeira.

Quanto disse das qualidades physicas, chimicas e organolepticas da agua da *fonte do Doutor* tem exacta applicação á agua medicinal da *Bocca do Cavouco*, na Pia Debaixo.

Entre ellas ha intima connexão, e até parece que a primeira é uma ramificação da segunda, surgindo ambas na base de altas montanhas, que representam a mesma natureza geologica, verdadeiras ejecções de vulcões extinctos, porque, como dizem sabios eminentes, as aguas mineraes devem ser consideradas manifestações actuaes das forças eruptivas do globo.

Distante da cabeça do concelho uns dez kilometros, na direcção de NNE., está a nascente mineral da *Ribeira de Dentro de João Af-*

fonso, nascente que projecta as suas aguas n'uma bacia de oito metros de maior diametro sobre seis de largura, com a profundidade de sete decimetros, conhecida pela designação de *Tanque Vermelho,* talvez em consequencia da côr que lhe dão os residuos da agua mineral, que alli, de mistura com a agua corrente que descae do monte chamado Bordas do Barro de Ferro, vae fertilisar largos tractos de terrenos adjacentes, nos quaes se cultiva café, canna saccharina, mandioca, batata e os mais generos agricolas do paiz.

O manancial dá uma telha de agua e é propriedade de logradouro commum. As aguas vindas do Barro de Ferro, enchendo duas vezes em 24 horas o Tanque Vermelho, alteram completamente a agua mineral, que, cahindo em bica, não tem força nem volume que façam arredar a agua potavel, vinda com abundancia de grandes alturas e distancias.

Todas as considerações ponderadas anteriormente teem applicação a esta agua, que, apesar de haver dado as mesmas reacções chimicas que as outras duas de que fallei, todavia presumo que possue mais elevado grau de mineralisação, que não posso comtudo precisar, attenta a deficiencia de apparelhos, de conhecimentos especiaes e de tempo.

É abundante o deposito de ocre vermelho que deixa esta agua, que é menos procurada que as outras, não só porque o povo a reputa forte, mas tambem e principalmente porque fica fóra de mão, e não se vae ao *Tanque vermelho* sem se passar por precipicios por onde não transitam cavalgaduras.

Com a pressão atmospherica de 736,8, thermometro adjuncto 28°, ás 2 horas da tarde, dava a agua mineral a temperatura de 25°, sendo de 25°,5 a da agua do tanque e 23° a do ar.

Afastada da villa da Ribeira Grande doze horas de jornada, atravez de maus caminhos, perigosos carreiros praticados ora nos pincaros de altissimos montes e suas encostas, ora no meio de profundos, extensos e pedregosos valles, acha-se a nascente mineral denominada Agua do Canto de Ciro, com a exposição de ENE. A sua altitude é de 696,5, thermometro adj. 27°. A temperatura da agua mineral é de 26°, sendo a do ar 25°, ás 8 horas da manhã.

Emana da base do monte Bordeira do Campo Grande, no alveo da Ribeira das Patas. O seu volume é egual ao de uma telha.

No momento em que visitei a nascente não se evolvia d'ella gaz algum, porém asseveram-me informadores que aquella agua tambem é gazosa.

As aguas proximas da ribeira alteram frequentemente o volume e as qualidades da agua de Ciro, na qual vegeta a avenca, o agrião, a tanchagem, a junça, a cannafistula.

Certos insectos aquaticos vivem habitualmente em pequenas poças que a agua mineral fórma, retida em algumas depressões do solo argiloso da ribeira.

No concelho do Paul, a que pertence a nascente do Canto de Ciro, contam-se mais outras, como são as da Gamboeza, na Estancia velha, Bocca da Ribeira d'Antonio, Tapuminho e Ribeirãozinho.

Disse-me um velho que na Ribeira das Patas existem nascentes vermelhas, verdes, amarellas, não significando estas côres as variedades de ocre, mas sim os matizes das aguas mineraes.

Os animaes não bebem d'estas aguas. A do Canto de Ciro é receada pelo povo, que diz que ella *faz tristeza,* phrase que exprime o mesmo abatimento de forças, tendencia ao desmaio, incommodo geral.

Não me foi possivel proceder ao necessario ensaio chimico, nem na localidade, nem na villa, por mui ponderosos motivos, que omitto de expôr agora.

Solicitando informações ao administrador do concelho da villa da Ribeira Grande sobre as nascentes mineraes que existem no seu concelho, respondeu-me: «Que ha duas nascentes de agua, denominada ferrea, na Ribeira do Pico, da freguezia de Santo Crucifixo, sitio Chã da Pedra, sendo a primeira no logar chamado «Fonte do Doutor» e a segunda no sitio da «Bocca no Cavouco da Fajan da Barreira». Ha uma outra nascente na Ribeira de João Affonso, sitio Ribeira de Dentro, tambem chamado Agua Ferrea.

«Consta que nos Caibros da Ribeira de Jorge, no logar da Fajanzinha, ha uma tambem ferrea, e na freguezia da Garça (S. Pedro), no sitio de Ascabeçadas, ha uma outra que se chama Agua Fervente (*textual,* officio n.º 95, de 20 de junho de 1871).»

O administrador do concelho do Paul informou o seguinte:

«Tenho a honra de lhe dizer que, segundo me consta pelas informações que tenho colhido, n'este concelho existe uma só nascente de agua mineral. Esta nasce na Ribeira da Estancia Velha, perto da parte superior da subida do Pico da Gavia e corre pela Ribeira do Laranjo. Ella nasce na rocha, sendo a côr de um amarello escuro, e correndo a dita agua pelo leito da ribeira nota-se pelos lados alguma vegetação de agrião, bergamota, hortelã e mais hervas silvestres até ao sitio de Gamboeza, em que se nota uma outra nascente que acompanha aquella primeira, e d'ahi por deante em continuação das duas nascentes misturadas já não se encontra vegetação alguma; e por onde passa a dita agua já misturada, depois de secco nota-se ficar uma crusta branca e petrificada que pegando-se com a terra demanda alguma resistencia (força) para separal-as (*textual,* officio n.º 56, de 25 de junho de 1871).»

Noticiando o que tenho apurado sobre as aguas mineraes da ilha, vem a pêlo fallar da *contrapeçonha,* cujas decantadas virtudes therapeuticas a collocam ao lado das panaceas. É uma substancia solida, esbranquiçada, pulverulenta, insoluvel na agua, no alcool e no ether, que se extrae de algumas rochas vulcanicas, resvestidas de sedimentos, nas ribeiras das Patas e da Garça, rochas escarpadas, apenas accessiveis a alguns indigenas corajosos, que muito se arriscam dependurados em cordas para alcançarem o remedio tão preconisado. Supponho que esta miscellanea, em que preponderam os saes marciaes,

principalmente o sulfato de ferro, denunciado pelo sabor atramentario e pelas reacções proprias, é que dá ás aguas mineraes da Ribeira das Patas as suas propriedades medicinaes.

É complexa a composição da *contrapeçonha,* cujas qualidades vomitivas a fazem utilisar nos casos de indigestão, colicas e varios outros incommodos. Até é administrada aos animaes doentes.

Tenho feito ensaios physiologicos e therapeuticos em mim e varias pessoas, mas não julgo ser ainda occasião de emittir a minha opinião sobre tão fallada e prestigiosa droga, de que o povo conserva em suas casas sempre uma porção para os casos apertados e repentinos.

Informam-me que na freguezia de S. Pedro, no sitio da Garça, e no Paul, na freguezia de Santo Antonio, tambem existe a *contrapeçonha,* sendo a mais apreciada a da Garça e a do Frade, na Ribeira das Patas.

A classificação das aguas mineraes referidas é funcção da analyse chimica, a qual é na actualidade a base mais acceitavel para a distribuição methodica das aguas medicinaes, pois que os effeitos therapeuticos d'estas se derivam quasi sempre da sua composição chimica.

A exploração d'essas aguas deve constituir uma tarefa para o administrador até se conseguir que a industria particular se aventure a tomal-as á sua conta.

Ilha sadia, sem endemias, com abundancia de recursos naturaes os mais valiosos, Santo Antão acha-se nas circumstancias de merecer a mais desvelada attenção dos poderes publicos, que d'ella poderão em breve haurir quantiosos valores.

As suas aguas mineraes levadas a todas as ilhas do archipelago, á Senegambia, ás ilhas de S. Thomé e Principe, a Angola, attrahirão interesses á provincia de Cabo Verde, cujo progresso, forçoso é confessar, tem sido demasiado lento.

Este conjuncto feliz de predicados está mostrando a vantagem de se estabelecer n'ella uma enfermaria de convalescentes, ou casa de saude, para os funccionarios publicos da Africa occidental. Lucraria o estado, o serviço publico e a provincia com a adopção do que acabo de expôr.

Deus guarde a V. Ex.ª — Delegação da Junta de Saude Publica, na villa da Ribeira Grande, 26 de julho de 1871. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Conselheiro Geral da Provincia de Cabo Verde.

O delegado de saude,

DR. FRANCISCO FREDERICO HOPFFER.

NOTAS

A agua alcalino-gazosa da Chã de Valentim, Paul, ilha de Santo Antão, mereceu ao dr. F. F. Hopffer, modernamente, a seguinte apreciação:

A agua mineral da *Chã de Valentim* é optima e destinada a ser uma especialidade therapeutica logo que seja geralmente conhecida.

Dr. F. F. Hopffer.

A iniciativa particular, que de grande utilidade é applicada, principalmente no Ultramar Portuguez, a tudo quanto ha muito a reclama, obteve do professor de chimica na Escola Industrial Marquez de Pombal, C. von Bonhorst, que a agua alcalino-gazosa da Chã de Valentim fosse analysada:

Analyse preliminar

A agua acima mencionada tinha residuo n'um litro, secco a 180° C.............................. 2,69 gr.

O residuo em questão não tinha, por assim dizer, substancias organicas nenhumas, mas era muito abundante em carbonatos. Os seus componentes principaes são:

Cerca de 5 centigrammas de chloro	por um litro de agua		
Quasi a mesma quantidade de acido sulfurico..............................	»	»	»
Cerca de 9 centigrammas de silica	»	»	»
Cerca de 34 centigrammas de oxido de calcio..............................	»	»	»
Cerca de 26 centigrammas de oxido de magnesia..............................	»	»	»

Os alcalis (potassa e soda) foram transformados em chloretos e pesados como taes.

Importaram os chloretos de potassio e sodio, extrahidos de um litro de agua, em cerca de 155 centigrammas.

Qualitativamente reconheceu-se n'estes chloretos a existencia de forte proporção de potassa.

Resulta das indicações aqui exhibidas que effectivamente a agua em questão é da classe das aguas alcalino-gazosas.

Lisboa, 21 de março de 1896.

C. von Bonhorst,
Professor de chimica na Escola Industrial Marquez de Pombal

Tem sido esta agua utilisada por todos, mais ou menos, que d'ella, em Cabo Verde, hão precisado, mas pouco consummo conta ainda para fóra da Provincia.

Porque não se favorecerá, officialmente, o *tornarem-se conhecidas na Metropole todas as aguas minero-medicinaes das nossas Possessões Ultramarinas,* mandando o Estado, primeiro que tudo, proceder ao completo estudo chimico, e respectivo inventario, de todas ellas, que tomaria desde logo sobre a sua protecção, explorando-as por conta propria, sem se importar que isto possa ferir, hypothese, os interesses creados, na Metropole, e referente ao genero aguas minero-medicinaes do continente Portuguez?

A existencia de um edificio denominado *casa de saude,* para os funccionarios publicos da Africa occidental, foi afinal decretada, para cada uma das provincias ultramarinas, em 1895 (decreto de 13 de julho, artigo 137), bem como se precisaram officialmente pelos artigos 138, 139, 140 e 141 do citado decreto as condições em que se deve realisar este novo serviço, e qual o pessoal correspondente.

Mas a *verdade dos factos* exige que se diga que, até á actualidade, pelo menos na Provincia de Cabo Verde, tal *casa de saude* não foi construida ainda, apesar da ilha de Santo Antão se recommendar verdadeiramente pela sua maior salubridade relativa (disposição expressa no artigo 138 do citado decreto), e de qualquer dos logares denominados *Meza* e *Agua das Caldeiras* terem sido considerados, medicamente, pelos drs. Hopffer, Custodio Duarte, Bernardo José de Oliveira e Joaquim Esmeraldo Nobre (entre tantas outras pessoas que, com auctoridade e competencia, podem dizer do assumpto, as quaes conhecem perfeitamente a ilha de Santo Antão), como realisando qualquer d'elles as condições precisas para o estabelecimento do sanatorio (como affirmámos no trabalho que apresentámos, officialmente, na qualidade de membro da Commissão nomeada por S. Ex.ª o Governador, Arnaldo de Novaes Guedes Rebello, para responder ás Theses da Sociedade de Geographia de Lisboa, destinadas ao *Congresso Colonial Nacional,* —portaria n.º 385, de 21 de dezembro de 1900, appenso ao n.º 52 do *Boletim Official do Governo da Provincia de Cabo Verde);* apreciação medica Portugueza que não se acha isolada, pois que, mesmo no extrangeiro, já a ilha de Santo Antão foi tambem apontada para séde *d'un lieu de convalescence*... (Dr. Maurice Nielly, *Hygiène des Européens dans les Pays intertropicaux),* o qual, na nossa opinião, *deve ser sómente destinado a Portuguezes* (como tambem affirmámos na citada resposta ás Theses, etc.):

«...O estabelecer o sanatorio n'outra ilha ou logar, fóra dos apontados, *seria um erro politico e economico.*»

«...A preferencia para a ilha de Santo Antão ter o sanatorio não precisa de ser demonstrada.»

«O sanatorio na ilha de Santo Antão não deve ser internacional, mas tão sómente de Portugal e para Portuguezes; e, quanto mais depressa fôr estabelecido, melhor, para os interesses dos que soffrem e dos do proprio Estado.»

Praia, abril de 1903.

João Cardoso, Junior.

III

Mutiquite[1]

Apreciando, em muito, o honroso convite que recebi de S. Ex.ª o Governador Geral da Provincia, para o acompanhar em uma digressão ás terras de Sancul, e assistir ao exame que por essa occasião projectava passar a uma fonte de aguas, ditas thermaes, no Mutiquite, e tendo sido tambem encarregado pelo mesmo Ex.^{mo} Sr. de analysar mais tarde estas aguas, bem pena sinto de não poder agradecer devidamente tão alto favor, offerecendo a S. Ex.ª os resultados d'essa analyse, nitidos e perfeitos; mas a escassez de faculdades intellectuaes, a insufficiencia dos meios materiaes de que podia dispôr, a falta mesmo de alguns reagentes, são outros tantos obstaculos a que eu desempenhe cabalmente a tarefa espinhosa que S. Ex.ª se dignou confiar-me. Entretanto, considerando essa tarefa como um encargo, um dever a cumprir, ousarei apresentar a S. Ex.ª este trabalho, pequeno e mal confeccionado, porém feito de tanta melhor vontade quanto mais util elle pode ser para os habitantes d'esta Provincia.

Antes de entrar na analyse das *aguas ferventes (xitocota* dos indigenas), e na apreciação das suas qualidades medicamentosas, darei uma breve descripção da viagem, desde a ilha de Moçambique até ás praias de Mutiquite, e do caminho que d'ahi conduz ao local da nascente, local que os indigenas denominam *naxitocota*.

No dia determinado, pelas seis da manhã, sahiu S. Ex.ª da Capital da Provincia, acompanhado pelo seu Estado-Maior e convidados, e dirigiu-se para bordo do vapor Zambeze, onde embarcou sem occorrencia notavel.

Tratava-se de demandar a Bahia do Mocambo, passando entre a ponta sul da ilha de Moçambique e a terra firme, por ser este o caminho mais curto e mais abrigado do vento, que soprava então; como, porém, o pratico affirmasse que a agua estava já bastante baixa para se seguir este rumo, dirigiu-se a navegação para o norte. Ao passar entre os navios de guerra fundeados n'este porto fizeram-se a bordo d'elles os cumprimentos devidos, subindo gente ás vergas, dando-se vivas, etc. Logo que montámos a ponta da fortaleza de S. Sebastião, quiz tentar-se a passagem entre a ilha de Moçambique e a de Sena, o que se não poude conseguir por estar a vasante já adiantada, e fomos obrigados a descarregar pelo norte d'esta ultima ilha. Pouco depois, sendo o vento do sul bastante fresco, e a agitação do mar grande para

---

[1] *Boletim official de Moçambique,* n.° 11, de 1862.

o vapor, os peritos decidiram que se arribasse, manobra esta que se executou immediatamente, resolvendo então S. Ex.ª visitar Mossuril, e esperar ahi o preamar, para continuar na sua digressão. Effectivamente, ás quatro horas da tarde, largámos do Mossuril, e, apesar de estar ainda vento fresco e algum mar, seguimos em direitura á ponta do Quisumbo, e d'ahi á ponta de Sancul, vasando já a maré. Tivemos comtudo agua sufficiente para passar o banco, e ás oito horas fundeámos proximo á povoação do *Fuco*, aonde S. Ex.ª desembarcou e pernoitou, sendo recebido com as maiores demonstrações de alegria, submissão e boa vontade pelo Xeque e seus vassallos, que lhe prodigalisaram todas as commodidades e desvelos de que podiam dispôr.

Na madrugada do dia seguinte embarcou S. Ex.ª, seguido pelo Xeque e seu Estado Maior, e dirigimo-nos para o outro lado da Bahia, notando-se n'este trajecto grande affluencia de indigenas, que, de todas as direcções, corriam á praia para olhar o illustre personagem que acompanhavamos no vapor. Uma hora depois desembarcámos em terras do Mutiquite, e seguimos em machilas até ao *naxitocota* ou local das aguas.

Um carreiro estreito, e de duas leguas e meia de extensão proximamente, conduz da Bahia de Mocambo até á nascente das aguas thermaes, no Mutiquite. O matto que limitava, e de certo modo apertava aquelle carreiro de um e outro lado e na maior parte do seu comprimento, tinha sido arroteado para dar passagem ás machilas, ficando assim uma bella estrada, cujas margens eram bordadas por arvores e arbustos, que, entrelaçando-se em alguns pontos, formavam abobadas de verdura, que a natureza, sempre previdente, parecia ter construido para proteger o viandante dos ardentes raios do sol. Além d'isso alguns indigenas, de pé, ao longo da estrada, e a distancias regulares, mudos e immoveis, assemelhavam-se a estatuas, e pareciam ter sido alli collocados mais como ornamento do que para sentinellas, augmentando por este modo os encantos de tão bella paizagem.

Em todo este caminho, o viandante curioso, observando desde a arvore secular até ao mais pequeno arbusto, examinando a maneira mais ou menos caprichosa e exotica pela qual cada uma d'essas arvores cresceu e se ramificou, notando o modo mais ou menos bizarro por que ellas se agrupam entre si, vendo, finalmente, o luxo da vegetação e o viço das plantas herbaceas em alguns pontos, de certo admira o explendor da Natureza e do Creador, e fica como extasiado e mergulhado em profunda meditação no meio d'aquella solidão e silencio, apenas perturbados pelo murmurio da aragem, incidindo sobre as folhas e os ramos, pela falla inintelligivel dos pretos que conduziam as machilas, e aqui e alli por alguma pequena povoação ou cubatas isoladas e bastante distanciadas umas das outras.

Chegados ao local das aguas, esperámos algum tempo pelo Xeque, que nos seguia a pé, e pela *Puiamuene* (rainha ou a mais idosa das mulheres do Regulo de Mutiquite), a qual dias antes tinham prevenido da visita de S. Ex.ª, e que, em conformidade com o ritual dos indigenas, devia vir dar entrada, no recinto em que está a nascente, ao

Chefe da Provincia; esta cerimonia, porém, não poude ter logar em consequencia de doença da rainha, a quem por isso se não fez entrega de alguns objectos com que S. Ex.ª tinha determinado presenteal-a, como é da praxe.

O sitio aonde apparecem as aguas ferventes é fertil, pitoresco, lindissimo; um pequeno largo, no centro do qual se eleva uma arvore secular, precede uma curta galeria ou arcada formada pelo entrelaçamento de arbustos e arvores; esta arcada conduz á fonte, que é tambem rodeada de muita vegetação. Dir-se-hia que aquelle pequeno largo, aonde nos apeámos das machilas e esperámos por algum tempo a *Puiamuene* e o Xeque, era o vestibulo de um palacio formado por vegetaes, e que aquella velha arvore velava e guardava no meio da solidão a entrada d'aquelle edificio natural, no interior do qual brota a agua, que mais tarde pode ser bem util a muitos individuos.

Encontram-se comtudo duas grandes *langoas:* uma que precede o longo carreiro que conduz ao local das aguas; outra que o corta a tres quartos de legua de distancia da primeira. No preamar, o caminho torna-se intransitavel n'esses dois pontos, e foi esta uma das contrariedades que se deram na digressão a que me refiro, e que nos forçou a demorar, até ás onze da noite, em uma barraca formada de vegetaes seccos e que os indigenas pareciam ter-se esmerado em preparar para S. Ex.ª descançar alguns momentos. Digo isto para que as pessoas que tenham de fazer uso das aguas thermaes de Mutiquite, e emprehendam aquella jornada como meio curativo, se previnam n'esse sentido.

Analyse das aguas

Caracteres da fonte

A agua, sahindo do interior da terra, é recebida em uma bacia de fórma elliptica mais ou menos irregular, cuja maior largura é $3^{m},42$ e o maior comprimento $4^{m},77$. O eixo maior d'esta bacia fica proximamente na direcção da linha EO.

O ponto d'onde brota a agua com certa effervescencia, ou a fonte propriamente dita, fica a $1^{m},85$ da extremidade O. do eixo da bacia, isto é, na juncção do terço de O. com os dois terços de E. proximamente. A altura da agua n'aquelle ponto é de $0^{m},48$.

Sahindo da bacia pelo lado de E., a agua caminha primeiro directamente para diante, na extensão de $11^{m},00$, e d'ahi percorre $9^{m},70$, descrevendo uma curva, até se dirigir proximamente para o N. Chegada a este ponto, a agua divide-se em dois ramos, um que segue a direcção do principal e o continúa para o N. até chegar a uma segunda bacia natural, maior do que a da fonte; o outro, correndo quasi parallelamente á nascente, dirige-se para O. e vae desaguar no rio de Mutiquite.

O solo em que se encontra a fonte é de natureza argilosa.

Caracteres physicos da agua

A agua é limpida e transparente. Sabor ligeiramente alkalino, quasi inodora; quando examinada na fonte, ella apresenta, depois de guardada por algum tempo em vaso fechado, cheiro muito pronunciado a ovos chocos.

Temperatura expressa em graus centigrados, e tomada successivamente desde a fonte até 37 metros de distancia

Na fonte	45°,6
Na extremidade O. da bacia	45°,2
Na extremidade E. idem	45°,0
A 3^{m},96 da extremidade E.	44°,6
A 8^{m},43, idem	44°,3
A 12^{m},39, idem	43°,9
A 20^{m},70, idem	43°,2
10^{m},66 a O. do ponto de bifurcação	39°,5
16^{m},76 ao N., idem	31°,8
11^{m},27, idem, isto é, na agua da segunda bacia.	39°,4
Temperatura do ar no momento da observação.	28°,0

Caracteres chimicos

A analyse a que procedi, e a que foi submettida, não só a agua recolhida na fonte como a que se tomou a 37 metros de distancia, deu os seguintes resultados:

1.° Pela evaporação, até á secura, as aguas deixam um residuo salino, que a analyse mostrou ser formado por saes de soda, e principalmente pelo *sulfureto de sodio,* que se apresenta em bellos crystaes transparentes, incolores e em octaedros. A imperfeição dos meios de que podia dispôr impediu-me de avaliar com rigor a quantidade do residuo e de apreciar bem quanto d'aquelles saes se conteem n'uma determinada porção de agua.

2.° Tratadas pelo soluto de antimonio tartarisado, as aguas tomam uma bella côr de laranja, e pouco depois vê-se precipitar e reunir no fundo do vaso um grande numero de pequenos flocos de um amarello mais carregado *(acido sulfantimonioso hydratado)*; este precipitado, que é mais abundante na agua recolhida a distancia da fonte, reduz-se, pelo aquecimento, a um pó escuro, com aspecto metallico.

3.° A dissolução concentrada de nitrato de prata dá uma grande quantidade de precipitado, em flocos ligeiramente acinzentados; o precipitado, assim obtido, toma pela dissecção uma côr achumbada e brilho metallico *(sulfureto de prata)*.

4.° Pelo soluto de acido arsenioso, a agua turva-se, e toma uma côr amarello-esverdeada, que a ammonia faz desapparecer, restituindo

a limpidez ao liquido. Esta reacção é muito mais notavel na agua recolhida na fonte.

5.º O acido oxalico dá com as suas aguas, submettidas á analyse, um precipitado branco, pulverulento, e em pequena quantidade.

6.º Se, depois de tratar uma e outra agua pelo soluto de acido arsenioso, lhes juntarmos o acido oxalico, produz-se um precipitado amarello e pulverulento *(acido sulpharsenioso)*, que a ammonia redissolve.

7.º Com o soluto de acetato de chumbo dão precipitado negro, abundante, em pequenos flocos *(sulfureto de chumbo)*. Tratando este precipitado pelo acido nitrico fórma-se o acetato de chumbo, ficando uma pequena porção de enxofre livre.

8.º Tratadas pela dissolução neutra de sulfato de cobre, ou de chlorureto de calcio, deixam precipitar, mas em muito pequena quantidade, o *carbonato de cobre* ou *carbonato de cal*, o que indica a existencia n'estas aguas de algum carbonato alcalino.

9.º Quando se tratam estas aguas pelos acidos não se produz effervescencia.

10.º A agua da nascente, lançada sobre a tintura de tornesol, apresenta reacção mui ligeiramente alcalina. A outra agua, não avermelhando a tintura, nem lhe restituindo a côr quando tratada por um acido, é neutra.

11.º O sulfato de zinco e o deutochlorureto de mercurio denunciam n'aquellas aguas a presença de materias organicas, mas em muito pequena quantidade.

12.º Nem o hydrato de sesquioxydo de ferro, nem a magnesia, denunciam a presença do acido arsenioso nas aguas submettidas á analyse.

13.º A agua de cal não dá reacção alguma.

14.º Nada pelo tanino, nem pelos saes de ferro.

Conclusões

Grande desejo nutria eu de que os resultados da analyse a que acabo de proceder fossem mais completos para poder tirar corollarios mais seguros, mas a boa vontade, que me sobejava, ia de encontro á escassez dos meios que tinha á minha disposição. Entretanto do que fica dito se segue:

1.º Que as aguas que acabo de submetter á analyse são thermaes, por isso que a sua temperatura excede 17º,6 a do ar livre.

2.º Que em relação ás materias que conteem, estas aguas pertencem ás *sulfureas*, isto é, que n'ellas predomina o enxofre no estado de gaz sulphydrico.

3.º Que ellas conteem, além d'isso, saes de soda, e materia organica, em pequena quantidade.

4.º Que não se encontrando n'estas aguas principio algum nocivo á economia se pode d'ellas tirar grande proveito como medicamento, já internamente, já exteriormente, em banho.

5.º Que se mandem arrotear os vegetaes mais proximos e que orlam por assim dizer a nascente, evitando-se d'este modo que a folhagem que cae das arvores, os troncos podres e outros despojos organicos, vão, como actualmente, accumular-se no fundo da bacia e entrar mais tarde em fermentação, sophisticando a agua.

6.º Que a vinte metros da fonte (distancia que a agua percorre até chegar ao ponto em que se bifurca) se estabeleça uma casa para banhos. Não quero com isto dizer que se vá fundar um edificio com todas as condições hygienicas requeridas para tal fim, e julgo mesmo ocioso apresentar um plano n'este sentido, porque seria incompativel com a escassez dos recursos, a grande difficuldade na conducção dos materiaes, etc. Mas quando se não possa fazer mais do que formar um encanamento desde a nascente até ao ponto que indiquei, construir uma casa com as condições apropriadas de ventilação, destinar o quinto anterior d'essa casa para sala de espera, e dividir os quatro quintos posteriores, de um e outro lado, em cellas, no interior de cada uma das quaes haja um tanque em fórma de banheira e munido de valvulas ou torneiras para o renovamento da agua, é já um grande melhoramento e um serviço feito á humanidade. O local que lembro para assentar o estabelecimento de banhos parece-me o melhor: 1.º por ficar n'um plano inferior ao da fonte e poder mais facilmente graduar-se a altura da agua nos tanques ou modificar-se a temperatura; 2.º por ter ahi aquelle liquido as mesmas propriedades chimicas, differindo sómente dois graus de temperatura na nascente.

7.º Que uma vez isto feito, e bem limpo o leito da nascente, um ou mais individuos sejam encarregados de conservar e manter o asseio.

8.º Finalmente, seria de uma grande vantagem que se estabelecesse n'aquelle ponto uma pequena povoação, o que me parece facil, attendendo á amenidade e fertilidade do sitio e á concorrencia dos individuos que as qualidades medicamentosas das aguas possam para alli attrahir de differentes localidades da provincia, sobretudo quando se tiverem feito os melhoramentos cujo esboço venho de apresentar. Além de que, para a gente que alli residir, a agua pode ser uma fonte de interesse, trazendo-a a vender, não só á cidade de Moçambique, como aos outros pontos em que ella fôr recommendada pelos medicos.

Effeitos physiologicos e indicações therapeuticas

Seria uma grande lacuna se não apreciasse os effeitos physiologicos e indicações therapeuticas das aguas que me propuz a analysar, indicações que, estou certo, serão mais tarde sanccionadas pela experiencia. Terminarei pois este curto trabalho, indicando as qualidades medicamentosas, os effeitos e usos das aguas sulfureas thermaes, cujos caracteres physicos e chimicos acima apresentei.

Estas aguas, como todas as sulfureas naturaes, teem uma acção excitante sobre o organismo. Com effeito, no estado physiologico e quando dadas internamente, ellas estimulam o systema lymphatico, os orgãos gastricos e circulatorios, e augmentam a transpiração periphe-

rica ou a secreção urinaria; excitam o systema cutaneo e fazem affluir ahi uma maior quantidade de sangue, chegando mesmo a produzir erupções quando applicadas em banhos.

As indicações therapeuticas d'estas aguas inferem-se dos seus effeitos sobre o organismo são. Assim as aguas sulfuricas thermaes conveem n'um certo numero de doenças antigas, e sobretudo em individuos fracos e lymphaticos. É nas lesões chronicas da pelle, como *eczema, psoriasis, lepra vulgar,* etc., que estas aguas são especialmente recommendadas. Ellas são justamente prescriptas no *rheumatismo,* na *sciatica,* no *lombago,* quando estas doenças não apresentam symptomas inflammatorios; nos engorgitamentos abdominaes chronicos e nas digestões lentas acompanhadas de flatulencia. São tambem indicadas nas doenças chronicas do peito *(catarrho pulmonar, pleurisia chronica, asthma),* nos engorgitamentos escrofulosos. Finalmente, pode tirar-se grande proveito d'estas aguas no tratamento das feridas por armas de fogo.

As *fórmas* debaixo das quaes estas aguas se podem applicar são: em *bebidas,* em *banhos,* em *emborcações* e em *lavagens.*

Moçambique, 10 de março de 1862.

Antonio Pinto Roquete,

Cirurgião de 1.ª Classe da Armada

Ensaios analyticos

DESIGNAÇÃO DAS NASCENTES	HYDROTIMETRO	LICOR HYDROTIMETRICO	AREOMETRO CARTIER	PAPEL TOURNESOL AZUL	PAPEL TOURNESOL VERMELHO	HEMATINA	TINTURA DE NOZ DE GALHA	AGUA DE CAL	OXALATO DE AMMONIACO	NITRATO DE PRATA	CHLORETO DE BARIUM	ACETATO DE CHUMBO	PHOSPHATO DE SODA	AZOTATO DE BARYTA	ACIDO AZOTICO	ACIDO CHLORHYDRICO
Na origem																
Fonte da Ribeira de Dentro	63.°	—	10°,5	Cambiante vermelho	Nada	Nada	Reacção de um escuro intenso	Precipitado branco	Muito leve turvação branca	Leve precipitado côr lactea, escurecendo afinal	Nada	Nada	Nada	—	Quasi nullo desenvolvimento de bolhas gazosas	Quasi nullo desenvolvimento de bolhas gazosas
Nascente do Doutor	58.°	—	11	Mudança de côr, para avermelhado	Nada	Côr avermelhada	Coloração de um negro carregado	Algum precipitado	Turvação lactescente	Precipitação branca, mudando depois para violacea	Leve empanamento	Nada	Nada	—	Bolhas gazosas, menor desenvolução	Abundante desenvolvimento de bolhas gazosas
Fonte do Cirio ou Fonte do Canto do Cirio	59.°	Grande quantidade de grumos	10°,5	Levemente vermelho	Indifferente	Cambiante avermelhado escuro	Turvação negra	Bastante precipitado	Embaciamento esbranquiçado, leve precipitado um pouco escuro	Perturbação alvacenta, passando depois a acinzentada	Leve coloração amarellada	Nada	Nada	—	Grande apparecimento de bolhas gazosas	Grande apparecimento de bolhas gazosas
Agua Fervente	83.°	Numerosos grumos	10°,5	Pequena vermelhidão	Nada	Nada	Reacção duvidosa	Pouca precipitação	Turvação e precipitado branco	Apparencia leitosa	Perturbação branca, e menos precipitado que com o oxalato	Nada	Nada	Leve turvação brancacenta	Nada	Nada
Depois de evaporada																
Fonte da Ribeira de Dentro	14.°	—	—	—	—	Nada	—	Precipitado muitissimo leve	Nada	Aspecto turvo	Nada	—	Nada	Nada	—	—
Nascente do Doutor	23.°	—	—	—	—	Nada	—	Leve perturbação	Nada	Precipitado todo branco, escurecendo em seguida	Nada	—	Nada	Fraca turvação	—	—
Fonte do Cirio ou Fonte do Canto do Cirio	13.°	—	—	—	—	Nada	—	Nada	Nada	Muito leve turvação côr opalina	Nada	—	Nada	Nada	—	—
Agua Fervente	16.°	—	—	—	—	Nada	—	Nada	Nada	Colorisação branca	Leve turvação esbranquiçada	—	Nada	Alguma perturbação	—	—

Conclusões

1.ª — Fonte da Ribeira de Dentro:

Contém, consequentemente, esta agua alguns bicarbonatos alcalinos, chloretos, muito ferro, e muito pouco sulfato de cal.

Deve ser aproveitada em algumas molestias do sangue, dos orgãos abdominaes, na diathese escrofulosa e nas debeis convalescenças.

2.ª — Nascente do Doutor:

Existem, pois, n'esta agua, bicarbonatos alcalinos, chloretos, mais sulfato de cal e menos ferro que na do João Affonso, e bem assim algum acido carbonico livre.

Devem ser utilisadas na diathese estrumosa, nas enfermidades por empobrecimento de sangue, e, em parte, mais que nas antecedentes, em certas affecções nervosas e dos orgãos digestivos.

3.ª — Fonte do Cirio:

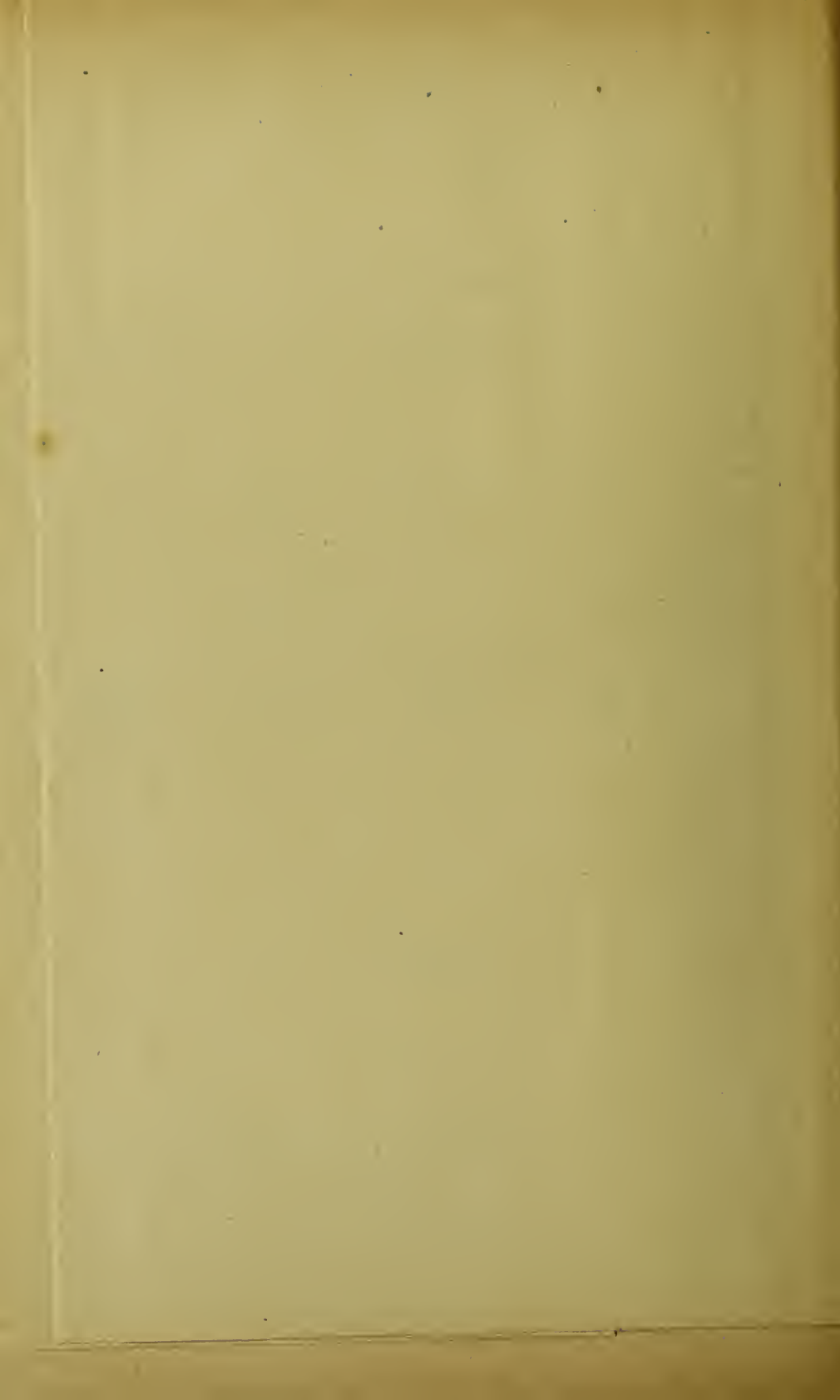
Revela-se, pois, n'esta agua, a presença de elementos marciaes, chloretos, sulfato e bicarbonato de cal e alguns saes maguesicos, e a ausencia de sulfuretos e de acido carbonico livre.

Por esta composição hão de ser convenientes na dismenorrhea, amenorrhea, leucorrhea, chlorose, cachexias, escrofulas, algumas gastralgias, e dyspepsias e nos abatimentos resultantes de longos padecimentos.

4.ª — Agua Fervente:

Fazem, portanto, parte integrante d'esta agua, saes calcicos ou magnesicos, sulfatos e chloretos, algum acido carbonico e pouco ou nenhum ferro.

D'onde resulta que pode bem servir em varias molestias do apparelho digestivo, taes como gastralgias, gastrites, dartros e rheumatismos chronicos.

João Cardoso, Junior.

CAPITULO VIII

Grupo de diagrammas sobre o Ultramar Medico Portuguez

(Dr. Manuel Ferreira Ribeiro)

Primeiro grupo de diagrammas

Principaes factos de paludismo agudo nas differentes Colonias Portuguezas, registados pelos medicos do serviço de saude, desde 1875 a 1881

São 31 as differentes fórmas de paludismo agudo, observadas pelos nossos medicos coloniaes, mas estas devem reduzir-se muito quando, em todos os hospitaes, se adoptar uma classificação identica e uma nomenclatura nosologica do paludismo tão homogenea quanto racional.

Da leitura e da traducção d'estes diagrammas podem, todavia, deduzir-se, sobre o paludismo colonial nas nossas possessões, resultados importantes, a saber:

1.° *Intermittencia quotidiana* como facto geral, dominante, sendo apresentado sob as seguintes denominações:

a) Febres intermittentes.
b) Febres intermittentes quotidianas.
c) Febres palustres quotidianas.

Registam-se, além d'isto, muitas febres intermittentes quotidianas complicadas de outras doenças.

2.° *Intermittencia terçã, terçã dupla* e *quartã,* mas não se patenteia em todos os annos, e são estes casos, quasi sempre, n'uma frequencia relativamente minima..

3.° *Remittencia,* apparecendo factos d'esta ordem em todos os annos.

4.° *Continuidade,* faltando em todo o caso o seu registo nos dois ultimos annos do septenio que se representa nos diagrammas, em que se reunem todos os factos do paludismo agudo, observados nas colonias portuguezas.

5.° *Biliosidade,* que se regista sob as seguintes fórmas:

a) Febres biliosas.
b) Febres remittentes biliosas.
c) Febres biliosas hematuricas—não se observa caso nenhum na India portugueza, e falta o seu registo n'um anno.

6.º *Perniciosidade*, que se designa com as seguintes denominações:

a) Febres cerebraes.
b) Febres comatosas.
c) Febres perniciosas.
d) Febres perniciosas algidas.
e) Febres perniciosas convulsivas.

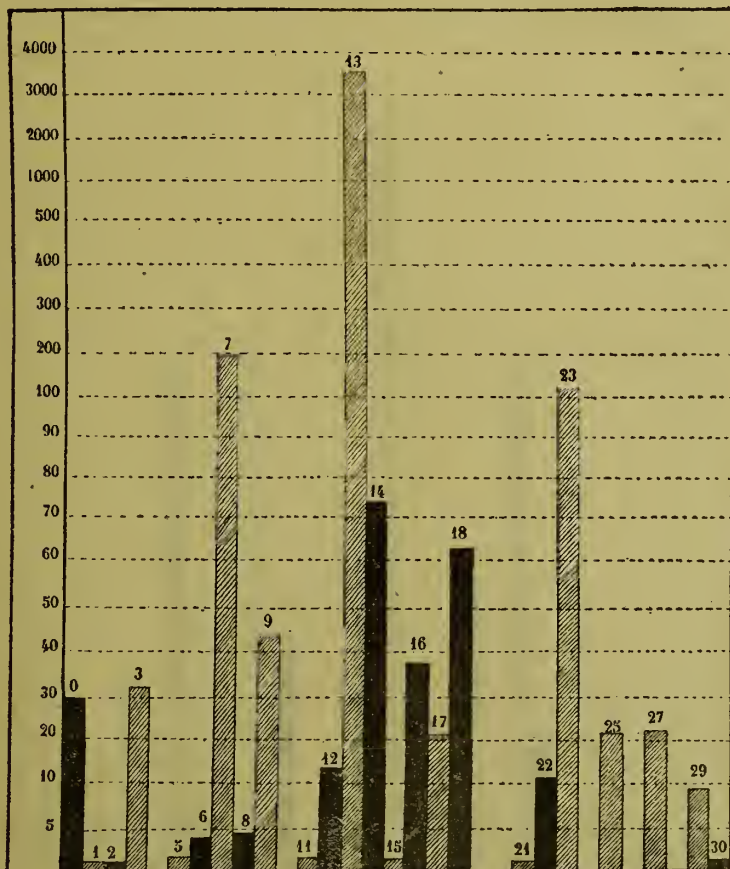
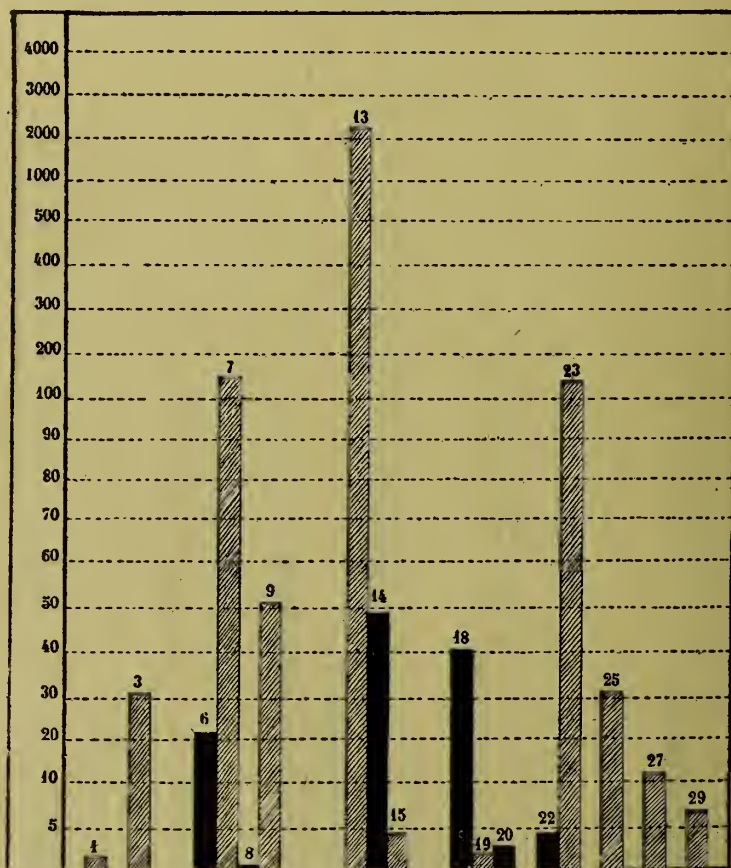
7.º *Hemorrhagia, hematuria, ataxia, adynamia, estado typhoide*, mostram-se em exemplares bem definidos, mas sempre por limitada frequencia, como bem se reconhece lendo os respectivos diagrammas.

Os factos mais salientes, no *paludismo agudo*, registados nas nossas colonias, são concretisados, seguindo dos mais frequentes, nas seguintes especies: *febres intermittentes quotidianas, febres palustres complicadas de outras doenças, febres remittentes, febres intermittentes terçãs, febres ephemeras, febres perniciosas, febres biliosas*, etc.

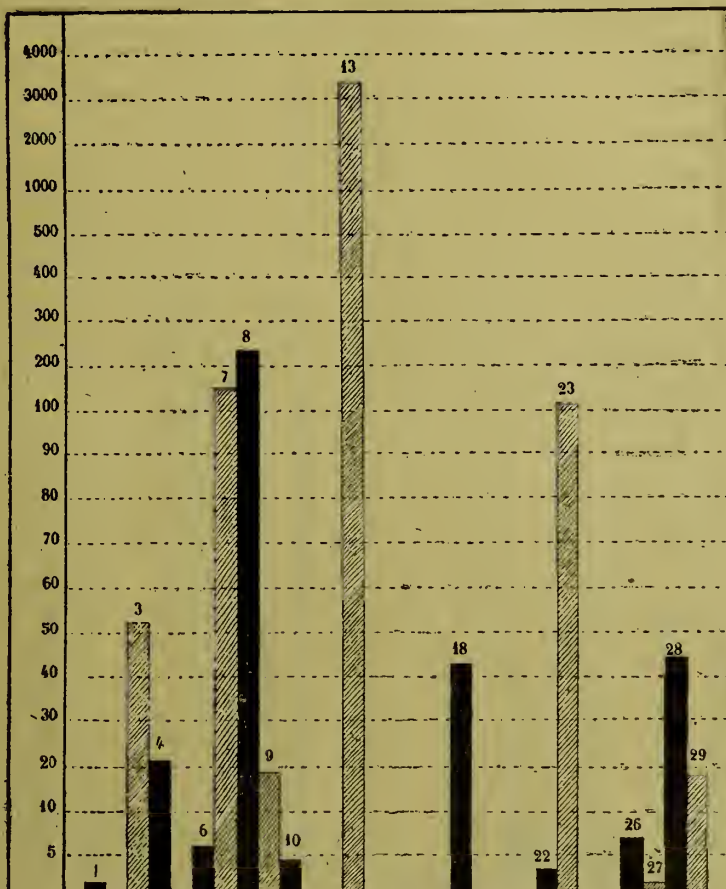
Na leitura e na traducção dos sete diagrammas, que formam este grupo, não deve esquecer que as designações *febres palustres* e *febres paludosas* são synonymas.

Apreciam-se, todavia, por este meio, os factos mais frequentes do *paludismo agudo* nas nossas colonias, embora não se achem ainda bem agrupadas as suas fórmas mais distinctas ou mais dominantes...

Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1875, nas principaes colonias

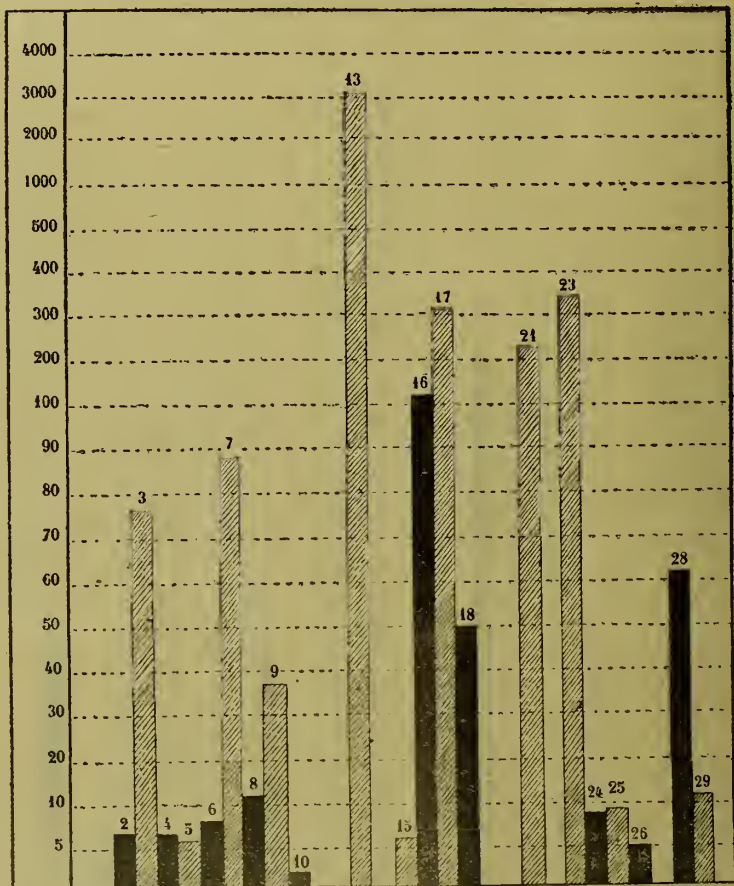
Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1876, nas principaes colonias

1 Febres ataxicas
2 » » adynamicas (nada)
3 » biliosas
4 » » hematuricas (nada)
5 » cerebraes (nada)
6 » comatosas
7 » complicadas de outras doenças
8 » continuas
9 » ephemeras
10 » gastricas (nada)
11 » hemorrhagicas (nada)
12 » intermittentes (nada)
13 » » quotidianas
14 » » terçãs
15 » » » duplas
16 Febres palustres (nada)
17 » » quotidianas (nada)
18 » perniciosas
19 » » algidas
20 » » convulsivas
21 » puerpuraes acompanhadas de outras (nada)
22 » quartãs
23 » remittentes
24 » » acompanhadas de outras (nada)
25 » » biliosas
26 » » complicadas (nada)
27 » » paludosas
28 » » terçãs (nada)
29 » » typhoides
30 » pseudo-typhoides (nada)

17 especies de origem palustre

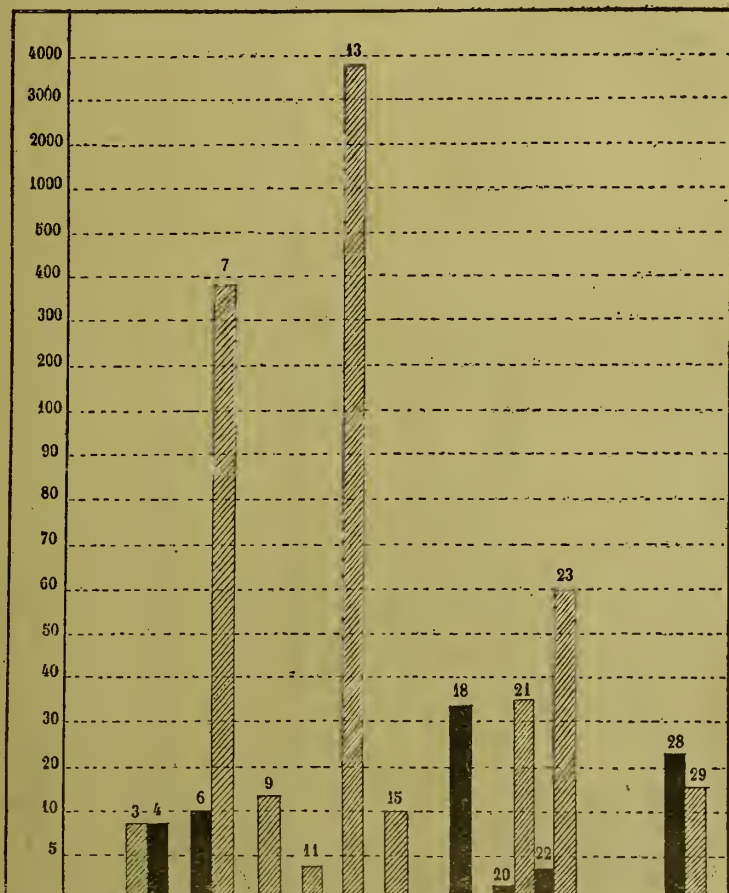
Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1877, nas principaes colonias

1 Febres ataxicas
2 » » adynamicas (nada)
3 » biliosas
4 » » hematuricas
5 » cerebraes (nada)
6 » comatosas
7 » complicadas de outras doenças
8 » continuas
9 » ephemeras
10 » gastricas
11 » hemorrhagicas (nada)
12 » intermittentes (nada)
13 » » quotidianas
14 » » terçãs (nada)
15 » » » duplas (nada)

16 Febres palustres (nada)
17 » » quotidianas (nada)
18 » perniciosas
19 » » aigidas (nada)
20 » » convulsivas (nada)
21 » puerpuraes acompanhadas de outras (nada)
22 » quartãs
23 » remittentes
24 » » acompanhadas de outras (nada)
25 » » biliosas (nada)
26 » » complicadas
27 » » paludosas
28 » » terçãs
29 » » typhoides
30 » psendo-typhoides (nada)

16 especies de origem palustre

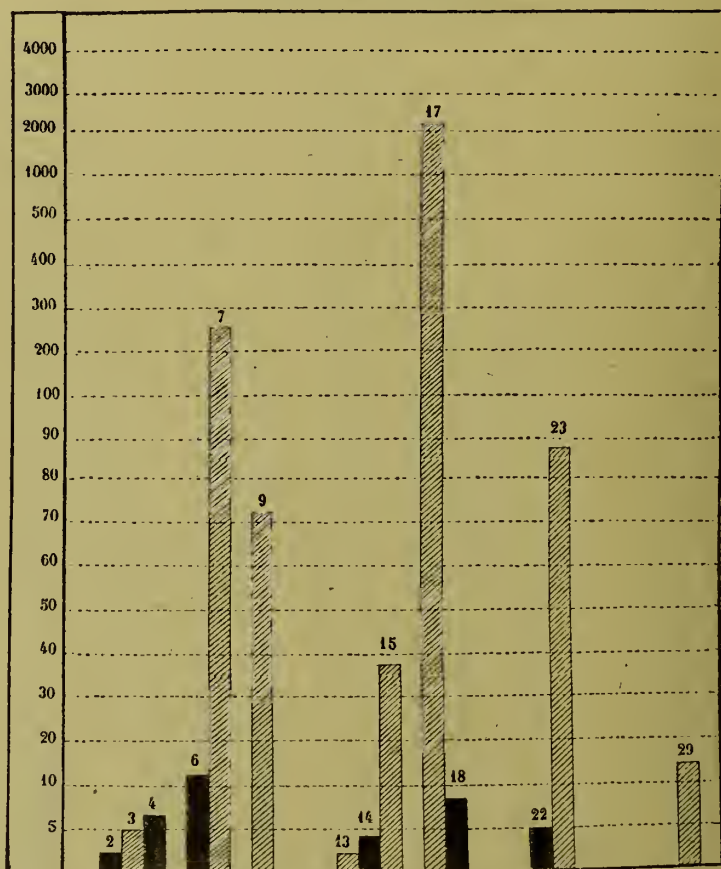
Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1878, nas principaes colonias

1	Febres ataxicas (nada)	
2	» »	adynamicas
3	»	biliosas
4	» »	hematuricas
5	»	cerebraes
6	»	comatosas
7	»	complicadas de outras doenças
8	»	continuas
9	»	ephemeras
10	»	gastricas
11	»	hemorrhagicas (nada)
12	»	intermittentes (nada)
13	» »	quotidianas
14	» »	terçãs (nada)
15	» » »	duplas
16	Febres palustres	
17	» »	quotidianas
18	»	perniciosas
19	» »	algidas (nada)
20	» »	convulsivas (nada)
21	»	puerpuraes acompanhadas de outras
22	»	quartãs (nada)
23	»	remittentes
24	» »	acompanhadas de outras
25	» »	biliosas
26	» »	complicadas
27	» »	paludosas (nada)
28	» »	terçãs
29	» »	typhoydes
30	»	pseudo-typhoides (nada)

21 especies de origem palustre

Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1879, nas principaes colonias

1 Febres ataxicas (nada)
2 » » adynamicas (nada)
3 » biliosas
4 » » hematuricas
5 » cerebraes (nada)
6 » comatosas
7 » complicadas de outras doenças
8 » continuas (nada)
9 » ephemeras
10 » gastricas (nada)
11 » hemorrhagicas
12 » intermittentes (nada)
13 » » quotidianas
14 » » terçãs (nada)
15 » » » duplas

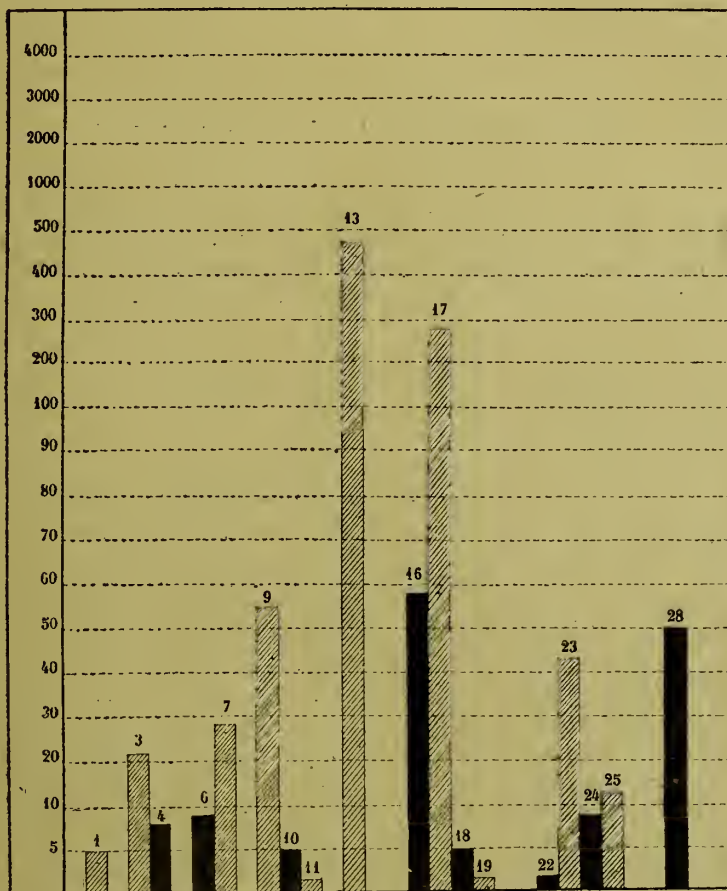
16 Febres palustres (nada)
17 » » quotidianas (nada)
18 » perniciosas
19 » » algidas (nada)
20 » » convulsivas
21 » puerpuraes acompanhadas de outras
22 » quartãs
23 » remittentes
24 » » acompanhadas de outras (nada)
25 » » biliosas (nada)
26 » » complicadas (nada)
27 » » paludosas (nada)
28 » » terçãs
29 » » typhoides
30 » pseudo-typhoides (nada)

15 especies de origem palustre

Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1880, nas principaes colonias

1 Febres ataxicas (nada)
2 » » adynamicas
3 » biliosas
4 » » hematuricas
5 » cerebraes (nada)
6 » comatosas
7 » complicadas de outras doenças
8 » continuas (nada)
9 » ephemeras
10 » gastricas (nada)
11 » hemorrhagicas (nada)
12 » intermittentes (nada)
13 » » quotidianas
14 » » terçãs
15 » » » duplas

16 Febres palustres (nada)
17 » » quotidianas
18 » perniciosas
19 » » algidas (nada)
20 » » convulsivas (nada)
21 » puerpuraes acompanhadas de outras (nada)
22 » quartãs
23 » remittentes
24 » » acompanhadas de outras (nada)
25 » » biliosas (nada)
26 » » complicadas (nada)
27 » » paludosas (nada)
28 » » terçãs (nada)
29 » » typhoides
30 » pseudo-typhoides (nada)

14 especies de origem palustre

**Differentes fórmas do paludismo agudo, em 1881,
nas principaes colonias**

1 Febres ataxicas
2 » » adynamicas (nada)
3 » biliosas
4 » » hematuricas
5 » cerebraes (nada)
6 » comatosas
7 » complicadas de outras doenças
8 » continuas (nada)
9 » ephemeras
10 » gastricas
11 » hemorrhagicas
12 » intermittentes (nada)
13 » » quotidianas
14 » » terçãs (nada)
15 » » » duplas (nada)

16 Febres palustres
17 » » quotidianas
18 » perniciosas
19 » » algidas
20 » » convulsivas (nada)
21 » puerpuraes acompanhadas do outras (nada)
22 » quartãs
23 » remittentes
24 » » acompanhadas de outras
25 » » biliosas
26 » » complicadas (nada)
27 » » paludosas (nada)
28 » » terçãs
29 » » typhoides (nada)
30 » pseudo-typhoides (nada)

18 especies de origem palustre

Segundo grupo de diagrammas

Movimento dos navios, no Porto Grande da ilha de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde, doenças que dão causa a quarentenas, policia sanitaria, maritima e terrestre, em cada povoação maritimo-colonial.

I

Movimento dos navios no Porto Grande da ilha de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde, doenças que dão causa a quarentenas

Julgou esta secção que devia fazer representar *graphicamente* depois de os mostrar por meio de *numeros,* com toda a minuciosidade, os factos que põem em evidencia a importante navegação de longo curso no Porto Grande de S. Vicente, no anno de 1887.

Dos 6 diagrammas que apresentamos para caracterisar a navegação do Porto Grande, da ilha de S. Vicente, em relação ao anno de 1887, facilmente se apura o seguinte:

1.º É de Cardiff e de Liverpool, na Europa, região superior do Atlantico; da ilha da Madeira, na Africa septentrional, e de Buenos Ayres e Rio da Prata, na America do Sul, que parte o maior numero de navios que tocam em S. Vicente (1.º diagramma).

2.º É para Liverpool, Havre, Hamburgo e Genova que se destina o maior numero de navios que passam em S. Vicente, com destino aos portos da Europa, aos portos da America e a poucos da Africa (2.º diagramma).

3.º São os navios inglezes, allemães, francezes, italianos e portuguezes os que aportam, em maior numero, ao Porto Grande de S. Vicente (3.º diagramma).

4.º São os vapores e as barcas que, em maior numero, fazem escala por S. Vicente (4.º diagramma).

5.º O cholera, a febre amarella, a variola e o sarampo são as doenças que deram causa ás quarentenas (5.º diagramma).

6.º São os vapores e as barcas os navios que se apresentaram, em maior numero, com a carta suja (6.º diagramma).

A navegação que faz escala por S. Vicente, exige, pois, que haja no porto a mais rigorosa policia sanitaria, e que se recorra ás quarentenas de rigor ou de observação quando se torne urgente evitar toda a communicação com a terra.

Este systema, porém, é muito pesado para o commercio, e ha por isso toda a vantagem em o substituir pelos mais activos meios de desinfecção e de inspecção.

Ao darmos conta do movimento maritimo, cuja importancia bem se revela nos diagrammas que organisámos, não nos cumpre indicar os meios locaes mais adequados a simplificar, e mesmo, em muitos casos, a evitar as quarentenas. A sciencia, todavia, já dispõe de recursos que devem aproveitar-se, a fim de se facilitar o movimento commercial e da navegação sem perigo para os habitantes, e d'elles nos occupamos por nos parecer uma questão de mais alta importancia e superior utilidade.

Colhemos os factos para o movimento maritimo dos portos da provincia de Moçambique, Diu, Damão e Goa, todas banhadas pelo mesmo oceano — o mar das Indias — mas recebendo modificações terrestres ou continentaes muitissimo mais profundas que as que distinguem os dois continentes da Africa e America do Sul, banhadas tambem por um mesmo oceano — o Atlantico.

A navegação do porto do Macau, bem como a de Timor, offerece, do mesmo modo, profundas differenças entre si e nas circumstancias em que pode importar-se qualquer doença infectuosa.

E, portanto, para bem se determinarem, não só as bases mais seguras de uma boa *policia sanitaria,* em cada porto colonial, mas tambem as doenças infectuosas que mais probabilidade teem de ser importadas, e as providencias que se devem tomar em terra, na povoação e no porto, é necessario ter larga experiencia dos trabalhos de desinfecção, perfeito conhecimento da evolução ou phase das doenças infectuosas — indigenas e exoticas — e das condições climicas mais geraes das terras de onde procedem as embarcações e a natureza das cargas que transportam.

A policia sanitaria maritimo-colonial não pode, pois, deixar de divergir, em muitas das suas providencias fundamentaes, de uns portos para outros, nas differentes colonias, e é isto o que muito deve tomar-se em consideração para não se fazerem despezas inuteis, nem se deixarem os habitantes expostos aos horrorosos desastres causados por qualquer epidemia de febre amarella, cholera e outras doenças, que podem ser importadas, principalmente por via maritima.

As doenças que, no Porto Grande de S. Vicente, em 1887, deram causa a quarentenas, são a *febre amarella,* o *sarampo* e a *variola,* o que mostra a altissima responsabilidade do medico que tem a seu cargo a policia sanitaria d'este porto.

1887
Embarcações segundo a procedencia
150
140
130
120
110
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
Bremen
Hamburgo
Trieste
Antuerpia
Bordeus
Havre
Marselha
Barcelona
Valencia
Cardiff
Gibraltar
Liverpool
Londres
New Castle
New Port
Southampton
Genova
Lisboa
Ilha do Fogo
Madeira
Outros portos
Bahia
Pernambuco
Rio de Janeiro
Santos
Boston
Prohincetown
Chili
Buenos Ayres
Montevideu
Valparaizo
Rio da Prata
Rosario
EUROPA
AFRICA
AMERICA

1887

Embarcações segundo o destino

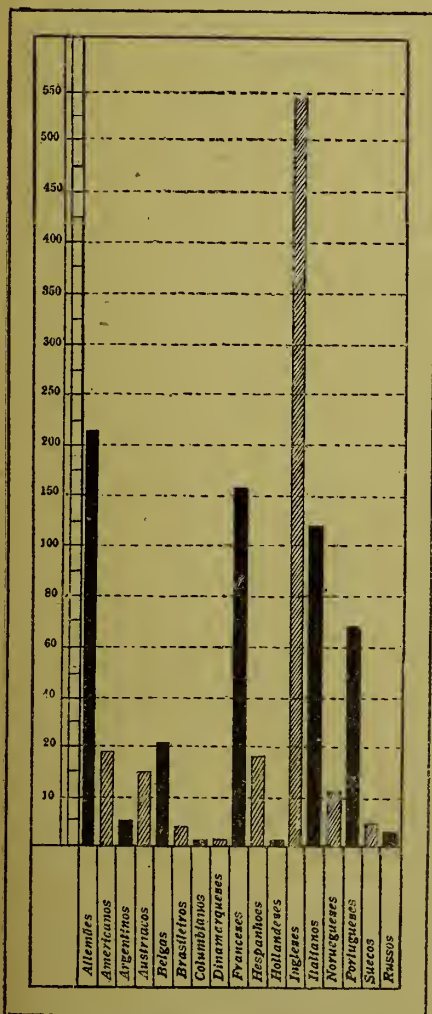
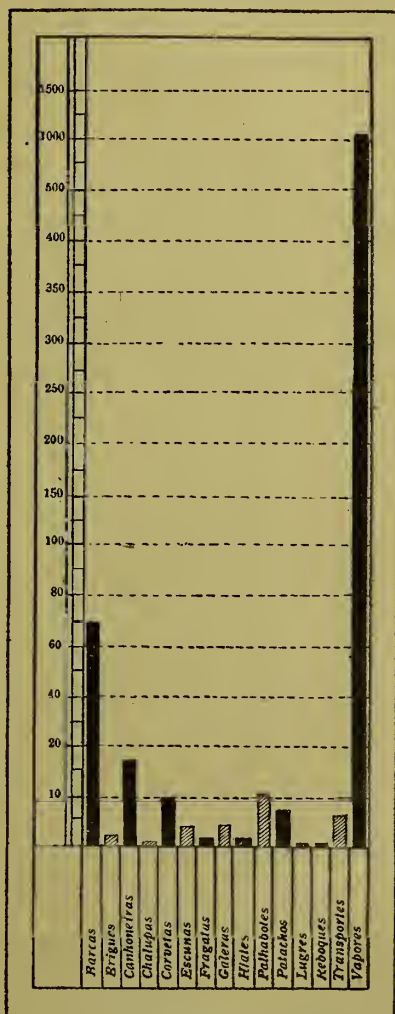
270 260 250 240 230 220 210 200 190 180 170 160 150 140 130 120 110 100 90 80 70 60 50 40 30 20 10

Bremen, Hamburgo, Trieste, Dunkerque, Anvers, Havre, Marselha, Valencia, Falmouth, Liverpool, Londres, Plymouth, Genova, Lisboa, Loanda, Praia, S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos, Chili, Buenos Ayres, Montevideo, Val de Paraiso, Rio da Prata, Rosario, Panamá, Terra Nova, Diversos portos, Sem destino

EUROPA — AFRICA — AMERICA

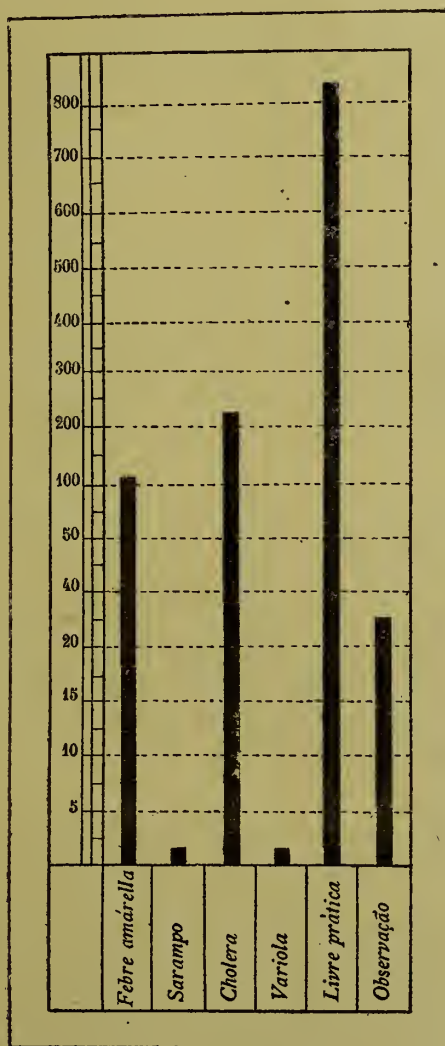
OBSERVAÇÃO.— Como se deprehende d'este diagramma, bem como do antecedente, as viagens das embarcações que fazem escala pelo bello Porto de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde, são, na sua maxima parte, destinadas aos portos banhados pelo Oceano Atlantico, o que constitue um centro de acção ou de influencia externa nos usos, costumes, civilisação e bem-estar dos habitantes, muito caracteristico,

mas que na ilha de S. Vicente não se acha bem estudado, embora, a respeito tanto do serviço de saude n'esta ilha como da administração local, se tenham publicado muito bons relatorios. Estudou-os a 2.ª secção e extractou-os, com o maior escrupulo que lhe foi possivel, mas nada apurou sob o ponto de vista da *demographia nas suas relações mais intimas com o modo de ser social dos habitantes da ilha,* e por isso no modelo que apresenta para se fazer uma descripção medico-hygiene, por cada colonia, lembra as investigações a fazer para se evitarem tão graves lacunas.

1887

Embarcações entradas

Observação.— Da classificação das embarcações, segundo os dias de maior numero de entradas e de sahidas, bem se avalia o trabalho e o tempo que é preciso consagrar á policia sanitaria do porto de S. Vicente.

A média geral das embarcações entradas, em cada dia, é de duas a tres, mas ha dias em que alli aportam muito maior numero. Apresentam-se casos de seis embarcações em 26 de janeiro, de oito em 1 de fevereiro, de nove em 28 de março, facto que se repetiu n'outros mezes. Ha dias de dez entradas.

1887

Navios entrados com livre pratica e quarentena

Observação geral.—São quatro as doenças que, em 1887, deram motivo, na ilha de S. Vicente, para se fazerem quarentenas de rigor ou de observação—a febre amarella, o cholera, o sarampo e a variola.

São estas doenças, na verdade, eminentemente infectuosas ou contagiosas, mas muitas outras doenças ha que não fazem menos victimas, *sem serem importadas*. Grande vantagem haverá, pois, em se organisarem, em cada povoação, as mais rigorosas providencias sanitarias, fazendo-as executar por uma *legião de saude*, achando-se assim, n'um momento dado, em circumstancias de debellar quaesquer fócos epidemicos, de causa interna ou externa, que se apresentem.

O isolamento, feito a tempo e sem vexames, a desinfecção executada com o material mais indispensavel e por pessoas experimentadas e o saneamento collocam uma povoação em boas condições de resistencia ou de ataque, e por isso mais vale fazer algumas despezas com estes trabalhos do que afastar a navegação e prejudicar o commercio, por se teimar em seguir a rotina e fechar-se toda a providencia no mais grosseiro empirismo!

Recommenda esta secção, de facto, com a mais viva instancia, as considerações feitas pelo delegado da junta de saude, o distincto facultativo Joaquim Esmeraldo Nobre,[1] a proposito do serviço de *sanidade maritima* no Porto Grande de S. Vicente.

Acham-se publicadas nas paginas 48 e 50 do seu relatorio e não podiamos deixar de nos referir a ellas desde o momento em que nos occupamos, com grande minuciosidade, das questões de policia sanitaria, tanto terrestre como maritima, nos differentes pontos das nossas colonias.

Para bem se avaliarem os insignificantissimos meios de defeza dos habitantes de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde, basta o relembrarmos que o delegado de saude viu-se obrigado a impôr quarentena por causa da variola e do sarampo!

Enumera este distincto facultativo (pag. 48) as causas que mais concorrem para difficultar e mesmo para afastar a navegação da ilha de S. Vicente, e apresenta ao mesmo tempo os principaes alvitres a attender, quando se pretenda respeitar as exigencias da saude publica e as mais imperiosas necessidades do commercio e da navegação no Porto Grande de S. Vicente.

---

[1] O dr. Joaquim Esmeraldo Nobre prestou muito bons serviços ao Estado.

Pediu a sua reforma pouco depois do tempo necessario para ella (doze annos de serviço).

Ainda hoje, fóra da vida publica, official, continúa exercendo brilhantemente a clinica junto d'aquelles dos seus patricios e mais pessoas que, maxime, em casos muito especiaes ou desesperados, o vão procurar, percorrendo muitas vezes leguas de distancia, não negando elle jámais seus serviços, embora gratuitos, a pessoa alguma, nem se poupando a fadigas, seja em que occasião fôr.

O Estado perdeu, e muito, com a reforma rapida do dr. Joaquim Esmeraldo Nobre, que, natural da ilha de Santo Antão e diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, é, sem contestação alguma, um dos mais distinctos facultativos que o Ultramar Portuguez conhece, e respeita, a toda a altura dos seus verdadeiros meritos.

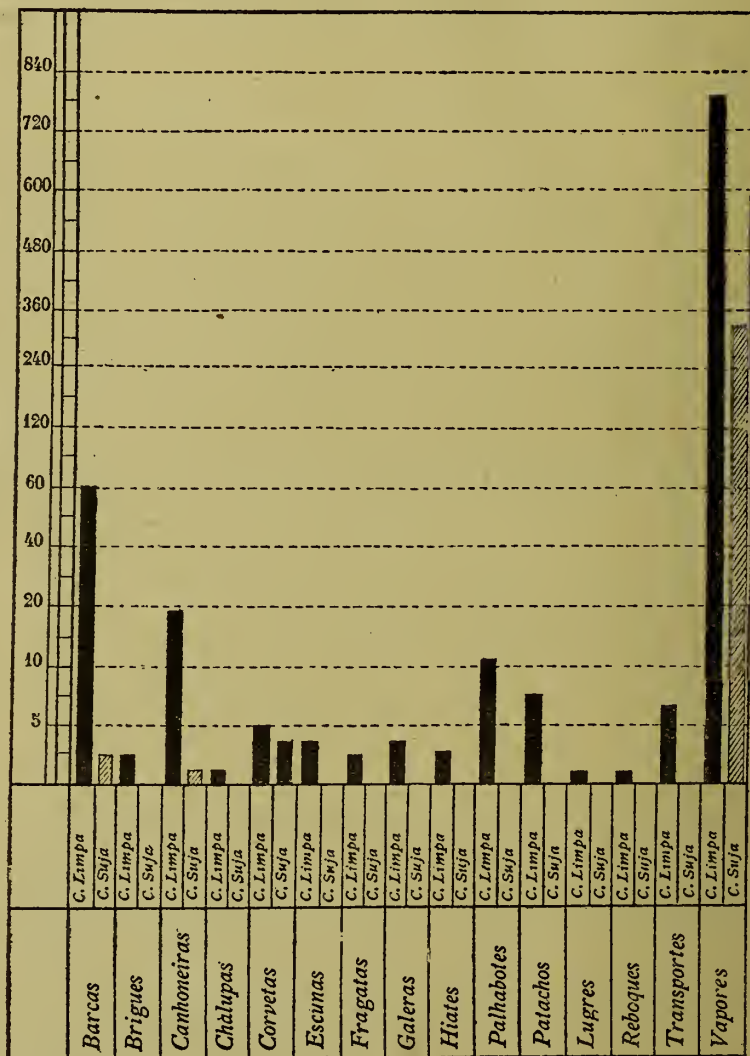
Praia, março de 1903.

João Cardoso, Junior.

A policia sanitaria, na ilha de S. Vicente, precisa realmente de ser feita com toda a rapidez, segurança e completa efficacia, e por isso necessario é que se lhe dêem os recursos precisos, tomando em muita attenção todos os alvitres apresentados, com muito senso pratico e boa orientação scientifica, pelo delegado de saude em S. Vicente, no anno de 1887.

O regulamento geral de *sanidade maritima,* actualmente em vigor, é o de 1889, e devem modificar-se por certo muitas das suas disposições, muito especialmente em relação aos portos das nossas principaes colonias.

1887

Classificação pelas cartas de saude

Observação.—Não nos parece racional, embora officialmente ad-

mittida, a palavra *suja* para designar a carta de saude ou o porto ou cidade em que grassa uma epidemia. Não é um termo scientifico, nem tem uma significação precisa, e por isso ha toda a vantagem em o substituir pela doença que realmente infesta a povoação, porto ou navio.

Sabemos, todavia, que no porto de S. Vicente apenas se impozeram quarentenas por causa da febre amarella, cholera, sarampo e variola. Não appareceu, de facto, outra doença que désse causa a quarentenas de rigor ou de observação, o que facilmente se explica pela posição ethnographica e pelas relações commerciaes em que se encontra a ilha de S. Vicente, que, se quizessemos, poderia ser um dos *mais bellos sanatorios maritimos* do Atlantico intertropical.

II

Policia sanitaria,
maritima e terrestre, em cada povoação maritimo-colonial

Os meios de defeza que se empregam — no Porto Grande de S. Vicente e nos das outras colonias, segundo o regulamento de sanidade maritima em vigor — contra a invasão do *cholera, febre amarella* e *peste,* devem completar-se com os que mais convém pôr em pratica contra a *febre typhoide, syphilis, variola, tuberculose, dysenteria,* e outras de origem parasitaria ou microbiana, climica ou thermica, que roubam centenas de vidas por cada povoação, e dizimam atrozmente a raça branca.

Para se combater a *febre typhoide* vigia-se a agua para os usos ordinarios da vida, protegendo-a contra tudo o que a possa viciar, e tomam-se as mais rigorosas providencias a respeito dos despejos, para que se façam na mais perfeita desinfecção. Quanto ás providencias a tomar contra a syphilis, deve prestar-se toda a attenção aos alvitres apresentados pelo delegado de saude da ilha de S. Vicente, e a que já nos havemos referido por mais de uma vez. São alvitres acceitaveis.

Contra a propagação da variola — horrivelmente desastrosa para a raça preta — lembra o chefe de serviço de saude de Angola a vantagem dos medicos vaccinadores — idéa que merece o nosso mais vivo applauso, e que bem queriamos vêr posta em pratica, encarregando-se os mesmos medicos dos trabalhos anthropometricos, climicos ou meteorologicos, de analyses e ainda de outros para que mostrem competencia e tenham tempo.

Quanto á importação de qualquer doença exotica, ou de qualquer outra infectuosa ou contagiosa, deve attender-se, nas providencias a tomar, ao seguinte:

a) Estado de resistencia organica e condições de salubridade em que se encontra a povoação.

b) Competencia dos individuos encarregados da policia sanitaria para a desinfecção offerecer a mais completa segurança.

c) Recursos de que dispõe o navio por isolar, desinfectar e combater os casos de qualquer epidemia que se manifeste a bordo.

d) Tempo de viagem do navio e natureza da carga.

e) Perfeito conhecimento, por parte do medico, das doenças endemicas que grassam na localidade de onde procede o navio, independentemente de qualquer epidemia.

O *pulex-penetrans*, cuja importação tantas desgraças, mortes e perdas tem causado no Ambriz, Loanda, Benguella, S. Thomé e Principe, ter-se-hia evitado se o serviço sanitario nos portos fosse o que realmente devia ser e não uma phantasmagoria, como informa o chefe do serviço de saude de Angola nos seguintes termos:

«Não ha um lazareto *(em Loanda!)*; não ha um simples serviço de desinfecção que mereça a menor confiança.

«Nas povoações do littoral e do interior ha postergação dos principios mais elementares de hygiene.

«Tudo que se fizesse, nas condições actuaes, para impedir a invasão do morbo *(cholera, febre amarella* ou *peste)*, não passaria de medidas apparatosas e ridiculas pelo seu nenhum valor scientifico, e que só serviriam para prejudicar o commercio e gastar elevadas sommas inutilmente.

«É preciso, pois, que nos preparemos com vagar e reflexão para as eventualidades d'esta ordem.»

E accrescenta mais este distincto funccionario:

«A mortalidade, em Loanda e em toda a provincia de Angola, é elevada. Para isso não contribue só o clima. A insalubridade é aggravada por condições faceis de remover.»

As providencias hygienicas, as de medicina preventiva, as de desinfecção e de acclimação devem constituir um plano de defeza e de ataque, em caso de invasão ou da existencia de fócos epidemicos, que urge organisar e pôr em pratica com a possivel brevidade em cada colonia, tendo em vista, sobretudo, proteger os colonos, e os immigrantes, contra as doenças que estão depauperando as povoações coloniaes.

Para combater a dysenteria, nos seus principaes fócos, é preciso apenas destruir todos os detrictos que possam entrar em putrefacção, principalmente de origem animal.

Os alvitres mais adequados para se impedir a propagação da *tuberculose* lembra-os o delegado da junta de saude, na ilha de S. Vicente, e a estes se deve attender, porque semelhante doença é eliminadora por excellencia.

Os trabalhos a empregar contra as differentes doenças de origem parasitaria, climica ou thermica dependem das condições peculiares ás localidades e climas; e que extraordinarios factos se nos pantenteiam!

E como poderá fazer-se alguma coisa de utilidade pratica, que mereça confiança, sem que se proceda ás mais indispensaveis investigações para se determinar a natureza de cada clima e das doenças que lhe correspondem?

São variadissimas, na verdade, as condições de climas, de habitantes e de logares que se offerecem á contemplação do medico que se propõe estudar a acclimação nas nossas possessões e as causas in-

trinsecas que teem opposto e se estão oppondo a este *desideratum* dos portuguezes e das principaes nações da Europa...

Todas as tentativas de colonisação européa que se teem feito custam centenas de contos de réis, e não teem assegurado a acclimação de raça nem a de familia, porque se julga possivel a acclimação no seu modo de ser natural e não se tomam as menores providencias para proteger os colonos contra as influencias do calor, do microbio palustre, do parasitismo, do clima e das localidades, taes como ellas se apresentam nos ultimos annos.

Não se pensou, por um só momento, na differenciação que ha nas nossas possessões, de umas terras para outras, embora aqui se nos depare a *raça preta* no seu mais puro grau, nos seus fócos autochtonos ou nos logares que a modificaram na côr e nos cabellos, e além a *raça amarella;* n'umas possessões, notaveis raças mixtas, e n'outras cruzamentos de toda a ordem, e em nenhuma a raça branca bem fixada ou bem adoptada ao clima e ao solo!

São algumas d'estas notabilissimas possessões inteiramente tropicaes e outras equatoriaes, e outras ainda tropico-equatoriaes, n'um e n'outro hemispherio!

São algumas d'ellas banhadas pelo Oceano Atlantico, outras pelo Mar das Indias e ainda outras pelo Mar da China e de Timor!

E quem poderá duvidar assim das enormissimas modificações organicas, physiologicas e psychologicas que se apresentam em todos os sêres que povoam estas terras?!

E quem poderá duvidar da differença do grau de *morbidez,* do grau de *mortalidade* e do grau de *gravidade* que se ha de dar, fatalmente, nas doenças que infestam as povoações que se acham espalhadas por toda a extensão da costa e por toda a vastissima superficie que se desenvolve, em largos tractos de terreno, em caprichosas collinas, a todos os rumos, e com todas as exposições, por montes, por valles e por planaltos, a differentes alturas e latitudes!...

E por que razão os terrenos mais ferteis não estão cobertos de aldeias, villas, casaes e habitações de todos os aspectos e feitios? [1]

E por que razão se não cultivam os cereaes em tão grande quantidade como permittiriam esses immensos tractos de terreno? [2]

---

[1] Que admiraveis considerandos, que riqueza de observações!

Se todos os Portuguezes, politicos e não politicos, tivessem attendido, attendessem ainda, ás multiplices necessidades dos altos interesses politicos, e de todas as mais ordens, de que o Ultramar Portuguez — possessão por possessão — ha precisado e precisa, que differença para esses interesses vitaes de Portugal, e, inclusivè, para a sua respeitabilidade junto das nações da Europa, que *travão* até, e poderosissimo, para ambições e planos que sejam ou possam ser contrarios ao engrandecimento, maior força e prestigio da Nação Portugueza!

[2] Muitissimo está por fazer ainda em todo o nosso Ultramar, e em todos os ramos de serviço.

Urge que a iniciativa particular portugueza incida, em todas as suas manifestações, e com força continua e energica, sobre quanto é Portuguez, no Ultramar Portuguez. Não continuemos como adormecidos ou hypnotisados, hesitantes, in-

Será, porventura, por causa da *febre amarella,* do *cholera* ou da *peste,* contra cuja invasão se acha organisada a policia sanitaria dos portos?

Não, por certo. Não existem fócos d'estas doenças em nenhumas das nossas colonias. O que lá temos são as doenças palustres...

Nos trabalhos para se combater o paludismo é que está toda a força para se salvar a raça branca nas colonias, e para se alcançar este resultado tomem-se por norma os seguintes factos fundamentaes:

1.º Meios a empregar nas epochas dos grandes calores, em que a morbidez palustre toma a sua maior intensidade, para os colonos não se anemiarem.

2.º Meios a empregar para sanear e agricultar os fócos palustres.

3.º Meios a empregar para auxiliar a defeza natural do organismo contra o microbio palustre, tornando-o mais resistente e mais apto para o trabalho.

4.º Meios a empregar para se purificarem todos os vehiculos que possam servir de transmissores do microbio palustre.

5.º Meios a empregar para se inutilisar a acção do microbio palustre depois de se dar a sua absorpção.

6.º Meios a empregar para que os *accessos de primeira invasão* do microbio palustre não se repitam, evitando-se ou attenuando-se assim a anemia palustre, a cachexia c outras graves consequencias...

7.º Meios a empregar para que se faça um registo positivo, claro e homogeneo de todos os accessos do microbio palustre, individuo por individuo e colonia por colonia.

São estes os factos fundamentaes a que se devem subordinar os trabalhos sobre o paludismo nas nossas colonias, e sob estes differentes pontos de vista os estava estudando o chefe de 2.ª secção, ao receber a ordem para voltar á provincia de S. Thomé e Principe, e ao entregar esta publicação julga do seu dever instar, pedir e rogar a s. ex.ª o ministro para que tome sob a sua alta protecção as investigações para se estudar e combater, de raiz e a preceito, o paludismo nas nossas mais ferteis colonias do ultramar. [1]

---

certos, equivocos, *que o despertar pode ser fatal a Portugal, e portanto a todos os Portuguezes.*

Não deixemos ficar para ámanhã o que hoje, sem demora, possa e deva ser feito por Portuguezes e para Portugal.

No momento historico, actual, cercam-nos a nós, Portuguezes, talvez mais perigos que em tempo algum.

Saibamos combater estes pela iniciativa, trabalho aturado, colonisação insistente e bem orientada, emprezas e capital exclusivamente portuguezes, e sem mais delongas.

[1] No Ultramar Portuguez a questão do estudo e combate do paludismo é importantissima; mas no ramo do serviço de saude, e no mesmo Ultramar, *muitissimo ha, além do paludismo, que estudar, combater e reformar,* em beneficio de Portugal, dos que residem nas regiões quentes e das gerações futuras.

Nas respostas que démos ás theses formuladas pela Sociedade de Geogra-

As vidas que se salvam, os dias de trabalho que se aproveitam, as despezas que se deixam de fazer com o tratamento e com as viagens á metropole, e o vigor que se irá accentuando nos individuos, nas familias e nas povoações, largamente compensarão todas as despezas que se possam fazer e para que todos que se interessam pelas nossas colonias devem concorrer.

---

phia de Lisboa, a fim de serem presentes ao Congresso Colonial, mostrámos, claramente, quaes as nossas idéas sobre esses assumptos, trabalho que da Secretaria geral do Governo de Cabo Verde foi enviado ao Ministerio da Marinha e Ultramar, fazendo parte dos trabalhos da respectiva Commissão, para que foramos nomeado por S. Ex.ª o Governador Arnaldo de Novaes Guedes Rebello, transferido ha mezes para Macau, e certamente um dos governadores que bem assignalada deixou a sua passagem por este archipelago, e que, na verdade, tem qualidades superiores de administração e fino criterio, o que tudo fará com que se distinga em qualquer governo, por mais delicadas ou difficeis que sejam as condições, etc.

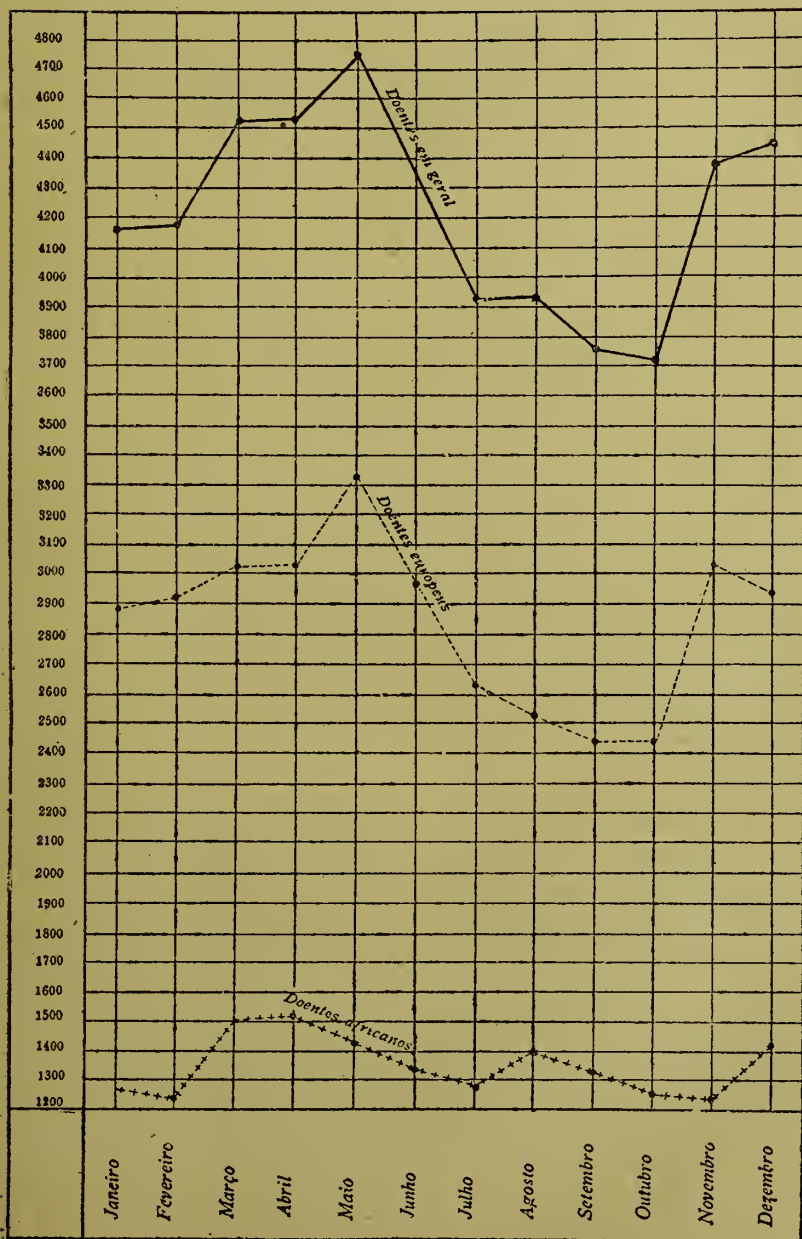
Antes do nosso trabalho ao Congresso Colonial, já sobre assumptos importantes — o combate pratico da syphilis, a utilisação pratica das plantas medicinaes do Ultramar Portuguez, e agrupamentos para uma classificação therapeutica das plantas medicinaes da India, etc. — tinhamos elaborado trabalhos destinados ao *Congresso Nacional de Medicina.*

Praia, março de 1903.

João Cardoso, Junior.

Terceiro grupo de diagrammas

I

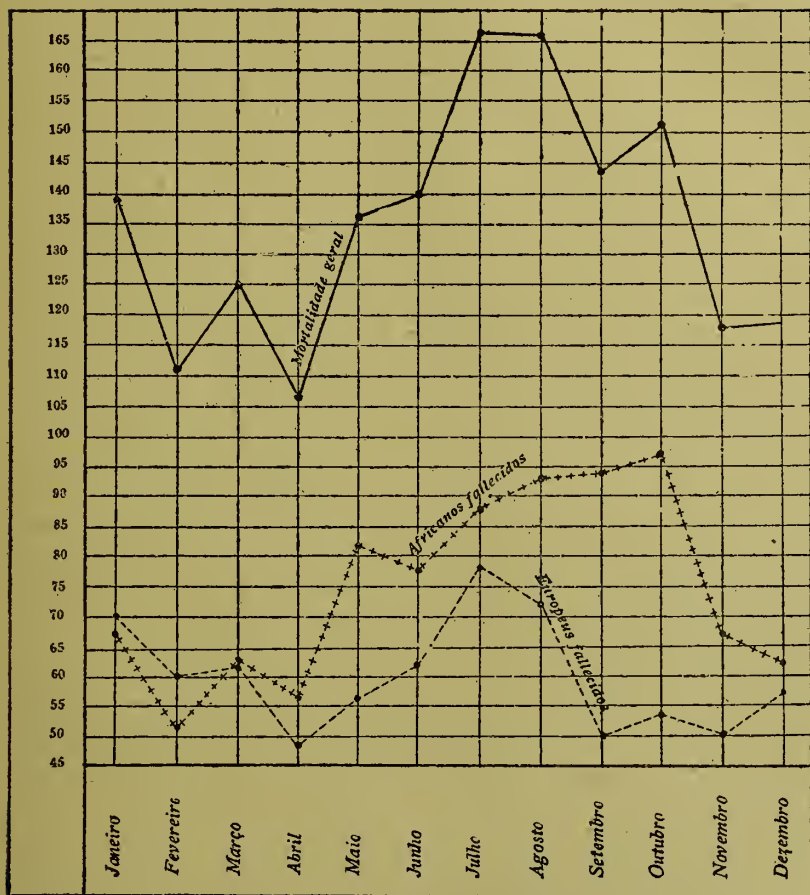
Regimen morbido
e linha evolutiva, mensal, da morbidez na cidade de Loanda

Mostra este diagramma que o regimen morbido na cidade de Loanda differe extraordinariamente, segundo se trata de indigenas ou de europeus.

Os indigenas, sempre em muito maior numero que os europeus, *adoecem muito* menos que estes, que teem um grau de morbidez extraordinariamente mais elevado.

O maior numero de doenças é para os indigenas em março e abril e para os europeus em maio.

A oscillação da morbidez nos indigenas mostra, de facto, que estes são menos sensiveis, podendo mesmo dizer-se que a linha evolutiva da morbidez geral pouco se altera, sob a influencia das doenças dos individuos de côr preta, perfeitamente acclimados.

II

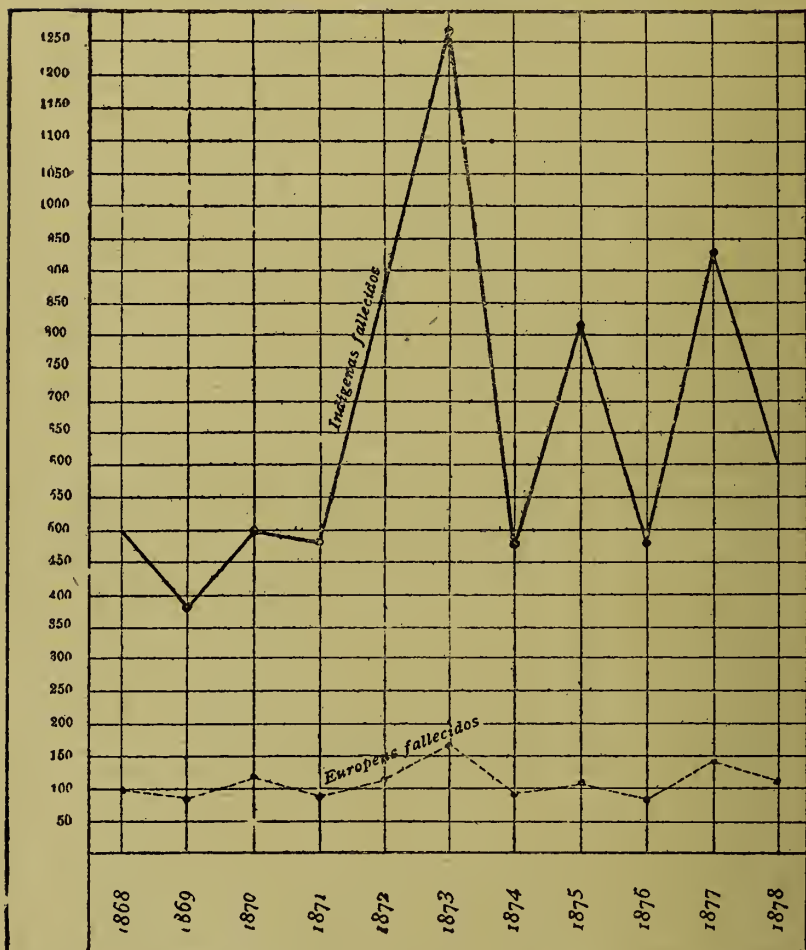
Regimen necrologico
e linha evolutiva, mensal, da mortalidade na cidade de Loanda

Mostra este diagramma que, na mortalidade, se apresentam invertidos os factos registados para se apreciar o grau de morbidez.

São os indigenas, sem a menor duvida, os que apresentam maior mortalidade na cidade de Loanda, o que é realmente um facto extraordinario.

Pois se os indigenas se acham acclimados e teem muito menor grau de morbidez de que os europeus, como se explica esta singularissima differença na mortalidade?

O mez de maior mortalidade nos indigenas não coincide com o da maior morbidez, e o mesmo facto se observa nos europeus.

III

Regimen necrologico e linha evolutiva, annual, da mortalidade na cidade de Loanda

A mortalidade geral, comparada, anno por anno, entre indigenas e europeus, na cidade de Loanda, tem quasi a mesma evolução, como bem se observa examinando as oscillações diagrammaticas, correspondentes aos obitos registados na cidade por 11 annos successivos.[1]

---

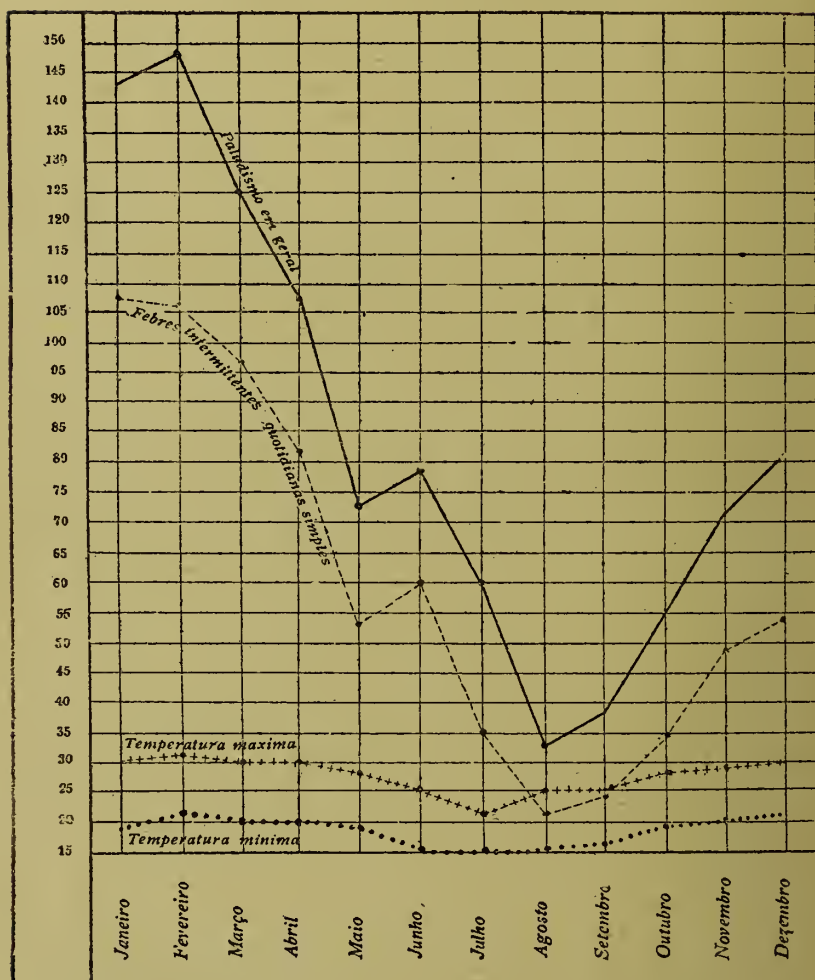
[1] Examinando, extractando e comparando as estatisticas medicas enviadas pelos nossos facultativos coloniaes, organisou o chefe da 2.ª secção eguaes trabalhos para cada uma das nossas colonias, sendo notabilissimos os resultados a que

Nota-se, em todo o caso, que os maximos e minimos da mortalidade coincidem, anno por anno, nos indigenas e nos europeus, mas o que não tem mesmo comparação possivel são as oscillações da evolução mortuaria, d'onde se conclue que a eliminação nos indigenas é sempre muito menor do que naturalmente era de esperar.

---

se chega, muito especialmente para o regimen morbido e da mortalidade relativo á *India Portugueza*, a *Moçambique* e a *Angola*, tanto entre os respectivos indigenas como entre os europeus. Torna-se, porém, impossivel a sua publicação n'este trabalho por ter de se terminar na altura em que se acha.

IV

Regimen das febres palustres, na cidade de Loanda, e linha evolutiva, mensal, do paludismo e das suas manifestações intermittentes

As febres palustres, em geral, como se observa lendo e comparando a linha da evolução d'este diagramma, mez por mez, apresentam as mesmas oscillações das *febres palustres intermittentes,* desacompanhadas de qualquer complicação, associação ou localisação, e assim se evidenceia que toda a hygiene local, por cada fóco palustre, e toda a medicina preventiva deve ter por objectivo principal a boa resisten-

cia organica dos individuos e energico tratamento de todos os casos palustres que se manifestem logo a principio.

Façam-se, pois, os registos dos casos de primeira invasão, distinguindo os quotidianos, terçãos, quartãos ou de qualquer outro typo, e procure-se, tanto quanto fôr possivel, fixar todos estes factos pathologicos palustres pela sua ordem chronologica, observando individuo por individuo.

Em cada hospital colonial deverá crear-se um serviço particular para os trabalhos sobre o paludismo, porque é contra este terrivel inimigo dos nossos colonos que se deve luctar, a fim de o attenuar ou destruir e abrir assim de par em par as nossas colonias a uma fecunda emigração e colonisação.[1]

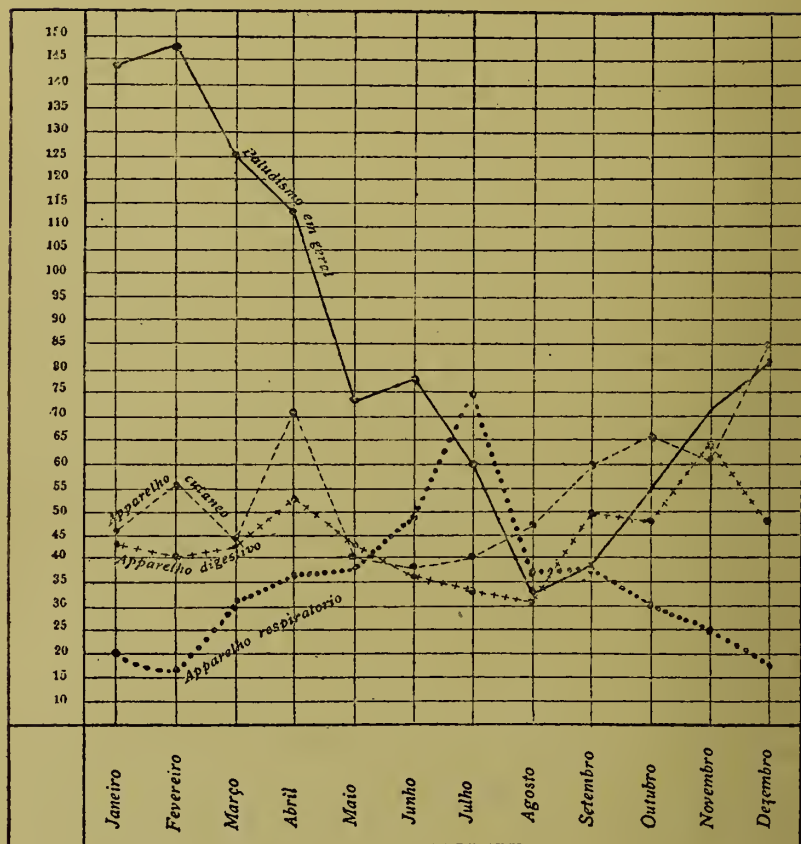
---

[1] Permitta o respeitavel homem de sciencia, notavel hygienista portuguez, e incansavel obreiro, durante tantos annos no Ultramar Portuguez, de tudo quanto, sob o ponto de vista medico, entendeu, sempre, que podia concorrer poderosamente para o alevantamento do nivel scientifico do nosso Ultramar, não só entre nós, portuguezes, como entre extrangeiros; permitta o nosso ex.mo amigo e sr. dr. Manuel Ferreira Ribeiro, que, em nome da *verdade* completa, e conservando o respeito que nos merecem todos os seus trabalhos e affirmações, digamos, como traducção fiel do que estamos convicto, que são numerosos e importantes os serviços que é preciso crear em cada hospital das nossas possessões ultramarinas, mas que, a preceder quanto está indicado, a tal respeito, ha a fazer uma profunda, sabia e não demorada reforma do serviço de saude no Ultramar Portuguez, tendo em vista não só melhorar serviços de alta importancia como *pagar bem a todo o respectivo funccionalismo,* exigindo d'elle, n'estas condições, tudo que as multiplices exigencias da sciencia, e do serviço, impõem diariamente, não perdendo de vista ligar ainda, por esta fórma, os interesses da Mãe Patria com os das provincias ultramarinas, mostrando-se, assim, clarissimamente, que tambem n'este ramo de serviço, nós, Portuguezes, sabemos collocar-nos á altura devida e precisa.

Praia, março de 1903.

João Cardoso, Junior.

V

Regimen do paludismo em geral,
e o das doenças dos apparelhos cutaneo, digestivo e respiratorio,
na cidade de Loanda

Na evolução mensal das principaes doenças registadas em Loanda não ha relação nenhuma de umas com as outras, embora sujeitas ao mesmo meio externo que lhes é commum.

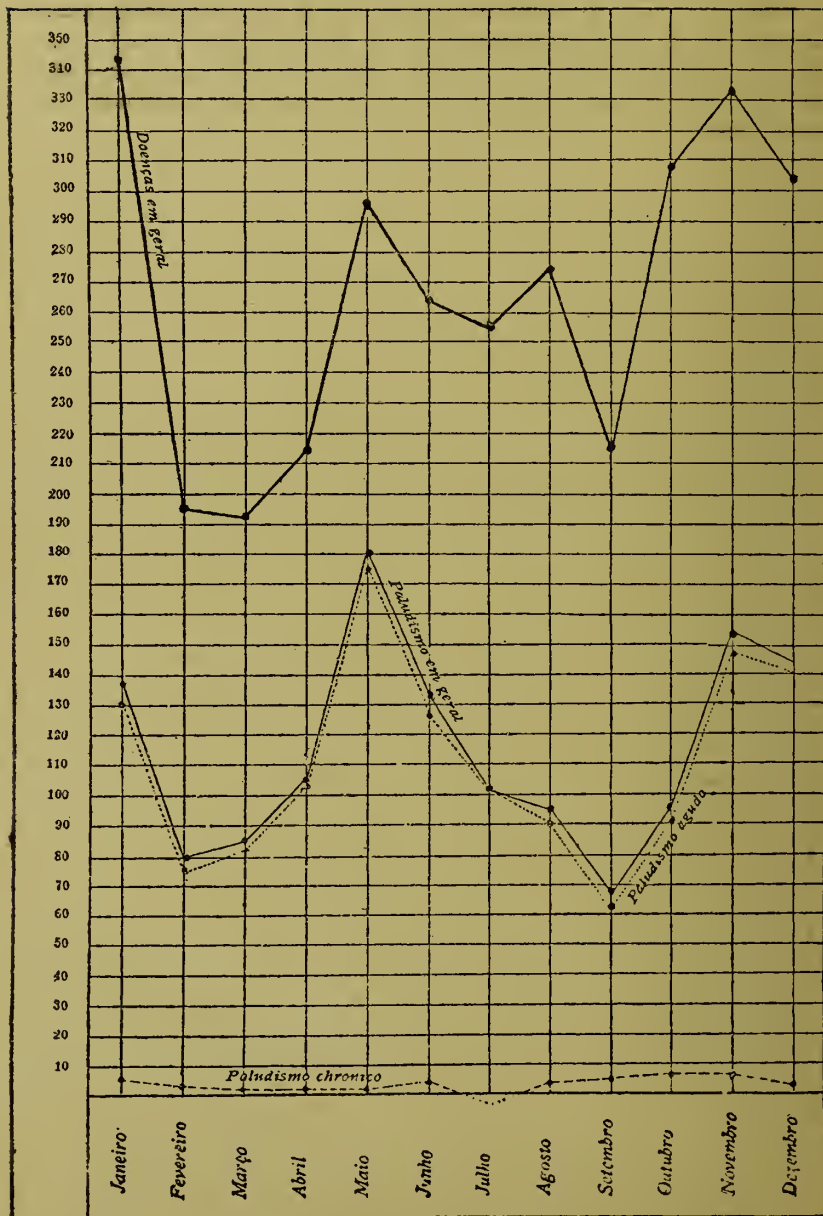
O paludismo tem os seus maximos e minimos em mezes muito differentes das doenças dos outros apparelhos, e assim, por este diagramma, é facil reconhecer o seguinte:

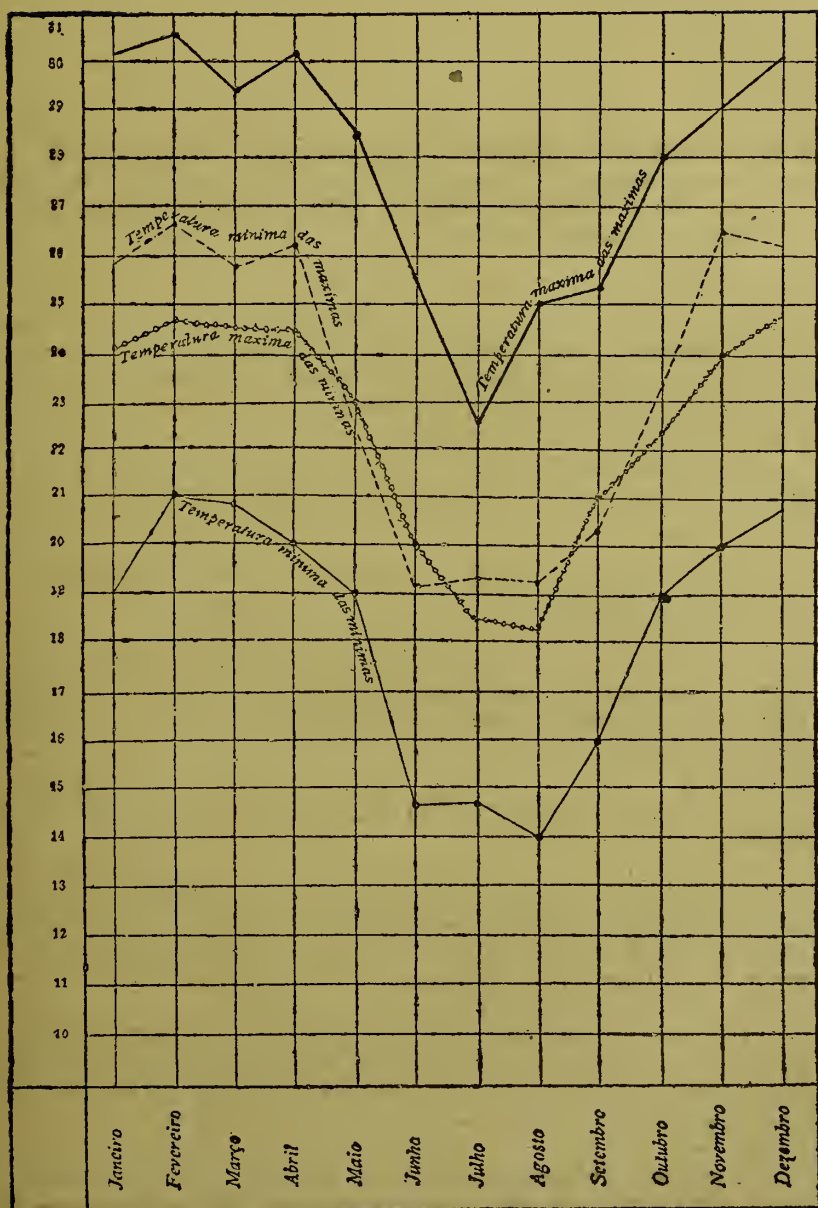
Paludismo, maximo................. fevereiro
» minimo................. agosto
Apparelho cutaneo, maximo......... abril, dezembro

Apparelho cutaneo, minimo	junho
» digestivo, maximo	novembro
» » minimo........	agosto
» respiratorio, maximo	julho
» » minimo......	fevereiro

Não ha a menor duvida de que as doenças que enfraquecem o organismo o predispõem para outras. Cada uma d'ellas, porém, conserva a evolução que lhe é propria, quando se dá a causa especifica que a determina, embora cheguem muitas vezes a aggravarem-se reciprocamente.

VI

Regimen do paludismo agudo e chronico, e linha evolutiva, por cada mez, das doenças e do paludismo em geral

VII

Regimen thermico, por mezes, na cidade de Loanda

Regimen da população da cidade de Loanda, morbidez em geral, mortalidade por mezes e por annos, regimen das febres palustres e suas mais intimas relações com as doenças dos differentes orgãos e apparelhos e com a temperatura que se observa na cidade.

Publicam-se n'este grupo sete diagrammas apenas, relativos todos elles aos *factores demographicos negativos*, sob o seu ponto de vista mais geral, no momento cosmico, social e politico em que se encontra a população da cidade de Loanda.

Compõe-se esta, tal como actualmente se nos depara—«principio da ultima decada do seculo XIX»—dos seguintes elementos anthropologicos:

1.° *Europeus*, especialmente portuguezes-peninsulo-continentaes, na Europa, e insulares.

2.° *Africanos*, de côr preta mais ou menos carregada, a maior parte de côr escura, procedentes de differentes pontos do continente negro, e na cidade de Loanda reunidos por immigração e alli mais ou menos acclimados.

3.° *Mestiços, mulatos* ou *mixtos*, em variadissimos graus de cruzamento.

4.° *Creoulos*, sem que recebam dos paes por hereditariedade qualquer modificação organica, por estes já adquirida ou n'elles impressa pela acclimação, alcançada na lucta pela existencia na respectiva localidade, ou fixada pela selecção natural e transmittida aos filhos.

5.° *Nativos, indigenas*, que nos respectivos cruzamentos herdam dos paes algumas das modificações organicas já por elles obtidas e por isso mesmo collocados em muito melhores condições de resistencia do que os creoulos ou filhos de paes puramente europeus.

Todos estes individuos, formando uma collectividade importante, estão por estudar nas *suas condições organicas fundamentaes*, pois não

se registam nem teem registado, na cidade de Loanda, os principaes factos demographicos, anthropologicos e demometricos que caracterisam a população!!

Ha, porém, numerosos factos pathologicos e necrologicos que os facultativos teem registado e de que pode fazer-se uma justa apreciação, tomando na devida conta os sete diagrammas que apresentamos.

No 1.º diagramma — considerado independentemente de qualquer numero de habitantes — mostra-se que a *morbidez* é mais alta ou muito mais intensa nos europeus do que nos indigenas!

As doenças que ferem uns e outros individuos estão expressamente consignadas nos mappas, mas não são as especies pathologicas a que, n'este momento, mais particularmente nos referimos. É á intensidade graphicamente representada pela somma de todas as especies morbidas na sua conjugação com as principaes epochas astronomicas, em que se divide o nosso anno civil.

Comparem-se, mez por mez, os tres factores que se registam no 1.º diagramma, isto é, a *morbidez geral*, a dos *europeus* e a dos *indigenas*, e desde logo se reconhece o seguinte:

1.º As oscillações da morbidez nos europeus são muito mais amplas que nos indigenas, de onde se conclue que é muito menor a resistencia organica dos europeus.

2.º A maior intensidade morbida nos indigenas é nos mezes de março a abril, emquanto que a dos europeus é no mez de maio.

3.º Os maximos e minimos que successivamente se observam nas linhas da evolução morbida, segundo se attende aos indigenas ou aos europeus e ás suas relações mais intimas com os mezes de cada anno, são muito differentes na sua significação, embora com alguma semelhança de fórma entre si.

4.º A linha de morbidez geral, conservando nas suas oscillações mais harmonia com a dos europeus, é prova evidente de que são as doenças d'estes que dominam e não as dos indigenas.

5.º Fica posto, portanto, em toda a evidencia, que os europeus, na cidade de Loanda, não se acham acclimados como os africanos, apesar de se terem passado mais de tres seculos desde que alli se estabeleceram!

A morbidez ou intensidade morbida, na sua evolução, mez por mez, nada tem de parecença com a da mortalidade a que se refere o 2.º diagramma.

A mortalidade nos europeus tem o seu ponto culminante em *julho*, um dos mezes em que a temperatura desce ao seu minimo (7.º diagramma), emquanto que a morbidez attinge o seu ponto mais elevado em *maio*, quando a temperatura se conserva mais alta.

Nos indigenas, a menor mortalidade verifica-se no mez de fevereiro e a maxima em outubro.

Nas curvas da morbidez e da mortalidade, em geral, apresentam-se os pontos culminantes, n'uma em maio e na outra em julho e agosto, o que mostra que a eliminação da população é mais intensa nos mezes mais frescos do anno, emquanto que a morbidez se eleva mais nos mezes de maior calor.

Combater, pois, todas as influencias — que favorecem a morbidez nos mezes mais quentes do anno — pelos meios mais praticos que a sciencia e a industria conhecem e podem levar á cidade de Loanda e a outras povoações coloniaes, em identicas circumstancias, é um dos mais fecundos processos para se reduzir a mortalidade durante os mezes mais frescos do anno, obter mais trabalho, reduzir o tratamento e prestar um dos mais valiosos auxilios á acclimação dos colonos e de todos os que desejam viver nas colonias.

No 3.º diagramma, em que se apresenta a mortalidade da cidade de Loanda por annos successivos, confirma-se um importante facto da selecção natural e que — embora não tenha novidade n'esta ordem de questões — revela comtudo que nos indigenas se opera uma eliminação muito semelhante á dos europeus.

O facto demographico a que nos referimos é o seguinte:

Desapparecem os mais fracos ou os menos resistentes n'um anno, dando-se um *maximo* de mortalidade, e ficam os mais fortes, dando-se nos annos seguintes um *minimo*, tanto nos europeus como nos indigenas, mas sempre com maior oscillação na linha evolutiva dos indigenas, o que prova o seu maximo grau de fraqueza ou a sua menor força de resistencia ou a sua mesma inacclimabilidade.

A mortalidade nos europeus e nos indigenas precisa, pois, de ser bem estudada, procurando determinar com todo o cuidado as suas causas especificas e as suas relações com a resistencia organica que se observa n'uns e n'outros.

Tal como actualmente se acha, a cidade de Loanda deve considerar-se como um *forte centro eliminador*, sustentado apenas pelas forças da emigração tanto indigena como europêa...

Os europeus, em geral, morrem das seguintes especies pathologicas:

a) Dysenterias.
b) Diarrhéa.
c) Cachexia palustre.
d) Febres biliosas e perniciosas.
e) Anemias.
f) Brochites capillares.

Os indigenas, a seu turno, são victimas das seguintes:

a) Bronchites capillares.
b) Pneumonias.
c) Tuberculos pulmonares.

d) Anemias; inanição.
e) Hepatites
f) Diarrhéa.
g) Variola.

Como muito bem se deprehende d'estas especies pathologicas, a mortalidade nas suas relações mais intimas com o meio externo, observada dia a dia e mez a mez, provém tanto das *influencias atmosphericas* como de algumas causas especificas, abatendo umas e outras o organismo e fazendo diminuir a força de resistencia organica, e assim qualquer abalo ou perturbação o prostra ou elimina.

No 4.º diagramma faz-se a comparação do paludismo em geral e o das suas fórmas intermittentes quotidianas, que são as que dominam em cada uma das nossas colonias.

No seu relatorio, pag. 326, ajunta o chefe do serviço de Angola — o que mais corrobora os principios que estabelecêmos — um diagramma com a curva evolutiva das febres intermittentes simples, que elle registou no hospital de Loanda. N'este trabalho põe em relevo as relações mais intimas das febres intermittentes com os mezes do anno e com as respectivas estações, e assim se reconhece que as febres intermittentes quotidianas teem independencia propria.

O maximo das febres intermittentes, como se observa no 4.º diagramma, é em *janeiro* e o minimo em *agosto,* o que está em conformidade com o maximo e minimo em geral, salvo uma ligeira recrudescencia em fevereiro.

Fica portanto demonstrado que o paludismo se torna menos intenso nos mezes de junho a setembro, tanto sob as suas fórmas intermittentes como em todas as suas manifestacães e localisações.

O paludismo tem os seus maximos e os seus minimos, independentemente dos que se mostram nas doenças que se acham localisadas nos apparelhos *cutaneo, digestivo* e *respiratorio.*

As oscillações do paludismo e os seus maximos e minimos secundarios não teem relação nem semelhança nenhuma com as oscillações ou maximos e minimos na evolução da mortalidade, determinada pelas outras doenças, observadas nos tres apparelhos com que se comparam.

O paludismo domina e impõe-se sempre, como bem se reconhece quando se lê e se compara a evolução do paludismo em geral e de todas as doenças reunidas (6.º diagramma).

A maior intensidade, todavia, tanto n'umas como n'outras, é nos mezes de *novembro, janeiro* e *maio.*

O exame comparado dos sete diagrammas, em que se concretisa, na população da cidade, o regimen morbido, a sua morbidez e a mortalidade, mez por mez e anno por anno, tendo em muita attenção o paludismo e a temperatura na cidade, põe-nos em relevo o seguinte:

1.º Como a mais forte morbidez corresponde aos mezes de mais alta temperatura, é para esta que se deve voltar a attenção dos medicos, propondo os meios de a moderar.

2.º Como as doenças a combater nas nossas colonias palustres são quasi sempre as mesmas, o que mais urge fazer é divulgar os meios hygienicos locaes, de mais facil comprehensão e execução — deduzidos de investigações feitas directamente nas respectivas povoações e registadas em presença dos factos realmente reconhecidos e não de observações subjectivas, de caracter pessoal, nem de theorias adquiridas na leitura de livros especiaes, nem de idéas preconcebidas...

A instrucção solidamente conquistada deve servir apenas de luz para se poder vêr melhor, mais fundo e por completo cada facto pathogenico ou pathologico que se investiga.

3.º Como as doenças mais frequentes — *tantas vezes repetidas nos nossos diagrammas, estatisticas, resumos e extractos* — são as que logo *á primeira invasão* se devem radicalmente atacar, repetimol-as mais uma vez, porque são as suas causas que primeiro se devem determinar, por cada povoação, e é tambem a sua hygiene e medicina preventiva que mais cumpre divulgar. São estas doenças que enfraquecem o organismo, são ellas que, a seu turno, se aggravam e acabam por inutilisar os individuos e por se tornarem fataes...

Estas doenças são as seguintes:

Febres intermittentes quotidianas; rheumatismo; dysenteria; embaraço gastrico; diarrhéa; ulceras; bronchites; anemias à calore; lichen e eczemas; furunculos; febres remittentes; febres biliosas e febres melanuricas.

4.º Como a maior mortalidade corresponde aos mezes de mais baixa temperatura, é necessario pôr em pratica os processos já conhecidos para se fazer augmentar a resistencia organica nos mezes que precedem a estação mais fresca.

5.º A povoação de Loanda — destinada a ser a capital de um vastissimo imperio (1.250:000 kilometros quadrados de superficie, isto é, 14 vezes maior que Portugal) — apresentando-se no fim de 300 annos sob a direcção e administração de um povo activo, trabalhador, intelligente e notavelmente assimilador, com 14:500 habitantes, sendo apenas 2:000 europeus, tem causas eliminadoras inherentes á sua posição que muito urge combater, tanto para conservar a vida dos indigenas como a dos europeus, e é este por certo um dos problemas medicos a que a junta de saude de Angola não deixará de consagrar toda a sua muito esclarecida attenção.

Quarto grupo de diagrammas

Frequencia relativa das dysenterias e das febres palustres nas nossas provincias do Ultramar

I

Exerce o paludismo a sua acção devastadora nas nossas principaes colonias, juntamente com outras manifestações morbidas, sendo as principaes as seguintes:

a) Paludismo e ulceras.
b) Paludismo e bronchites.
c) Paludismo e rheumatismo.
d) Paludismo e diarrhéa.
e) Paludismo e embaraço gastrico.
f) **Paludismo e dysenteria.**
g) Paludismo e anemia.
h) Paludismo e variola.
i) Paludismo e syphilis.
j) Paludismo e pneumonia.
k) Paludismo e hepatite.
l) Paludismo e cachexia.
m) Paludismo e tuberculose ou bacillose.
n) Paludismo e anasarca.
o) Paludismo e ictericia.
p) Paludismo e edemas.
q) Paludismo e orchites.
r) Paludismo e erupções cutaneas.
s) Paludismo e gastralgia.
t) Paludismo e escorbuto.
u) Paludismo e febre typhoide — notavel antagonismo...

Qual é de facto a influencia reciproca entre o paludismo e todas estas especies pathologicas (e muitas outras que não podem ser esclarecidas com os factos registados pelos nossos medicos coloniaes), tão frequentes nas nossas colonias, ao lado e juntamente com o paludismo?...

É este importantissimo problema medico-colonial a que a 2.ª secção vota o seu mais solicito cuidado, estudando as estatisticas medicas dos hospitaes das provincias do ultramar, os boletins de saude e os relatorios medicos, apurando todos os factos que possam dar a necessaria luz a todas estas questões inteiramente experimentaes e de um estudo urgentissimo...

Domina o paludismo em muitas localidades das nossas colonias, como origem da grande morbidez e da gravidade das doenças que alli se observam, mas faltam n'essas localidades os fócos do *cholera,* do *typho,* da *febre amarella,* do *beriberi,* da *diphteria* e da *febre typhoide*...

Associa-se, porém, o paludismo com outras doenças, aggravando-as, conservando-se nas suas fórmas e localisações...

E não hão de investigar-se as causas de todos estes factos de pathologia colonial?!...

E não ha de avaliar-se o paludismo no seu grau de *morbidez,* segundo as localidades, na sua *mortalidade,* que é realmente pequena, e na sua *gravidade,* que é das mais intensas?

Largos apuramentos tem feito o chefe da 2.ª secção, colonia por colonia, mas apenas faz representar por diagrammas os factos registados para as *febres palustres* e para a *dysenteria.*

Este documento, porém, attesta a vantagem d'esta ordem de investigações, e estamos por isso plenamente convencidos de que sua ex.ª o ministro as mandará executar, a fim de que os nossos trabalhos medico-coloniaes saiam da rotina tradicional em que se acham e se aproveitem os talentos já comprovados, felizmente, de muitos dos nossos medicos coloniaes.

MANUEL FERREIRA RIBEIRO.

Chefe da 2.ª secção.

CIDADE DA PRAIA
Casos
Janeiro
Fevereiro
Março
Abril
Maio
Junho
Julho
Agosto
Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro
3 ANNOS
S.to ANTÃO
3 ANNOS
S. THOMÉ
4 ANNOS
PRINCIPE
2 ANNOS
BENGUELLA
4 ANNOS
LOANDA
4 ANNOS
AMBRIZ
6 ANNOS
720
630
550
470
400
340
280
220
170
120
80
40
20
10
5
0
Febres
Dysenteria
Sem dysenteria

MOÇAMBIQUE
7 ANNOS
INHAMBANE
2 ANNOS
DONDO
4 ANNOS
DILLY
6 ANNOS
DAMÃO
3 ANNOS
NOVA GOA
7 ANNOS
DIU
3 ANNOS
Casos
Janeiro
Fevereiro
Março
Abril
Maio
Junho
Julho
Agosto
Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro
720
630
550
470
400
340
280
220
170
120
80
40
20
10
5
0
Febres
Dysenteria
Semdysenteria

II

É constituido este grupo de diagrammas, pelos factos que a 2.ª secção poude apurar, para comparar a frequencia das dysenterias e das febres palustres nas nossas colonias, mez por mez, estando todos os 14 diagrammas na mesma escala para mais facilmente se lerem, compararem e traduzirem.

Os principaes factos que se apresentam são os seguintes:

1.º As colonias em que mais dominam as dysenterias são as de Nova Goa, Moçambique, S. Thomé e Loanda.

É facil a verificação d'este facto, olhando para os traços negros que se destacam em cada um dos diagrammas.

2.º Em todas as nossas colonias, nos logares em que actualmente funccionam os hospitaes ou enfermarias, n'estes diagrammas consignados, grassa com intensidade a febre palustre, reconhecendo-se facilmente os seus maximos e os seus minimos em relação a cada mez do anno e ás manifestações da dysenteria.

3.º Deve notar-se que em Inhambane ha um mez sem registo de febres palustres e que ha sensivel falta nos casos de dysenteria.

4.º As terras em que ha menos dysenterias são o Ambriz, Diu, Inhambane, Benguella, Dilly, e mesmo a cidade da Praia, mas em todas estas se patenteiam febres palustres, de onde se conclue que a pathogenia e a evolução d'estas duas doenças teem condições especiaes que as determinam e são completamente independentes uma da outra, não esquecendo todavia o seguinte:

a) Estas duas doenças não se excluem uma á outra.

b) Podem ter estas doenças uma manifestação simultanea no mesmo individuo, e assim se apresentam notaveis phenomenos, que é preciso distinguir na clinica, registando-os com todo o cuidado.

c) A hygiene que se deve empregar para fazer desapparecer a dysenteria deve incidir, sobretudo, *nas materias animaes em putrefacção nas localidades em que esta doença se manifesta.*

d) A destruição das causas da dysenteria não influe na da causa das febres palustres, por isso que são diversas na sua origem e na maneira do seu germen se introduzir no organismo.

5.º Em todos os mezes ha febres, mas nem em todos os mezes

ha dysenterias, o que melhor se pode verificar attendendo, no seguinte quadro, aos maximos e minimos nas febres palustres e nas dysenterias, por colonias e por mezes.

LOCALIDADES	FEBRES PALUSTRES			DYSENTERIA		
	Mezes	Maximo	Minimo	Mezes	Maximo	Minimo
Nova Goa.........	12	Setembro	Março	12	Agosto	Abril
		Agosto	Abril		Setembro	Maio
Loanda...........	12	Maio	Setembro	12	Maio	Março
		Dezembro	Outubro		Setembro	Janeiro
Moçambique.......	12	Maio	Agosto	12	Fevereiro	Julho
		Abril	Setembro		Janeiro	Dezembro
S. Thomé.........	12	Janeiro	Setembro	12	Dezembro	Maio
		Maio	Agosto		Novembro	Abril
Praia............	12	Outubro	Maio	3	Março	Fevereiro
		Dezembro	Junho	9	Fevereiro	Março
Dilly............	12	Janeiro	Setembro		Janeiro	Abril
		Dezembro	Outubro	9	Junho	Março
Benguella........	12	Maio	Setembro		Setembro	Agosto
		Abril	Outubro			Janeiro
Ambriz...........	12	Maio	Fevereiro	7	Abril	Fevereiro
		Dezembro	Setembro			Maio
Santo Antão......	12	Abril	Maio			Agosto
		Março	Fevereiro	10	Setembro	Janeiro
Principe.........	12	Janeiro	Setembro		Outubro	Dezembro
		Maio	Agosto	10	Fevereiro	Julho
Damão............	12	Janeiro	Agosto		Outubro	Agosto
		Dezembro	Setembro	11	Julho	Março
Dondo............	12	Junho	Novembro		Agosto	Janeiro
		Janeiro	Agosto	11	Julho	Março
Diu..............	12	Agosto	Dezembro		Agosto	Abril
		Setembro	Abril	7	Julho	Março
Inhambane........	12	Abril	Setembro		Setembro	Dezembro
		Maio	Agosto	5	Maio	Fevereiro

ADDITAMENTO

VI

Contribuição para o estudo da flora d'Africa

Enumeração de plantas colhidas nas ilhas de Cabo Verde
por João Cardoso Junior

(EXTRACTO DO «BOLETIM DA SOCIEDADE BROTERIANA», XIII, 1896)

Contribuição para o estudo da Flora d'Africa

Enumeração de plantas colhidas nas ilhas de Cabo Verde

O catalogo que em seguida é publicado dá a conhecer o trabalho de herborisação, realisado pelo ex.mo sr. J. Cardoso em differentes ilhas do archipelago de Cabo Verde. Muitos exemplares de plantas d'estas ilhas recebi por vezes, mas muitos d'elles em estado que não permittia a determinação especifica. O trabalho do sr. J. Cardoso tem sido consideravel, e pena é que as suas obrigações officiaes não tenham permittido realizar mais amplas explorações n'estas ilhas, pois estou certo de que, apesar das explorações do dr. J. A. Schmidt, C. Bolle e de outros botanicos, muitas especies haverá por descobrir. Este mesmo pequeno catalogo dá a conhecer isso, pois quasi todas as cryptogamicas cellulares, que n'elle vão mencionadas, são novas para a flora das ilhas.

Alguns botanicos distinctos fizeram a determinação especifica das especies aqui enumeradas. As Algas foram determinadas pelo dr. E. Askenasy, os Lichenes pelo dr. W. Nylander, os Musgos pelo dr. V. F. Brotherus, e no estudo das Phanerogamicas fui muito auxiliado pelo prof. Christy e pelo dr. C. Bolle.

A todos envio sinceros agradecimentos pelo valioso auxilio prestado.

Coimbra, agosto de 1896.

J. A. Henriques.

LICHENES

Trib. **Ramalinei**

Ramalina arabum Ach.
R. pollinaria Ach.
R. farinacea Ach.
R. pusilla Le Prév.

Trib. **Parmeliei**

Parmelia tinctorum Despr.
P. perforata Ach.

Trib. **Physciei**

Physcia leucomela Mich.
Ph. flavicans DC.

BRYOPHYTA

Musci

Fam. Hypnaceae

Trichostomum (Hydrogonium) Bolleanum C. Müller,

Fam. Tortulaceae

Homalothecium Mandoni C. Müll.

PTERIDOPHYTA

Filicalis

Fam. Polypodiaceae

Davalia canariensis Smith.
Ilhas de Santo Antão e de S. Nicolau, no Monte Gordo.
Pteridium aquilinum (L.) Kuhn.
S. Nicolau.
Adiantum caudatum L.
Santo Antão, no Paúl e no Pinhão.
Pteridella quadripinnata (Forsk.).
Santo Antão.
Notochlaena lanuginosa Desv.
Santo Antão.
Actinopeteris radiata Link.
Santo Antão.
Pteris longifolia L.
S. Nicolau, no Tarrafal e Monte Gordo.
Asplenum Hemionitis L.
Santo Antão, na Ribeira da Torre.
Aspidium molle Sw.
S. Nicolau.
A. odoratum Willd.
Santo Antão, no Paúl.
Nephrolepis tuberosa (Bory) Presl.
Santo Antão, no Pinhão; S. Nicolau (C. Bole).

Equisetales

Fam. Equisetaceae

Equisetum ramosissimum Desf., v. subverticillatum A. Br. (E. pallidum Bory).
Santo Antão.

ANGIOSPERMAE

Monocotyledoneae

Glumiflorae

Fam. Gramineae

Trib. **Andropogoneae**

Arthraxon ciliaris Beauv., ε. Quartianus.
    S. Nicolau, no Monte Gordo, e no Tarrafal; Santo Antão, no Paúl.

Trib. **Panaciae**

Panicum colonum L.
    S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.
P. rachitricum Hochst.
    S. Nicolau, no Monte Gordo.
P. sanguinale L., var. horizontale Mey.
    S. Nicolau, no Monte Gordo.
Tricholaena Teneriffae (L. fil.) Parl.
    S. Nicolau, no Monte Gordo.
T. villosa (Parl.) Schinz et Durieu.
    S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.
Setaria verticillata P. Beauv.
    S. Nicolau, na Ribeira Brava.
Pennisetum ciliare (L.) Link.
    S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.

Trib. **Agrostideae**

Agrostis verticillata Vill.
    Santo Antão.

Trib. **Chlorideae**

Chloris radiata (L.) Sw.
S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.
Eleusine indica Gaërtn.
Nome vulg. — *Palha d'agua.*
S. Nicolau, no Monte Gordo; Santo Antão, nos montes do Paúl.
Dactyloctenium aegyptiacum (L.) Willd.
Nome vulg. — *Pé de Gallinha.*
S. Nicolau, no Tarrafal e Monte Gordo; Ilha do Sal.

Trib. **Festuceae**

Eragrostis multiflora (Forsk.) Aschers. et Schweinf.
S. Nicolau, no Monte Gordo.
E. poaeoides P. Beauv.
S. Nicolau.

Fam. Cyperaceae

Trib. **Scirpeae**

Cyperus polystachius Rottb.
S. Nicolau, no Monte Gordo.
C. rotundus L.
S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.
C. esculentus L.
Santo Antão, nos montes do Paúl.
C. Sieberianus Nees.
Santo Antão, nos montes do Paúl.

Spathiflorae

Fam. Araceae

Subfam. Colocasioideae

Colocasia antiquorum Schott.
Cabo Verde, na Ribeira da Torre.

Farinosae

Fam. Commelinaceae

Trib. **Commelineae**

Commelina benghalensis L.
S. Nicolau.

Liliiflorae

Fam. Liliaceae

Subfam. Asphodeloideae

Aloë vera Lamk.
Santo Antão.
Asparagus scoparius Lowe.
S. Vicente, no Monte Verde e na Ribeira Julião.

Scitamineae

Fam. Cannaceae

Canna indica L.
S. Nicolau, no Tarrafal e Monte Gordo.

Dycotyledoneae

Urticales

Fam. Urticaceae

Forskohlea procridifolia Wbb.
S. Nicolau.

Centrospermae

Fam. Chenopodiaceae

Chenopodium murale L.
S. Thiago.
Arthrocnemum fruticosum Moq.
Ilha do Sal.
Suaeda fruticosa Forsk.
Ilha do Sal.
S. vermiculata Forsk.
Ilha do Sal.

Fam. Amarantaceae

Amarantus caudatus L.
S. Nicolau, no Monte Gordo e na Ribeira Brava.
A. spinosus L.
S. Thiago.
A. Blitum L.
S. Thiago; S. Nicolau, no Tarrafal.
A. oleraceus Lamk.
S. Nicolau, na Ribeira Brava.
Aerva javanica (Bl.) Juss.
S. Thiago e em S. Nicolau.
Achyrantes aspera L.
Nome vulg.—Malpica.
S. Nicolau, em Monte Verde.
Irisine vermicularis (L.) Mog.
Santo Antão.
Gomphrena globosa L.
S. Thiago.

Fam. Nyctaginaceae

Mirabilis Jalapa L.
Santo Antão.
Boerhavia paniculata A. Rich.
Santo Antão, na Ponta do Sol.
Boerhavia repens L.
S. Thiago; S. Nicolau (C. Bolle).

Pisonia aculeata L.
S. Nicolau, na Ribeira João.
Phytolacca decandra L.
Santo Antão, na Ribeira das Patas.

Fam. Aizoaceae

Mollugo bellidifolia Sw.
S. Nicolau, na Prainha (C. Bolle).
Sesuvium Portulacastrum L.
Ilha do Sal.
Aizoon canariense L.
Ilha do Sal.

Fam. Portulacaceae

Portulaca oleracea L.
Santo Antão.

Fam. Caryophyllaceae

Polycarpaea gnaphalodes Poir.
Ilha do Sal.
P. Gayi Webb.
S. Nicolau.
Sclerocephalus arabicus Boiss.
S. Thiago.
Paronychia illecebroides Webb.
Santo Antão.

Rhoeadales

Fam. Papaveraceae

Argemone mexicana L.
S. Thiago.

Fam. Cruciferae

Coronopus didymus (L.) Sm.
S. Nicolau.
Nasturtium officinale L.
Santo Antão, no Pinhão.
Lobularia intermedia (Webb.)
S. Nicolau, na Ribeira Grande e no Monte Gordo; Santo Antão, nos montes do Paúl.

Fam. Capparidaceae

Pedicellaria pentaphylla (L.) Schrank.
S. Thiago

Rosales

Fam. Crassulaceae

Cotyledon horisontale Guss.
Santo Antão.

Fam. Leguminosae

Trib. **Acacieae**

Acacia Farnesiana Willd.
Nome vulg.—*Espinheiro.*
S. Thiago; Santo Antão, na Ponta do Sol.
A. albida Del.
Nome vulg.—*Espinheiro.*
Santo Antão, na Ponta do Sol.
A. glauca Willd.
S. Thiago.

Trib. **Amherstieae**

Tamarindus indica L.
S. Thiago e Santo Antão.

Trib. **Cassieae**

Cassia bicapsularis L.
S. Thiago.
C. occidentalis L.
Nome vulg.—*Fedegoso, munhanóca.*
S. Thiago e Santo Antão.
C. obovata Coll.
S. Nicolau, no Tarrafal.
C. nigricans Vahl.
S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo.

Trib. **Eucaesalpiniae**

Parkinsonia aculeata L.
S. Thiago.
Poinciana regia Boj.
S. Thiago.
Caesalpinia pulcherrima Sw.
S. Thiago.

Trib. **Genisteae**

Crotalaria retusa L.
S. Nicolau.

Trib. **Loteae**

Lotus jacobaeus L.
S. Nicolau; Santo Antão, na Ponta do Sol.
L. purpureus Webb.
Nome vulg.— *Cabritagem, Cabritão.*
S. Nicolau, no Monte-Gordo.

Trib. **Galegeae**

Indigofera parviflora Heyn..
S. Thiago.
Tephrosia anthylloides Hochst.
S. Thiago.

Trib. **Phaseoleae**

Clitoria ternatea L.
S. Thiago e Santo Antão.
Cajanus indicus Spreng.
Santo Antão e S. Thiago.

Geraniales

Fam. Oxalidaceae

Oxalis corniculata L., var. villosa.
Santo Antão, nas Fontainhas.

Fam. Zygoshyllaceae

Tribulus terrestris L.
S. Thiago e Santo Antão.
T. cistoides L.
S. Nicolau e Santo Antão
Zygophyllum Bollei Webb.
Ilha do Sal e de Maio.
Z. simplex L.
Ilha do Sal, de S. Thiago e de Santo Antão.
Fagonia cretica L.
S. Vicente, na Ribeira Julião e no Monte Verde.

Fam. Rutaceae

Ruta macrophylla Sol.
Santo Antão.

Fam. Meliaceae

Turraea Vogelii Hook.
S. Nicolau?
Melia Azederach L.
S. Nicolau.

Fam. Polygalaceae

Polygala trifora L.
S. Nicolau e S. Thiago.

Fam. Euphorbiaceae

Phyllanthus rotundifolius Willd., var. leucocalyx Müll.
S. Nicolau.
Ph. Niruri L.
S. Thiago.
Jatropha gossypifolia L., var. elegans Müll.
S. Thiago.
J. curcas L.
Nome vulg.— *Purgueira.*
Cultivada em todas as ilhas, e com especialidade em S. Thiago.
Ricinus communis L.
S. Nicolau.
Euphorbia pilulifera L.
S. Thiago.
E. chamaesice L.
S. Thiago.
E. Peplus L.
S. Nicolau.
E. Tuckeyana Stend.
Nome vulg.— *Tira olho.*
S. Nicolau, no Tarrafal.

Fam. Anacardiaceae

Mangifera indica L.
Nome vulg.— *Mangueira.*
Villa da Ribeira Grande.
Anacardium occidentale L.
Ilha do fogo.

Fam. Sapindaceae

Cardiospermum Halicacabum L.
S. Thiago; Santo Antão; S. Nicolau, na Ribeira d'Agua (C. Bolle).

Malvales

Fam. Tiliaceae

Corchorus trilocularis. L.
S. Nicolau; Santo Antão; S. Thiago.
C. Antichorus Roeusch.
S. Nicolau e Santo Antão.

Fam. Malvaceae

Malva parviflora L.
S. Nicolau.
Malvastrum spicatum A. Gr.
S. Thiago.
Abutilon glaucum Webb.
S. Nicolau, no Tarrafal e Monte Gordo.
Wissadula rostrata Benth.
S. Nicolau.
Sida spinosa L.
S. Vicente (C. Bolle).
S. rhombifolia L.
S. Nicolau e S. Vicente.
S. cordifolia L.
S. Nicolau.
Hibiscus rosa-sinensis L.
S. Nicolau.
Gossypium barbadense L.
S. Thiago.
G. nigrum Ham., var. punctatum.
Nome vulg.—*Algodoeiro*.
Santo Antão.

Fam. Sterculiaceae

Melhania abyssinica Rich.
S. Thiago.
M. Leprieurii Webb.
S. Nicolau e Santo Antão.

Parietales

Fam. Tamaricaceae

Tamarix gallica L., var. Senegalensis DC.
Santo Antão, nos montes do Paúl; S. Nicolau.

Fam. Frankeniaceae

Frankenia ericaefolia Ch. Sm.
Santo Antão, na Ponta do Sol.

Fam. Cistaceae

Helianthemum gorgoneum Webb.
Santo Antão, nas montanhas da Ribeira Fria.

Myrtiflorae

Fam Myrtaceae

Psidium pomiferum L.
Santo Antão, na Ribeira Grande.

Umbelliflorae

Fam. Umbelliferae

Tornabenea Bischoffii A. Schmidt.
Santo Antão e S. Nicolau.
T. hirta A. Schmidt.
S. Nicolau, no Monte Gordo.
T. insularis Pavl.
S. Thiago.

Primulales

Fam. Primulaceae

Samolus Valerandi L.
Santo Antão, na Villa da Ribeira Grande.

Fam. Plumbaginaceae

Plumbago zeylanica L.
S. Nicolau.
Statice Braunii Bolle.
Santo Antão, na Ponta do Sol.
St. Brunneri Webb.
Ilha do Sal.

Contortae

Eam. Apocynaceae

Vinca rosea L., var. flore albo.
S. Nicolau; S. Thiago; Santo Antão.

Fam. Asclepidiaceae

Calotropis procera R. Br.
Nome vulg.—*Bombardeira*.
Santo Antão, na Ponta do Sol.
Sarcostemma Daltonii Dcn.
Santo Antão.

Tubiflorae

Fam. Convolvulaceae

Envolvulus linifolius L.
Santo Antão.
Ipomoea pes-caprae Sw.
Santo Antão, no Paúl.

Ipomoea coptica Pers.
S. Thiago.
I. purpurea Lamk.

Fam. Borraginaceae

Heliotropium undulatum Pers.
S. Nicolau, no Tarrafal e no Monte Gordo; S. Vicente, no Monte Verde e em S. Julião; Santo Antão, na Ponta do Sol; S. Thiago.
Echium stenosyphon Webb.
Santo Antão, na Bocca do Pinhão.

Fam. Verbenaceae

Lantana Camara L.
S. Thiago; S. Nicolau, na Ribeira Brava; Santo Antão, na Ponta do Sol.

Fam. Labiatae

Subfam. Ajugoideae

Ajuga Iva Schreb.
Santo Antão, nos montes da Lagôa e no Campo Grande; S. Thiago
Rosmarinus officinalis L.
Santo Antão, na Lomba Branca.

Subfam. Stachyoideae

Marrubium vulgare L.
Santo Antão, no Paúl.
Micromeria Forbesii Benth.
Santo Antão, nos montes do Paúl.
Salvia aegyptiaca L.
S. Nicolau, no Tarrafal; Santo Antão.
Mentha Pulegium L.
Santo Antão, nos montes do Paúl.

Subfam. Ocymoideae

Lavandula abrotinoides Lamk.
S. Thiago.
L. coronopifolia Poir.
S. Nicolau, no Tarrafal e Monte Gordo; Santo Antão.
L. dentata L.
Santo Antão, na Ribeira da Praia Grande.
L. rotundifolia Bth.
S. Nicolau, em Monte Gordo.
Ocimum Basilicum L.
Santo Antão, nas Fontainhas.

Fam. Solanaceae

Nicandra physaloides Gaertn.
S. Nicolau, na Ribeira Brava.
Capsicum frutescens L.
S. Nicolau.
Solanum nigrum L.
S. Nicolau, na Ribeira Brava e no Monte Gordo.
Datura Metel L.
S. Nicolau, no Tarrafal.
Nicotiana glauca Grahm.
Ilha de Maio; S. Nicolau, na Ribeira Brava.
Cyphomandra betacea Sendtner.
S. Nicolau.

Fam. Scrophulariaceae

Celsia betonicifolia Desf.
Nome vulg.—*Sabugo.*
S. Nicolau, no Monte Gordo.

Fam. Globulariaceae

Globularia amygdalifolia Webb.
Santo Antão, no Paúl; S. Nicolau, no Monte Gordo.

Plantaginales

Fam. Plantaginaceae

Plantago major L.
Santo Antão, na Ponta do Sol e nos montes do Paúl; S. Nicolau.

Rubiales

Fam. Rubiaceae[1]

Coffea arabica L.
Nome vulg.— *Cafezeiro.*
Cultivada em todas as ilhas e com especialidade em Santo Antão.

Campanulatae

Fam. Cucurbitaceae

Momordica Charantia L.
S. Nicolau, na Ribeira Brava.
Citrullus colocinthis (L.).
S. Nicolau.

Fam. Campanulaceae

Campanula Jacobaea C. Smith.
forma major Bolle.
var. bravensis Bolle.
Nome vulg.—*Dedal azul.*
S. Nicolau, no Monte Gordo; Santo Antão, nos montes do Paúl; Ilha Brava (var. *bravensis*).

---

[1] São cultivadas em algumas localidades, e com especialidade em Santo Antão, a *Cinchona succirubra* e outras especies.

Fam. Compositae

Trib. **Vernoniae**

Vernonia cinerea Less.
Santo Antão, nas Furnas.

Trib. **Eupatorieae**

Ageratum conyzoides L.
S. Nicolau, na Ribeira Brava; Santo Antão; S. Thiago.

Trib. **Astereae**

Nidorella varia Webb.
S. Nicolau, no Monte Gordo.
Coniza ambigua DC.
Santo Antão e S. Nicolau.

Trib. **Inuleae**

Blumea lacera DC.
Santo Antão.
Pluchea ovalis (Pers.) DC.
Santo Antão.
Gnaphalium luteo-fuscum Webb.
Santo Antão.
Phagnalon melanoleucum Webb.
Nome vulg.—*Mato branco.*
Santo Antão, na Ribeira dos Patas.
Pegolettia senegalensis Cass.
Nome vulg.—*Fel da terra.*
Ilha do Sal; Santo Antão e S. Nicolau.
Pulicaria crispa (Cass.) Bth. et Hook.
var. *subdiscoidea.*
Nome vulg.—*Goivo amarello.*
Ilha do Sal e da Boa Vista.
Odontospermum Daltonii Webb.
Nome vulg.—*Macella.*
Santo Antão.

Odontospermum Smithii Webb.
Nome vulg.— *Macella.*
S. Nicolau, no Monte Gordo.

Trib. **Heliantheae**

Zinnia multiflora L.
S. Thiago.
Blainvillea Gayana Cass.
Santo Antão, na Ribeira Grande.
Bidens bipinnata L.
Santo Antão.
B. pilosus L.
Santo Antão, S. Nicolau e S. Thiago.

Trib. **Anthemideae**

Artemisia Gorgonum Webb.
Santo Antão.

Trib. **Calenduleae**

Calendula arvensis L.
Santo Antão.

Trib. **Cynareae**

Centaurea melitensis L.
Nome vulg.— *Unha de Gato.*
Santo Antão.

Trib. **Cichorideae**

Tolpis farinulosa Webb.
Santo Antão.
Sonchus oleraceus L.
Santo Antão.
S. Daltonii Webb.
S. Nicolau, na Ribeira Brava; Ilha do Fogo.
Lactura goreensis Sch. Bisp.
Santo Antão, S. Thiago.

Lactura nudicaulis L.
Nome vulg.— *Cardo branco.*
S. Thiago; Santo Antão.
L. sativa L.
S. Thiago.
L. picrioides (Webb.) Bth. et Hook.
forma angustifolia.
Santo Antão; S. Nicolau.

ÉNUMÉRATION DES ALGUES DES ILES DU CAP VERT

PAR

M. E. Askenasy

J. Forbes a été le premier qui ait rapporté des algues des îles du Cap Vert, où il a séjourné en mars et avril 1822. Mr. J. D. Hooker (novembre 1839) et Th. Vogel (juin 1841) en ont aussi recueilli un très petit nombre. Ces algues ont été déterminées par Montagne et on trouve leurs noms dans les Spicilegia Gorgonea de Webb qui font partie de la Niger Flora de W. J. Hooker (Londres, 1849, p. 196–197).

M. Schmidt visita les îles du Cap Vert en fevrier et mars 1851 et en rapporta un certain nombre d'algues marines, qui ont été déterminées par Sonder et publiées dans les «Beiträge zur Flora der Capverdischen Inseln» par J. A. Schmidt, Heidelberg, 1852 (p. 125–127). M. Schmidt dit p. 125 qu'il a recueilli ces algues principalement dans le voisinage de l'île S. Vicente (St. Vincent) et p. 102 qu'elles provienment de l'île S. Vicente et de la mer entre S. Vicente et Santo Antão (St. Antoine). Dans cette énumération j'ai pris S. Vicente pour le lieu d'origine de ces algues.

M. Bolle a visité les îles deux fois, em 1851 et 1852. Il a recueilli des algues marines principalement sur les côtes de l'île S. Nicolau. Ces algues ont été déterminées et publiées par Montagne, qui y a ajouté les algues antérieurement publiées de Schmidt et des Spicilegia Gorgonea, dans les Annales des Sciences Naturelles, quatrième série, botanique, tome XIV (1860, p. 211–220). Montagne cite aussi dans ce tra-

vail, qui est intitulé Florula Gorgonea, un petit nombre d'algues marines que Leprieur a rapporté de l'île Gorée, qui est située à peu de distance du continent africain, près du Cap Vert.

Moseley, un des naturalistes de l'expédition anglaise du Challenger, a récolté plusieurs algues marines aux îles de S. Vicente et de S. Thiago (St. Iago) (27 juillet au 4 août 1873). Dickie a déterminé ces algues et on trouve leurs noms dans le Journal de la Linnean Society, vol. 14 (1875), p. 343. Dickie a publié un petit supplement à cette liste dans le même Journal, vol. XV (1877), p. 488.

M. Naumann, qui faisait partie de l'expédition allemande de la Gazelle, a recueilli un petit nombre d'algues en juillet 1874 près de S. Thiago et à l'occasion d'un dragage fait à une grande profondeur près du Leton Rock, un rocher situé entre les îles de Boa Vista et Mayo. Les noms de ces algues ont été publiées par moi dans la Forschungsreise S. M. S. Gazelle IV. Botanik red. von Engler. Algen. Berlin, 1888.

M. Marcacci, lieutenant de vaisseau sur le navire italien Vettore Pisani, a récolté quelques algues marines à l'île S. Vicente en juin 1882, qui ont été déterminées et publiées par M. Piccone dans les «Alghe del Viaggio di Circumnavigazione del Vettore Pisani. Genova, 1886». Le même auteur a publié les noms de quelques algues récoltées en même temps par MM. Chierchia et Pesciotto dans les «Nuove alghe del Viaggio di Circumnavigazione del Vettore Pisani (Atti della R. Acad. dei Lincei, 286 année, 1889)».

L'anné passée j'ai reçu de Mr. Henriques une collection d'Algues marines, récoltées par M. J. Cardoso dans les dernières années, principalement à l'île de Santo Antão. J'en ai soumis la plus grande partie à l'examen de M. Bornet, qui avec son obligeance habituelle a bien voulu me donner son opinion sur les algues, que je n'avais pas réussi à déterminer. Un certain nombre d'échantillons récoltés par M. Cardoso consistait en un mélange de diverses espèces. Après un examen minutieux j'ai pu en isoler plusieurs espèces de petite taille inconnues jusqu'à présent aux îles du Cap Vert; quelquefois les exemplaires étaient si fragmentaires, qu'ils ne permettaient qu'une détermination approximative; j'en ait marqué les noms du signe d'interrogation.

Les algues marines ne semblent pas être abondantes aux îles du Cap Vert. M. Schmidt dit qu'à l'exception de l'*Ulva Lactuca* L., qui est très commune, les algues sont rares. Moseley remarque que les rochers des îles du Cap Vert sont couverts à basse mer d'une large ceinture d'algues calcaires *(Lithothamnion)*, qui forme un trait caracteristique de l'aspect de ces îles, vues de la mer.

Le nombre des algues marines connues des îles du Cap Vert est encore très restreint (à peu près 140 esp.) et il est probable qu'il sera beaucoup augmenté dans l'avenir, si les recherches seront continuées. Pour le présent il ne me semble pas encore utile de faire une comparaison détaillée de la flore de ces îles avec celle d'autres régions. On peut dire qu'en général ce sont les algues appartenant a la flore de l'Océan Atlantique tropical qui dominent aux îles. La grande majo-

rité des algues marines des îles du Cap Vert se trouve aussi aux îles Canaries et aux Antilles. Par plusieurs espèces de *Cystosira* la flore des îles se rattache à celle des îles Canaries, de l'Espagne méridionale et de la Méditerranée.

Un certain nombre d'espèces sont communes aux îles du Cap Vert et à l'Afrique méridionale *(Bryopsis caespitosa, Cladosiphon natalensis, Callymenia schizophylla, Plocamium corallorhiza, Sarcomenia intermedia, Ceramium Poeppigianum)*. Ces algues forment l'élément africain dans la flore des algues des îles. Quand on connaîtra mieux la flore algologique des côtes de l'Afrique occidentale tropicale on trouvera probablement qu'elle est aussi formée principalement de ces deux éléments, un élément atlantique équatorial et un élément africain, car, s'il y a des algues qui peuvent être transportées à travers les océans, il y en a d'autres qui ne se répandent que le long des côtes.

On connait un certain nombre d'algues marines de la côte du continent africain voisine du Cap Vert. Ces algues ont été récoltées par Leprieur à l'île de Gorée, une seule, la *Capea exasperata* provient de Dutur (Dacar?) près du Cap Vert. On trouve leurs noms dans la Florula Gorgonea de Montagne. Je donne ici la liste de celles de ces algues qui n'ont pas été rapportées des îles du Cap Vert; il est très probable qu'elles y croissent aussi et qu'on les y trouvera plus tard.

Bryopsis Balbisiana Ag., M. Bordet m'écrit que Montagne a changé plus tard ce nom dans son herbier en *Bryopsis ramulosa*.

Capea exasperata Mont.
Scinaia furcellata Biv.
Gigartina Teedii Lamour.
Callymenia dentata J. Ag.
Soliera chordalis J. Ag.
Plocamium coccineum Lyngb.
Delesseria ruscifolia J. Ag.
Hymenena fissa J. Ag.
Polysiphonia Wulfenii Kütz.
Halymenia elongata L. et Crouan.
Cryptonemia luxurians J. Ag.

Dans l'énumération suivante j'ai cité pour chaque espèce les noms de ceux qui l'ont récoltée et les articles où elles ont été publiées, en faisant usage des abbréviations expliquées ci dessous:

Hook. Nig. Fl.—Hooker, Niger Flora, 1849, p. 196–197.
Schm. — Schmidt, Beiträge z. Flora d. Capverd. Ins., 1852.
Mont. — Montagne, Florula Gorgonea, Ann. Sc. Nat. Bot. ser. 4, t. XIV, p. 211–220.
Dickie I — Dickie, Enum. of Algae coll. at the Cape-Verde Is. Journ. Linn. Soc. XIV, p. 344.
Dickie II — Dickie, Supplem. Notes on Algae coll. by Moseley, Journ. Linn. Soc. XV, p. 488.
Gaz. — Forschungsr. S. M. S. Gazellle, Algen., 1888.

Picc. I —Piccone, Alghe del viaggio d. c. d. Vettore Pisani, 1886.

Picc. II —Piccone, Nuove Alghe del viaggio d. c. d. Vettore Pisani, 1889.

Pour la nomenclature j'ai consulté les livres de M. J. Agardh, M. de Toni, et les Algues de Schousboe de M. Bornet; j'ai aussi suivi en général le système de classification qu'on trouve dans ce dernier livre.

Bacillarieae

Melosira orichalcha Kütz.
S. Vicente, source d'eau douce, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Europe.

Navicula Apis Ehrbg.
S. Vicente, source d'eau douce, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Europe, Amérique du Nord, Afrique.

Navicula nodulosa Kütz.
S. Vicente, source d'eau douce, Moseley l.—Dickic I.
Distrib. géogr.—Europe, Amérique.

Epithemia Argus Kütz.
S. Vicente, source d'eau douce, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Europe.

Epithemia Gibberula Kütz.
S. Vicente, source d'eau douce, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Europe, Amérique.

Myxophyceae

Hormogoneae

Homocysteae

Lyngbya aestuarii Liebm. (*L. ferruginea* J. Ag., L. fulva Harv.).
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Symploca hydenoides Kütz.
Santo Antão, parmi les *Siphonocladus membranaceus,* Cardoso l.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Symploca laete-viridis Gom.?
Avec l'espèce précédente.
Distrib. géogr.—Key West, Floride.

(*Leptrotix caespitosa* Kütz., S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.—C'est peut être la *Leptothrix brevissima* β. *caespitosa* Kütz., Sp. Alg. p. 263. Tab. Phyc. I, t. 60, IV, 2, qui est, je crois, un Schizomycète. Cette plante formait un tapis dans une source d'eau douce, 200 pieds au dessus de la mer et entre ses filaments se trouvaient les Bacillariées et autres algues d'eau douce récoltées par Moseley.)

Heterocysteae

Calothrix consociata Born. et Flah.
Santo Antão, sur les *Siphonocladus membranaceus,* Cardoso l.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Madère.

Chlorospermèae

Confervoideae

Ulva Lactuca L.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Schmidt l.; S. Nicolau, Bolle l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Ulva fasciata Delile (*Phycoseris fasciata* Mont.).
S. Vicente, Marcacci. Chierchia l. l.; S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l.—Picc I et II. Mont.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Enteromorpha intestinalis L.
S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Enteromorpha compressa L.
S. Vicente, Schmidt l.; Moseley l.; S. Nicolau, Bolle l.—Schm. Dickie I. Mont.
Distrib. géog.—Cosmopolite.

Enteromorpha clathrata J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Kallonema caespitosum Dickie.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Propre aux îles du Cap Vert.

(*Kallonema* est un nouveau genre, que Dickie a fondé (Journ. Linn. Soc. XI, p. 456) sur l'*Enteromorpha Ralfsii* Harv. et sur une nouvelle espèce trouvée en haute mer à une centaine de milles anglais des îles du Cap Vert, qu'il a nommée *Kallonema pellucidum*, parceque ces algues n'ont pas de cavité interieure. Cette dernière algue est figurée au lieu cité, ainsi que la *Spermosira atlantica* Dickie et le *Schizosiphon obscurus* Dickie, que l'accompagnaient.)

Chaetomorpha pachynema Mont.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l. —Mont.
Distrib. géogr.—Cadix, Canaries, Antilles.

Cladophora prolifera Kütz.
S. Vicente, Schmidt l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—Europe atlantique, Méditerranée, Canaries, Antilles, etc.

Cladophora pellucida Kütz.
S. Nicolau, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Europe atlantique, Méditerranée, Canaries, Brésil.

Cladophora utriculosa Kütz.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.
Distrib. géogr.—Europe atlantique, Méditerranée, Brésil.

Cladophora Macallana Harv.
S. Vicente, Schmidt l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—Irlande.

Cladophora fascicularis Kütz.
S. Thiago, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Antilles, Brésil.

Siphonocladus membranaceus Bornet.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Canaries, Antilles.

Struvea delicatula Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Mers équatoriales.

Comme je n'ai trouvé que de petits fragments, je ne suis pas tout à fait sûr de la détermination spécifique, mais l'algue est certainement une *Struvea*.

Vallonia verticillata Kütz.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Antilles, Brésil.

Siphoneae

Derbesia tenuissima Crouan.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Europe atlantique, Méditerranée, Tanger, Amérique du N.

Le thalle de cette petite algue se trouve surtout appliqué aux feuilles de Sargassum. Par ses dimensions cette *Derbesia* se rapproche de la *D. neglecta* Berth. Mitth. zool. Stat. Neapel II Bd. p. 77. Les sporanges ont une longueur de 90 à 130 μ et un diamètre de 65 à 90 μ.

Bryopsis caespitosa Suhr in Kütz. Tab. Phyc. VI, t. 72, f. 1.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Afrique méridionale, île Maurice.

Cette algue a été déterminée par M. Bornet, qui remarque qu'elle est très différente de la *B. Balbisiana* ou *B. ramulosa* de l'Herbier de Montagne, que Leprieur a récoltée à l'île de Gorée.

Caulerpa crassifolia J. Ag., var. *mexicana* J. Ag., Till. Alg. Syst. I, 1872, p. 14 (*C. mexicana* Sonder).
S. Vicente, Moseley, l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Floride, Bermudes, Antilles, St. Thomé (en Afrique, d'après Henriques).

Caulerpa pectinata Kütz.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Antilles, La Guayra.

Codium adhaerens J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Europe atlantique, Tanger, Canaries, Bermudes, etc.

Codium tomentosum J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Nicolau, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Codium elongatum J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Thiago, Naumann l.—Gaz.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Mers chaudes de l'Atlantique.

Les cellules périphériques de la plante récoltée par M. Cardoso ont une longueur moyenne de 2,3 mm. et un diamètre de 0,5 mm. Elles portent généralement plusieurs sporanges de 200 μ de longueur et d'un diamètre de 100 μ. Tandis que les cellules périphériques surpassent de beaucoup en grandeur celles du *C. tomentosum* J. Ag., les sporanges ont à peu près les mêmes dimensions que dans cette plante. Le *Codium* rapporté de S. Thiago par l'expédition de la Gazelle, que j'ai nommé autrefois *C. tomentosum*, appartient au *C. elongatum*, si l'on distingue ces deux espèces d'après la grandeur des cellules périphériques. Comp. Bornet, Algues de Schousboe, p. 56 (216).

Udotea Desfontainii Decaisne.
S. Vicente, Moseley l.; Leton Rock. Naumann l.—Dickie I. Gaz.
Distrib. géogr.—Méditerranée et parties voisines de l'Atlantique, Antilles.

Halimeda Tuna Lamour.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Canaries, Bermudes, Antilles, etc.

Dictyosphaeria favulosa Decaisne?
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Mers équatoriales.
Je n'ai vu que des exemplaires très jeunes.

Protococcoideae

Pleurococcus vulgaris Menegh.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I. Dans une source d'eau douce avec la *Leptothrix caespitosa*.
Distrib. géogr.—Europe.

Protococcus ellipticus Dickie (n. sp.) *(Clorococcum ellipticum)*.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I. Avec l'espèce précédente.

Fucoideae

Dictyoteae

Dictyota Bartayresiana Lamour.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Schmidt l.; S. Thiago, Moseley l.—Schm. Mont. Dickie I.
Distrib. géogr.—Bermudes, Antilles, Golfe du Mexique, Australie.

Dictyota dentata Lamour.
S. Thiago, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Antilles, Brésil.

Dictyota divaricata Lamour.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.
Distrib. géogr.—Canaries, Sénégal, Antilles, Brésil, île Maurice.

Dictyota Fasciola Lamour.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Canaries, Afrique méridionale, Bermudes.

Dictyota prolifera Suhr.
S. Nicolau, Praia dos Garfos, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Afrique méridionale, Madagascar.

Padina Pavonia Gaillon.
S. Vicente, Schmidt l.; Moseley l.—Schm. Mont. Dickie I.
Distrib. géogr.—Mers chaudes et tempérées.

Zonaria Tournefortii Mont. (*Z. flava* J. Ag.).
Leton Rock, Neumann l.—Gaz.
Distrib. géogr.—Atlantique de Cadix aux Canaries, Méditerranée.

Gymnosorus variegatus J. Ag. Anal. Algol. Cont. I, p. 2 (*Zonaria variegata* Mont.).
S. Vicente, Schmidt l.; S. Nicolau, Prainha, Leprieur l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—Canaries, Bermudes, Antilles, Brésil.

Stypopodium lobatum Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Canaries, Afrique méridionale, Bermudes, Antilles, Brésil, îles Galopagos.

Dictyopteris delicatula Lamour. (*Haliseris delicatula* J. Ag.).
S. Vicente, Schmidt l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—Antilles, Brésil, Port Natal.

Phaeosporeae

Cladosiphon natalensis Bornet in litt. (*Nemalion natalense* Hering, Flora 1846, *Mesogloea natalensis* Kütz. Bot. Ztg. 1847, J. Ag. Sp. I, p. 59, Kützing Tab. Phyl. VIII, p. 5, Tab. 10. *Thorea americana* β. *natalensis* Kütz. Spec. Alg. p. 534, *Mesogloea brasiliensis*, var. *natalensis* Mont. Florula gorgonea, *Myriocladia capensis?* J. Ag. Till. Alg. Syst. IV, p. 19).
Santo Antão, Cardoso l.; S. Nicolau (?) Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Port Natal.

M. Bornet, qui a examiné cette algue, remarque qu'elle concorde bien avec la figure de Kützing et qu'elle doit être attribuée au genre *Cladosiphon* dans l'arrangement systématique des Mesogloeacées de M. J. Agardh. Les exemplaires, que M. Cardoso a récoltés, ont une longueur jusqu'a 10 cm. et un diamètre de 1 mm. sans les poils qui forment un duvet épais autour du thalle et qui ont une longueur d'à peu près 0,7 mm. Les sporanges pluriloculaires (les seuls que j'ai trouvés) naissent à la base de ces poils; s'il y en a plus d'un seul, ils sont situés du même coté du poil; ils ont un court pedicelle et peuvent porter d'autres sporanges comme branches secondaires. Ces sporanges ont une longueur moyenne de 80 μ et un diamètre moyen de 16 μ, le nombre moyen des étages est de 20 et dans chaque étage se trouvent à peu près 8 cellules.

Chnoospora fastigiata J. Ag.?
S. Nicolau, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Venezuela, Pacifique.

Stypocaulon scoparium Kütz. (*Sphacelaria scoparia* Lyngb.)
S. Vicente, Schmidt. l.—Schm. Mont.
Distrib. géogr.—De la Norvège au Canaries, Méditerranée, Cap de B. Espérance.

Sphacelaria tribuloides Menegh.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Antilles, Port Natal et Mers chaudes en général.

Sphacelaria cirrhosa J. Ag.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.

Distrib. géogr.—Méditerranée, Atlantique en Europe et Amérique, etc.

Sphacelaria furcigera Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Cap de B. Espérance, Mer Rouge, Ocean Indien et Pacifique.

Ralfsia expansa J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie II.
Distrib. géogr.—Golfe du Mexique.

Ectocarpus hamatus Crouan in Mazé et Schramm. Algues de la Guadeloupe, 2.ª ed. p. 111 (*Ect. spongiosus* Dickie, on the Algae of Mauritius Journ. Linn. Soc. XIV, 1874, p. 190).
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Antilles, île Maurice.

Cet Ectocarpus a été déterminé par M. Bornet, qui a aussi constaté son identité avec l'*E. spongiosus* Dickie. Il appartient aux formes que Kutzing a réuni dans son genre *Spongonema* (Spec. Alg. p. 491, Tab. Phyc. v, t. 83 et 84). Les touffes de 3 à 4 cm. de longueur fixées seulement à la base sont spongieuses et formées de filaments enchevêtrés. La base peu étendue consiste en filaments rampants fixés par de courts rhizoïdes à des pierres, coquilles ou algues. De ces filaments rampants naissent des filaments dressés, qui deviennent très longs et se ramifient abondamment. Les rameaux sont étroitement entrelacés de manière qu'il est très difficile d'isoler un filament de plus de 5 mm. de longueur. Ces rameaux sont de différents ordres et généralement situés dans le même plan. Une cellule ne produit qu'un seul rameau et ceux-ci sont irrégulièrement disposés le long du filament. Ils sont généralement insérés latéralement au milieu des cellules et font un angle droit avec la direction des filaments primaires. Quelquefois, surtout chez les plantes jeunes, on trouve des rameaux à angle aigu avec leur axe, rarement on voit aussi des fils qui se ramifient par dichotomie. Les branches secondaires des rameaux forment de même un angle droit avec ceux-ci et sont dirigés sans ordre en haut et en bas. La multiplication des cellules est apicale chez les rameaux très jeunes, mais bientôt la division de la cellule apicale et de ses voisines s'arrête, tandis que la division intercalaire des autres cellules plus rapprochées de l'insertion du rameau peut durer très longtemps. La cellule apicale reste généralement très courte, elle et ses voisines sont courbées en crochet. Les rameaux un peu acuminés et courbés en crochet sont très caractéristiques pour l'*E. hamatus*, qui ressemble en ce point à l'*E. tomentosus* Lyngb. (Kutzing Tabul. Phycol. v,

83, I). Les cellules apicales des rameaux adultes de l'*E. hamatus* perdent leur contenu, périssent et se désagrègent, mais je n'ai pas trouvé chez celui-ci les poils terminaux, qu'on rencontre si souvent chez les autres espèces d'*Ectocarpus*. Je n'ai pas vu non plus chez les filaments dressés des cellules divisées dans le sens longitudinal, ni des rhizoïdes.

Les cellules contiennent un chromatophore unique en forme de plaque. Les cellules des rameaux très jeunes sont aussi longues que largues (en moyenne 20 μ), celles des filaments adultes ont une longueur de 50 à 70 μ et un diamètre moyen de 30 μ. Ces cellules qui portent des rameaux sont de moitié plus courtes.

Ces sporanges pluriloculaires, les seuls que j'ai observés, sont de forme sphérique et d'un diamètre de 30 à 35 μ. Ils sont insérés à angle droit aux cellules des filaments et munis d'un pédicelle unicellulaire très court, haut en moyenne de 10 μ et d'un diamètre moyen de 15 μ. Les spores sont généralement en 3 ou 4 étages.

Ectocarpus terminalis Kütz.?
S. Thiago, Naumann l.—Gaz.
Distrib. géogr.—Europe, Antilles.

Ectocarpus simpliciusculus J. Ag. (*E. irregularis* Kütz.).
S. Vicente, Moseley l.; S. Nicolau, Cardoso l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Europe atlantique.

Colpomenia sinuosa Derb. et Sol. (*Asperococcus sinuosus* Bory).
S. Vicente, Schmidt l.; Moseley l.—Schm. Mont. Dickie I.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Cadix, Tanger, Brésil, Afrique méridionale, Mers chaudes en général.

Hydroclathrus cancellatus Bory.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Canaries, Brésil, Afrique méridionale, Mers chaudes en général.

Fucaceae

Cystosira Abies-Marina J. Ag.
S. Vicente, Schmidt l.; Moseley l.; S. Nicolau, Prainha et Praia Branca, Bolle l.; Ins. Capit Virid, Hooker l.—Hook. Nig. Fl. p. 196; Schm. Mont. Dickie I.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Cadix, Canaries.

Cystosira granulata J. Ag.
S. Vicente, Marcacci l.; Chierchia l.—Picc. I et II.

Distrib. géogr.—Europe atlantique, de la Norvège à l'Espagne, Madère.

Cystosira concatenata J. Ag.
S. Vicente, Marcacci l.; Chierchia l.—Picc. I et II.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Portugal, Maroc, Canaries.

Cystosira ericoides J. Ag.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.
Distrib. géogr.—De la Grande Brétagne au Maroc.

Cystosira abrotanifolia J. Ag.
S. Vicente, Marcacci l.—Pic. I.
Distrib. géogr.—Du Golfe de Gascogne aux Canaries, Maroc.

Cystosira Sonderi (Kützing sub *Treptacantha*, Tab. Phyc. x, p. 11, t. 28, f. III).
S. Vicente, Schmidt l. sec. Kützing, Marcacci l.—Picc. I et II.
M. Schmidt ne mentionne pas cette algue, que Sonder avait probablement déterminée, comme *C. abrotanifolia*.
Distrib. géogr.—Seulement aux îles du Cap Vert.

Sargassum platycarpum Mont.
S. Nicolau, Prainha, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Antilles, Amérique atlantique tropicale.

Sargassum vulgare J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Moseley l.; S. Nicolau, Praia Branca, Bolle l.—Dickie I. Mont.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Mers chaudes atlantiques, Afrique méridionale.

Sargassum cymosum J. Ag. (*S. rigidulum* Kütz.).
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Atlantique tropical en Amérique et Afrique.

Sargassum lendigerum Kütz. var., *fissifolium* Grunow. (*S. fissifolium* Mont. Pl. cell. des Canaries).
Santo Antão, Cardoso l.; in mari atlantico pr. Cap. Virid, I. D. Hooker l.—Hook. Nig. Fl. Mont.
Distrib. géogr.—Canaries, Sénégal, Bermudes, Afrique méridionale.

Sargassum linifolium J. Ag.?
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Marcacci l. (sub nom. *S. obtusatum* Bory. Kütz.).—Picc. I.
M. Piccone ne cite cette espèce qu'avec doute et les exemplaires

recueillis par M. Cardoso étaient trop incomplets pour permettre une détermination exacte.
Distrib. géogr.—Méditerranée.
Le *S. obtusatum* Bory provient des côtes de la Grèce.

Sargassum Turnerii Mont. (*Carpacanthus Turneri* Kütz.).
S. Vicente, Prainha, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Mer Rouge.

Florideae

Porphyreae

Erythrotrichia ceramicola Aresch.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—De la Grande Bretagne au Maroc, Méditerranée.

Porphyra laciniata J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie l.
Distrib. géogr.—De la Norvège à Cadix, Méditerranée, Afrique méridionale, Amérique du Nord.

Nemalioninae

Helminthocladiaceae

Acrochaetium Naumannii Asken. (sub Chantransia).
S. Thiago, Naumann l.—Gaz.
Distrib. géogr.—Iles du Cap Vert.

Acrochaetium byssaceum (Kütz.) (*Callithamnion byssaceum* Kütz. Spec. Alg. p. 639. Tab. Phyc. XI, t. 58, IV).
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Méditerranée.

Liagora decussata Mont. Cent. VI, 58. Sylloge gen. sp. Crypt. p. 403. Spicileg. Gorgon. Hook. Nig. Fl. p. 196.
S. Vicente, Forbes l.; S. Nicolau, Bolle l.; Cardoso l.—Hook. Nig. Fl. Mont.
Distrib. géogr.—Canaries, Antilles.

Chaetangiaceae

Galaxaura umbellata Mont. non Lamour.
S. Vicente, Vogel l.; S. Nicolau, Praia dos Garvos, Bolle l. — Hook. Nig. Fl. — Mont.
Distrib. géogr. — Canaries.

L'espèce qui se trouve aussi aux Canaries, et que Montagne a nommée *G. umbellata,* me semble être différente de l'espèce ainsi nommée d'Espen, Lamouroux, Kützing et J. Agardh *(Epicrisis).* Elle s'approche plutôt de la *G. rugosa* (Soland.) Kütz.

Galaxaura cylindrica Lamour.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Canaries, Antilles, Mer Rouge.

Galaxaura fragilis Lamour.
Santo Antão, Vogel l. — Hook. Nig. Fl. p. 196.
Distrib. géogr. — Antilles, Mers chaudes en général.

Galaxaura rugosa Lamour.
S. Vicente, Moseley l.; S. Nicolau, Cardoso l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Océan Atlantique tropical.

Galaxaura annulata Lamour.
S. Vicente, Schmid. l. — Schm. Mont.
Distrib. géogr. — Antilles, Inde orientale, Pacifique.

Galaxaura lapidescens Lamour.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Canaries, Antilles, Mers chaudes.

Gelidiaceae

Wrangelia plebeja J. Ag.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie II.
Distrib. géogr. — Golfe du Mexique, Antilles.

Caulacanthus ustulatus Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr. — Méditerranée, Atlantique, du Golfe de Gascogne au Sénégal, Cap de B. Espérance.

Caulacanthus rigidus Kütz. Tab. Phycol. XIII, t. 8.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Sénégal.
Probablement identique avec l'espèce précédente.

Gelidium corneum Lamour.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Europe atlantique, Méditerranée, Antilles, Pacifique.

Gelidium sesquipedale Thuret (*G. corneum* Lamour, var. *sesquipedale* J. Ag.).
S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l. — Mont.
Distrib. géogr. — De l'Angleterre aux Canaries, Alger.

Gelidium capillaceum Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr. — De la Norvège aux Canaries, Méditerranée.

Würdemannia setacea Harvey?
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — Bermudes, Floride, Antilles.

Gigartininae

Gigartinaceae

Chondrus crispus Stackh.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Marcacci l.; Chierchia l. — Picc. I et II.
Distrib. géogr. — Atlantique, de la Norvège aux Canaries, Nouvelle-Angleterre, Cap de B. Espérance.

Chondrus crispus, var. lonchophorus Mont.
S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l.
Distrib. géogr. — Iles du Cap Vert.

Chondrus elongatus Mont.
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. (du *Ch. elongatus* Kütz.). — Cap de B. Espérance, Chili, Pérou.

Si c'est le *Ch. elongatus* Kütz. Tab. Phycol. XVII, t. 52, dont il s'agit ici, cette algue est d'après Kützing l. c.: *Ahnfeltia elongata* Mont., Syll. Crypt. p. 472, et d'après J. Agardh, *Epicrisis,* p. 213: *Gymnogongrus vermicularis* J. Ag.

Stenogramme interrupta Mont.
Leton Rock, Naumann l.— Gaz.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre au Maroc, Méditerranée, Floride, Californie, etc.

Gymnogongrus norvegicus J. Ag.
S. Nicolau, Bolle l. — Mont.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre au Maroc.

Ahnfeltia concinna J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Pacifique, Pérou, îles Hawaii.

Mychodea Schrammi Crouan in Mazé et Schramm, Algues de la Gurdeloupe, 2. ed., p. 163; *Rhabdonia decumbens* Grunow in Forschungsreise d. Gazelle, p. 46: *Meristotheca? decumbens* Grunow in Piccone, Crociera del Corsaro, p. 52.
S. Thiago, Naumann l.— Gaz.
Distrib. géogr.— Madère, Canaries, Antilles.

Je dois a M. Bornet la notice que l'algue de M. Grunow et celle de Crouan sont identiques.

Callymenia schyzophylla (Harvey) J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Cap de B. Espérance.

Rhodymeninae

Sphaerococcaceae

Gracilaria multipartita Harvey (*Rhodymenia multipartita* Mont. Voy-Bonite).
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Moseley l.; S. Nicolau, Bolle l.— Dickie I. Mont.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre au Maroc, Etats-Unis, Antilles, etc.

Gracilaria dentata J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Marcacci l.— Picc. I.
Distrib. géogr.— Sénégal, Antilles.

Je possède un exemplaire de cette algue provenant de l'herbier Lenormand et étiqueté: *Gracilaria corticata* J. Ag. Ins. Sal. Cape Verde, Forbes l.

Gracilaria compressa Grev.
S. Vicente, Chierchia l.— Picc. II.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre au Maroc, Méditerranée, Antilles.

Hypnea musciformis Lamour.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Marcacci, Chierchia, Pescetto l. l.; S. Nicolau, Bolle l.— Picc. I et II. Mont.
Distrib. géogr.— Du Golfe de Gascogne aux Canaries, Méditerranée, Maroc, Antilles, Cap de B. Espérance, etc.

Hypnea musciformis, var. *Esperi* Mont. (*H. Esperi* Bory. Kütz.).
S. Nicolau, Bolle l.
Distrib. géogr.— Brésil, Ocean Pacifique.

Hypnea cervicornis J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Moseley l.— Dickie II.
Distrib. géogr.— Golfe du Mexique, Antilles.

Hypnea spinella J. Ag.
S. Vicente, Schmidt l.; Marcacci l.— Sem. Picc. I.

Montagne remarque l. c., p. 214, que la *Hypnea* récoltée par M. Schmidt et nommée *H. spinella* par Sonder n'est pas cette espèce, mais la *H. cervicornis* J. Ag.

Hypnea divaricata Grev.
S. Thiago, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Golfe du Mexique, Antilles.

Hypnea pannosa J. Ag.
S. Thiago, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Golfe du Mexique.

Rhodymeniaceae

Rhodymenia Palmetta Grev.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre au Maroc.

Champia parvula Harvey. Ner. Amer. (*Lomentaria parvula* J. Ag. Sp. Alg.).
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre aux Canaries, Méditerranée, Etats-Unis, Antilles.

Plocamium concinnum Areschoug, Phyceae Extraeuropeae exs. n. 93; Nova Acta Soc. Upsal ser. III, vol. I, 1855, p. 353 (*Pl. biserratum* Dickie. Enumer. of. Alg. coll. by Moseley, J. Linn. Soc. Bot. vol. XIV, 1875).

Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Moseley l.; Leprieur l.— Dickie I. Mont.

Distrib. géogr.— Connu seulement des îles du Cap Vert.

Les descriptions de Dickie et d'Areschoug concordent parfaitement l'une avec l'autre. Le nom de Dickie est très caracteristique pour cette algue.

Plocamium corallorhiza Harvey.

S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l.— Mont.

Distrib. géogr.— Cap de B. Espérance, île St. Paul dans l'Océan Indien.

Delesseriaceae

Sarcomenia intermedia Grunow., Novara Bot. Alg., p. 92, tab. XI, f. 1.

Santo Antão, Cardoso l.

Distrib. géogr.— Ile St. Paul (Ocean Indien), Cap de B. Espérance.

Cette algue, dont je dois la détermination à M. Bornet, semble être assez commune aux îles du Cap Vert. Je l'ai trouvée sur plusieurs autres algues, surtout sur les *Lithothamnion, Dictyota, Sargassum*. Les individus étaient très petits et ne dépassaient guère 2 cm., tandis que M. Grunow décrit son algue comme bi-tripollicaris. Ils concordent du reste très bien avec la description et les figures de M. Grunow. J'ai trouvé un petit exemplaire avec des cystocarpes, que M. Grunow n'a pas vus. Ils sont sessiles, sur le côté superieur des pinnules latérales, un seul sur chaque pinnule. Leur forme est ellipsoide, un peu atténuée vers le sommet. Ils ont à peu près 300 μ en hauteur et en largeur et ressemblent en général aux cystocarpes de *Polysiphonia*.

Rhodomelaceae

Laurencia obtusa Lamour.

Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Schmidt l.; Moseley l.; In diversis locis Ins. Prom. Virid. Leprieur, Bolle l. l.— Schm. Dickie I et II. Mont.

Distrib. géogr.— De la Grande Bretagne aux Canaries, Floride, Bermudes, Antilles, Cap de B. Espérance, etc.

Laurencia caespitosa Lamour.
S. Nicolau, Praia dos Garvos, Bolle l.
Distrib. géogr.— De l'Angleterre aux Canaries.

Laurencia caespitosa Lamour, var. *subsimplex* Mont. l. c. p. 217.
S. Nicolau, Agua dos Anjos, Bolle l.— Mont.

Laurencia papillosa J. Ag., var. *thyrsoides*.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie II.
Distrib. géogr.— Espagne, Bermudes, Antilles, Cap de B. Espérance.

Laurencia perforata Mont.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— Canaries.

Digenea simplex J. Ag.
S. Nicolau, Praia dos Garvos, Bolle l.— Mont.
Distrib. géogr.— Méditerranée, Bermudes, Antilles, Océan Indien.

Bryothamnion triangulare J. Ag. Sp. Alg. II, p. 850 (*Alsidium triangulare* J. Ag. Linn. XV, p. 28; Harvey, Ner. Am. Bor.).
Ins. Cap. Virid. Forbes l.— Hook. Nig. Fl. p. 196. Mont.
Distrib. géogr.— Antilles, Amérique, de la Floride au Brésil.

Polysiphonia secunda Mont.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— Méditerranée, Canaries, Sénégal, Floride, Bermudes, Antilles.
J'ai trouvé des exemplaires avec des cystocarpes.

Polysiphonia Villum J. Ag.?
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Amérique tropique atlantique.

Polysiphonia obscura J. Ag.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— Du Sud de l'Angleterre aux Canaries, Méditerranée, Antilles.

Polysiphonia lepadicola (Lyngb.) Kütz.
S. Vicente, Schmidt l.— Schm. Mont.
Distrib. géogr.— Iles Feroë.
Sonder ajoute l. c.— vel nova species.

Polysiphonia Gorgoniae Harvey, Ner. Bor. Amer. II, p. 39.
S. Vicente, Moseley l.— Dickie II.
Distrib. géogr.— Floride.

Polysiphonia ferulacea J. Ag. Sp. Alg. (*P. breviarticulata* Harvey, Ner. Bor. Amer. II. p. 36).
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— Etats-Unis, Mexique, Antilles, Océanie.

Polysiphonia collabens Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— Du Golfe de Gascogne au Maroc, Méditerranée, Antilles.

Dasya Schmidtiana Sonder in Schmidt, Beitr. z. Flora d. Cap Verde. Ins p. 125.
S. Vicente, Smidt l.— Schm. Mont.
Distrib. géogr.— Seulement aux îles du Cap Vert.

Ceramiaceae

Callithamnion gorgoneum Mont., Cent. 8, Dec. 6, n. 54; Ann. Sc. Nat. ser. IV, t. 8, p. 289.
S. Nicolau, Bolle l. ad frondem Codii tomentosi.— Mont.
Distrib. géogr.— Antilles.

Callithamnion tetragonum J. Ag.
S. Nicolau, Bolle l.— Mont.
Distrib. géogr.— De la Suède au Maroc, Méditerranée.

Antithamnion cruciatum Näg.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— De la Grande Bretagne au Maroc, Méditerranée.

Spyridia aculeata Kütz.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Nicolau, Moseley l.— Dickie I.
Distrib. géogr.— De Cadix au Sénégal, Bermudes, Antilles.

Spyridia insignis J. Ag. Sp. Alg. (*Bindera insignis* J. Ag. Symb. p. 37).
S. Vicente, Schmidt l.— Schm. Mont.
Distrib. géogr.— Afrique méridionale, Inde orientale.

Ceramium diaphanum Roth.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.— De la Grande Bretagne au Maroc, Méditerranée, Cap de B. Espérance.

Ceramium elegans Ducluz.
S. Nicolau, Prainha, Bolle l.— Mont.
Distrib, géogr.— Méditerranée, Mers chaudes de l'Atlantique.

Ceramium ciliatum Ducluz.
S. Vicente, Schmidt l. — Mont.
Distrib. géogr. — Des îles Feroë aux Canaries, Méditerranée.

Ceramium (Centroceras) clavulatum J. Ag.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Schmidt l. — Schm. Mont.

Ceramium clavulatum, var. *hyalacanthum* (*Centroceras hyalacanthum* Kütz.).
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.

Ceramium clavulatum, var. *cryptacanthum* (*Centroceras cryptacanthum* Kütz.).
S. Vicente, Moseley l. — Dickie I.
Distrib. géogr. — *Ceramium clavulatum* J. Ag. croit dans la Méditerranée, dans l'Océan Atlantique, du Maroc et des Canaries au Cap de B. Espérance, aux Bermudes, en Floride, aux Antilles et généralement dans les Mers chaudes.

Ceramium Poeppigianum Grunow., Novara Alg. p. 65, tab. VIII, fig. 2.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr. — Port Natal (Afrique méridionale).

M. Bornet a rémarqué, que cette algue, que j'ai trouvée sur le *Chondrus crispus* récolté par M. Cardoso, offrait beaucoup d'analogie avec l'algue de M. Grunow. En effet après l'avoir comparée avec la description et la figure du *C. Poeppigianum* je suis persuadé que les deux algues son identiques. Le thalle de l'algue de M. Cardoso est appliqué sur le *Chondrus crispus,* comme le thalle du *C. Poeppigianum* sur l'*Amphiroa ephedracea,* la ramification et les stichides sont tout à fait semblables. J'ai trouvée aussi les cystocarpes, qui sont restés inconnus à M. Grunow. Ce sont des favelles terminales sur des branches latérales et entourées d'un involucre de 4 à 6 branches cortiquées assez grosses.

Cryptoneminae

Glaeosiphoniaceae

Schimmelmannia Bollei Mont., Cent. 8, Dec. 8 n. 38; Ann. Sc. Nat. ser. IV, t. 7, p. 142, et t. 14, p. 212.
S. Nicolau, Prainha, Bolle l. — Mont.
Distrib. géogr. — Guadeloupe (Mazé).

Grateloupiaceae

Grateloupia scutellata Kütz., Tab. Phyc. XVII, t. 28.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Nicolau, Bolle l. (Kütz. l. c. p. 8).

Cette algue n'est pas citée dans la Frorula Gorgonea de Montagne. Les exemplaires récoltés par M. Cardoso ont été déterminés par M. Bornet. En partie ils portaient des cystocarpes.

Squamariaceae

Peyssonelia Dubyi Crouan.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Angleterre et France septentrionale, Bermudes, Floride, Antilles.

Corallinaceae

Melobesia membranacea Lamoua.
Santo Antão, in Gelidio capillaceo, Cardoso l.; S. Nicolau, in fronde Ulvae fasciatae, Boll. l.—Mont.
Distrib. géogr.—De la Suède au Maroc, Méditerranée, Cap de B. Espérance, Antilles, Australie.

Melobesia farinacea Lamour.
Santo Antão, in Gelidio capillaceo, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Melobesia pustulata Lamour.
S. Vicente, Moseley l.; S. Nicolau, in fronde Gelidii cornei, Bolle l.—Dickie. Mont.
Distrib. géogr.—Du Nord de la Grande Bretagne aux Canaries, Méditerranée, Bermudes, et généralement avec la *M. farinosa*.

Melobesia amplexifrons Harvey, Ner. austr.
S. Nicolau, cum priore, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Cap de B. Espérance, Antilles, Australie.

Lythophyllum capense Rosan.
Santo Antão, in Gelidio capillaceo, Cardoso l.
Distrib. géogr.—Afrique méridionale.

Lithothamnion polymorphum Aresch.
Santo Antão, Cardoso l.; S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Cosmopolite.

Lithothamnion mamillare (Harvey) Aresch.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I et II.
Distrib. géogr.—Brésil, Detr. de Magellan, Afrique méridionale.

Amphiroa fragilissima Lamour.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Bermudes, Antilles, Océan Indien et Pacifique.

Cheilosporum elegans (Hook. et Harv.) Arest.
S. Nicolau, in Gelidio corneo, Bolle l.—Mont.
Distrib. géogr.—Nouvelle Zulande.

Corallina officinalis L.
Santo Antão, Cardoso l.
Distrib. géogr.—De la Norvège aux Canaries, Méditerranée.

J'ai soumis cette algue à l'examen de M. Bornet, qui a fait la dessus les remarques suivantes: Par ses conceptacles de deux sortes, les uns pédicellés, les autres sessiles sur le côté des articles, votre espèce se rapproche beaucoup du *C. officinalis*. Cette espèce se trouve aux Canaries. Mais elle va mieux encore au *Corallina capensis*, dont on fait, je ne sais trop pourquoi, un *Arthrocardia*, bien qu'elle diffère si peu du *C. officinalis*, que j'ai bien de peine à l'en distinguer.

Corallina (Jania) cubensis Mont. in Kütz. Spec. Alg. 709.
S. Vicente, Moseley l.—Dickie I.
Distrib. géogr.—Golfe do Méxique, Bermudes.

Corallina (Jania) tenella Kütz., Tab. Phyc. VIII, t. 85.
S. Vicente. Moseley l.—Dickie II.
Distrib. géogr.—Méditerranée, Golfe du Méxique.

Corallina (Jania) rubens L.
S. Vicente, Marcacci l.—Picc. I.
Distrib. géogr.—De la Norvège aux Canaries, Méditerranée.

VII

A Quinquagesima Centuria do Herbario das ilhas de Cabo-Verde, formado por João Cardoso, Junior

Determinações: Dr. J. G. Boerlage

Flora da Ilha de Santa Luzia

1. **Polygala erioptera, DC.**
   Hab.: Penedo; Palmo a tostão.

2. **Boerhavia repens, L.**
   Nome vulgar: *Batata de burro.*
   Hab.: Palmo a tostão; Penedo; Feche dc coche.

3. **Zygophyllum simplex, L.**
   Hab.: Palmo a tostão; Caramujo.
   Observação: É medicinal.

4. **Padina sp.** (P. pavoina?)
   Hab.: Palmo a tostão.

5. **Polycarpaea nivea, Webb.**
   Hab.: Feche de Coche; Caladouro.
   Observação: Já herborisámos esta especie na ilha do Sal.

6. **Fragus racemosus, Beauv.**
   Hab.: Espenedo.

7. **Rhus undulata, Jacq.**
   Hab.: Penedo.
   Observação: Herborisámos esta especie na ilha do Sal.

8. **Astragulus** *(Phaca Vogelii,* Webb).
   Hab.: Penedo.

9. **Linaria Bruneri Bent.** var. *glaberrima,* Schm.
Nome vulgar: *Agrião de rocha.*
Hab.: Penedo.

10. **Oreobliton Cardosoi,** Boerl. n. sp?
Hab.: Palmo a tostão; Penedo.

11. **Fagonia glutinosa,** Del.
Hab.: Espenedo.

12. **Frankenia ericifolia,** Chr. Sm.
Hab.: Palmo a tostão.

13. **Lotus Brunneri,** Webb.
Nomes vulgares: *Cabritagem; Cabritaia.*
Hab.: Palmo a tostão; Espenedo; Feche de Coche.

14. **Pegolettia Senegalensis,** Cass.
Nomes vulgares: *Herva margósa* (Ilha de S. Nicolau); *Macellinha, Macella gallega* (Ilha de Santo Antão).
Hab.: Feche de Coche; Palmo a tostão; Caramujo; Caladouro.
Observação: Medicinal entre os indigenas, que tambem lhe dão os nomes de Fel da terra e Piloto:

15. **Fagonia glutinosa,** Del., *forma acutifolia.*
Hab.: Caladouro; Espenedo.

16. **Heliotropum Marrocanum,** Sch.
Nome vulgar: *Sete sangrias.*
Hab.: Palmo a tostão.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

17. **Paronychia illecebroides,** Webb.
Hab.: Palmo a tostão.
Observação: Planta marinha.

18. **Euphorbia Chamaesyce,** L. var. *canescens,* Webb.
Nomes vulgares: *Tortolho; Torta olho; Tira olho.*
Observação: É medicinal. Empregado, tambem, pelos indigenas de Cabo Verde para *cegarem as lagoas (Plantas empregadas na pesca,* João Cardoso Junior, *Annaes de Sciencias Naturaes,* anno IV, n.º 2).

19. **Microrhynchus nudicaulis,** Less.
Nome vulgar: *Leituga.*
Hab.: Palmo a tostão.

20. **Fucus sp?**

21. **Phelippea lutea**, Desf.
Hab.: Norte.

22. **Polygala erioptera**, DC., *fórma monstruosa.*
Hab.: Norte.
Observação: Entre os diversos exemplares, colhidos, havia um que media, de altura, approximadamente, um metro.

*
* *

Pertencem, ainda, á *Flora da Ilha de Santa Luzia,* as seguintes especies que temos no nosso *Herbario,* e que, por conhecidas já, não foram remettidas para Leide:

130. **Heliotropum undulatum**, Pers.
Matto salema. Borraginaceae.
Hab.: Espenedo.

131. **Gossympium punctatum**, Schum.
Algodoeiro. Malvaceae.

132. **Waltheria indica**, L.
Matto branco. Sterculiaceae

133. **Tribulus cistoides**, L.
Abrolho. Zygophyllaceae.
Hab.: Espenedo; Norte; Caramujo; Penedo; Caladouro.

134. **Linaria Bruneri**, Benth.
Scrophulariaceae. Agrião de rocha.
Hab.: Palmo a tostão.

135. **Gramineae** sps.

136. **Tiliaceae** sp.

137. *Matto Espinho; Dormideira.*
Hab.: Espenedo.

138. *Sola.*[1]

139. **Achyranthes argentea**, Willd.
Carqueja; Grama (!). *Amarantaceae.*
Hab.: Palmo a tostão; Caladouro.

João Cardoso, Junior.

---

[1] Registando os nomes vulgares das especies n.º 137 e 138 temos em vista não as deixar passar desapercebidas, comquanto não lhe consignemos as respectivas determinações scientificas.

João Cardoso, Junior.

Flora da Ilha de Santo Antão

23. **Cyperus Sonderi, Smidt.** *Cyperaceae.*
Nome vulgar: *Vista.*
Hab: Ribeira dos Orgãos; Caminho do Paul; Ribeirinha curta; Ribeira da Torre.
Observação: Dá uma batatinha doce e preta que os indigenas costumam comer.

24. **Chenopodium ambrosioides, L.**
Nome vulgar: *Uva de Santa Maria. Chenopadiae.*
Hab.: Ribeira da mão para traz (ou táz); Montanhas da Ribeira do Duque; Montejana.

25. **Psilotum triquetrum.**
Nome vulgar: *Jassemani.*
Hab.: Ribeira do Corvo (agosto de 1893); Monte jelho (ou joelho); Campo grande; Figueiral (Coculi).
Observação: Medicinal entre os indigenas, que a gabam o mais possivel, tendo, a seu respeito, o seguinte preconceito ou superstição: «Quem quizer apanhar o *Jassemani,* deve fazel-o logo que o veja; senão perde-o da vista, porque desapparece, sendo muito difficil colhel-o.»

26. **Andrachne telephioides, L.**
Nomes vulgares: *Salva vidas; Pé calcado. Euphorbiaceae.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho de Villa da Ribeira Grande e das

Fontainhas; Ribeira da mão traz; Montanhas da Ribeira Fria; Figueiral; Montanhas da Ribeira Fria; Cham de Pedra; Ribeira da Janella.[1]
Observação: Medicinal entre os indigenas.

27. Sonchus oleraceus, L.
Nome vulgar: *Serralha branca* (Santo Antão), *Leituga* (S. Nicolau).
Hab.: Caminho da Ponta do sol á Ribeira Grande; Caminho do Paul; Caminho das Fontainhas.
Observação: Medicinal.

28. Wahlenbergia lobelioides, A. DC. *Campanulaceae.*
Hab.: Monte Joanne.

29. Dicliptera micranthes, Nees.
Nome vulgar: *Orelha de rato. Acanthaceae.*
Hab.: Monte Joanne (abril de 93); Caminho das Fontainhas (montes); Paul; Garça; Ribeira Grande; Ribeira da Torre (logar: Ribeirinha curta); Alto Mira; Ribeira das Patas; Ponta do sol (montanhas).
Observação: As cabras, bois e burros comem d'esta planta.

30. Koniga intermedia, Webb. *Coruciferae.*
Hab.: Monte Jelho (caminho, e montanhas); Caminho das Fontainhas; Cham das Furnas; Fontainhas; Garça (logar chamado Lósna); Paul; Norte; Ribeira Grande; Alto Mira.

31. Oldenlandia corymbosa, L. *Rubiaceae*
Hab.: Synagoga; Monte Joanne; Leste (1893).
Observação: Medicinal e tinctoria.

32. Ipomaea palmata Focsk? *Convolvulaceae.*

33. Antirrhinum Orontium, var. *foliosum,* Schm. *Scrophularinaceae.*
Hab.: Monte Joanne.

34. Papaver dubium, L. *Papeveraceae.*
Nomes vulgares: Ilha de S. Nicolau: *Dormideira; Papoula.*
Hab.: Ribeira do Jorge (maio de 1893).
Observação: Medicinal?

35. Gnaphalium luteo album, L. *Compositae.*
Hab.: Monte Joanne.

---

[1] São numerosos, de ordinario, os *habitat* para qualquer das especies Caboverdeanas, principalmente na ilha de Santo Antão; registamos, apenas, alguns d'elles, para mais não avolumar este tomo.

João Cardoso, Junior.

36. Gnaphalium luteo fuscum, Webb. var. *Compositae.*
Nome vulgar: *Bolsa de pastor* (Santo Antão).
Hab.: Monte Jelho (maio de 1893); Monte Joanne; Ribeira da Mão para traz (rochas); Fontainhas.
Observação: Com o nome vulgar de Bolsa de pastor ha uma outra especie.
Os indigenas baptisam, não raras vezes, com o mesmo nome, especies differentes ou affins; e na sua therapeutica negra empregam, indistinctamente, ora uma, ora outra, d'essas especies, preferindo de ordinario a primeira que lhes apparece á mão. *M. ind.*

37. Umbilicus horisontalis, D. C. *Crassulaceae.*
Nomes vulgares: *Saião; Balsamo.*
Hab.: Monte Joanne (montes e rochedos); Montanhas da Ribeira do Duque (maior); Ribeira da Janella; Ribeira da Torre.
Observação: Medicinal entre os indigenas. Flôr amarella e bonita.

38. Chenopodium album, L. *Chenopodiaceae.*
Nomes vulgares: *Fedagosa.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho da Villa da Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Cham das Furnas; Ribeira do João Affonso; Fontainhas; Penha de França; Ribeira Grande; Ribeira do Corvo.
Observação: Medicinal, mesmo entre os indigenas.

39. Zollikoferia nudicaulis, Murr. *Compositae.*
Nome vulgar: *Serralha.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Campo Grande; João Affonso; Ribeira das Figueiras; Garça; Ribeira do Corvo; Villa da Ribeira Grande.

40. Vinca rosea, L. *Apocynaceae.*
Nome vulgar: *Flor d'anjinho.*
Hab.: Ponta do Sol.

41. Cucumis Africanus, L. *Cucurlitaceae.*
Nome vulgar: *S. Caetano.*
Hab.: Ribeira Grande; Garça; Cham das Furnas (logares seccos e humidos); Fontainhas; Ribeira do João Affonso; Ribeira da Torre;
Observação: Medicinal, mesmo entre os indigenas. Os fructos são chamados, por alguns, pepinos de S. Gregorio; teem muitas sementes.

42. Lantana Camara, L. *Verbenaceae.*
Nomes vulgares: *Trepadeira; Freira.*
Hab.: Ponte do sol; Caminho da Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Monte Jelho; Villa da Ribeira Grande; Caminho do Cemiterio; Garça; Paul; Ribeira Grande. Por toda a ilha e por todas as altitudes.
Observação: Medicinal.

43. **Pinus Pinaster**, Ait. *Coniferae.*
Nome vulgar: *Pinheiro.*
Hab.: Corda; Lagoa.
Observação: Medicinal.

44. **Iresine portulacoides**, Moq. *Amarantaceae.*
Nome vulgar: *Corage.*
Hab.: Ribeira dos Orgãos (á beira de estrada); Caminho da mão para traz; Caminho do Cemiterio; Ponta do sol.
Observação: É planta da beiramar.

45. **Sarcostemma Daltoni**, Decue. *Asclepediaceae.*
Nome vulgar: *Alvatão.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande (montes); Caminho das Fontainhas (montes); Caminho do Paul; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Paul — sempre nas rochas ou montes.
Observação: Flôr aromatica, mimosa, branca, exquisita, pequena.
Esta é a planta de que já fallámos n'uma das centurias anteriores, e da qual diz o dr. Schmidt não ter folhas, mas a qual nós encontrámos na Ilha de Bissau e no Ilheu do Rei *com folhas* — como temos exemplares na nossa Collecção de plantas da Senegambia Portugueza.
Medicinal entre os indigenas, não só de Cabo Verde, como da nossa Senegambia, como já dissemos n'outro logar.

46. **Conyza lurida**, Schmidt. *Compositae.*
Nome vulgar: *Taba.*
Hab.: Garça, etc.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

47. **Tamarix gallica**, L. *Tamariscineae.*
Nome vulgar: *Turrafe.*
Hab.: Ribeira da Ponta do sol; Formiguinhas; Ribeira Grande (logar denominado Bocca de Coruja); Porto dos Carvoeiros (circumvisinhanças).
Observação: Medicinal entre os indigenas.

48. **Argemme mexicana**, L. *Papaveraceae.*
Nome vulgar: *Cardo.*
Hab.: Ponta do sol (abundante); Ribeira da Torre; Villa da Ribeira Grande; Ribeira Grande; Penha de França; Caminho da Ponte do sol ao Paul.
Observação: Medicinal entre os indigenas. Sementes abundantes; oleosas?

49. **Aloe vera**, L. *Liliaceae.*
Nomes vulgares: *Aloes; Babosa.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande (montes).
Observação: Medicinal, mesmo entre os indigenas.

50. **Sinapidenderon gracile**, Webb. *Cruciferae.*
Nomes vulgares: *Alleluia; Mostarda; Mostardinha.*
Hab.: Caminho do Monte Jelho; Caminho das Fontainhas; Caminho da villa da Ribeira Grande.
Observação: Medicinal entre os indigenas. Utilisado para as cabras.

51. **Adianthus Capillus veneris**, L. *Filices.*
Nomes vulgares: *Avenca; Àbenca.*
Hab.: Caibros da Ribeira do Jorge (março, 30, 93); Caminho das Fontainhas; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Ribeira da Ponta do sol; Caminho do Paul; Pinhão.
Observação: Medicinal.

52. **Campylanthus Benthami**, var. *glaber,* Webb. *Scrophularinaceae.*
Nome vulgar: *Alecrim bravo.*
Hab.: Ribeira do Jorge (maio de 93); Caminho das Fontainhas; Caminho do Monte Jelho.
Observação: Medicinal, entre os indigenas.

53. **Campylanthus Benthami**, var. *humilis. Scrophulariaceae.*
Nome vulgar: *Alecrim bravo.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande (rochedos); Caminho das Fontainhas; Garça; Paul; Ribeira Grande; Pinhão; Caminho do Cemiterio; Caminho do Paul. Sempre nas rochas.
Observação: Medicinal entre os indigenas. «Ha duas especies — dizem os indigenas — as quaes differem nas folhas: uma tem-n'as mais miudinhas.»

54. **Echium stenosiphon**, Webb. *Borraginaceae.*
Nome vulgar: *Lingua de vacca.*
Hab.: Monte Jelho; Caminho do Monte Jelho; Caminho da Villa da Ribeira Grande (montes e estrada); Caminho das Fontainhas (idem); Mão para traz; Ribeira da Janella (junho); Villa da Ribeira Grande (abundante, março até agosto); Ribeira Fria (junho); Caminho do Paul; Garça; Bocca do Pinhão; Ribeira da Torre; Furna; Ribeira do João Affonso; Pinhão; Ribeira Grande (abundante).
Observação: Ha duas especies com o mesmo nome indigena. Medicinal entre os indigenas.

55. **Equisetum pallidum**, Bory. *Equisetaceae.*
Nome vulgar: *Palha d'agua.*
Hab.: Ribeira dos Orgãos; Mão para traz; Ribeira do Corvo.

56. **Erigeron Canadense**, L. *Compositae.*
Nome vulgar: *Piloto* (Santo Antão); *Erva amargosa* (S. Nicolau).
Hab.: Campo de Cão (Paul), setembro de 93; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Monte Jelho; Caminho das Fontainhas; Ponta do

sol; Caminho da Villa da Ribeira Grande; Monte Joanne; Synagoga; Tarrafal; Campo Grande; Ribeira das Patas; Villa da Ribeira Grande; Figueiral (coculi); Ribeira das Fontainhas; Ribeira da Janella.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

57. **Pegolettia senegalensis**, Cass. *Compositae.*

Nomes vulgares: *Macella grande. Macellinha. Fel da terra.*

Hab.: D. Gonçalo (abril de 93); Montanhas da Chamsinha bonita; Ribeira da Torre; Cham das Furnas; Villa da Ribeira Grande; João Affonso; Caminho da Ponta do sol ao Paul; Caminho do Manuel Jelho (montanhas).

Observação: Planta aromatica. Medicinal entre os indigenas.

58. **Heliotropum undulatum**, Pers. *Borraginaceae.*

Nomes vulgares: *Mato sagro? Mato salema.*

Hab.: Ponta do sol (abundante); Bocca do Pinhão; Caminho do Paul; da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande; Garça; Ribeira do Corvo.

Observação: Empregado pelos pescadores como engodo.

59. **Samolus valerandi**, L. *Primulaceae.*

Hab.: Ponta do sol; Fontainhas.

Observação: Medicinal.

60. **Echium hypertropicum**, Webb *Borraginaceae.*

Nome vulgar: *Lingua de vacca.*

Hab.: Montanhas: Monte Jelho; Monte Joanne; Ribeira da Janella; Villa da Ribeira Grande (março até junho); Ribeira Fria (junho); Ribeira Grande (abundante); Caminho do Paul; Garça; Bocca do Pinhão; Ribeira da Torre; Furnas; Ribeira do João Affonso; Fontainhas; Paul; Formiguinhas;

Observação: Medicinal entre os indigenas.

61. **Crotolaria retusa**, L. *Leguminoseae.*

Nomes vulgares: *Flôr de lagartixa; Bons dias; Alleluia.* Floresce de março até agosto.

Hab.: Ribeira do Corvo (setembro e outubro de 93); Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Caminho do Monte Jelho; Monte Joanne; Formiguinhas; Montanhas da Ponta do sol; Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Figueiral; Garça; Cham das Furnas; Paul; Alto Mira; Ribeira das Patas; Fontainhas; Ribeira do João Affonso.

62. **Phagnalon melanoleucum**, Webb. *Compositae.*

Hab.: Ribeira do Jorge (março de 93); Monte Joanne.

63. **Artemisia Gorgonum**, Webb. *Compositae.*

Nome vulgar: *Losna.*

Hab.: D. Gonçalo (abril de 93); Garça; Cham de Lagoa; Ribeira Grande; Ribeira Fria; Pinhão; Alto Mira; Ribeira das Patas; Campo; Caminho do Porto dos Carvoeiros; Agua das Caldeiras; Ribeira da Torre.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

64. **Acacia albida, Del. L.** *Leguminoseae.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande (março de 93).

Observação: Medicinal.

65. **Bidens bippinata, L.** *Compositae.*

Nomes vulgares: *Setta; Agulha.*

Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Ponta do sol (caminho das montanhas para o Manuel Jelho, etc); Caminho do Paul; Ribeira da Torre; Ribeira Grande.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

66. **Campanula Jacobaea, Smith.** *Campanulaceae.*

Nomes vulgares: *Guinchino.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas e á Villa da Ribeira Grande (março, abril e maio de 1896), pendente dos rochedos; Monte Joanne.

67. **Nidorella varia, Webb.** *Compositae.*

Hab.: Monte Joanne (abril e maio de 1894); Ribeira da Mão para traz.

68. **Cardiospermum Haliacabrum, L.** *Sapindaceae.*

Hab.: Ponta do sol (Cham); Caminho das Fontainhas.

69. **Indigofera tinctoria, L.** *Leguminoseae.*

Nomes vulgares: *Tinta; Anil.*

Hab.: Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Ponta do sol; Ribeira do Corvo; Garça; Ribeira da Janella; Alto Mira; Ribeira das Patas; Caminho do Paul; Paul; Formiguinhas; Pinhão.

Observação: Medicinal. Expontanea nas hortas, etc.

70. **Sida spinosa, L.** *Malvaceae.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas; Ponta do sol; Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande.

71. **Sida urens, L.** *Malvaceae.*

Nomes vulgares: *Refaçaia. Que sapo; Cá sap.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas; Caminho da Ribeira Grande (villa), março de 93; Ponta do sol (montanhas); Ribeira Fria (junho de 87); Ribeira do Corvo; Matto Estreito (montanhas, abundante); Montejana; Ribeira da Torre; Ribeira da Janella.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

72. Sida cordifolia, L. var. *Malvaceae.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande ás Fontainhas (93).

73. Melhania incana, Whigt. *Sterculiaceae.*
Nome vulgar: *Salva vidas.*
Hab.: Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Paul; Formiguinhas; Ribeira da Janella.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

74. Gossypium punctatum, Schum. *Malvaceae.*
Nome vulgar: *Algodoeiro.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande e do Paul; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Caminho das Fontainhas; Montanhas da Ponta do sol (caminho do Manuel Jelho); Formiguinhas.
Observação: Medicinal.

75. Waltheria indica, L. *Sterculiaceae.*
Nome vulgar: *Matto branco.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande; Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Ribeira das Patas; Ribeira das Figueiras; Ribeira do João Affonso.
Observação: Medicinal.

76. Fagonia cretica, L. *Zygophyllaceae.*
Hab.: Ponta do sol.
Observação: Empregada pelos pescadores como engodo: Vidè *Plantas empregadas na pesca,* artigo já citado, etc.

77. Tribulus cistoides, L. *Zygophyllaceae.*
Nomes vulgares: *Abrolho; Abrolhos.*
Hab.: Ponta do sol (proximo da alfandega, 93); Caminho da Villa da Ribeira Grande; Campo Redondo.

78. Oxalis corniculata, L. var. *villosa!* Schmidt. *Geraminaceae.*
Hab.: Ponta do sol (maio de 1893).
Observação: Medicinal.

79. Ruta Chalepensis, L. *Rutaceae.*
Nome vulgar: *Arruda.*
Hab.: D. Gonçalo (abril de 93); Lombo Branco; Porto dos Carvoeiros; Ribeira da Torre; Ribeira da Janella.
Observação: Medicinal.

80. Lotus Jacobaea, L. *Leguminosae.*
Nome vulgar: *Vaginha; Baginha.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas e á Villa da Ribeira Grande, e ao Cemiterio e ao Paul; Formiguinhas.
Observação: Medicinal e industrial.

81. **Micromeria Forbesii**, Benth. *Labiatae.*
Nome vulgar: *Cidreirinha.*
Hab.: Ribeira do Jorge (maio de 93); Ribeira da Janella; Agua Nova; Montanha da Chamsinha Bonita.
Observação: Medicinal entre os indigenas. Aromatica. O infuso é succedaneo, entre os indigenas, do chá da India. É agradavel e cremos estomachico.

82. **Evolvulus linifolius**, L. *Convolvulaceae.*
Hab.: Ponta do sol (abundante).

83. **Nicotiana glauca**, Gracham. *Solanaceae.*
Nomes vulgares: *Charuteira; Tabaco de Feiticeira; Tabaco bravo.*
Hab : Ponta do sol; Caminho da Villa da Ribeira Grande; Penha de França; Caminho do Paul; Ribeira da Torre; Verbasco.
Observação: Medicinal entre os indigenas?

84. **Lotus purpurea**, Webb. *Leguminosae.*
Nomes vulgares: *Cabritagem; Cabritaia.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas e Villa da Ribeira Grande (92 e 93); Caminho do Monte Jelho; Montanhas d'Agua Nova; Paul; Ribeira do João Affonso; Fontainhas; Formiguinhas; Espinhadeiro; Garça; Ribeira Grande; Alto-Mira; Ribeira do Baboso; Ribeira das Patas; Ribeira da Cruz.
Observação: Planta toxica? Uns, indigenas, affirmam que ella mata as cabras, outros que é bom pasto. Serve para curtir.

85. **Celsia betanicaefolia**, Desf. *Scrophularinaceae.*
Hab.: Ribeira do Corvo (setembro e outubro de 93); Monte Joanne.

86. **Acacia Farnesiana**, Webb. *Leguminosae.*
Nome vulgar: *Espurgeira.*
Hab.: Entrada que leva da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas; Ponta do sol, montanhas e caminho do Manuel Jelho.
Observação: Medicinal.

87. **Linaria Bruneri**, Benth. *Scrophularinaceae.*
Nome vulgar: *Agrião de rocha.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas e Villa da Ribeira Grande, pendente dos rochedos; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Caminho do Paul.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

88. **Plantago major**, L. *Plantaginaceae.*
Nomes vulgares: *Chantagem; Tanchagem.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho das Fontainhas (abril, junho e ju-

lho); Formiguinhas; Ribeira dos Orgãos; Ribeira do Corvo; Garça; Alto Mira; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Ribeira do Paul; Ribeira das Patas; Fontainhas; Ribeira do João Affonso; Morro branco; Cham de Pedra.

Observação: Medicinal.

89. **Globularia amygdalifolia**, Webb. *Selaginaceae.*

Nome vulgar: *Matto botão.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas (março de 93); Monte Joanne (maio de 94); Cham de Lagoa; Ribeira das Patas; Ribeira Fria; Lombo branco; Ribeira do João Affonso; Alto Mira; Ribeira do Paul; Alto Mira; Agua das Caldeiras; Brado de ferro; Ribeira da Janella.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

90. **Paronychia illecebroides**, Webb. *Illecebraceae.*

Hab.: Ponta do sol (93 e 94).

91. **Aerva Javanica**, Juss. *Amarantaceae.*

Hab.: Monte Joanne.

92. **Campanula Jacobaea**, Schmidt, fl. albo. *Campanulaceae.*

Nomes vulgares: *Mataquim branco; Guichino branco.*

Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande (pendente dos rochedos, á beira da entrada); Monte Joanne (setembro e outubro de 93).

93. **Campanula Jacobaea**, Schmidt, var. humilis. *Campanulaceae.*

Nomes vulgares: *Guichino azul; Mataquim azul.*

Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande (pendente dos rochedos, á beira da estrada); Monte Joanne.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

94. **Heliotropum Marrocanum**, Schm. *Borraginaceae.*

Nome vulgar: *Sete sangrias.*

Hab.: Mão para traz (Ladeira, etc); Espinhadeiro; Ponta do sol; Ribeira Fria; Figueiral (Coculi); Ribeira das Patas; Garça (1893); Cham das Furnas; Ribeira do João Affonso; Garça (1894); Paul; Ribeira da Torre.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

95. **Euphorbia chamaesyce**, L. *Euphorbiaceae.*

Hab.: Ribeira das Patas.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

96. **Centaurea Melitensis**, L. *Compositae.*

Nome vulgar: *Unha de gato.*

Hab.: Monte Joelho ou Jelho; Formiguinhas; Caminho das Fon-

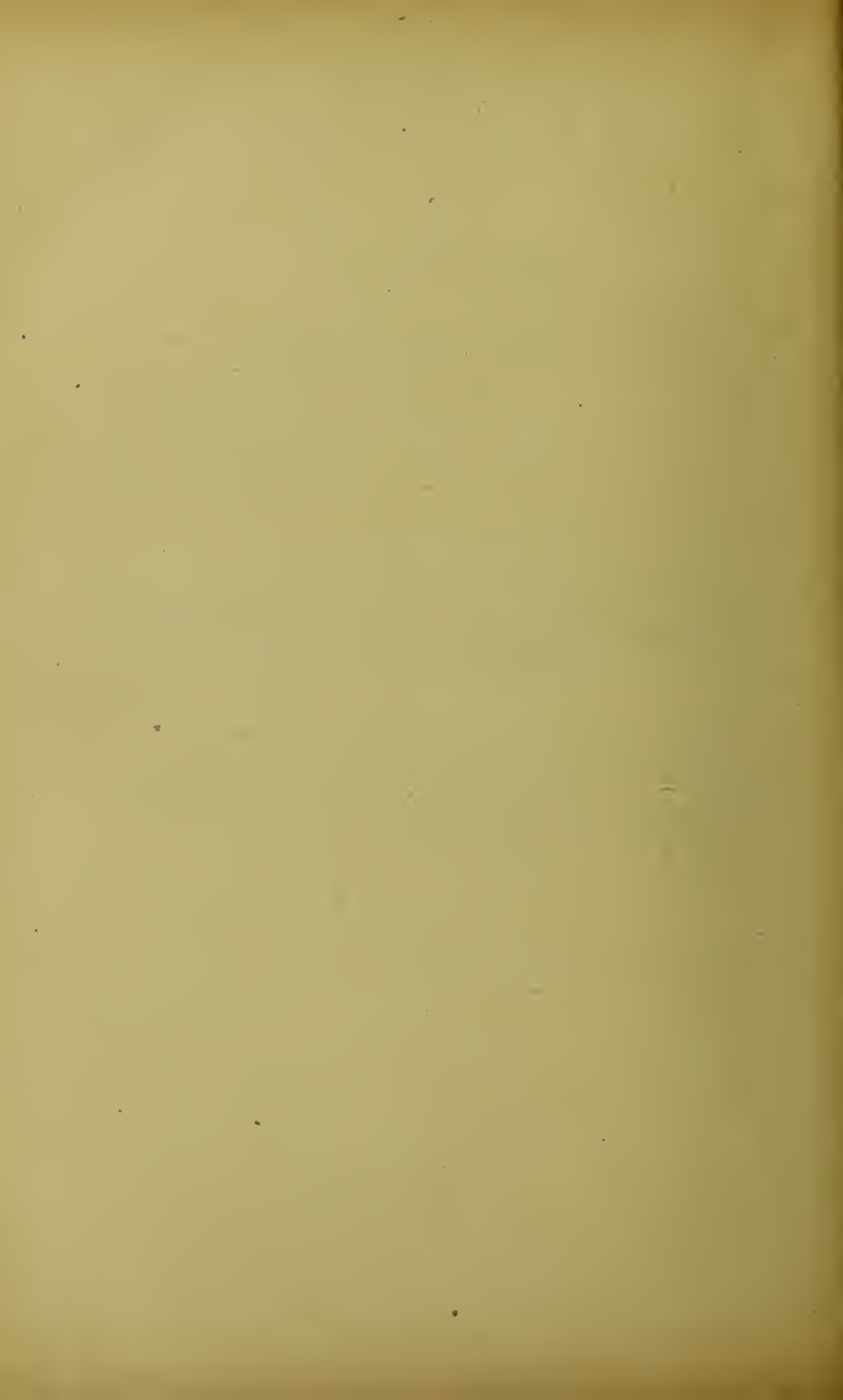
tainhas (proximo á Ponta do sol); Garça; Ribeira do João Affonso; Furnas; Fontaínhas; Montanhas da Ponta do sol; Ribeira da Torre.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

97. **Ipomaea tuberosa**, L. *Convolvulaceae.*
Nome vulgar: *Batata Chonchina.*
Hab.: Por toda a ilha (quasi) cultivada.

98. **Ipomaea sessiflora**, Roth. *Convolvulaceae.*
Nome vulgar: *Lacacãosinho; Lacacão cabecinho.*
Hab.: Ponta do sol (parte alta); Caminho da Povoação; Mão para traz (Ribeira de); Garça; Paul; Ribeira Grande; Pinhão; Formiguinhas.
Observação: Medicinal entre os indigenas? Trepadeira; verde dá-se só ás cabras e outros animaes. «Não é amargoso, é doce», dizem os indigenas.

99. **Cassia occidentalis**, L. *Leguminoseae.*
Nomes vulgares: *Canafistula; Moduro.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande e ás Fontainhas; Mão para traz; Cemiterio da Ribeira Grande; Ribeira das Patas; Ribeira das Figueiras; Ribeira Grande; Pinhão; Garça; Paul; Ribeira da Torre; Formiguinhas; Ribeira do Corvo.
Observação: Medicinal mesmo entre os indigenas.

100. **Sonchus oleraceus**, Vallr. *Compositae.*
Nomes vulgares: *Serralha preta; Leituga; S. brava.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande e Fontainhas; Villa da Ribeira Grande; Ribeira do Corvo; Campo Grande; Ribeira do João Affonso; Ribeira das Figueiras; Garça.
Observação: Medicinal.

João Cardoso, Junior.

Flora da Ilha de Santo Antão

Especies annexas á 50.ª centuria

101. **Brassica nigra**, Kock. *Cruciferae.*
Nome vulgar: *Mostarda.*
Hab.: Caminho das Fontainhas; Monte Jelho; Monte Joanne; Pihão; Cham das Furnas; Fontainhas; Garça (logar chamado «Losna»); Paul; Ribeira Grande; Norte; Ribeira da Torre.
Observação: Medicinal entre os indigenas. Parece-se com a «Aleluia», cujas folhas são mais delgadas.

102. **Asparagus squarrosus**, Schmidt. *Liliaceae.*
Hab.: Ponta do sol (maio de 93).
Observação: Medicinal entre os indigenas.

103. **Chenopodium murale**, L. *Chenopodiaceae.*
Nome vulgar: *Palha Teixeira.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande; Villa da Ribeira Grande; Caminho do Paul; Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Garça (abundante); Paul; Ribeira da Janella; Fontainhas; Ribeira do João Affonso.
Observação: Medicinal mesmo entre os indigenas.

104. **Alberzia caudata**, Jacq. *Amarantaceae.*
Nomes vulgares: *Bredo: Bredo macho.*
Hab.: Ribeira do Corvo (setembro e outubro de 93); Ponta do sola Formiguinhas; Cham das Furnas; Garça; Ribeira da Janella; Ribeir;

da Cruz; Ribeira das Patas; Ribeira do João Affonso; Alto Mira; Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Fontainhas; Formiguinhas.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

105. Lavandula rotundifolia, Benth. *Labiatae.*
Nomes vulgares: *Urgebão; Gilbon.*
Hab.: Caminho da Ponta do sol ás Fontainhas, á villa da Ribeira Grande, ao Monte Jelho, ao Paul (sempre sobre rochedos); Formiguinhas; Cham das Furnas; Ribeira do João Affonso; Pinhão; Paul; Garça; Ribeira Grande; Ribeirinha Curta (R. da Torre); Ribeira do Corvo; Fontainhas; Caminho do Cemiterio; Ribeira da Janella.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

106. Sida sp. *Malvaceae.*
Hab.: Caminho do Monte Jelho.

107. *Compositae.*
Nome vulgar: *Flôr de viuva.*
Hab.: Caibros da Ribeira do Jorge (março, 30, de 93); Ribeira da Janella.

108. *Leguminosae.*
Nome vulgar: *Feijão branco.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande; Caminho das Fontainhas.

109. *Leguminosae.*
Nomes vulgares: *Piassá; Felé.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho das Fontainhas; Caminho da Villa da Ribeira Grande; Caminho do Monte Jelho; Ribeira do Corvo.
Observação: Bom pasto para todos os animaes — razão porque não *mondão* esta planta.

110. *Compositae.*
Nome vulgar: *Contra bruxa.*
Hab.: Monte Joanne (maio de 1893); Ribeira da Mão para traz (na rocha).
Observação: Medicinal entre os indigenas.

111. Umbellifera sp. *Umbelliferae.*
Nome vulgar: *Herva doce.*
Hab.: Ribeirinha Curta.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

112. *Cyperaceae.*
Nome vulgar; *Goia.*
Hab.: Ribeira dos Orgãos; Caminho do Paul; Ribeira Grande.
Observação: Medicinal entre os indigenas de Cabo Verde e da

Senegambia Portugueza. N'esta ultima riquissima região fazem, os indigenas, rozarios, com a raiz da planta, os quaes são utilisados pelas parturientes, principalmente, que os põem ou trazem ao pescoço. Estes rozarios são aromaticos e desinfectantes. O aroma da raiz lembra o da camphora. Em Cabo Verde fazem, das folhas da *Goia,* esteiras bem feitas, que vendem a 500 e 600 réis cada uma.

113. Alchimilla sp. *Rosaceae.*
Nome vulgar: *Malva.*
Hab.: Monte Jelho; João Affonso; Cham das Furnas; Garça; Janella; Ribeira Grande, e da Torre; Paul; Caminho da Ponta do sol; Montejana.
Observação: Medicinal.

114. *Filiaceae.*
Hab.: Ponta do sol; Caminho da Villa da Ribeira Grande e das Fontainhas.

115. *Liliaceae.*
Nome vulgar: *Matto Espinho.*
Hab.: Ribeira da Janella; Ponta do sol (proximidades do mar); Caminho da Villa da Ribeira Grande (montes) e das Fontainhas (montes); Cham das Furnas; João Affonso; Fontainhas; Synagóga.

116. *Convolvulaceae.*
Nome vulgar: *Olho de boi.*
Hab.: Ribeira das Patas (junho de 93).
Observação: Medicinal entre os indigenas.

117. *Umbelliferae.*
Nome vulgar: *Aipo.*
Hab.: Caminho das Fontainhas; Caminho do Monte Jelho (agosto de 93).
Observação: Medicinal entre os indigenas.

118.
Nome vulgar: *Feijoal de lagartixa.*
Hab.: Caminho da Villa da Ribeira Grande; Monte Joanne; Caminho do Monte Jelho; Formiguinhas; Ribeira do Corvo.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

119. *Plumbaginaceae.*
Nomes vulgares: *S. Gonçalo; Matto Gonçalo; Matto Gonçalves; Matto com sol; Murcheira.*
Hab.: Caibro da Ribeira do Jorge (março de 93); Figueiral de Coculi; Monte Joanne; Montanhas e caminho do Manuel Jelho; Formiguinhas; Garça; Janella (montanhas: junho de 87); Ribeira do

Corvo; Caminho das Fontainhas; Ponta do sol (parte alta); Cham das Furnas; Ribeira Fria.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

120. *Labiatae.*

Nome vulgar: *Mangerona.*

Hab.: Monte Joanne.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

121. **Hibiscus sp.** *Malvaceae.*

Nome vulgar: *Cardeal.*

Hab.: Ponta do sol; Villa da Ribeira Grande.

122.

Nome vulgar: *Matta pulga.*

Hab.: Monte Jelho; Ribeira da Janella; Ribeira da Mão para traz; Formiguinhas; Ribeira da Torre; Garça; Ribeira Grande; Ribeirinha Curta.

Observação: Medicinal entre os indigenas.

123. **Malvastrum spicatum.** *Malvaceae.*

Nome vulgar: *Loló.*

Hab.: Caminho da Ponta do sol á Villa da Ribeira Grande, ás Fontainhas; Mão para traz; Ponta do sol; Ribeira do Corvo; Ribeira da Janella; Formiguinhas; Janella (montanhas: junho de 87).

124. **Blainvillea Gayana,** Cass. *Compositae.*

Hab.: Ponta do sol (abundante: setembro e outubro de 93); Mão para traz.

125. **Salvia aegyptiaca,** L. *Laliatae.*

Hab.: Ponta do sol (abundante); Ferrador (Ribeira Grande, junho de 93).

126. **Dactyloctenium aegyptiacum,** Willd. *Gramineae.*

Hab.: Ribeira do Corvo (setembro e outubro de 93); Ponta do sol; Caminho das Fontainhas.

127. **Eragrostis magestachya,** Lk. *Gramineae.*

Hab.: Caminho das Fontainhas.

128. **Fragus racemosus,** Beauv. *Gramineae.*

Hab.: Caminho das Fontainhas.

129. **Panicum rhachitricum,** Hachst. *Gramineae.*

Hab.: Caminho das Fontainhas.

130. **Iresine portulacoides.** *Amarantaceae.*

Hab.: Ponta do sol.

131. **Polycarpaea Gay, Webb.** *Caryophylleae.*
Hab.: Caminho das Fontainhas.

132. **Mollugo bellidifolia, Ser.** *Portulaceae.*
Hab.: Ponta do sol (abundante nos terrenos incultos).

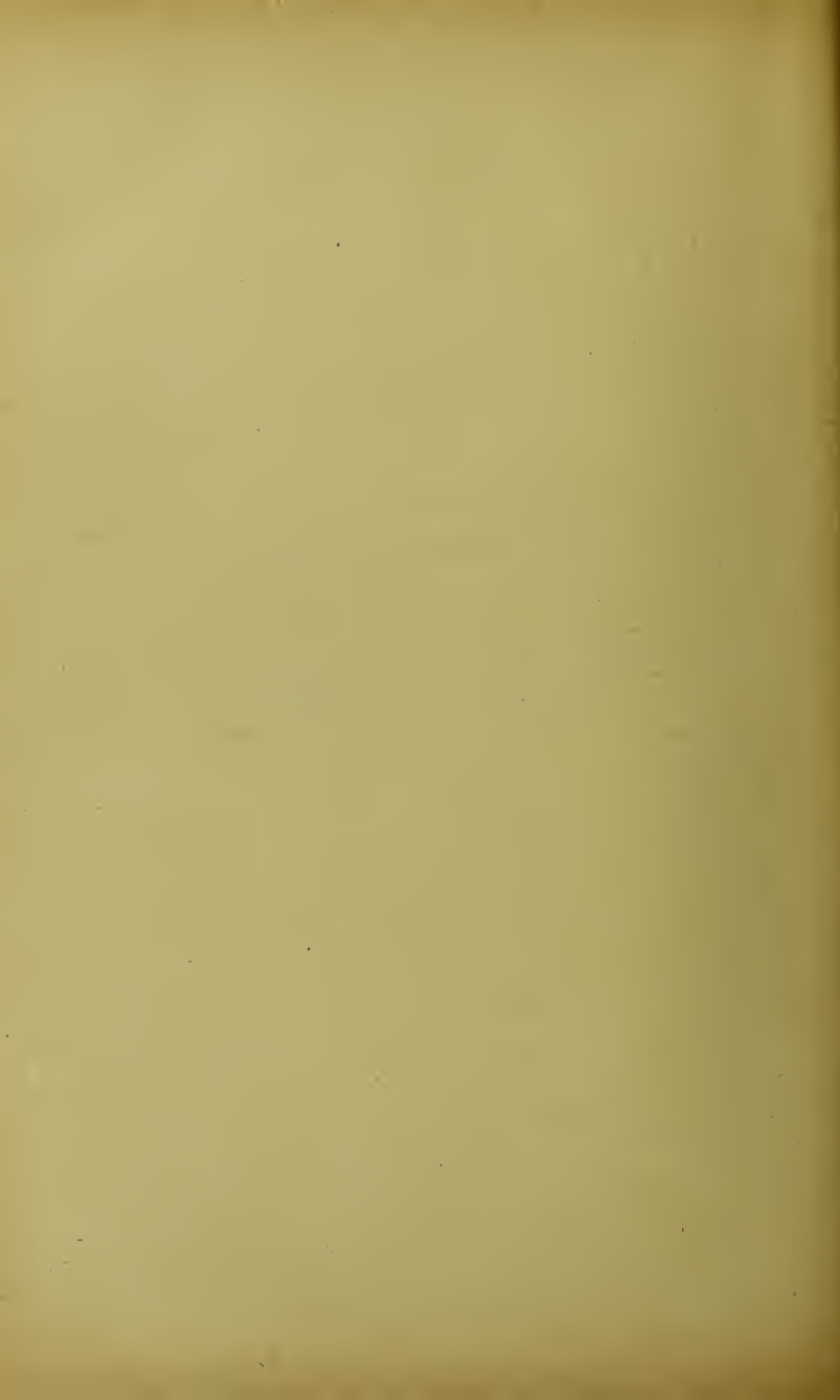
133. **Cassia obovata, Coll.** *Leguminosae.*
Nome vulgar: *Senne.*
Hab.: Proximidades do Porto dos Carvoeiros: Brejo.

Ilha de Santo Antão, 10 de março, de 1899.

João Cardoso, Junior.

VIII

Herborisações Portuguezas em Africa

Nomes vulgares e habitat de algumas outras especies referentes á Flora das ilhas de Santo Antão e S. Nicolau, colhidas por João Cardoso, Junior

Herborisações Portuguezas em Africa

Nomes vulgares e habitat de algumas outras especies referentes á Flora das ilhas de Santo Antão e S. Nicolau

129. **Bergamota.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Garça; Paul; Alto Mira (em abundancia); Figueiral (Coculi); Caminho das Fontainhas.
Ilha de S. Nicolau: Monte Gordo; Hortelã.
Observação: Medicinal indigena.

130. **Corôa de rei.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Montanha do Bate ferro (campo, 1887); Ribeira do Corvo; Ribeira das Fontainhas (montanhas); Montejana; Zuringa (Montanha do Pinhão); Manuel Jelho.
Ilha de S. Nicolau: Mão de fóra.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

131. **Curr-cabra.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Garça; Ribeira Fria; Ribeira do Corvo.
Ilha de S. Nicolau: Caminho do Calejão; Ladeira do Cabaçalinho.
Observação: É arbusto.

132. **Crista de perú.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Montejana.
Ilha de S. Nicolau: Monte Alegre; Calejão.

133. **Cariço.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Pinhão; Garça.
Ilha de S. Nicolau: Caramujo; Monte Gordo; Ladeira do Cabaçalinho.

134. **Cabaçal.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira do Corvo; Villa da Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Garça.
Ilha de S. Nicolau: Cultivada nas propriedades.

135. **Cachaxinho.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Tanque (R. Grande).

136. **Coqueirinho, Coqueiro bravo.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Pinhão; Ribeira da Torre (sitio Ribeirinha Curta).

137. **Chá da India.**
Hab.: Ilha de Santo Antão.

138. **Flôr branca.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeirinha Curta.

139. **Espinheiro branco.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ponta do sol; Caminho da Ponta do sol.
Ilha de S. Nicolau: Maria Gomes; Chã.

140. **Feijoal bravo.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira da Torre (Ribeira Curta).
Ilha de S. Nicolau: Maria Gomes.

141. **Figueira brava.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira do Corvo; Ribeira da Torre.
Ilha de S. Nicolau: Nas rochas do Cabaçalinho; Feijã; Figueiras Altas; Caramujo.

142. **Figueirinha.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Paul; Garça; Cham das Furnas; Ribeira Grande; Ribeira da Torre; Alto Mira; Ribeira das Patas; Ribeira do Baboso; Fontainhas; Ribeira do João Affonso; Logares seccas e altos.
Observação: «É monda dos diabos».

143. **Figueirinha do mar.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Caminho da Ponta do sol; Caminho do Paul (abundante); Pinhão; Paul.

144. **Feto bravo, Feito bravo.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Pinhão; Garça.
Ilha de S. Nicolau: Figueiras Altas; Campo da Preguiça; Cruz de baixo.

145. **Feito, Feto.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Monte Joanna.
Ilha de S. Nicolau: Monte Gordo.

146. **Goivo branco, Piloto manso.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Villa da R. Grande; Garça; Paul.
Ilha de S. Nicolau: Monte Gordo.

147. **Herva moleirinha.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira do Corvo.

148. **Mata cação.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Pinhão; Garça; Paul; Ribeira da Torre; Ribeira da Janella; Ribeira do Pico; Alto Mira.

149. **Malmequer.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira de João Affonso.
Ilha de S. Nicolau: Povoação da Villa da Ribeira Brava.
Observação: Espontanea nas hortas.

150. **Pica-pica.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Pinhão; Garça; Zuringa (montanhas do Pinhão).
Ilha de S. Nicolau: Monte Gordo; Fajan.

151. **Palha da Guiné.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira do Duque.

152. **Palha canna.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira da Torre.

153. **Pé de boi.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ferradouro.

154. **Palha Janglá.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeirinha Curta.

155. **Pé de gallinha.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeirinha Curta.

156. **Palha d'agua.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira do Corvo.
Ilha de S. Nicolau: Por todas as ribeiras.

157. **Palha de monte.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Plató do Cemiterio da Villa da Ribeira Grande.

158. **Piteira, Carrapato.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira Grande; Ribeira da Torre.
Ilha de S. Nicolau: Pombas; Cabaçalinho; Fajan; Caramujo; Campinho; etc.

159. **Tarto.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeirinha Curta.

160. **Tortolho.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Garça; Ribeira do Baboso; Paul; Alto Mira; Janella; R. Grande; Ribeira do Corvo; Monte Joanna; Ribeira das Patas.
Ilha de S. Nicolau: Côrama; Monte Gordo; Caramujo; Cruz de baixo; por toda a ilha.

161. **Tortolhano, Italiano.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ponta do sol; Garça; R. das Patas; Paul; R. Grande; R. da Torre; Fontainhas; R. de João Affonso.
Ilha de S. Nicolau: Cham; Calejão; Taboleiro.
Observação: Medicinal entre os indigenas.

162. **Tortolinho.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Garça; Agua nova (montanhas de) Ribeira do Corvo.
Ilha de S. Nicolau: Maria Tope.

163. **Tal mal a vez.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Montanhas da Chansanha bonita; Ribeira Fria; Paul; Garça.

164. **Vista.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Cham de banca.

165. **Vista macho.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeirinha Curta.

166. **Uva de macaco.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira das Patas; Garça; Ribeira da Cruz; R. Grande; R. da Torre; Paul; Alto Mira; R. da Janella.

167. **Urinca, Uri.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira da Torre.
Ilha de S. Nicolau: Maria Gomes; João Camli.
Observação: Arvore alta; folhas com muitos espinhos; flôr ama-

rella. Esta planta dá o nome a um jogo chamado *jogo de urinca,* e em que se empregam as sementes. «Ha um grande pé na rocha do Ilheu.» Veiu de Demerara.

168. **Urtiga.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Ribeira da Torre; Ribeira Grande; Garça; Mão para traz; Ribeirinha Curta.
Ilha de S. Nicolau: Monte Gordo.

159. **Urzella.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Caminho da Corda; Ponta do sol; Caminho de Manuel Jelho; Caminho das Fontainhas; nas montanhas.
Ilha de S. Nicolau: Rochas do Cabaçalinho; Monte Gordo; Caramujo, etc.

170. **Urzella de rocha.**
Hab.: Ilha de Santo Antão: Agua das Caldeiras (caminho do Porto dos Carvoeiros), abundante; sobre o tortolho grande.

Ilha de Santo Antão, 1899.

João Cardoso, Junior.

IX

Commemoração do quarto Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, por Vasco da Gama

1498-1898

INDIA

I.—Agrupamentos para uma classificação therapeutica das plantas medicinaes.
II.—A Flora Economica (subsidios para).

Seguro livro meu d'aqui te parte.
. . . .
GARCIA DA ORTA.

ADVERTENCIA

Este trabalho foi expressamente elaborado com o fim de commemorar a descoberta do caminho maritimo para a India, por Vasco da Gama, e foi remettido ao ex.^{mo} sr. secretario do Congresso nacional de medicina, dr. Zepherino Falcão (nosso amigo e antigo condiscipulo na Universidade de Coimbra), a fim de se dignar apresental-o — bem como outros trabalhos nossos — ao referido Congresso, attenta a impossibilidade de o fazermos pessoalmente.

Elaborado posteriormente aos *Subsidios, etc.,* andou naturalmente d'elles afastado, mas vem hoje occupar o logar que lhe pertence.

Praia, fevereiro de 1903.

João Cardoso, Junior.

Havendo, sobre a Materia Medica e Therapeutica da India, valiosissimos materiaes, seria innegavelmente imperdoavel que, no momento historico actual, em que se festeja, á altura do bom criterio, a descoberta do caminho maritimo para a India, por VASCO DA GAMA, — essa grande epopeia que o nosso LUIZ DE CAMÕES cantou, sublimou em versos immortaes nos seus *Lusiadas,* obra que ha de ser sempre o primeiro baluarte da nossa *Independencia,* da nossa *Nacionalidade* — em que se congregam com os Portuguezes, em convivio fraternal de amigos sinceros e leaes, homens de sciencia de todas ou quasi todas as Nações cultas e da Europa — seria innegavelmente imperdoavel, repetimos, que deixassemos de mostrar praticamente, entre as diversas affirmações do trabalho intellectual e scientifico Portuguez, que nos fôra indifferente, ou se nos apagara do espirito, o aproveitamento effectivo, o estudo, a classificação d'esse thesouro enorme que tem por nome *A Flora Medica da India.*

Assumpto, em verdade, estupendo, admiravel, e digno de ser tratado por Mestre entre os Mestres, vulto de grande estatura em saber especial das drogas medicinaes da India e da flora do extremo Oriente, para marcar tambem ás especies, e de uma maneira precisa e altamente vantajosa, a area geographica da sua medicação, e em seguida formar-se o mappa respectivo, illustrado por photographias as mais authenticas da epocha, contemporaneas — *aureoladas* pelas datas historicas e pelos nomes — de todos os nossos Avós que pelo Oriente andaram, como peregrinos, batalhando, e levando, por todas as fórmas, aos confins do mundo, a nossa Civilisação, a Civilisação de Portugal, *O Senhor dos Mares.*

Sem esses predicados, longe da minha Patria, residente nas ilhas de Cabo Verde ha quatorze annos, enfraquecido pela lucta contínua

com o clima, com os homens, com as coisas, que uns e outros aquelle tem força para tornar differentes, e muito, do que são na Europa, recorrendo ao estudo e ao trabalho, incessantes, para esquecer ou mitigar as agruras da vida real em terra d'Africa — é arrojo e grande, bem o sabemos, emprehender tarefa que não temos conhecimento fosse emprehendida anteriormente, maxime por Patricios nossos, e em condições eguaes ou identicas ás que nos cercam.

Mas, acima de todos os considerandos, *impõe-se* a grande necessidade de se fazerem convergir, e sem demora, a sciencia e a litteratura, a actividade mental, as forças da geração moderna Portugueza, para o nosso Ultramar; e assim, emquanto se não quebram as ultimas irresoluções por parte de todos os que podem e devem levantar o grito da grande cruzada, e, d'esta sorte, tornarem-se obreiros distinctos, concorrendo cada um com a parte que puder ou mais grato lhe fôr, continuemos nós a obra para a qual, ha alguns annos já, lançámos arrojadamente os alicerces, erguendo desde logo, permitta-se-nos a expressão, o 1.º andar, e mais tarde o 2.º, e pondo de lado que os nossos trabalhos, por circumstancias superiores á vontade propria, são incompletos e deixam muito a desejar, recommendando-os tão sómente o *ideal* a que obedecem, e o poderem servir de pontos de partida para trabalhos de alto merito, chamemos até nós, *com a fé dos crentes*, e desenvolvendo á volta de nós, se tanto fôr preciso, a força suggestiva que faz tambem adeptos, incutindo e fazendo adoptar as nossas idéas, o nosso modo de vêr as coisas, etc., a virem até ás regiões do nosso Ultramar, ao vasto e riquissimo laboratorio natural de estudo, de investigação, de descobertas em todos os ramos do saber humano, na sua sêde insaciavel de progredir cada vez mais, de maior cabedal de conhecimentos reunir, de resolver problemas importantes, etc., todas essas forças infelizmente perdidas até hoje, com prejuizo do Ultramar Portuguez, nas suas relações com a sciencia e prosperidade da *Mãe Patria.*

Eis a razão porque formámos uns agrupamentos para uma classificação therapeutica a realizar, por quem possa, saiba e queira, entre nós, Portuguezes, — onde não faltam sem duvida, com orgulho o dizemos, capacidades de todos os generos, nas sciencias, lettras e artes — das plantas medicinaes da India; e por outro lado considerámos plantas que, pertencentes á *Flora economica da India,* podem e devem ser utilisadas por nós, Portuguezes, principalmente.

Não foi, não é, não podia ser o nosso proposito embrenharmonos n'uma classificação therapeutica de plantas medicinaes.

É difficil e cheio de escabrosidades o assumpto, e d'isto podem dizer, entre outros, Bouchardat, Trousseau e Pidoux, Fonssagrives, Rabuteau, etc., não esquecendo Paulier.

Para a formação dos agrupamentos das plantas medicinaes da India apresentou-se-nos de frente, soberba e como que rindo-se do nosso proposito de não querermos saber, embora nos mereçam toda a veneração para o nosso caso, de qualquer das classificações therapeuticas conhecidas, no sentido de a perfilharmos e seguir á risca ou absoluta-

mente — a conveniencia ou necessidade do estabelecimento de grandes grupos, classes ou ordens, que por uma designação unica, mas simples, dêsse idéa immediata da mais ou menos larga medicação especifica: — exactamente, o que tivemos em vista investigar, nos preoccupou, e interessa, sobretudo.

....

A Bibliographia que acompanha este nosso trabalho registrará o grande e valiosissimo material que pode ser consultado sobre o monumental assumpto que ousámos emprehender.

D'esta sorte facilitaremos aos estudiosos nas suas investigações, e obstaremos a um tempo que se nos possa accusar, bem ou mal fundamentadamente, de não citarmos a parte bibliographica correspondente, a qual somos os primeiros a reconhecer de importantissima, em geral, mas nem sempre imprescindivel ou obrigatoria.

Este nosso trabalho — *India* — é naturalmente a sequencia d'estes outros:

Subsidios para a Materia Medica e Therapeutica das Possessões Ultramarinas Portuguezas;
Plantas medicinaes do Oriente;

trindade á qual nos prendem laços identicos aos que ligam os paes aos filhos, o artista á obra que concebeu, mas á qual só pode dar vulto, corpo e vida á força de sacrificios e difficuldades.

Cidade do Mindello (Ilha de S. Vicente), 21 de março de 1898.

João Cardoso, Junior.

I

Agrupamentos para uma classificação therapeutica das plantas medicinaes da India

Em todas estas cousas vos servirei e vos direi a verdade.

GARCIA DA ORTA.

Sedantes

Hymenea Courbaril, *L.*
    Parte empregada: Casca no estado de extracto fluido.
Nenuphar lotus.
Piscidia Erythrina, *L.*
    Parte empregada: Casca.
Santalum album, *L.*
    Parte empregada: Pó.

Temperantes

Citrus aurantium, *Risso.*
» limonium, *Risso.*
Garcinia Mangostana, *L.*
Tamarindus indicus, *L.*

Sudoriferos

Chavica Roxburghii.
Cleome pentaphylla, *L.*
Gnocardia odorata.
Hydroctyle asiatiaca, *L.*
Papaver orientale, *L.*
» somniferum, *L.*
Plumbago Zeylanica, *L.*
Smilax aspera, *L.*

Emollientes ou Delmucentes

Abelmoschus esculentus, *Moench.*
Nome vulgar: Gombo. Parte empregada: Folhas e flôres.
Abutilon Indicum, *Don.*
Nome vulgar: Malva da India.
Adansonia digitata, *L.*
Nome vulgar: Cajueiro.
Arachis hypogoea, *L.*
Bedelium Roxburghii.
Bombax malabaricum, *Dec.*
Nome vulgar: Algodoeiro vermelho. Parte empregada: Raizes.
Cocus nucifera, *L.*
Nome vulgar: Coqueiro.
Curcuma angustifolia, *Roxb.*
Nome vulgar: Arrowoot da India oriental.
Gossypium herbaceum, *L.*
Nome vulgar: Algodoeiro. Parte empregada: Raizes.
Jatropha Maniliot, *L.*
Nome vulgar: Mandioca.
Musa coccinea, *And.*
» nepalensis, *Vall.*
» sapientum, *L.*
» superba, *Roxb.*
Nepalium Lichi, *G. Don.*
Parte empregada: Fructos.
Oriza sativa, *L.*
Portulaca oleracea, *L.*
Saccharum officinarum, *L.*
Sesamum orientale, *L.*
Parte empregada: Folhas.
Sida cordifolia, *L.*
» indica, *L.*
» retusa, *L.*
Spondias Mangifera, *Pers.*
Tribulus lanuginosus, *L.*
Parte empregada: Pó.
Vitis vinifera, *L.*

Analepticos

Adianthus Cepillus Veneris, *L.*
Nome vulgar: Avenca.
Marantha arundinacea, *L.*
Nome vulgar: Arrowroot.
Oriza sativa, *L.*
Plocaria candida, *Nees.*
Nome vulgar: Musgo de Ceylão.
Saccharum officinarum, *L.*
Marantha indica, *L.*

Nervinas ou contra-desassimiladoras

Coffea Wliigtiana, *Wall.*
Solanum trilobatum, *Burm.*
Thea chinensis, *L.*

Amargas ou estomachicas

Acalypha indica, *L.*
Parte empregada: Folhas.
Azadiratcha indica, *Juss.*
Parte empregada: Cascas.
Cocculus palmatus, *Lam.*
Nome vulgar: Calumba. Parte empregada: Raiz.
Coesalpinia Bonducella, *Flemming.*
Parte empregada: Sementes.
Coesalpinta Sappan, *L.*
Ferula assafetida.
Nome vulgar: Assafetida.
Gentiana Chirayta, *Roxb.*
Halviva angustifolia.
Hymenodicton excelsum, *Wall.*
Justicia paniculata, *Burm.*
Morinda Rojoc, *Loureiro.*
Nome vulgar: Rojoc. Parte empregada: Raizes.
Mrytus acris, *Sw.*
Nome vulgar: Madeira da India. Parte empregada: Bagas.
Syzygium Jambolanum, *DC.*
Parte empregada: Succo expresso das folhas.
Toddalia aculeata, *Pers.*

Amargas adstringentes ou tonicas radicaes

Æsculus hyppocastanum, *L.*
Nome vulgar: Castanheiro da India.
Citrus medica, *L.*
Cinchona succirubra, *Pavon.*
Gloriosa superba, *L.*
Observação: É succedanea da quina.
Physalis Alkekengi, *Loureiro.*
Nome vulgar: Alkekenge.
Quercus placentaria, *Blum.*
Scopolia lucida, *Forst.*
Solanum Neesianum, *Wall.*

Amargo-purgantes

Aloes socootrina, *Lam.*
Nome vulgar: Catasha.
Rheum Emodi, *Wall.*
» moorcroftianum.
» spiciforme.
» webbianum.

Amargo-tetanicas

Strychnos Nuxvomica, *L.*
» Ignatii, *Bergius* et *Lamarch.*
Nome vulgar: Fava de Santo Ignacio.

Adstringentes

Acacia Catechu, *Willd.*
Ægle Marmellos, *Correa.*
Nome vulgar: Bela, Baela, Bel. Parte empregada: Fructos verdes, casca.
Areca Catechu, *L.*
Azadirachta indica, *Juss.*
Parte empregada: Casca, tintura.
Butea frondosa, *Roxb.*
Parte empregada: Fructos, sementes.

Calamus Draco, *Willd.*
Nome vulgar: Sangue de Drago.
Casuarina equisetifolia, *Forst.*
Nome vulgar: Filao. Parte empregada: Casca.
Cedrela Toona, *Roxb.*
Emblica officinalis, *Gaertn.*
Parte empregada: Fructo velho.
Erythrina indica, *Lam.*
Parte empregada: Casca.
Ficus religiosa, *Forsk.*
Nome vulgar: Figueira.
Flacourtia cataphracta, *Roxb.*
Parte empregada: Folhas.
Garcinia Mangostana, *L.*
Parte empregada: Casca, fructos.
Hematroxylon Campechianum.
Parte empregada: Lenho.
Hernandia sonora, *L.*
Nome vulgar: Mirabolanos. Parte empregada: Fructo.
Hollarrhena antidysenterica, *Wall.*
» Courbaril, *L.*
Parte empregada: Casca, no estado de extracto fluido.
Hymenodictyon excelsum, *Wall.*
Parte empregada: Casca.
Maugifera indica, *Hunt.*
Nome vulgar: Mangueira. Parte empregada: Fructo, casca.
Nauclea Gambir, *Hunt.*
Nome vulgar: Gambir.
Pterocarpus Marsupium, *Roxb.*
Nome vulgar: Sandalo vermelho.
Phyllanthus embellica, *L.*
Parte empregada: Fructo secco.
Pterocarpus santalinus, *Lin.*
Nome vulgar: Sandalo vermelho.
Punica granatum, *L.*
Rhizophora gymnorrhiza, *L.*
Parte empregada: Casca.
Sapindus saponaria, *L.*
Parte empregada: Fructos, casca.
Solanum Jacquini, *Willd.*
Parte empregada: Folhas.
Soymida febrifuga, *Juss.*
Parte empregada: Pó da casca.
Syzygium Jambolanum, *DC.*
Nome vulgar: Jambul. Parte empregada: Succo fresco das folhas.
Terminalia Bellarica, *Roxb.*
» Chebula, *Roxb.*
Nome vulgar: Myrobolanos.

Toddalia aculeata, *Pers.*
Parte empregada: Folhas frescas.
Vismia laccifera, *Mart.*
Nome vulgar: Pau lacre. Parte empregada: Folhas.

Carminativas

Anethum foeniculum, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
Laurus Cassia, *L.*
Nome vulgar: Canella.
Ptichotis Ajowan, *DC.*
Syzygium Jambolanum, *DC.*
Nome vulgar: Jambul.

Tonico-alterantes

Calatropis gigantea, *R. Br.*
Parte empregada: Pó da raiz.

Cardiacas

Nerium Oleander, *L.*
Nome vulgar: Loureiro rosa. Parte empregada: Extracto alcoolico.

Aromaticas

Acorus Calamus, *L.*
Nome vulgar: Calamo aromatico.
Balsamodendron indicum.
Capsicum fastigiatum, *Blum.*
Nome vulgar: Pimenta de Cayenna.
Curcuma longa, *L.*
Nome vulgar: Açafrão.
Curcuma zedoaria, *Rosc.*
Nome vulgar: Açafrão.
Elettaria Cardamomum, *White* et *Matton.*
Nome vulgar: Cardamomo.
Laurus Cassia, *L.*
Mrystica moschata, *Thumb.*
Piper longum, *L.*
Terminalia Bellerica, *Roxb.*
Nome vulgar: Myrabolanos.

Terminalia Chebula, *Roxb.*
Nome vulgar: Myrabolanos.
Thea chinensis, *L.*
Zingiber officinale, *Rosc.*
Nomes vulgares: Corcuma, Gengibre.

Balsamicas

Andropogon muricatus, *Retz.*
Celastrus paniculatus, *Willd.*
Dipterocarpus laevis, *Hamilton.*
Lawsonia inermis, *L.*

Diffusivas

Melaleuca Cajuputi, *Roxb.*

Cephalicas

Anethum foeniculum, *L.*
Nome vulgar: Funcho.
Coffea arabica, *L.*
Thea chinensis, *L.*

Emmenagogas ou excitantes uterinas

Aloë soccotrina, *Lam.*
Andropogon muricata, *Retz.*
Artemisia indica *Willd.*
Parte empregada: Folhas.
Caesalpinia Sappan, *L.*
Cuminum cyminum, *L.*
Lawsonia inermis, *L.*
Nigella sativa, *L.*
Plumbago rosea, *L.*
Parte empregada: Casca da raiz.

Aborptivas

Gossypium herbaceum, *L.*
Parte empregada: Casca da raiz.
Plumbago zeylanica, *L.*
Parte empregada: Caules, casca da raiz.

Aphrodisiacas

Gratiola Mounieri, *L.*
Pedalium Murex, *L.*

Anaphrodisiacas

Vitex negundo, *L.*
Nome vulgar: Negundo (Garcia da Orta).

Vesicantes ou epispasticas

Ammania vesicatoria, *Roxb.*
Nome vulgar: Ammania vesicante.
Capsicum annum, *L.*
Nome vulgar: Pimenta da Hespanha.
Cleome pentaphylla, *L.*
Croton tiglium, *L.*
Numes vulgares: Grão maluco, purgueira. Em fricções sobre a pelle — o oleo.
Euphorbia antiquorum, *L.*
Nome vulgar: Euphorbio. Parte empregada: Succo leitoso.
Euphorbia Tirucalli, *L.*
Nome vulgar: Erva leiteira. Parte empregada: Succo leitoso.
Moringa pterosperma, *Gaertn.*
Parte empregada: Folhas.
Plumbago scandens, *L.*
Nome vulgar: Dentellaria. Parte empregada: Folhas.
Plumbago zeylanica, *L.*
Parte empregada: Raizes, caules frescos.

Rubefacientes

Capsicum fastigiatum, *Blum.*
Croton tiglium, *L.*
Euphorbia Characias, *L.*

Resolutivas, revulsivas ou derivativas pela revulsão

Bdelium Roxburghii.
Euphorbia Characias, *L.*
Heliotropium indicum, *L.*
    Nome vulgar: Yerba de Cotona. Parte empregada: Succo da planta.
Moringa pteropermo, *L.*
    Parte empregada: Cascas.
Vismia laccifera, *Mart.*
    Parte empregada: Folhas.

Causticas

Plumbago zeylanica, *L.*

Detersivas où irritantes substitutivas

Andropogon muricatus, *Retz.*
Canna coccinea, *Ait.*
  » indica, *L.*

Gommo-resinosas

Balsamodendron indicum.
Ferula asa foetida, *L.*
Garcinia Pictoria, *Roxb.*
Gardenia gummifera, *L.*
  » lucida, *Roxb.*
Mangifera indica, *L.*
Pterocarpus Marsupium, *Roxb.*

Rottlera tinctoria, *Roxb.*
    Parte empregada: Resina do pollen.
Waltheria indica, *L.*
    Nome vulgar: Gomma copal da India.

Resinosas

Calophyllum inophyllum, *L.*
Podophyllum Emodi, *Wall.*

Analgesicas ou anodynas

Aconitum ferox, *Wellich.*
    Nomes vulgares: Bish ou Bikh.
Aconitum palmatum, *Don.*
    Nome vulgar: Bikh.
Cannabis indica, *Lam.*
    Nomes vulgares: Canhamo indiano, Haschisch.
Crescentia Cujute, *L.*
    Parte empregada: Polpa dos fructos.
Datura alba, *Wall.*
    Nome vulgar: Dutró. Parte empregada: Succo das folhas.
Datura fastuosa, *Lin.*
    Nome vulgar: Dutró. Parte empregada: Succo das folhas.
Datura Metel, *Lin.*
    Nome vulgar: Dutró. Parte empregada: Succo das folhas.
Lactuca indica, *L.*
Gymnerna silvestris, *R. Br.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Papaver orientale, *L.*
    » somniferum, *L.*
Piscidia Erythrina, *L.*
    Parte empregada: Casca.

Soporiferas, hypnoticas ou somniferas

Hydrocotil asiatica, *L.* (Pesequinus de Rhumphius).
    Nomes vulgares: Pancagá, candagen. Parte empregada: Extracto de planta fresca.
Nerium antidysentericum, *L.*
    » Oleander, *L.*
Physalis flexuosa, *L.*

Antispamodicas

Artemisia indica, *Willd.*
Parte empregada: Raizes.
Cannabis indica, *Lam.*
Parte empregada: Sementes.
Cassia occidentalis, *L.*
Citrus aurantium, *Risso.*
Ferula Asa foetida, *L.*
Hibiscus Abelmoschus, *L.*
Laurus cassia, *L.*
Lawsonia inermis, *L.*
Melaleuca Cajuput, *Roxb.*
Parte empregada: Folhas.
Ophelia Chirayta, *Grysebach.*
Parte empregada: Raiz.
Tribulus lanuginosus, *L.*
Parte empregada: Pó do fructo.
Nenuphar lotus.

Antirheumaticas

Aconitum ferox, *Wallich.*
Nardostachys jatamansi, *DC.*
Parte empregada: Oleo.
Ptycholis Ajowan, *DC.*

Antiherpeticas

Althea indica, *Burm.*
Flemingia grahamiana, *W.* et *A.*
Gynocardia odorata, *Roxb.*
Nome vulgar: Chaulmoogra. Parte empregada: Extracto das sementes.
Pongamia glabra, *Vent.*
Parte empregada: Oleo.
Rottlera tinctoria, *Rox.*

Antiscorbuticas

Moninga pterosperma, *Gaertn.*
Nome vulgar: Ben. Parte empregada: Casca da raiz do tronco.
Phyllanthus Embellica, *L.*
Parte empregada: Fructo secco.

Antiscrophulosas

Gynocardia odorata, *Roxb.*
Nome vulgar: Chaulmoográ.

Diureticas

Agrostis linearis, *Retz.*
Anethum foeniculum, *L.*
Nome vulgar: Funcho.
Asteracantha longifolia, *Nees.*
Parte empregada: Sementes.
Bambusa arundinacea, *Retz.*
Partes empregadas: Raizes, gomma.
Bambusa nigra, *Lodd.*
Nome vulgar: Bambou.
Canna coccinea, *Ait.*
Parte empregada: Raizes.
Canna indica, *Roxb.*
Parte empregada: Raizes.
Cassia occidentalis, *L.*
Nome vulgar: Fedegoza. Parte empregada: Raizes.
Chavica Roxburghii.
Nome vulgar: Chavica.
Coix Lacrima, *L.*
Parte empregada: Sementes.
Crescentia Cujute, *L.*
Nome vulgar: Calabaceira.
Erythrina indica, *Lamk.*
Parte empregada: Folhas.
Erythrina corallodendron, *L.*
Euphorbia pilulifera, *L.*
Hydrocotile asiatica, *L.*
Partes empregadas: Extracto, succo da planta fresca.
Hygrophila spinosa, *And.*

Indigofera tinctoria, *L.*
Parte empregada: Raizes.
Moringa pterosperma, *Jaertn.*
Nicotiana tabacum, *L.*
Pedalium Murex, *L.*
Partes empregadas: Folhas, pedunculo.
Physalis flexuosa, *L.*
Nome vulgar: Alkekenge.
Tribulus lanuginosus, *L.*
Vismia laccifera, *Mart.*
Parte empregada: Folhas.

Depurativas

Chavica Roxburghii.
Crescentia Cujute, *L.*
Parte empregada: Polpa dos fructos.
Gentiana Chirayta, *Grisebach.*
Gynocardia odorata, *Roxb.*
Hemidesmus indicus, *R. Br.*
Nome vulgar: Salsaparrilha da India. Parte empregada: Raiz.
Hydrocotile asiatica, *L.*
Nome vulgar: Hydrocotylo.
Santalum album, *L.*
Nome vulgar: Sandalo.
Smilax aspera, *L.*
Solanum Dulcamara, *L.*
Nome vulgar: Doce amargo.

Diaphoreticas

Adansonia digitata, *L.*
Andropogon citratus, *Hort.*
Nome vulgar: Herva limão.
Andropogon muricatum, *Retz.*
Nome vulgar: Herva cus-cus.
Berberis asiatica, *Roxb.*
Parte empregada: Casca.
Calatropis gigantea, *R. Br.*
Plumbago zeylanica, *L.*
Papaver orientale, *L.*
Smilax aspera, *L.*

Sialagogas

Elletaria Cardamomum, *Wight* et *Maton.*
Caryophyllum aromaticus, *L.*
  Nome vulgar: Cravo da India.
Chavica betle.
  Nome vulgar: Betel.
Nicotiana tabacum, *L.*
Zingiber officinale, *Roscöe.*

Lactagogas

Ricinus communis, *L.*

Bechicas ou peitoraes

Bedelium Roxburghii.
Nephelium Lichi.
  Parte empregada: Fructo.
Sesamum orientale, *Sieb.*
  Parte empregada: Folhas.
Viola odorata, *L.*
  Parte empregada: Flôres.

Emeticas ou vomitivas

Acacia concinna, *DC.*
Achyranthes aspera, *L.*
Anthericum hyacinthoides, *L.*
  » curassica.
  » gigantea.
  » prolifera.
  » volubilis, *L.*
Azadirachta indica, *Juss.*
Boerhavia decumbens, *Wahl.*
Calatropis procera.
Cicca disticha, *L.*
Crinum asiaticum, *L.*
Doernia extensa, *R. Br.*
Entada Pursaetha, *DC.*

Ficus repens, *Roxb.*
Gendarussa vulgaris, *Nees.*
Geophila reniformis, *H. B.*
    Parte empregada: Sementes.
Hura crepitans, *L.*
Jatropha multifida, *L.*
Luffa amara, *Roxb.*
Naregama alata, *W.* e *S.*
    Nome vulgar: Ipecacuanha de Goa. Partes empregadas: Pó, tintura.
Periploca indica, *L.*
    Observação: Substitue a salsaparrilha.
Plumbago scandeus, *L.*
    Parte empregada: Raizes.
Poederia foetida.
    Nomes vulgares: Gondalia, Gundo-rhadabc.
Randia Dumetorum, *L.*
Sapindus emarginatus, *Wahl.*
Scilla indica, *Roxb.*
Secamone emetica, *Brown.*
Strychnos potatorum, *L.*
    Parte empregada: Fructo verde.
Solanum Dulcamara, *L.*
Tylophora asthmatica, *Whigt* e *Amot.*
Vandelia diffusa, *L.*
    Parte empregada: Folhas.
Viola odorata, *L.*
    Parte empregada: Rhizoma.

Laxantes ou minorativas

Acalypha indica, *L.*
    Parte empregada: Folhas.
Bergera Koenigi.
    Parte empregada: Folhas.
Cathartocarpus fistula, *Pers.*
    Parte empregada: Polpa ou casca da vagem.
Coesalpinia Sappan, *L.*
Coffea arabica, *L.*
Erythrina indica, *Lam.*
    Parte empregada: Folhas.
Hernandia sonora.
    Parte empregada: Fructo.
Morinda Rojoc.
    Parte empregada: Extracto do pó.

Mrytis acris.
    Nome vulgar: Madeira da India. Parte empregada: Bagas.
Ricinus communis, *L.*
Tamarindus indicus, *L.*
Terminalia Bellerica, *Roxb.*
    » Chebulla.
Viola odorata, *L.*
    Parte empregada: Flôres.

Catharticas

Acalypha indica, *L.*
Ægle Marmellos, *Corrêa.*
    Parte empregada: Fructos.
Agati grandiflora, *Wight* et *Arnot.*
Ailanthus glandulosa, *Desf.*
    Nome vulgar: Verniz do Japão.
Agyra malabarica.
Alangium hexapetalum, *Lam.*
Aleurites triloba, *Forst.*
Alhagi mauronum, *Dec.*
Allamanda cathartica, *L.*
Aloe indica.
  » littoral.
  » socootrina, *Lam.*
Anisomeles malabarica, *R. Br.*
Argemone mexicana, *L.*
Aristolochia bracteata, *Retz.*
Balanites algyptiaca, *Delil.*
Basselia rubia, *Schlcht.*
Bayonta edigua.
Boerhavia diffusa, *L.*
Bryonia scabra, *Thunh.*
Calatropis procera, *R. Br.*
    » gigantea, *R. Br.*
Cardiospermum haliacacabrum, *L.*
Carthamus tinctorius, *L.*
Cassia alata, *L.*
  » elongata, *Lensery.*
  » Fistula, *L.*
  » obovata, *Collad.*
  » occidentalis, *L.*
  » purpurea, *Roxb.*
  » Tora, *L.*
Cavallium urens, *Schott.*
Cerbera neriifolia.

Nome vulgar: Noz de serpentaria.
Parte empregada: Casca.
Citrullus colocynthis, *Schrad.*
Chystorea ternatea.
Cocus nucifera, *L.*
Convolvulus arvensis, *L.*
» Batatas, *L.*
» brasiliensis, *L.*
» malabaricus, *L.*
» nil, *L.*
» paniculata, *L.*
Croton Tiglium, *L.*
Partes empregadas: Sementes, casca.
Dais octandra, *L.*
Emblica officinalis, *Gaertn.*
Parte empregada: Fructo recente.
Euphorbia antiquorum, *L.*
Parte empregada: Succo.
Ficus Carica, *L.*
Garcinia pictoria, *Roxb.*
Gardenia campanulata, *Roxb.*
Herpestis Monnieria, *H. B.*
Ipomae turpethum, *B. Br.*
Nome vulgar: Turbith.
Parte empregada: Casca ou raiz.
Jatropha Curcas, *L.*
Lagenaria vulgaris, *Serr.*
Lepidium sativum, *L.*
Melaleuca Cajuputi, *Roxb.*
Mirabilis Jalapa, *L.*
Morinda citrifolia, *L.*
Moringa pteroperma, *Gaertn.*
Mrysine bifaria.
Paveta indica, *L.*
Periantherma obcordata.
Plantago Ispaghula, *Roxb.*
Nome vulgar: Ispagul.
Parte empregada: Sementes.
Plumeria acutifolia, *Poir.*
Phyllanthus embellica, *L.*
Parte empregada: Fructo verde.
Rheum Emodi, *Wall.*
» moorcroftianum.
» speciforme.
» wefbianum.
Salvadora indica, *Roxb.*
Parte empregada: Raiz.
Sinapis ramosa, *Roxb.*

Nome vulgar: Mostarda da India.
Parte empregada: Sementes.
Tamarix gallica, *L.*
» citrina, *Roxb.*
Thevetia neriifolia, *Juss.*

Cholagogos

Naregama alata, *W.* et *A.*

Drasticas

Convolvulus turpethum, *L.*
Nome vulgar: Turbith vegetal.
Erythrina corallodendron, *L.*
Helleborus orientalis, *L.*
Parte empregada: Sementes.
Podophyllum peltatum, *L.*
Vandelia diffusa, *L.*

Emeto-catharticas

Aleurites triloba, *Forst.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Anda Gomesii, *Juss.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Croton oblongifolium, *Roxb.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Dipterocarpus turbinatus, *Gaertn.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Euphorbia antiquorum, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Euphorbia canariensis, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Euphorbia Lathyris, *L.*
Nome vulgar: Catapucia menor.
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Euphorbia Rottler.
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Hura crepitans, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Jatropha curcas, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.

Jatropha glandulifera, *Roxb.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Jatropha multifida, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Liganum pavane.
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Omphalea triandra, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.
Ricinus communis, *L.*
Parte empregada: Sementes. Oleo.

Antiemeticas ou paravomitivas

Capsicum fastigiatum, *Blum.*
Observação: Nas febres remittentes biliosas.

Expectorantes

Naregamia alata, *W.* et *Ar.*
Nome vulgar: Ipecacuanha de Goa.
Parte empregada: Pó. Tintura.
Scilla indica, *Roxb.*
Tylophora asthmatica, *Wight.*

Antisepticas

Azadirachta indica, *Juss.*
Parte empregada: Casca.
Cinchona succirubra.
Embellia Ribes. *Burm.*
Holarrhena antidyssenterica, *Woll.*
Nome vulgar: Cadaga-pata.
Parte empregada: Sementes. Casca.
Ptychotis Agowan, *Dec.*
Parte empregada: Oleo das sementes.

Desinfectantes

Lawsonia alba, *Lam.*
Nome vulgar: Henné.
Parte empregada: Folhas.

Halviva angustifolia.
Hoematoxylon campechianum.
Hymenodictyon excelsum, *Woll.*

Anthelminticas

Ailanda glandulosa, *Desf.*
Parte empregada: Extracto fluido.
Observação: Tenifuga.
Areca Catechu, *L.*
Observação: Tenifuga.
Bambusa arundinacea, *Retz.*
Parte empregada: Folhas.
Observação: Tenifuga.
Calatropis procera, *R. Br.*
Parte empregada: Succo leitoso.
Observação: Vermifuga.
Carica Papaya, *L.*
Parte empregada: Succo leitoso. Sementes.
Observação: Vermifuga.
Cucurbita maxima, *Duches.*
Parte empregada: Sementes.
Observação: Vermifuga.
Embellia Ribes, *Burm.*
Parte empregada: Fructos.
Observação: Vermifuga e Tenifuga.
Euphorbia microphylla, *Roth.*
Observação: Vermifuga.
Flemingia grahmia, *W.* et *A.*
Observação: Tenifuga.
Holarrhena antidyssenterica, *Woll.*
Observação: Vermifuga.
Punica granatum, *L.*
Parte empregada: A casca da raiz.
Observação: Tenifuga.
Rawolphia serpentaria, *Benth.*
Parte empregada: Pau. Raizes.
Observação: Vermifuga. Tenifuga.
Ricinus communis, *L.*
Observação: Vermifuga.
Rottleria tinctoria, *Roxb.*
Parte empregada: Pêlos estrellados, que cobrem as capsulas das sementes.
Observação: Tenifuga.
Vernonia anthelminthica, *Willd.*

Lithontripticas

Pedalium Murex, *L.*
Parte empregada: Fructos.
Siegesbekia orientalis, *Roxb.*

Antipsoricas

Althaea indica, *Burm.*
Flemingia Grahmiana, *W.* et *A.*
Pongamia glabra, *Vent.*
Rottleria tinctoria, *Roxb.*

Antimorpheticas

Calatropis gigantea, *R. Br.*
Hydrocotyle asiatica, *L.*
Gynocardia odorata, *Roxb.*
Strychnos nux vomica, *L.*
Nome vulgar: Sleng-thou.
Parte empregada: Casca.

Antidymenorrheicos

Cassia occidentalis, *L.*

Antidysentericas

Cocculus palmatus, *Lam.*
Nome vulgar: Calumba.
Mangifera indica, *L.*
Parte empregada: Succo resinoso.
Nerium antidysentericum, *L.*
Plantago hispidula, *Rz.* e *P.*
Parte empregada: Pó das sementes.
Randia Dumetorum, *L.*
Simaruba officinalis, *DC.*
Parte empregada: Casca.
Syzigium Jambolanum, *DC.*
Parte empregada: Succo expresso das folhas.
Toddalia aculeata, *Pers.*

Antidyarrheicas

Capsicum fastigiatum, *Blum.*
Plumbago zeylanica, *L.*
Parte empregada: Tintura.
Simaruba officinalis, *DC.*
Syzigium Jambolanum, *DC.*
Toddalia aculeata, *Pers.*
Parte empregada: Folhas.

Anti-asthmaticas

Bryonia grandis, *L.*
» rostrata, *Rottl.*

Anti-syphiliticas

Gynocardia odorata, *Roxb.*
Siegesbekia orientalis, *Linn.*
Nome vulgar: Herva divina.
Parte empregada: Folhas. Extracto. Raiz.
Smilax aspera, *L.*

Digestivas

Erythrina indica, *Lam.*
Parte empregada: Succo.

Antidiabeticas

Anacardium occidentale, *L.*
Parte empregada: Casca.
Syzigium Jambolanum, *DC.*
Parte empregada: Sementes.

Antigottosas

Siegesbekia orientalis, *Roxb.*

Anti-epilecticas

Indigofera anil, *L.*

Nephriticas

Hollarrhena antidyssentericum, *Woll.*
Hydrangea arborescens, *L.*
Parte empregada: Raiz.

Obstetricas

Pedalium Murex, *L.*
Parte empregada: Fructo.
Pterocarpus santalinus, *Hamilton.*
Nome vulgar: Sandalo vermelho.

Prophylaxi-febrifugas

Halviva angustifolia.

Anti-aphto-ulcero-laryngeas

Heliotropium indicum, *L.*

Ophtalmicas

Abrus precatorius, *L.*

Febrifugas e antiperiodicas

Agathotes Chirayta, *Don.*
Parte empregada: Raiz secca.
Allium sativum, *L.*
Adansonia digitata, *L.*
Observação: Febrifugo energico.

Azadirachta indica, *Juss.*
Nome vulgar: Lilás das Indias.
Parte empregada: Sementes. Casca.
Observação: Antiperiodica. Pode substituir a quina.
Berberis asiatica, *Roxb.*
Parte empregada: Casca.
Observação: Antiperiodica.
Caesalpinia Bonducella, *Flem.*
Parte empregada: Sementes.
Observação: Antiperiodica. Substitue a quina.
Calamus aromaticus (Acorus Calamus, *L.*).
Parte empregada: Rhizoma.
Calatropis procera, *R. Br.*
Parte empregada: Succo leitoso.
Observação: Antiperiodica.
Chavica betle.
Parte empregada: Succo expresso da vergontea.
Cassia occidentalis, *L.*
Parte empregada: Folhas.
Observação: Febrifuga e antiperiodica. Substitue a quina.
Cedrella Toona, *Roxb.*
Parte empregada: Casca.
Cocos nucifera, *L.*
Parte empregada: Cascas (decocto das).
Coffea arabica, *L.*
Erythrina indica, *L.*
Observação: Antiperiodica.
Halviva angustifolia.
Nome vulgar: Kreat. Agathodes.
Hollarrhena antidyssenterica, *Woll.*
Observação: Cascas não inferiores ás da quina.
Hymenodictyon excelsum, *Woll.*
Parte empregada: Sementes. Cascas.
Nauclea Gambir, *Hunt.*
Indigofera anil, *L.*
Observação: Febrifuga.
Indigofera tinctoria, *L.*
Observação: Febrifuga.
Piper nigrum, *L.*
Plumbago Zeylanica, *L.*
Parte empregada: Tinctura dos caules.
Punica granatum, *L.*
Rauwolifia serpentina, *Benth.*
Nome vulgar: Pau de cobra.
Observação: Febrifuga.
Santalum album, *L.*
Observação: nas febres inflammatorias.

Simaruba officinalis, *DC.*
Observação: Febrifuga.
Scorodosma foetidum, *Bunge.*
Sorymida febrifuga, *Juss.*
Observação: Antiperiodica.
Toddalia aculeata, *Pers.*

Anti-hydropicas

Phyllanthus Niruri, *L.*

Alterantes

Agave americana, *L.*
Parte empregada: Raizes.
Anacardium occidentale, *L.*
Parte empregada: Casca.
Calatropis gigantea, *R. Br.*
Parte empregada: Succo leitoso.
Citrus aurantium, *L.*
Parte empregada: Sumo.
Citrus bergamia, *Hort.*
Parte empregada: Sumo.
Citrus bergamotta, *Hort.*
Parte empregada: Sumo.
Hemidesmus indicus, *R. Br.*
Nome vulgar: Salsaparrilha da India.
Smilax officinalis, *Kunth.*

Cidade do Mindello (Ilha de S. Vicente), 21 de março de 1898.

João Cardoso, Junior.

II

A Flora Economica da India (Subsidios para)

> ...mas temia o ocioso povo e mordaces linguas.
>
> ...assim como fazem os experimentados agricultores que querendo plantar algumas delicadas plantas as arrimam a algumas fortes arvores para que as defendam dos tempestuosos ventos e fortes chuvas e asperas geadas, assim eu quiz plantar esta fraca planta...
>
> GARCIA DA ORTA.

Especies florestaes que fornecem madeiras para oonstrucções, obras, utensilios, peças, etc.

Acacia arabica, *Willd.* Nome vulgar: Babul.
» catechu, *Willd.* Keir. Pau ferro.
» odorantissima, *Willd.* Siroco.
» speciosa, *Jacq.* Sirassó.
» Sundra, *DC.* Calicauty.
Adenantheia pavonina, *L.*
Ægle Marmellos, *Correa, L.*
Alstonia scholaris, *R. Br.* Santino.
Artocarpus hirsuta, *Lam.* Pat-ponosso.
» integrifolia, *L.* Jaqueira.
Atalantia monophila, *Correa.*
Bassia latifolia, *Roxb.* Maurá.
Bauhinia alba, *Hamilt.* Pauri. Ebano branco.
» parviflora, *Wahl.* Aptá.
Bridelia retusa, *Spr.* Assou.
» spinosa, *Willd.* Assou.
Bombax malabaricum, *DC.* Samar. Panheira.
Butea frondosa, *Roxb.* Palaco.
Calophyllum inophyllum, *L.* Nudá.
Cassia fistula, *L.* Baió.
Careya urens, *L.* Berla mahar.
Cedrela Toona, *Roxb.*
Chloroxylon, Swietenia.
Cocos nucifera, *L.*
Conocarpus latifolius, *Roxb.* Damborá.
Dalbergia latifolia, *Eug.* Sissó.

Dalbergia sissoides, *Grah.* Sissó.
» vogeneris. Tanasse.
Dillenia indica, *L.* Corbol.
Diospiros montana, *Roxb.* Timbu. Pau preto.
Dipterocarpus turbinatus, *Gaertn.*
Eugenia jambulana, *Lam.* Jamboleiro. Zambol.
» caryophyllata, *Thunb.*
Erythrina indica, *Lam.* Ponguero.
Feronia elephantum, *Correa.*
Ficus indica, *L.* Vôr.
» glomerata, *Roxb.* Rumbõo. Umbrá. Figueira da India.
» religiosa, *L.* Pimpol.
Garcinia silvestris. *Brend.* Brindoeiro.
Gardenia gummifera, *L. f.*
» lucida, *Roxb.*
Gmeliaria arborea, *Roxb.* Sivan. Sivon.
Gracilis lichennides.
Grewia elastica, *Royle.* Dabon.
» tiliaefolia, *Wah.* Damnim.
Gualteria cerassoides, *Dun.*
Holcus sorghum, *L.* Sorgho.
Inga Cyclocarpa, *Willd.* Jambó. Zambó.
Kennedya Pandana, *Hamilton.* Faci. Fasqui.
Lagestroemia parviflora, *Roxb.* Nanon.
Memecylon tinctorium, *Willd.* Anzon.
Michelia champaca, *Blum.* Champó.
Mimosops hexandria, *Roxb.* Quiney.
Nauclea cordifolia, *Roxb.* Hedu.
» paniflora, *Roxb.* Kalame.
Omyrinum mirtifolium.
Penlaptera paniculata. Quinzol.
Phyllanthus Embellica, *L.* Auvaly.
Pterocarpus bilobus, *Roxb.* Hedu.
» parviflora, *Roxb.* Kalame.
» marsupium, *Roxb.* Bia. Biblá.
Randia durnetorum, *Lam.* Guelá.
Rhizophora Mangle, *L.* Uró.
Santalum album, *L.*
Somecarpus Anacardium, *L.* Bibox.
Sterculia fetida. Mirió. Nagine. Puna bastarda.
Strychnos nuxvomica, *L.* Calajar. Carto. Cazeró.
Tamarindus indica, *L.* Anli. Tamarindeiro.
Tectonia grandis, *Eug.* Teca. Sailó. Carvalho da India.
» glabra, *Wigh.* Marêtta. Sadrá.
Tectonia panniculata, *Roth.* Quinzol.
Wrigthia antidysenterica, *R. Br.*
Zizyphus calophylla, *Wall.*
» Jujuba. Boi. Maceira.

Especies recommendaveis pelas suas fibras

Abelmoschus esculentus, *Moench.*
Abutilon indicum, *Don.*
Acacia arabica, *Willd.* (E outras especies.)
Agave americana, *L.*
» vivipara, *L.*
Aloe indica.
Bromelia Ananaz, *L.*
Bambusa arundinacea, *Retz. Willd.*
Calamus fasciculatus.
Calatropis procera, *R. Br.*
» gigantea, *R. Br.*
Cannabis sativa, *L.*
Canjota urens, *L.*
Cocus nucifera, *L.*
Linum usitatissimum, *L.*
Gossypium indicum, *Lam.*
Musa Monden.
» Patchayladen.
» Povaley.
» Rustaley.
» Valey.

Especies industriaes distinctas

Bombax malabarica, *Wight.*
Borassus flabelliformis, *L.*
Calophyllum inophyllum, *L.* Puna. Oleo.
Linum usitatissimum, *L.*
Tamarindus indicus, *L.*

Especies empregadas na tinturaria

Acacia arabica, *Willd.*
» catechu, *Willd.*
Adenanthus Pavonina, *L.*
Ægle Marmellos, *Correa.*
Artocarpus hirsutus, *Lam.*
Bixa Orellana, *L.*
Butea frondosa, *Roxb.*
Caesalpina Sappan, *L.*

Canna indica, *L.*
Carthamus tinctorius, *L.*
Cassia auriculata, *L.*
» Tora, *L.*
Casuarina equisetifolia, *Forst.*
Cedrela Toona, *Roxb.*
Cocos nucifera, *L.*
Coscinium fenestratum.
Curcuma longa, *L.*
Euphorbia Tirucalli, *L.*
Garcinia Pictoria, *Roxb.*
Grislea tomentosa, *Roxb.*
Helyotes umbellata.
Hematoxylon campechianum.
Indigofera tinctoria, *L.*
Lichenes sp.
Memecyclon tinctonium, *Willd.*
Morinda umbellata, *L.*
Oldenlandia umbellata, *Hort.*
Pterocarpus sandalinus, *L. f.*
Punica granatum, *L.*
Pupli chuchy.
Rottlera tinctoria, *Roxb.*
Rubia cordifolia, *L.*
Tectona grandis, *L.*
Terminalia hellenica.
» Catappa, *L.*
» Chebula, *Willd.*
Thespesia Polpunea, *Correa.*
Wrigthia tinctoria, *Roxb.*

**Especies alimenticias e especiarias,
algumas de grande importancia commercial**

Adansonia digitata, *L.*
Areca catechu, *L.*
Artocarpus integrifolia, *L.*
Averrhoa Bilimbi, *L.*
Bassia latifolia, *Roxb.*
Batatas adulis, *Chois.*
Beta vulgaris, *L.*
Bromelia ananaz, *L.*
Cajanus indicus, *Spr.*
Capsicum annuum, *L.*
» baccatum, *L.*
» fastigiatum, *Blum.*

Capsicum frutescens, *L.*
» grossum, *L.*
» Nepalense.
Chavica Roxburghii.
Cicer arietinum, *L.*
Cinamomum iners.
» zeylanicum.
Cocos nucifera, *L.*
Coffea arabica, *L.*
Coriandrum sativum, *L.*
Cucumis citurlus, *Sering.*
» Mello, *L.*
» sativus, *L.*
Cuminum cyminum, *L.*
Curcuma angustifolia, *Roxb.*
» longa, *L.*
Dioscorea aculeata, *L.*
» alata, *L.*
Dolichos uniflorus, *Lam.*
Eleusine Coracana, *Pers.*
Garcinia Pictoria, *Roxb.*
Hibiscus esculentus, *L.*
Jatropha Manihot, *L.*
Lablab vulgaris, *Sari.*
Lagenaria vulgaris, *Serr.*
Lathyrus sativus, *L.*
Maranta arundinacea, *L.*
Musa paradisiaca, *L.*
» sapientum, *L.*
Myristica attenuata, *Vall.*
» malabarica, *Lam.*
» moschata, *Thunb.*
Oriza sativa, *L.*
Panicum italicum, *L.*
Permicillaria spicata.
Phaseolus Mungo, *L.*
Phoenix sylvestris, *Roxb.*
Sacchanum officinarum, *L.*
Sesamum indicum, *L.* Gergelim.
Sinapis ramosa, *Roxb.*
Scorodosma foetidum.
Sorghum vulgare, *Pers.*
Tamarindus indicus, *L.*
Thea chinensis, *L.*
Zea mays, *L.*

Especies que fornecem gommas e farinhas

Arum esculentum, *L.*
Canna Achiras, *Giblies.*
» coccinea, *Ait.*
» edulis.
» glauca, *L.*
» indica, *L.*
» lutea, *Ait.*
Curcuma angustifolia, *Roxb.*
» leucorrhiza, *Roxb.*
» rubescens, *Roxb.*
Maranta arundinacea, *L.*
Tacca pinnatifida, *L.*

Especies que fornecem oleos medicinaes e industriaes

Aleurites triloba, *Forst.* Nogueira da India. Medicinal: Emeto-cathartico.
Anda Gomesii, *Juss.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Argemone mexicana, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Azadirachta indica. Medicinal.
Bassia latifolia, *Roxb.*
Calalophyllum inophyllum, *L.* Industrial: na illuminação.
Celastrus paniculatus, *Willd.*
Cocos nucifera, *L.* Medicinal.
Croton oblongifolium, *Roxb.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» pavana, *Hamilton.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» polyandrum, *Roxb.* Medicinal: Emcto-cathartico.
» tiglium, *L.* Medical: Emeto-cathartico.
Curcuma longa, *L.*
» zedoaria, *Rosc.*
Dipterocarpus turbinatus, *Roxb.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Elcecoca verucosa. Medicinal (?)
Euphorbia antiquorum, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» canariensis, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» tortilis, *Rottl.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» latyris, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Garcinia Pictoria, *Roxb.*
Gynocardia odorata. Medicinal: Emeto-cathartico.
Hura crepitans, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Jatropha curcas, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
» glandulifera. Medicinal: Emeto-cathartico.

Jatropha multifida, *L.* Medicinal: Emeto-cathartico.
Lignum pavane. Medicinal: Emeto-cathartico.
Omyrium mirtifolium. Medicinal: Emeto-cathartico.
Omphalea triandra. Medicinal: Emeto-cathartico.
Plumbago scandens, *L.* Medicinal.
Pongamia glabra, *Vent.* Medicinal.
Ricinus communis, *L.* Medicinal.
Sesamum orientale, *L.* Gergelim. Industrial: na illuminação.
» indicum, *L.* Gergelim. Industrial: na illuminação.
Linum usitatissimum, *L.* Succedaneo do azeite.
Stillingia sebifera, *Melix.* Medicinal?

Especies que fornecem oleos volateis, aromaticos e resinas

Andropogon citratus, *Hort.* Herva limão. Volatil.
» Martini, *Roxb.* Herva gengibre. Volatil aromatico.
» Muricatus, *Retz.* Herva cus-cus. Volatil aromatico.
Anethus graveolens, *L.* Endro.
Anisochilus carnosus, *Wall.* Alfazema de folhas grandes. Volatil aromatico.
Bergera Koenigii, *L.* Folhas de caril. Volatil aromatico.
Calophyllum inophyllum, *L.* Puna. Volatil aromatico.
Cinnamomum Iners. Canella do matto. Volatil aromatico.
Citrus aurantium, *L.* Laranjeira.
» bergamotta, *Hort.* Bergamotta. Cidreira.
» medica, *L.* Limoeiro.
Cyperus haxastachyus, *Rottl.* Curgun. Gurgun. Oleo-resina.
Mimusops Elengi, *L.* Volatil aromatico.
Nyctanthes Arbortristis, *L.* Arvore triste. Volatil aromatico.
Santalum album, *L.* Sandalo branco. Volatil aromatico.

Especies que fornecem raizes uteis

Naregama alata, *Wet* e *A.*
Siegesbekia orientalis, *L.* Herva cidreira. Medicinal.
Toddalia aculeata, *Pers.*
Etc., etc., muitas medicinaes.

Especies que fornecem sementes uteis

Caesalpina Sappan. *Sappan.* Medicinal.
Hibiscus abelmoschus, *L.*
As Croton, as Euphorbiaceas, as Jatropha, já consideradas.
Etc., etc.

Especies que fornecem manteigas

Bassia latifolia, *Roxb.*
» longifolia, *L.*
Cocos nucifera, *L.*
Etc., etc.

Especies que fornecem succos

Mangifera indica, *L.* Medicinal. Succo resinoso.
Naregamia alata, *Wet.* e *A.* Ipecacuanha de Goa. Medicinal.
Etc., etc., muitas medicinaes.

Especies que fornecem gommas

Acacia arabica, *Willd.* Gomma da India.
» Serissa. Dá a gomma. Derisiana.
Anacardium occidentale, *L.* Gomma de cajueiro.
Astragalus gummifera, *Labil.*
Azadiratcha indica. Gomma de Ambareiro.
Bassia longifolia, *L.*
» latifolia, *Roxb.*
Bombax malabaricum, *DC.* Arvore do algodão vermelho. Gomma Buruga.
Butea frondosa, *Roxb.* Butea, kino.
Cocos nucifera, *L.*
Cochlospermum gossypium, *Dec.* Catira. Alcatira.
Feronia Elephantum, *Correa.* Maçã de elephante.
Mangifera indica, *L.*
Moringa pterosperma.
Spondias mangifera, *Pers.* Gomma de Ambareiro.
Vachelia Farnesiana. Gomma kikni.

Especies que fornecem resinas

Balsamodendron indicum.
Ferula assafetida, *L.*
Garcinia Pictoria, *Roxb.*
Mangifera indica, *L.*
Mimosa fera.
Pterocarpus Morsupium, *Roxb.*
Gardenia gummifera, *L.*
» lucida, *Roxb.*
Rottlera tinctoria, *Roxb.* Rezina do pollen.
Waltheria indica, *L.* Gomma copal da India.

Especies que fornecem gommas elasticas

Calatropis procera.
Euphorbia Tirucalli. Erva leiteira.
» Caltimaandra.
Isonandra Acuminata.

Especies que fornecem resinas

Calophyllum inophyllum, *L.*
Podophyllum Emodi, *Wall.*
Etc., etc.

Especies que fornecem tanino e que são empregadas pelos cortidores na India

Acacia arabica, *Willd.* Casca.
Areca catechu, *L.* Casca.
Azadirachta indica. Casca.
Buchanania latifolia, *Roxb.* Casca.
Caesalpinia auriculata, *L.* Casca.
Cathartocarpus fistula, *Pers.* Casca.
Emblica officinalis, *Gaertn.* Casca.
Quercus robur, *Willd.*
Terminalia Bolerica, *Roxb.* Fructos.
» Chebula, *Roxb.* Nozes de galha.
Uncaria Gambir, *Roxb.*

Cidade do Mindello (Ilha de S. Vicente), março de 1898.

João Cardoso, Junior.

Indice

—

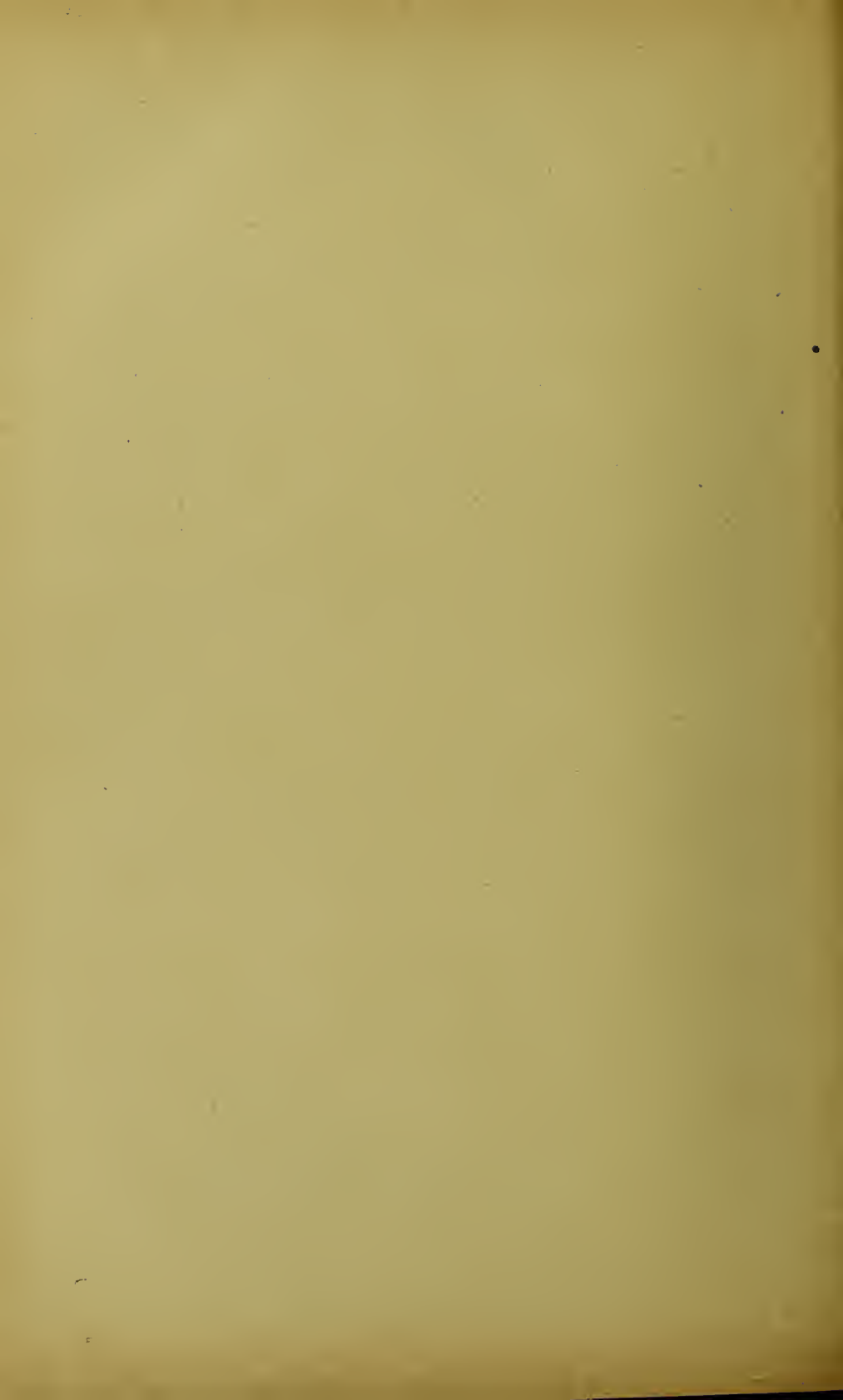
I

Agrupamentos para uma classificação therapeutica das plantas medicinaes da India

II

A Flora Economica da India (Subsidios para)

[1] No alto da pagina 351, onde se lê: *Especies que fornecem resinas,* deve lêr-se: *Especies que fornecem gommas-resinas.*

JOÃO CARDOSO, JUNIOR.

Se os antiguos Philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos d'ellas,
As maravilhas que eu passei passáram
A tam diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escriptores, que deixaram!
Que influição de Signos e de Estrellas!
Que estranhezas! Que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

Luiz de Camões. *Os Lusiadas,* canto v, est. xxiii.

Bibliographia

Ainslie.— Materia medica do Hindostão. 1813.

Archives de médecine navale.

Bardet (Dr. G.).— Formulaire des nouveaux remèdes. 1896-1897.

Bazaar Medicines of India; on the indigènes tonics of India. Congrès d'Amsterdam. 1884.

Bentley and Trimen.— Medicinal Plants. 1875-1880.

Bergund Schmidt.— Darstellungund Beschreibung säm mutlichen in der Pharmacopoea Bosussica auf geführten offizinellen Gewächse. Leipzig, 1858-1863.

Blume (C. L.)— Rumphia, sive commentationes botanicae imprimis de plantis Indiae Orienttum quae in libris Rheedii, Rhumphii, Roxburghii, Willichi aliorumque recensentur. Lund-Bat. 1835-1848.

Bocquillcn-Limousin (H.).— Formulaire des médicaments nouveaux. 1892, 1894, 1896.

Burjorjee Ardascer.— Cartas medicas de Sawunt Waree.

Catalogue des 2:550 espèces de plantes dont la Compagnie des Apoticaires de Londres a présenté chaque année les exemplaires, au nombre de 50, à la Société Royale, depuis 1722, jusqu'en 1773. (Abrégé des Transactions Philosophiques.)

Christison.— Edinburg dispensatory.

Collas (Dr.).— Notes inédites.

Corre et Lejanne.— Résumé de la matière médicale coloniale.

Costa (Christovam da).— Tractado de las drogas y medicinas de las Indias, etc., 1578.

Dioscorides.— Materia medica.

Drug (Hebert).— Useful plants of India. Madras, 1858.

Du Jardin-Beaumetz. — Dictionnaire de thérapeutique, de matière médicale, de pharmacologic, etc.

Dymoch.— The veg. mat. med., of India. 1884.

Dymoch (W.), Warden (C. J. H.) and Hooper.— Pharmacographia indica. 1889.

Esucbeck (Nees von).— Plantae medicinales. Diesseldorf, 1828.

Ficalho (Conde de).— Garcia da Orta e o seu tempo. Lisboa, 1886.

Fluckiger (F. A.)— Indische pharmakogrosie. (Arch. der Pharmacie. 1884.)

Fonssagrives.— Principes de thérapeutique générale.

Frayer (Dr.).— On the Bail fruit and its medical properties and uses.

Gomes (Bernardino Antonio).— Elementos de pharmacologia geral. Lisboa, 1863.

Grisebach (A. H. A.) — Flora of the British West Indian Islands. London, 1859.

Hamilton.— Linnean transactions.

Hocker (J. D.) et Thomson (Th).— Flora Indica being a systematic account of the plants of britsh India. London, 1855.

Johnson (Dr. J.).— Med. Times.

Klotzchu-Garche.— Die botanischen Ergebnisse der Reise des Prinze Waldemar V. Preussen-Abbildungu.
Beschreibung der in den Jahren 1845-1846 auf Ceylon, dem Himalaya und an den Greuzen von Tibet Hofmeister gesammelten Pflanzen. Berl. 1862.

Lepine.— Notes sur les produits de l'Inde française envoyés à l'exposition de Madras (Annales de l'agriculture des Colonies). 1869.

Lopes Mendes.— A India Portugueza.

Maton.— Linnean transactions.

Motta (Eduardo Augusto).— Lições de pharmacologia e therapeutica geraes. Lisboa, 1887.

Murray.— Apparatus medicanum. 1795.

M'William (Dr.).— Lancet.

Narayan Cajee.— Memoria sobre a Wrigthia antidysenterica e seu alcaloide.

Neges.— Plant. Med.

Neglian.— Materia medica.

Orta (Garcia da).— Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India.

O' Rorke.— Madras medical reports.

O'Schaughnessy (Dr.).— Bengal dispensatory transactions of the medical et physical society of Bengal.

Paulier (Dr. Armand B.).— Manuel de thérapeutique et de matière médicale. Paris, 1888.

Pereira (Jonatham).— Eléments de matière médicale. London, 1842.

Pires (Thomè).— Carta de Thomé Pires, escripta de Cochim a el-rei D. Mannel, dando-lhe noticia das drogas da India, em 27 de janeiro de 1516.

Pisonis (G.), Margravii (G.) et Bontii (J.)— De Indiae utriusque, naturali et medica. Amstelodami, 1658.

Reede tot Draaktein.— Hortus indicus Malabaricus. 1768-1786.

Rhumphius.— Herbarium Amboinense. 1741-1755.

Roxburgh.— Plants of the Coast of Coromandel. London, 1795-1819.

Silva Beirão (Caetano Ferreira da).— Compendio de materia medica e de therapeutica. Lisboa, 1862.

Silva (Manuel Galvão da).— Observações sobre a historia natural de Goa. Goa, 1862.

Stephenson and Churchill.— Medical Botany London. 1831.

Tchihatchef.— Botanique de l'Asie mineure. 1866.

Tood (T. J.).— Cyclopedia of practical medicina.

Trimi (Bentland).— Med. Pl.

Vahl.— Symbolae botanicae. 1790-1794.

Vallich.— Plantae Asiaticae rariores. 1830-1832.

Wablich.— Plant. Asiat.

Waring (E.).— Pharmacopeia of India. Londres, 1868.

Watt (G.).— Dictionary of the economic products of India. 1889.

Wigh (R.) and Arnott (J. A. W.)— Prodomus florae peninsulae Indiae orientalis. London, 1834.

Wight.— Icones Plantarum Indiae Orientalis. Madras, 1840-1853.

Woodville.— Medical Botany. 1790-1794.

X

As plantas medicinaes do Ultramar Portuguez, sob o ponto de vista economico

I

. . . .

Deve o Governo determinar que, officialmente, comecem a ser utilisadas na clinica e pharmacologia africana e asiatica todas as plantas medicinaes indigenas do Ultramar Portuguez, as quaes se achem estudadas já, procedendo-se a estudo e ensaios, nos Hospitaes e Laboratorios das nossas Possessões Ultramarinas, de todas as outras que, utilisadas pelos indigenas, com efficacia, não entraram, até hoje, no campo da utilisação official, medica ou pharmacologica.

. . . .

João Cardoso, Junior. *Resposta ás Theses das doze Sub-Commissões da Sociedade de Geographia de Lisboa, destinadas ao Congresso Colonial Nacional.*

(Março de 1901.)

Disse Diogo do Couto no seu *Soldado Pratico* (obra que bom seria que por todos fosse lida) *que a quem lhe dóe a honra do Estado, todos os meyos busca para pôr remedio em suas cousas.*

. . . .

Tenho como um axioma, principalmente em assumptos de serviço do Estado, que se deve fallar sempre franca, clara e lealmente, e a tempo...

. . . .

João Cardoso, Junior. *Como pôr um dique aos deficits que ha entre a receita e a despeza das Possessões Ultramarinas Portuguezas, fazendo-as, porém, florescer?*

Ilha de Santo Antão, janeiro de 1897.

II

. . . .

Os medicamentos e drogas medicinaes, com destino aos Hospitaes das Provincias Ultramarinas, Pharmacias e Ambulancias do Estado, podem ficar mais baratos — na nossa opinião — seguindo-se as disposições:

A) Por todos os mezes de maio e novembro de cada anno serão conhecidas na Metropole as listas dos medicamentos e drogas medicinaes que se tenham calculado gastarem-se em seis mezes, provincia por provincia, n'esses estabelecimentos officiaes.

B) D'estas listas parciaes, no seu conjuncto, far-se-ha na Metropole, sem perda de tempo, uma lista unica, reunindo claramente as differentes quantidades do mesmo medicamento ou droga medicinal (ao que se poderá juntar o que, em identicas condições, possam gastar os Hospitaes do Estado na Metropole: por economia, ainda se deve fazer isto); e, separado desde logo, para uma outra lista, unica, tudo quanto seja indigena da Metropole, ou n'esta se fabrique similar, ou se prepare em boas condições de qualidade e de preço.

C) O fornecimento d'esta ultima lista será posto logo em arrematação publica, devendo ser dado a quem se proponha fazel-o em melhores condições.

D) O que restar da lista unica, subtrahido o que fôr posto em praça publica, na Metropole, visto poder ser fornecido pela industria indigena, etc., será logo annunciado em Paris, Londres e Berlim, como precisando-se de contractar tal fornecimento, sendo adjudicado a quem o fizer em melhores condições de garantia de fabrico e preparo e mais barato, sendo obrigação do fornecedor pôr esse fornecimento nas capitaes das Provincias Ultramarinas que o Governo Portuguez indicar opportunamente, bem como em Lisboa o que fôr indicado para aqui, até julho (ou janeiro) do anno em que o fornecimento fôr adjudicado, o qual será pago em Lisboa, em moeda portugueza (é preciso valorisar por todas as fórmas a nossa moeda), logo que haja noticia official da chegada, a cada uma das Provincias Ultramarinas, das remessas que lhe forem destinadas, o que será annunciado para conhecimento dos interessados.

Para fornecimentos futuros proceder-se-ha sempre assim.

E) Aos fornecedores portuguezes será obrigatorio pôr os seus fornecimentos, por conta sua, no Ultramar, exactamente como aos fornecedores extrangeiros, e poderão, querendo, concorrer com estes, com referencia aos fornecimentes annunciados fóra do Paiz, sendo em egualdade perfeita de circumstancias sempre preferidos.

F) Em todas as Provincias Ultramarinas será obrigatorio, sob a a direcção e responsabilidade dos respectivos Commissarios (ou Governadores Geraes) e Chefes do Serviço de Saude, a cultura em alta escala, iniciada n'um Horto Botanico, de todas as plantas medicinaes indigenas, que, convenientemente seccas e conservadas, serão não só utilisadas officialmente em toda a provincia ultramarina de que são indigenas, como officialmente exportadas para as Provincias Ultramarinas e Metropole, onde se não encontrem, dirigidas segundo relações impressas e authenticadas aos Commissarios Regios ou Governadores Geraes das outras provincias, e Repartição de Saude do Ultramar, a fim de serem mandadas entregar aos Chefes do serviço de saude e Directores dos Hospitaes, e utilisadas na clinica official das restantes Provincias e Metropole.

N'estas condições, e segundo as necessidades, far-se-ha uma constante permutação, entre as diversas Provincias Ultramarinas, das differentes e importantes plantas medicinaes indigenas.

Evidentemente, nas remessas de medicamentos e drogas medicinaes enviadas do Ultramar, provincia por provincia, para a Metropole, não devem figurar plantas, medicamentos ou drogas medicinaes a cujos effeitos therapeuticos correspondam plantas medicinaes que n'esta habitem.

Na Metropole, em face de todas as listas provinciaes, far-se-hão no sentido que se acaba de indicar os córtes que o conjuncto d'ellas aconselhar ou indicar.

E da mesma fórma o fornecimento dos utensilios, instrumentos, apparelhos e machinas, quando sejam precisas e se possam comprar, dever-se-ha fazer por maneira egual á indicada, por concurso, annunciado em Paris, Londres e Berlim, devendo ser claramente expresso o ser posto tudo no Ultramar, nas localidades a que fôr destinado e que officialmente se indicará, sendo a fórma de pagamento por parte do Governo Portuguez a indicada já para o fornecimento dos Medicamentos.

D'esta fórma economisar-se-hão — estamos convicto — alguns contos de réis annuaes, em beneficio da Fazenda Publica de Portugal.

. . . .

Ilha de Santo Antão, janeiro de 1897.

João Cardoso, Junior. *Como pôr um dique aos deficits que ha entre a receita e a despeza das Possessões Ultramarinas Portuguezas, fazendo-as, porém, florescer?*

III

A utilisação das plantas medicinaes indigenas das Provincias Ultramarinas Portuguezas é, incontestavelmente, assumpto a resolver, não só de interesse profissional, mas Nacional, e mui particular para os naturaes d'aquellas e seus residentes.

A existencia das plantas medicinaes nas nossas Provincias Ultramarinas está demonstrada por:

a) Numérosas floras locaes;
b) Diversos trabalhos de observação e experiencia medica colonial, portuguezes e extrangeiros;
c) Varios estudos botanicos locaes;
d) Utilisação diaria, médico-indigena, africana, asiatica e timorense, d'essas especies.

O valor therapeutico d'estas plantas medicinaes acha-se comprovado pelos seguintes factores:

a') Os trabalhos scientificos que estão publicados e andam dispersos por livros e jornaes, noticias, etc.;
b') As curas maravilhosas que, em climas torridos, os indigenas teem obtido e obteem, até ás vezes em casos desesperados, e em frente dos quaes a medicina official fica embaraçada;
c') As valiosas noticias compiladas pelo ex.^mo^ sr. conde de Ficalho na sua importante obra *Plantas uteis da Africa Portugueza,* as notas e observações do dr. Frederico Welwitsch nos sertões de Angola, por occasião da sua exploração botanica a esta provincia; as affirmações do respeitavel botanico João Loureiro, na sua *Flora da Cochinchina;* o que se lê nos *Archivos de medicina naval,* nas *Estatisticas medicas dos hospitaes das possessões ultramarinas,* e na obra portugueza *Subsidios para a materia medica e therapeutica das possessões ultramarinas portuguezas.*

Serão factores do *interesse nacional:*

1.° A economia de dezenas de contos de réis, a favor da Fazenda Publica Portugueza, pela substituição nos hospitaes da Metropole e do Ultramar Portuguez de todos os medicamentos de procedencia extrangeira por plantas e drogas medicinaes e seus preparados, tudo procedente das nossas Possessões;
2.° A certeza da pureza dos medicamentos a empregar.

Serão factores do *interesse profissional:*

1.º As herborisações locaes, o estudo chimico e botanico das plantas e mais drogas medicinaes, a preparação pharmaceutica dos productos uteis respectivos, a sua exportação e valorisação pratica pela classe medica, expressa aquella pelo receituario de umas e outras;

2.º A abstenção que se dará necessariamente na classe pharmaceutica, a respeito de importação do extrangeiro de tantas drogas e especialidades escusadas;

3.º A entrada livre nas alfandegas da Metropole e ilhas adjacentes de todas as plantas e drogas medicinaes expedidas do nosso Ultramar para os directores das pharmacias, já do Estado, já particulares.

A iniciativa particular — que é uma forte alavanca e tem sempre prestado valiosos serviços, e mesmo no nosso Ultramar, e algumas vezes sem remuneração de especie alguma — será largamente compensada e desempenhará um serviço de altissimo valor nas regiões africanas, asiaticas e na propria Oceania, serviço que em pouco tempo será reconhecido por todos, inclusivè o proprio Estado, logo que os ex.mos srs. medicos officiaes reconheçam, principalmente nos climas torridos, a evidencia dos factos, e a despesa de plantas e drogas medicinaes importadas para o Ultramar Portuguez, vindas da Metropole e do extrangeiro, fôr diminuindo de mais em mais até se annullar, talvez de todo, por escusada.

A iniciativa particular terá de certo a auxilial-a forças extranhas valiosas, que não prejudicarão os interesses da Companhia, taes são os Museus Botanicos, nacionaes e extrangeiros, etc.

O futuro de Portugal continental está hoje, mais que nunca, intimamente ligado ao aproveitamento que soubermos fazer a tempo do nosso Ultramar e da boa applicação das forças vivas do Paiz.

Fazer progredir o Ultramar Portuguez, sob todos os pontos de vista, será salval-o. Não nos illudamos por mais tempo.

Ilha de Santo Antão, 24 de março de 1894.

João Cardoso, Junior. *Como resolver o problema da utilisação das plantas medicinaes indigenas das Possessões Ultramarinas Portuguezas?*

Ha para o problema proposto duas soluções: a *official* e a *particular*.

Qualquer d'ellas satisfaz, mas se as duas se puderem fundir melhor será, a nosso vêr, a solução unica.

Solução official

Consiste em determinar-se o seguinte:

1.º Aos Medicos e Pharmaceuticos dos Quadros de Saude das Possessões Ultramarinas Portuguezas serão obrigatorias — sem prejuizo do exercicio das suas funcções — as herborisações de todas as localidades, districtos e provincias em que residirem ou fizerem serviço, bem como o estudo botanico, clinico e therapeutico de todas as plantas ou drogas realmente medicinaes ou aproveitadas como taes pelos naturaes ou das quaes haja razões para desconfiar que o sejam; a estes serviços corresponderão gratificações condignas.

2.º Serão creadas na capital de cada Provincia Ultramarina:
a) Uma bibliotheca especial de materia medica, therapeutica, toxicologia e pathologia dos climas quentes;
b) A publicação periodica, *Archivo de Medicina e Pharmacia Colonial Portugueza,* da qual serão directores o Chefe do serviço de saude e o 1.º Pharmaceutico da respectiva Provincia, podendo n'ella, porém, collaborar todos os Medicos e Pharmaceuticos do Ultramar;

3.º As despesas de installação da Bibliotheca e jornal supradictos, a acquisição de obras para a primeira e de material para o segundo, e seu custeamento, ficarão a cargo dos Municipios de cada uma das Provincias Ultramarinas, bem como o pagamento de uma gratificação annual a dois facultativos e a dois pharmaceuticos do Quadro de saude da Provincia respectiva — preferindo sempre os medicos e pharmaceuticos que melhores diplomas de estudos tenham;

4.º O Estado concorrerá annualmente, como auxilio das despesas a fazer por parte do municipio n'este novo ramo de serviço publico, com um duodecimo dos emolumentos sanitarios cobrados nos portos de cada uma d'estas Provincias, e que derem entrada nos cofres publicos das respectivas alfandegas, e que não pertençam, pela legislação em vigor, aos medicos dos quadros de saude; e destinará annualmente a quantia de um conto de réis para premiar os auctores dos dois melhores trabalhos sobre pathologia e pharmacologia colonial, publicados em todo o Ultramar Portuguez, trabalhos que serão apreciados principalmente pelo resultado pratico que os seus auctores tenham obtido nos hospitaes da Provincia Ultramarina a que pertençam, o qual seja digno de registrar e seguir-se de futuro officialmente.

5.º A despesa obrigatoria, aos Municipios das Provincias Ultramarinas, será considerada inadiavel, de interesse geral, preferindo a todas as outras despesas, sem prejudicar, porém, o determinado para a *Missão do Instituto Ultramarino.*

6.º Em todas as Provincias Ultramarinas ficará sendo obrigatoria, sob a direcção e responsabilidade dos respectivos Commissarios Regios, Governadores Geraes, Governadores, Chefes do serviço de saude e 1.ºs Pharmaceuticos, a cultura, em alta escala, iniciada n'um Horto Botanico, de todas as plantas medicinaes indigenas que, convenientemente seccas e conservadas, serão não só utilisadas officialmente em toda a Provincia Ultramarina de que ellas são indigenas, como officialmente exportadas para as Provincias Ultramarinas e Metropole, onde se não encontrem, dirigidas, segundo relações impressas e authenticadas, aos Commissarios Regios, Governadores Geraes ou Governadores, e á Repartição de Saude do Ultramar, a fim de serem mandadas entregar aos Chefes do serviço de saude, aos 1.ºs Pharmaceuticos e aos Directores dos hospitaes do Estado, não só do Ultramar como da Metropole, tendo-se em vista a conservação e opportuna utilisação d'essas especies medicinaes na clinica official Portugueza.

N'estas condições, e segundo as necessidades, far-se-ha uma constante permutação, entre as diversas Provincias Ultramarinas, das differentes e importantes plantas medicinaes indigenas.

Evidentemente, nas remessas de medicamentos e drogas medicinaes enviadas do Ultramar, Provincia por Provincia, para a Metropole, não devem figurar plantas, medicamentos e drogas medicinaes indigenas a cujos effeitos therapeuticos correspondam plantas medicinaes que na Metropole habitem.

Na Metropole, em face de todas as listas provinciaes ultramarinas, far-se-hão, no sentido que se acaba de indicar, os córtes que o conjuncto d'ellas aconselhar ou indicar.

Solução particular

Consiste no seguinte:

Fundar-se a *Companhia Colonial Portugueza,* de responsabilidade limitada, com o capital inicial de sessenta contos de réis, a distribuir por doze mil acções de cinco mil réis, a qual terá por fim a exploração das plantas e drogas medicinaes das Possessões Ultramarinas Portuguezas, bem como o fabrico e exportação, para o consumo medico pharmaceutico do alcool principalmente;

Serão socios fundadores todos os Medicos e Pharmaceuticos da Metropole e Possessões Ultramarinas que se inscreverem com qualquer numero de acções durante o primeiro mez dos destinados á inscripção;

Serão socios honorarios da Companhia os srs. Ministro da Marinha e Ultramar, Commissarios Regios, Governadores Geraes, Governadores, Presidentes das Sociedades Medica, Pharmaceutica e de Geo-

graphia, Professores das cadeiras de Materia Medica, de Pharmacia e de Botanica, em Portugal, Chefes de serviço e 1.^{os} Pharmaceuticos dos quadros de saude do Ultramar;

Será sempre exclusivamente Portuguez o capital a empregar, e intransmissiveis as acções; estas não poderão ser vendidas a extrangeiros em condições algumas;

O capital inicial, para mais desenvolvimento da Empreza, poderá elevar-se mais tarde por nova emissão de acções, demonstrando-se, porém, préviamente, em assembléa geral, a necessidade ou conveniencia de tal medida;

O grupo dos trinta maiores subscriptores, por si ou legalmente representados, juntamente com o dos trinta menores, em eguaes condições, e o dos socios honorarios, no todo ou parte, constituirão a chamada assembléa geral, da qual partirá a eleição dos corpos gerentes, deliberações importantes, etc.;

Em cada Provincia Ultramarina farão sempre parte do corpo gerente da Empreza todos os Medicos e Pharmaceuticos d'essa Provincia;

Os corpos gerentes exercerão sempre as suas funcções gratuitamente;

Um Regulamento determinará a ordem dos trabalhos a executar, e definirá claramente as responsabilidades, direitos, etc.;

O capital da sociedade, á medida que se fôr effectuando o pagamento da primeira emissão, será depositado no Monte-pio Geral, para ser entregue, á ordem da assembléa geral, ao passo que se fôr tornando preciso;

Serão eleitos os corpos gerentes, que terão por presidente, na Metropole, um dos socios honorarios ou seu representante, e no Ultramar o Chefe do serviço de saude e o Pharmaceutico mais graduado pelo diploma e distincto por serviços prestados ao Estado;

A *Companhia Colonial Portugueza* solicitará do Governo da Metropole:

1.º Livre sahida, sem contribuição ou imposto de qualquer natureza que seja, nos portos de embarque, e livre entrada nos portos do Continente, por espaço de vinte annos, de todas as plantas e drogas medicinaes simples ou seus preparados, não se pondo estorvo algum, já no Ultramar, já no Continente, aos agentes da Companhia;
2.º Que tenham livre transito, sem sujeição alguma de direitos, nos diversos portos do Ultramar ou do Continente, todos os appare-

lhos, machinas, instrumentos, madeiras e ferragens, e mais objectos indispensaveis á Companhia e seu pessoal no Ultramar, para a execução da sua empreza;

3.º Que o alcool fabricado e exportado pela Companhia não pague imposto de especie alguma, de sahida no Ultramar, e seja favorecido no Continente Portuguez com uma diminuição de imposto, comparativamente ao que paga o alcool procedente do extrangeiro;

4.º A concessão, em cada Provincia Ultramarina, do terreno que a Companhia precisar para a cultura em alta escala das plantas medicinaes, bem como para a installação das construcções indispensaveis, taes como laboratorio, fabrica e casas de habitação para o pessoal da Companhia, etc.

A *Companhia Colonial Portugueza* obrigar-se-ha a dar gratuitamente ao Governo a quantidade de plantas e drogas indigenas do Ultramar Portuguez que sejam precisas á clinica official dos hospitaes do Estado, já na Metropole, já nas mesmas Provincias Ultramarinas; e da mesma fórma, por seus agentes, obrigar-se-ha a superintender gratuitamente no córte (sendo o respectivo embarque á custa do Estado) das madeiras florestaes, principalmente da India Portugueza, proprias para construcção de navios do Estado ou da Marinha Mercante, sob as vistas do Estado ou por este protegida.

João Cardoso, Junior. *Como resolver o problema da utilisação das plantas medicinaes das Possessões Ultramarinas Portuguezas?*

Ilha de Santo Antão, março de 1894. (Trabalho primitivo; elaborado para concorrer ao Premio José Dyonisio Correia.)

Cidade do Mindello, março de 1898. (Trabalho modificado; para ser apresentado ao Congresso de Medicina Colonial.)

XI

Tentativa (frustrada!) de cultura intensa de plantas, principalmente medicinaes, na Ilha de Santo Antão

Não se havendo emprehendido, na ilha de Santo Antão, a cultura intensa, por conta do Estado, de plantas, principalmente medicinaes, propozemo nos em 1899 preencher, iniciativa particular, esta lacuna. O requerimento que para esse fim fizemos e que adeante vae publicado — *para que seja bem conhecido no presente e no futuro* — deu entrada na Secretaria geral do Governo da Provincia de Cabo Verde em 30 de agosto de 1899 (n.º 129, 2.ª repartição), e o ultimo despacho que sobre elle incidiu — depois de alguma demora e esclarecimentos varios solicitados, os quaes se nos afiguraram sempre como perfeitamente escusados ou desnecessarios, em face dos documentos por nós apresentados desde logo, e annexos ao requerimento — determinou que este se tornasse presente ao Conselho do Governo, dita que, todavia, não chegou a ter, ficando portanto prejudicado e por completo, pela nova lei de concessões de terrenos no Ultramar Portuguez, o assumpto requerido, do qual adviriam tambem interesses e não pequenos ao Estado.

Mais tarde, em julho de 1900, empregámos ainda esforços no sentido de ser resolvido o assumpto requerido, e por esta occasião tornámos conhecido do Governo de Cabo Verde e por escripto — fria e imparcialissimamente, como se o assumpto em coisa alguma nos affectasse — quanto valiam e representavam pretensões que, subrepticiamente e para o logar *Botija,* tinham surgido como por magica, com o intuito mascarado, está claro, de invalidarem ou servirem de travão á concessão por nós requerida, a qual, se nos interessava, de muito alcance pratico, a mais de um respeito, não fallando já no economico, poderia incontestavelmente servir a Portugal, na Metropole e em todo o seu Ultramar, affirmando um acto de civilisação, de rasgada orientação e de decisiva resolução de aproveitamento de uma area que continua ainda hoje (1903) improductiva, a todos respeitos, para o Estado, bem como ser o ponto de partida para ensaios therapeuticos, etc., e quem sabe se até de descobertas valiosas que honrassem, no mundo scientifico, a sciencia e o trabalho dos que, no Ultramar Portuguez, a

esta se dedicam, e sob o clima tropical *vivem* (quantas vezes de uma falsa vida, *vida que se apaga dia a dia, que se sente organicamente fugir, abandonar-nos,* etc.), embora na generalidade dos casos mal remunerados, sem compensações condignas, sacrificando a existencia, os parcos haveres, tudo, n'uma palavra, e, o que é mais ainda, para fazer admirar, espantar na Europa, como que fixos, embora contra sua vontade, á Africa, porque as circumstancias os agrilhoam em cadeias mais duras que as que sequestram das sociedades os criminosos, os degenerados, não sendo permittido a esses obreiros dedicados que tudo teem sacrificado em beneficio do seu Paiz, etc., e que são livres, embora se possa talvez appellidal-os de visionarios de nova especie, irem viver desafogadamente, a todos os respeitos, ao menos por algum tempo, na sua querida Patria, a *Mãe Patria,* a refrigerarem o sangue, a obterem para este o indispensavel, a verdadeira vida, a matarem saudades de familia, a refazerem-se de forças para a continuação da lucta encarniçada e fatal pela existencia, e honra incessante do nome Portuguez, em terras longiquas da Metropole, nas quaes muito e muito ha que fazer, intelligentemente, pacientemente, mais e bem mais do que se julga n'aquella que deve empenhar-se *com todo o cuidado, e sem cessar,* por enviar para o seu Ultramar *sómente funccionarios escolhidos, sob todos os pontos de vista,* para a boa execução da alta e nobilissima missão *que, no seu conjuncto,* se nos afigura bem não ter sido comprehendida, *a toda altura do necessario até á actualidade, na nossa Patria,* da qual só devem derivar para todos os seus filhos incitamentos admiraveis, medidas de grandissimo alcance colonial e de extraordinaria affirmação patriotica, e jámais coisa alguma, absolutamente nada, que faça ou possa fazer esmorecer o animo dos que amam do coração Portugal, pelo qual se hão sacrificado, nada que possa amortecer, tornar mais frouxa, fazer bruxolear, e muito menos extinguir, apagar, a chamma inegualavel, sublime, de luz de jorros ou fasciculos brilhantissimos d'essa lampada vital entre os povos *que se sabem governar a si, por si e para si, que os faz viver, respeitados de todos, sobresahindo sempre vencedores, sempre* — chamma que representa o Patriotismo, lampada que é o symbolo sagrado da Patria.

....

Praia, agosto de 1903.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador de Cabo Verde:

Diz João Antonio Cardoso Junior, pharmaceutico, residente em Cabo Verde ha mais de 15 annos, e servindo o Estado, em Africa, durante este mesmo longo periodo:

1.º Saber por pessoa fidedigna que na costa do Norte, bem como na de Oeste e Sul da Ilha de Santo Antão, ha muito e muito terreno baldio, ou inculto, pertencente ao Estado;

2.º Precisar e desejar entregar-se ao trabalho agricola na Ilha de Santo Antão, representado pela cultura de gramineas, leguminosas, algodão, bombardeira, mancarra, ricino, plantas medicinaes e outras varias especies, para o que se lhe

torna indispensavel a maior porção de terreno que S. Ex.^{as} os Governadores, em face da Legislação respectiva, podem conceder, isto e, 1:000 hectares, situados ou na *Costa do Norte, o que prefere,* ou na do *Oeste,* indicando desde já o sitio *Botija,* pertencente á freguezia de S. João Baptista, do qual certifica o respectivo regedor no sentido de n'ella não haver nascente conhecida, nem servir de logradouro commum (documento annexo), e o Secretario da Commissão Municipal concernentemente aos logares que servem de logradouro commum, já na Costa do Norte, já em toda a ilha (documentos, dois, annexos), havendo para corroborar, com referencia ao dito sitio Botija, o facto d'este estar nas condições de ser concedido para aforamento, as Portarias Provinciaes n.^{os} 158, 159, 160 e 161, insertas no *Boletim Official* n.º 26, de 22 de junho de 1891;

3.º Que se acha habilitado a fazer a despesa da medição do terreno que lhe fôr concedido por V. Ex.^{a}, de aforamento, e para o fim exposto, sendo essa despesa a que se tem observado nas ultimas medições de terreno inculto concedido pelo Estado a diversos, na Ilha de Santão Antão, como n'ella consta;

4.º Que o sabe, por o vêr attestado pelos Boletins officiaes do Governo de Cabo Verde, que, especificadamente, na area de 1:000 hectares de terreno, e na Ilha de Santo Antão, se hão feito muitas e muitas concessões a diversos individuos, sós ou associados;

5.º Que não transferirá, em tempo algum, e sob fórma alguma, e principalmente a estrangeiros, os terrenos incultos pertencentes ao Estado que V. Ex.^{a} só, ou V. Ex.^{a} e o Governo de Sua Magestade, lhe aforarem, devendo em todos os casos ser Portuguez o capital que se tem de empregar para o fim que se tem em vista;

6.º Que fornecerá gratuitamente ao Hospital de Marinha e Hospitaes de Cabo Verde, se o Governo de Sua Magestade e V. Ex.^{a} assim o entenderem como util para a Fazenda Publica, e annualmente, uma certa quantidade das especies medicinaes tropicaes que forem cultivadas nos terrenos concedidos por aforamento, as quaes seja reconhecido officialmente poderem substituir principalmente plantas similares vindas do estrangeiro;

7.º Que está convicto achar-se ao abrigo da Legislação que julga continúa regulando, para todos os effeitos, as concessões de terrenos, por aforamento, no Ultramar Portuguez, por S. Ex.^{as} os Governadores:

Lei de 21 de agosto de 1856;
Decreto de 4 de dezembro de 1861;
Carta de lei de 7 de abril de 1863;
Decreto de 10 de outubro de 1865;

8.º Que por estas razões todas e Legislação:

P. a V. Ex.^{a} que — á semelhança do que, tantas e tantas vezes, tem sido concedido para a Ilha de Santo Antão e para diversos individuos, os quaes, quasi na totalidade jámais serviram o Estado, em Africa — se digne dar V. Ex.^{a} por aforamento, ao abaixo assignado, 1:000 hectares de terreno baldio ou inculto, pertencente ao Estado, na Costa do Norte, de *preferencia,* ou no sitio *Botija,* ou em qualquer outro que na Costa do Norte ou na do Oeste, ou talvez na do Sul da Ilha de Santo Antão, o requerente possa preferir na occasião da medição do terreno, segundo lhe faculta a Lei; e mandar informar o requerente de tudo quanto se possa relacionar com o pedido que faz, e satisfação de sua justiça

E. R. M.^{cc}

Ilha de Santo Antão, 24 de agosto de 1899.

João Antonio Cardoso, Junior.

XII

Plantas medicinaes de Cabo Verde

(1904)

Plantas medicinaes de Cabo Verde

(1904)

Acacia vera, *Willd.*
Boerhavia erecta, *Wahl.*
Borassus flabelliformis, *L.*
Cardiospermum Halicabum, *L.*
Crataeva Adansonii, *A. Rich.*
Cyperus rotundus, *L.*
Gallium Aparine, *L.*
Guiera Senegalensis, *Lam.*
Hibiscus rosa-sinensis, *L.*
Indigofera Anil, *L.*
» hirsuta, *L.*
Ipomae pés caprae, *Sw.*
Lactuca sativa, *L.*
Leucas Martinicensis, *R. Br.*
Lonchocarpus Formosianus, *DC.*
Ophioglossum reticulatum, *L.*
Parkinsonia aculeata, *L.*
Parmelia perforata, *Ach.*
Plumbago scandens, *L.*
Parietaria officinalis, *L.*
Physalis angulata, *L.*
Polygala micrantha, *G.* et *P.*

Praia, fevereiro de 1904.

João Cardoso, Junior.

XIII

Bibliographia Cardoso

(1883-1903)

Trabalhos (alguns) de João Cardoso, Junior, realisados em Africa no periodo de 1883–1903

A Ilha do Sal e o reapparecimento da sua industria nos mercados estrangeiros.

Economias nas Pharmacias do Estado da Provincia de Cabo Verde.

Subsidios para a Materia Medica Colonial Portugueza.

Um caso de medicina legal. Parecer como perito.

Analyse chimica de uma farinha e pão da mesma.

Como pôr um dique ao *deficit* entre a receita e despeza das Possessões Ultramarinas Portuguezas, fazendo-as, porém, florescer? Contribuição para a resolução do problema colonial portuguez.

O problema da arborisação do archipelago de Cabo Verde. 1884.

De Cabo Verde á Senegambia Portugueza. 1897.

Na Senegambia Portugueza. Estudo estatistico, abrangendo um seculo. 1899.

Resposta á circular datada de 29 de setembro de 1898, de S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar, Antonio Eduardo Villaça. 1898.

Mais de 20 annos de residencia em Africa, sendo perto de dezesete seguidos, sem ir portanto á Metropole.

Notas africanas. Lepra nas Possessões Ultramarinas Portuguezas.

A Ilha de Santo Antão considerada administrativamente.

Noticias de Cabo Verde.

Em beneficio da Mãe-Patria, mas sem filiação em partido algum politico.

Verdades sobre o Ultramar Portuguez.

A Pharmacia militar no Ultramar Portuguez.

Notas africanas[1]. Plantas empregadas na pesca. Communicação feita ao dr. Greshoff[2].

Notas africanas[3]. Pescadores e pescarias no archipelago de Cabo Verde.

Notas africanas[4]. Catalogo dos molluscos colhidos no archipelago de Cabo Verde por João Cardoso, Junior.

Notas africanas. Ichthyologia Cabo-verdeana. Catalogo dos peixes colhidos nos mares das ilhas de Cabo Verde[5].

Plantas medicinaes do Oriente[6]. 1897

---

[1] *Annaes de Sciencias Naturaes,* vol. IV, abril de 1897. O dr. Greshoff fez referencias a este trabalho na sua bella obra *Mededeeling Uit. S. Lands Plantetum,* XXIX. (Monographia de plantes venenatis et sapientibus quae ad pisces capiendos adhiberi solent, Pars II), Batavia, G. Kolff & Co., 1900. Pag. 5, 23, 44, 82, 85, 98, 119, 139.

[2] O dr. Greshoff tem prestado importantes serviços á sciencia e á Hollanda, seu Paiz Natal.

É de obreiros da textura do dr. Greshoff que o Ultramar Portuguez precisa, e muito, não para virem de passagem, como de passeio, a estas regiões, estudarem um ou outro assumpto que, de momento, interesse ou chame particularmente a attenção — no que aliás podem prestar optimos serviços — *mas para n'ellas residirem, bem remunerados e contentes, trocando serviços de envolta com patriotismo, pelo que a Patria lhes pague, fidalgamente,* n'elles depositando-se solidàs e continuas bases de progresso, nas regiões quentes portuguezas, referente a estudos conscienciosos e aturados, e descobertas de verdadeira utilisação pratica, no vasto campo da sciencia, considerando-se, portanto, aquelles os genuinos pioneiros que nos tempos que vão correndo podem e devem auxiliar, poderosamente, a alta missão civilisadora de Portugal, entre o convivio das nações, que, dia a dia, sem cessar, em toda a extensão dos seus dominios, trabalham, politicamente sobretudo, e de todas as fórmas, por se distinguirem, *olhos sempre muito abertos, sobre cada uma das outras nacionalidades — á frente de todas — para incidirem, sobre ella, uma inspecção especialissima, rigorosa e diaria, e aproveitarem-se das nossas faltas, dos nossos descuidos, dos nossos erros, se commettermos umas ou nos deixarmos cahir nos outros — a nossa querida Patria, Portugal!*

Praia, outubro de 1902.

João Cardoso, Junior.

[3] *Annaes de Sciencias Naturaes,* vol. II, julho de 1895; vol. III, abril e outubro de 1886. Uma importante revista scientifica allemã solicitou-nos auctorisação para traduzir e extractar este nosso trabalho logo que elle appareceu publicado.

[4] *Idem.* Determinações feitas pelo distincto naturalista A. Nobre, vol. I, outubro de 1894, e vol. VII, 1901. Porto.

[5] *Idem,* vol. VI. Porto, 1899. Comprehende este trabalho 94 especies. O chefe do serviço de saude, na sua nota n.º 20, de 10 de janeiro de 1901, dirigida a S. Ex.ª o Governador de Cabo Verde, classifica este catalogo de peixes colhidos nos mares das ilhas de Cabo Verde como *o mais completo que se conhece.*

[6] Foi elaborado, expressamente, o trabalho *Plantas medicinaes do Oriente,* a fim de ser, como foi, de facto, offerecido á Missão do *Instituto Ultramarino,* commemorando ao mesmo tempo o Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India.

Este trabalho, que comprehende tambem um catalogo de 851 especies medi-

Formulario medico-indigena das Possessões Ultramarinas Portuguezas.

Como debellar, praticamente, a syphilis.

Utilisação pratica das plantas medicinaes do Ultramar Portuguez.

Resposta ás theses formuladas pela Sociedade de Geographia de Lisboa, e destinadas ao Congresso Colonial Nacional.

Breve noticia sobre herborisações portuguezas no archipelago de Cabo Verde.

A flora alimentar das ilhas de Cabo Verde.

Mappas mensaes de observações diarias, ás 9 horas da manhã, realisadas no Posto Meteorologico da cidade da Praia.

Contribuição para o estudo da flora da ilha de S. Nicolau.

Contribuição para o estudo da flora da ilha de S. Vicente.

Contribuição para o estudo da flora das ilhas do Sal, Boa Vista, Maio, S. Thiago, Brava e Fogo.

Contribuição para o estudo da flora da Senegambia Portugueza. Enumeração das plantas colhidas por João Cardoso, Junior, nas ilhas de Bissau e Bolama, bem como no ilheu do Rei.

O serviço de saude no Ultramar Portuguez.

---

cinaes pertencentes ás regiões por nós estudadas — *O Industão* — *A Indo-China* (mui particular, e completamente, a *Cochinchina)* — *A China* (comprehendendo a nossa ilha de *Macau)* — *O Japão, Timor* e as *Ilhas das Especiarias* — *conserva-se inedito.*

De proposito, e como para registrar a sua existencia, transcrevemos para aqui o documento que lhe diz respeito, e segue:

INSTITUTO ULTRAMARINO

N.º Ill.mo e Ex.mo Sr.

De ordem de Sua Excellencia o Secretario da Direcção do Instituto Ultramarino, tenho a honra de accusar a recepção do impresso *Plantas medicinaes do Oriente,* a que V. Ex.ª allude na sua carta ao Ex.mo Almirante Baptista de Andrade, e de communicar-lhe que o original foi remettido em 15 de julho ultimo á commissão executiva do Centenario da India, e que na mesma data foi por esta Secretaria dirigido um officio a V. Ex.ª accusando a recepção e agradecendo de ordem e em nome de Sua Magestade a Rainha, Augusta Presidente do Instituto, a offerta por V. Ex.ª feita.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Secretaria do Instituto Ultramarino, em 23 de setembro de 1896.

Ill.mo e Ex.mo Sr. João Cardoso, Junior, pharmaceutico de 1.ª classe da provincia de Cabo Verde.

O encarregado do expediente,

(*a*) Vasco José do Valle Coelho.

XIV

Bibliographia Colonial Portugueza (Subsidio para a)

I

Chronistas, historiadores, navegadores Portuguezes, e outros que, pelos meados do seculo xv ao meado do seculo xvi, e logo depois, fizeram menção, descreveram ou deram noticia de especies e drogas medicinaes, existentes nas regiões quentes, e das obras em que se acham taes referencias.

Alvares (P.^e^ Francisco).—Tamarindeiro e seus fructos. *Verdadeira informação das terras do Preste João.*

Azevedo (Francisco de).—Cola. Lopes Lima, *Ensaios,* etc., I e II parte, p. 96.

Azurara (Gomes Eannes), (1447 ou 1448).—*Adansonia digitata,* e os seus productos. *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné,* p. 36.

Barbosa (Duarte).—Algodão, anil, gergelim (*Sesamus indicum,* DC). *Livro de Duarte Barbosa.* Publicado nas *Noticias Ultramarinas,* II, p. 248 e 229 (edição de 1867).

Barros (João de).—Pimenta de S. Thomé. *Decadas* I e III.

Botelho (Simão).—Tamarindos, Canafistula, Mirra. Felner. *Subsidios para a historia da India Portugueza.*

Brandão (Alves).—*Xylopia aethiopica. Relação descriptiva dos differentes linhos.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* II, p. 252.

Cada Mosto.—Vinho de palmeira (fabricação do), Algodão. *Noticias Ultramarinas,* II, p. 35.

Caminha (Pedro Vaz).—*Bixa Orellana* (descripção da). *Noticias Ultramarinas,* IV, p. 18.

Camões (Luiz de).—Myrtos, Cidreiras, Romanzeiras, Limoeiros. *Os Luziadas* (episodio da Ilha Encantada).

O sr. José Gomes Monteiro, n'uma carta de elevado interesse para a litteratura portugueza, dirigida a Thomaz Norton, *sobre a situação* da Ilha de Venus e em defeza de Camões, contra uma arguição do sabio Humboldt, colloca a ilha encantada sobre os climas tropicos e no Oceano indico, e, depois de fundamentar esta asserção, diz: «O grande naturalista teria sem duvida formulado de outro modo o seu reparo se tivesse uma idéa distincta da situação da ilha dos amores. Então suas viagens e sua vasta sciencia lhe

teriam recordado as odoriferas matas de Languebeber, povoadas de todas essas arvores ou arbustos que elle diz proprias do clima meridional da Europa.»

O episodio da Ilha Encantada offerece, diz Humboldt, a mais graciosa de todas as paizagens.

O sr. Rebello da Silva publicou na *Epoca* (jornal, 1849) o Juizo critico sobre a carta do sr. Monteiro.

Camões, no Canto IV, Est. VII, quando principia o sonho de el-rei D. Manuel, descreve uma região montanhosa e povoada de arvoredo, na India.

Cardoso (Banha), (1622).—*Monodora myristica,* Dun., *Adansonia digitata,* Anime, em pedra (Gomma copal). *Producções,* etc. Publicado nas *Memorias do Ultramar,* p. 17 e 18.

Castello Branco (João Rodrigues de).—Animum (copal da Africa oriental).

Guerreiro (P.e).— Laranjeiras.

Lopes (Duarte).— Colla, cabella *(xylopia aethiopica),* pau quicongo *(tarchonatus camphoratus,* L., e seus usos, *Adansonia digitata),* munguengue *(spondias lutea,* como ha razões para crer), tamarindos, cassia. *Rel. del Reame di Congo,* p. 41 e 42.

Macedo (José Tavares de).— Laranjeiras, limoeiros. *Estudo historico sobre a laranjeira em Portugal.*

Mendes (André Alvares), (1594).— Poilão ou polão *(Criodendron anfractuosum,* DC), Cola ou Kola *(Cola acuminata),* Laranjeira, Tinta *(Indigofera tinctoria),* Tamarindeiro, Mancarra *(Arachis hypogoea),* Mangueira *(Rhizophora Mangle,* L). *Tratado breve dos rios da Guiné* (edição de 1841, p. 13, 25, 30, 32, 35, 36 e 78).

Orta (Dr. Garcia da).— Tamarindeiro, amendoeira da India *(Terminalia Catappa),* açafrão, aloes, anil, assafetida, benjoim, calamo aromatico, camphora, canella, cardamomo, cubebas, curcas, estramonio, gengibre, mirabolanos, opio, pimenta, rhuibarbo, sandalo. *Colloquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da India.*

São os *Colloquios* — diz o nosso Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* — um livro estimavel por diversos respeitos, e dos que mais honra fazem á nação portugueza pelo haver produzido. Monumento da intelligencia e fadigas do seu benemerito auctor, n'elle appareceu a *primeira e mais exacta* descripção do cholera morbus epidemico (como bem observa o Dr. Lima Leitão), e varias outras, egualmente notaveis e importantes, de plantas orientaes até então desconhecidas.

Os *Colloqvios* foram publicados em Goa no mesmo anno (1563) em que o flamengo Carlos Clusio, em Portugal, fazia as primeiras excursões botanicas.

Garcia da Orta partiu para a India em 1534.

A *prioridade* da exploração da India, com relação ao continente portuguez, deu-se tambem com referencia ao Brazil e restantes colonias portuguezas.

Luiz de Camões — o grande epico — consagrou aos *Colloquios* alguns versos quando pretendeu obter do vice-rei da India (D. Francisco Coutinho, conde de Redondo) o privilegio da publicação d'aquella obra.

Pacheco (Duarte) (O Piloto Anonymo).— Canna saccharina *(saccharum officinarum),* bananeira *(Musa sps.),* coqueiro, oliveiras, drogas aromaticas produzidas pelas *Piper Clusii, Xylopia aethiopica, Amomum granum paradisi. Navegação de S. Thomé.* Publicado nas *Noticias Ultramarinas,* II, p. 85 (edição de 1867). Sobre a malagueta foi publicada pelo sr. conde de Ficalho uma memoria que se encontra nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* XLVI, p. 35 e 39.

Pinto (Fernão Mendes).— Varios productos da India, China e Molucas.

Pires (Thomé).— Erva lombrigueira, rhuibarbo, canafistula, incenso, opio, tamarindos, galanga, mirabolanos, aloes, mirra, alcatira, estoraque. *Carta de Thomé Pires, escripta de Cochim a el-rei D. Manuel, dando-lhe noticia das drogas da India, em 27 de janeiro de 1516.* Thomé Pires viveu nos reinados de D. João II e D. Manuel. Por nomeação d'este ultimo rei partiu para a India, em 1511, como feitor das drogarias. Esteve em Cananor, de lá passou a Cochim, Malaca, China e Cantão.

João de Barros, *Historia do descobrimeuto e conquista da India* e *Decadas da Asia;* Gaspar Correia, *Lendas da India;* Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações;* Diogo Barbosa Machado, auctor da *Bibliotheca Luzitana;* D. Francisco de S. Luiz, patriarcha de Lisboa: fallam-nos de Thomé Pires, que foi o *primeiro homem dc sciencia e o primeiro naturalista que foi á India, o primeiro portuguez e o primeiro europeu em missão á China.*

Rezende (Garcia de).—Pimenta de S. Thomé *(Piper Clusii,* DC). *Chronica de D. João II,* fol. 43 v. (edição de 1862). Foi levada de Benin a Portugal por João Affonso Deveiro e por elle tornada conhecida.

Santos (Fr. João dos).—Bengue *(canabis sativa),* e seus usos entre os cafres; Gergelim, Romeiras, Figueiras de Portugal, Parreiras, Limoeiros, Laranjeiras. *Ethiopia Oriental,* parte I, cap. XIII, fol. 20 v., etc.

Soares (Gabriel), (1587).— Mancarra *(arahis hypogoec). Noticias Ultramarinas,* III, *Revista do Inst. hist. e geogr. do Brazil.*

Telles (P.^e^ B.).— Laranjeiras.

II

Portuguezes illustres a quem, posteriormente ao seculo xvi, não foram indifferentes, sob varios pontos de vista, as regiões quentes, e das obras em que se encontram esses trabalhos e referencias.

Almeida (Dr. Alexandre Norberto Correia Pinto de), medico naval.— Moçambique. *Estatistica medica dos hospitaes das Provincias Ultramarinas.*

Anchietta.— Angola. *Indice remissivo da legislação do Ultramar desde 1446 até 1878.*

Andrade (João Baptista de).— Angola. *Apontamentos de uma viagem de Bembe a Encoge.* Publicados nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série i, outubro de 1858.

Assumpção (Lino da).— Africa. *Exploração á Africa.* Publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* série v, n.º 6.

Barreto (Antonio Maria de Castilho).— Ultramar Portuguez.

Barros (Frederico de).— Guiné Portugueza. *A Senegambia Portugueza.*

Barros (missionario).— Guiné. *Jornal da Sociedade de Geographia,* série iii, n.º 12.

Bocage (Dr. Barboza du).— *Ornithologia de Angola. Noticia ácerca dos caracteres e affinidades de um novo genero de mammiferos insectivoros na Africa Occidental (Beyonia Velox, Potaneogale Velox,* du Chaillu.)

Bordalo (Francisco Maria).— India. *A Provincia e Estado da India.*

Botelho (S. X.)— Africa Oriental. *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental.*

Brito (Manuel Antonio de).— Angola. *Noticia de alguns dos districtos de que se compõe a provincia de Angola.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série ii, 1959.

Brochado (B. J.)— Angola. *Noticia de alguns territorios c dos povos que os habitam, situados na parte meridional da Provincia de Angola.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série i, dezembro de 1855. *Descripção das terras do*

Humbe, Camba Mulondo, Quanhama e outros. Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, novembro de 1855.

Bulhões.— Ultramar Portuguez. *Les Colonies Portugaises.*

Camara (Manuel Ferreira da), 1789.— America. *Ensaio de descripção physica e economica da comarca das ilhas na America.* Publicado no tomo I das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Faz menção de: uvas, assucar, tabaco, canna saccharina, cacau, baunilha, canella, cravo do Maranhão, salsaparrilha, contra herva, ipecacuanha, café, açafrão, anil, tamarindos, algodão, ricino, amendoim, gergelim, vinho de ananaz, vinho de caju.

Capello (Felix de Brito), official de marinha.— Ultramar Portuguez. *Descripção de tres especies novas de crustaceos de Africa Occidental. Description de quelques espèces du genre Galateia du Bungo et du Quanza.*

Capello e Ivens.— Angola. *De Benguella ás terras de Iaccá (descripção de uma viagem na Africa Central e Occidental). Observações meteorologicas e magneticas, no interior da Africa, em alguns mezes dos annos de 1877 e 1878.*

Carvalho, medico.— Moçambique. *Boletim da Sociedade Broteriana.*

Castilho (Alexandre Magno de).— *Roteiro da costa occidental da Africa, desde o Cabo de Espichel até ao das Agulhas.*

Castro (Affonso de).— Timor. *Noticia dos usos e costumes dos povos de Timor* (extrahida do Relatorio). Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série IV, abril de 1863.

Castro (Manuel Alves de).— Angola. *Viagem a Cazengo pelo Quanza e regresso por terra, 1846.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, 1858. *Itinerario de uma jornada de Loanda ao districto de Ambaca, na Provincia de Angola.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, 1854.

Chelmick e Varnhagem.— Cabo Verde. *Corographia Cabo-verdeana.*

Coelho (Adolpho).— Africa. *Boletim da Sociedade de Geographia.*

Corvo (João de Andrade).— Ultramar Portuguez. *Estudo sobre as Provincias Ultramarinas.*

Costa (Bernardo Francisco da).— India. *Manual pratico do agricultor indiano.*

Costa (E. J.), official de marinha.— Guiné Portugueza. *Boletim da Sociedade de Geographia,* série VIII, n.os 11 e 12.

Costa (Vieira Botelho da).— Cabo Verde. *A Ilha do Fogo, Cabo Verde e o seu vulcão. A Ilha do Sal.* Publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia,* série V, n.º 6.

Cunha (Joaquim Almeida da).— Ultramar Portuguez. *Breve memoria ácerca da medicina entre os cafres da provincia de Moçambique. Estudo ácerca dos usos e costumes dos banianes, bathiás, parses, mouros, gentios e indigenas* (Moçambique, 1885).

Dias (Conceição), medico.— Moçambique. *Estatistica medica das Provincias Ultramarinas.*

Diogo (Eugenio Simões), pharmaceutico.— Cabo Verde. *Analyse chimica das quinas da Ilha de Santo Antão.* Publicada no *Boletim Official de Cabo Verde.*

Duarte (Custodio), medico.—*Noticia sobre a Ilha de Santo Antão*. Publicada no *Boletim Official de Cabo Verde*.

Feijó (João da Silva).—Cabo Verde e Brazil. *Ensaio economico sobre as ilhas de Cabo Verde em 1797*. Publicado no tomo v das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencas. Memoria sobre a fabrica real do anil da Ilha de Santo Antão*. Idem, *idem*, tomo I. *Notas sobre a historia natural da provincia do Ceará*.

Não foi até hoje restituido a Portugal (apesar dos esforços n'este sentido empregados, entre outros individuos a quem ainda hoje doe tal facto, pelo sr. Dr. Barboza du Bocage) o herbario formado de 562 plantas, nas ilhas de Cabo Verde, por João da Silva Feijó, herbario que *foi levado* de Lisboa para o Museu de Paris por Geoffroy Saint-Hilaire, que viera a Portugal em companhia de Junot, e o qual é de suppôr que estivesse acompanhado de valiosas notas.

Feijó residiu no Ceará muitos annos, depois que esteve em Cabo Verde.

Ferreira (Alexandre Rodrigues).—Brazil. *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela coroa de Portugal. Descripção da gruta do Inferno feita em Cingábá. Viagem á gruta das Onças*. Foram publicadas na *Revista trimensal do Instituto historico geographico do Brazil*

Ferreira (Leonardo Africano), medico.—Moçambique. *Pulex penetrans*, these.

Ficalho (Conde de).—Ultramar Portuguez. *Plantas uteis da Africa Portugueza. Memoria sobre a influencia dos descobrimentos dos portuguezes no conhecimento das plantas* (1.ª Memoria sobre a Malagueta). *Garcia da Orta e o seu tempo*.

Gamito, major.—Angola. *O Muata Cázembe e os povos Maraves, Chevas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da Africa Austral*.

Gomes (Bernardino Antonio), Filho.—*Ensaios praticos sobre o opio indigena*. Publicados nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1848. *Elementos de pharmacologia geral. Noticia ácerca da obra sobre as Palmeiras do sr. Carlos Filippe Martins*. Publicada no tomo III das *Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, p. 94 a 112.

Gomes (Bernardino Barros).—Ultramar Portuguez. *Noticia sobre a cochonilha de Cabo Verde*.

Gomes (Dr. Bernardino Antonio), Pae.—Ultramar Portuguez. *Uma viagem scientifica em Angola*. Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino*, série IV, janeiro de 1863. *Memoria sobre as boubas. Memoria sobre a ipecacuanha fusca do Brazil ou cipó das nossas boticas. Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil*, escriptas em latim e portuguez. Publicadas no tomo III, parte I, da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Ensaio sobre o chinchonino e sua influencia nas virtudes da quina. Memoria sobre a virtude toenifuga da romeira, com observações zoologicas e zoonomicas relativas á toenia. Cartas sobre as virtudes anthelminthicas da casca da raiz de romeira, applicada com successo nos casos de toenia*. Publicadas no *Diario do Governo*, em 1822.

Henriques (Dr. Julio Augusto).—Ultramar Portuguez. *Boletim da Sociedade Broteriana. Instrucções praticas para as culturas coloniaes*.

Hopffer (Dr. Francisco Frederico).—Cabo Verde. *Apontamentos para a topographia medica da Ilha do Maio. Noticia sobre algumas aguas mineraes da Ilha de Santo Antão. Varios e importantes relatorios*. Publicados nas *Estatisticas medicas do Ultramar Portuguez*.

Lacerda (João Cesario de).— Ultramar Portuguez. *Noticia sobre as febres paludosas e sobre uma epidemia de febre typhoide observadas na provincia de Cabo Verde.*

Leão (José Fernandes da Silva), medico.— Cabo Verde. *Relatorio sobre a cholera morbus na Ilha do Fogo, em 1855.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, outubro de 1858.

Lereno (A. M. da Costa), medico.— Cabo Verde. *Relatorio sobre a Ilha do Fogo. Relatorio medico sobre a Ilha de S. Vicente.*

Loureiro (A. Ferreira).— Macau. *O porto de Macau.*

Loureiro (P.ᵉ João).— Cochinchina, China, Moçambique e Macau. *Flora Cochinchinensis. Historia natural e civil da Cochinchina. Memoria sobre o algodão, sua cultura e fabrico. Memoria sobre a transplantação das arvores mais uteis dos paizes remotos. Da incerteza que ha ácerca da gomma-mirrha. Memoria sobre uma especie de petrificação animal. Exame physico historico: «Se ha ou tem havido diversas especies de homens?» Descripção botanica das cubebas medicinaes. Consideração physica e botanica dà planta Aerides que nasce e se alimenta no ar. Diccionario anamita-portuguez. Flora iconographica da Cochinchina.*

É de missionarios como o padre João Loureiro, Dr. Garcia da Orta, Dr. F. Welwitsch e Thomé Pires que a Africa precisa.

O sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, no seu *Elogio Historico* ácerca do padre João Loureiro, poz bem em relevo os seus importantissimos serviços.

É digna de lêr-se a *Nota* attribuida ao abbade Correia da Serra, na qual este refere como João Loureiro encetou os seus estudos botanico-medicos e se relacionou com o grande botanico José Banks.

É extraordinaria a obra de Loureiro, e ao proprio Dr. Brotero causou admiração.

Loureiro foi: *astronomo, botanico, medico e philologo.* Entre os serviços prestados á Patria deve-se-lhe o ter cômbatido *a incipiente preponderancia da propaganda* fide *que n'esse tempo entrava a querer devéras substituir a influencia que os Portuguezes, até então, haviam exercido em Africa.*

Magalhães (Francisco da Silva), medico.— Timor. *As febres intermittentes e a hematuria. Memoria sobre as febres palustres de Timor.*

Marques (Sisenando), pharmaceutico.— Angola e S. Thomé. *Viagem á Africa Austro-Central.*

Mendes (A. Lopes).— India. *A India Portugueza.*

Mendes (Luiz Antonio de Oliveira), medico.— Africa Portugueza. *Discurso academico sobre o programma «Determinar em todos os seus symptomas as doenças agudas e chronicas que mais frequentemente acommettem os pretos recemtirados da Africa.*

Missionarios.— Ultramar Portuguez. *Relação da viagem que fizeram os padres missionarios, desde a cidade de Loanda, d'onde sahiram a 2 de agosto de 1780, até á presença do rei do Congo, onde chegaram a 30 de junho de 1781.*

Moller (Adolpho).— Ilha de S. Thomé. *Boletim da Sociedade Broteriana.*

Montanha (P.ᵉ Joaquim Santa Rita).— Sertão da Costa d'Africa. *Relatorio da ida, estada e volta aos hollandezes da republica hollandeza africana, existente no interior do sertão da costa d'Africa.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* 1857.

Monteiro.— Angola. *O Muata Cazembe e os povos Maratas, Chevas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da Africa Austral.*

Moura (João Herculano), pharmaceutico.— India. *Jornal de pharmacia, chimica e historia natural.* Annos de 1872 e 1873.

Newton (F.) — Ultramar Portuguez. *Boletim da Sociedade Broteriana.*

Nogueira (A. T.) — *Angola e S. Thomé. A raça negra sob o ponto de vista da civilisação da Africa.*

Nunes (Antonio).— India. *Livro dos pesos da India.* Publicado nos *Subsidios para a historia da India Portugueza,* por Rodrigo Felner.

Oliveira (Bernardo José de), medico.— *Cultura das plantas que dão a quina. Relatorio ácerca do estado da cultura das arvores de quina, na ilha de Santo Antão.* Publicado no *Boletim Official de Cabo Verde.*

Oliveira (José Baptista de), medico. Angola. *Breves apontamentos sobre a hygiene e pathologia na provincia de Angola.*

Paiva Manso (Visconde de).– Lourenço Marques. *Memoria sobre Lourenço Marques.*

Pereira (Feliciano Antonio Marques), official de marinha.— Ultramar Portuguez. *Viagem da corveta D. João I á capital do Japão no anno de 1660.*

Porto (Francisco Ferreira da Silva).— Sertões da Africa. *Viagem de Angola á Contra Costa.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, 1858.

Pusich (Antonio).— Cabo Verde. *Memoria ou descripção physico-politica das ilhas de Cabo Verde em 1810.*

Rasinas (Filippe).— Cabo Verde. *Noticia sobre a creação da Cochonilha.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série III, dezembro de 1862.

Ribeiro (Manuel Ferreira), medico.—Ultramar Portuguez. *A provincia de S. Thomé e suas dependencias. Hygiene naval. Estudos medico-tropicaes.*

Roberto (Antonio Gomes), pharmaceutico.— India. *Archivos de pharmacia e sciencias accessorias da India Portugueza,* annos de 1664 a 1671. *Jornal de pharmacia e sciencias medicas da India Portugueza.* Annos de 1662 a 1663.

Romero (Jeronimo), official de marinha.—Moçambique. *Memoria ácerca de Cabo Delgado.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, janeiro de 1856.

Sá da Bandeira (Visconde de).—Africa Portugueza. *Administração colonial. Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, e mais logares da Costa Occidental da Africa, situada entre 5° 12' e 8° da latitude austral. O trabalho rural africano.*

Salis (Dr. Jacques Nicolau de).— Moçambique.

Santarem (Visconde de).— Africa. *Demonstração dos direitos que tem a Coroa de Portugal sobre os territorios situados na Costa Occidental da Africa entre o quinto grau e doze minutos, e o oitavo de latitude meridional, e por conseguinte aos territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz.*

Sarmento.— Sertões da Africa.

Serpa Pinto, major.—Africa Portugueza. *Como eu atravessei a Africa, do Atlantico ao mar indico.*

Serrão (José Antonio), major.— Cabo Verde. *Noticia sobre a Ilha de Santo Antão.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, janeiro de 1858.

Vieira (P.e Antonio), 1675.— Brazil, Africa, Asia. *Carta dirigida de Roma para Paris, em 1675,* etc. *Papel forte.*

Silva (Eugenio Correia da).— Africa Portugueza. *Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá, na Costa da Mina.*

Silva (Germano Augusto da), official de marinha.— Zambezia. *Observações sobre as boccas do Zambeze.* Publicadas nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série III, dezembro de 1862.

Silva (J. Gomes da), medico.— Macau e Timor. *Boletim da Sociedade Broteriana. Relatorio do serviço de saude da provincia de Macau e Timor,* 1886. Publicado, em separado, em Timor.

Silva (Lucio Augusto da), medico.— Macau e Timor. *Duas palavras sobre a dengue. Relatorio sobre a epidemia do cholera morbus, em Macau, no anno de 1862.*

Silva (Manuel Galvão da).— Moçambique. *Diario das viagens pelas terras de Manica, em 1788.* Publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série II, maio de 1857.

Silva (Roberto Duarte).— Macau e Cabo Verde. *Sable titanifère de Sanctiago.* Publicado no *Bulletin de la Société chimique de Paris,* série II, tomo VIII, p. 418. *Huile de Curcas purgans et nouvelle source d'alcool octylique.* Idem, *idem,* tomo XI, p. 3 e 41. *Traité d'analyse chimique de R. D. Silva.* Publié par M. R. Engel *(obra posthuma).* Os numerosos trabalhos de R. D. Silva acham-se indicados na *Notice sur la vie et les travaux de R. D. Silva, par M. C. Friedel, membre de l'Institut.* Roberto Duarte Silva era natural da Ilha de Santo Antão; foi pharmaceutico e chimico muito considerado em Paris.

Soares (Joaquim Pedro Celestino).— India e China. *Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente, ou resumo de algumas derrotas da India e da China.*

Sousa (Emilio Piedade de).— Moçambique. *A mina de Inhaoxe. Annaes do Conselho Ultramarino,* série II, 1861.

Sousa (Pedro Lopes de).— Brazil. *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brazil em 1530, sob a capitania de Martins Affonso de Sousa, escripta por seu irmão Pedro Lopes de Sousa, 1839.*

Vaquinhas, major.— Timor. *Boletim da Sociedade de Geographia.*

Velloso (Frei José Marianno da Conceição).— Brazil. *Flora fluminensis Icones,* etc., vol. II. «Em Lisboa, e antes da partida para o Rio de Janeiro, tratava o padre Velloso de dar esta obra á luz, a expensas do Governo, tendo-se começado (não sei se ainda na Typographia do Arco do Cego, se já na Imprensa Nacional) a gravura das respectivas estampas, que ia grandemente adeantada. É o que se vê, bem como o destino que tiveram as chapas, pelo seguinte curioso paragrapho de um officio dirigido ao Governo em 31 de agosto de 1808, pela Administração geral da Imprensa Nacional (registado a fl. 31 do *Livro das consultas da Junta administrativa, economica e litteraria,* que existe n'aquelle estabelecimento...)» O paragrapho é o seguinte:

«No dia 29 de agosto de 1808, depois do meio dia, apresentou-se na Imprensa Regia Mr. Geoffroy Saint-Hilaire, com uma ordem de S. Ex.ª o Duque de Abrantes, datada de 1 de agosto, ordenando que se lhe entregassem 554 chapas pertencentes á *Flora do Rio de Janeiro,* de que era auctor Frei José Marianno da Conceição Velloso, as quaes se entregaram, e levou comsigo na mesma sege em que veiu.» Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico.*

Egual destino teve o Herbario que nas ilhas de Cabo Verde formou o naturalista João Velloso.

Fazendeiro do Brazil, etc., vol. II. *Memoria sobre a cultura e preparação do girofeiro aromatico (vulgo, cravo da India), nas ilhas de Bourbon e Cayenna. Memorias e extractos sobre a pipereira negra (Piper nigrum,* L.) *que produz o fructo conhecido vulgarmente pelo nome de pimenta da India. Quinographia portugueza. Helminthologia portugueza. Aviario brasilico.* E muitas traducções e collaborações.

Villa Maior (Visconde de).— Africa. *Estudo chimico das sementes de amendobi. Memoria sobre a producção do sulphato de soda, no vulcão da Ilha do Fogo, no archipelago de Cabo Verde.* Publicado nas *Memorias da Academia Real das Sciencias;* nova série, tomo II, parte I. *Noticia sobre a analyse do chamado Oleo de mafurra.* Publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino,* série I, novembro de 1855.

Welwitsch (Dr. Frederico).— Africa Portugueza. *Apontamentos phytographicos sobre a flora da provincia de Angola, na Africa equinocial, servindo de relatorio preliminar ácerca da exploração botanica da mesma provincia. Madeiras e drogas medicinaes de Angola.* Publicados nos *Annaes do Conselho Ultramarino. Amostras de drogas medicinaes, de plantas filamentosas e tecidos, e de varios outros objectos, mórmente ethnographicos, colligidos no sertão de Angola. Catalogo das sementes remettidas de Angola. Memorias sobre o Herbario da Flora Lusitana.* Publicadas nos *Annaes da Academia Real das Sciencias. Flora lusitana exsicata.*

O Dr. Frederico Welwitsch explorou, perto de um anno, as terras da beiramar, desde Quizembo, ao norte de Ambriz, até á foz do rio Cuanze, na extensão de mais de cento e vinte milhas geographicas da costa; depois internou-se, escolhendo para quartel general e *centro das suas futuras operações* explorativas a povoação principal do districto de Golungo Alto, *Sange.*

Foi dentro dos limites d'este districto que Welwitsch consagrou *quasi dois annos completos a perscrutar o extenso territorio montanhoso tão rico em vegetação quão difficil de explorar, por ser pela maior parte coberto de densissimas mattas virgens, e atravessado por ingremes serranias;* sendo embaraçado pelas febres endemicas, e molestado *varias vezes* pelo escorbuto.

Depois visitou alguns pontos do districto de Ambaca, o presidio de Pungo Andongo, *cujo recinto de penedos gigantes se levanta no meio de um vasto oceano de florestas verdejantes,* e do qual fez segundo centro de operações no sertão, durante oito mezes, visitando as margens do *poderoso* rio Quanza, e serrania de Pedras de Guiga, as *vistosas* ilhas de Calumba, e as *extensas* mattas entre Quisonda e Condo.

De volta d'estas terras, ao presidio, explorou as salinas do sobado de Quitage, e as *magnificas mattas já arenosas, já pantanosas, mas sempre riquissimas em vegetação,* que se estendem na margem direita do rio Quanza.

Antes de regressar a Golungo Alto, vizitou os *mattos ralos,* situados além do rio Luxillo, na direcção do districto de Cambambe, atravessando outra vez Ambaca, e seguindo viagem para Loanda, concluindo assim o *seu tirocinio triennal* no sertão de Angola, durante o qual o territorio que percorreu abraça, approximadamente, uma superficie de 15:000 leguas geographicas quadradas, observando e colligindo 3:227 especies vegetaes, pertencentes a 176 familias ou ordens naturaes.

A exploração do Dr. Welwitsch, subsidiada pelo Governo Portuguez e promovida pelo Marquez de Sá da Bandeira e Dr. B. Barros Gomes, foi uti-

lissima; deve ser realmente considerada, como diz o sr. Conde de Ficalho, *a fonte principal e quasi unica dos nossos conhecimentos sobre as terras effectivamente sujeitas ao dominio portuguez.*

O herbario formado é precioso.

Valiosas são as noticias sobre a Flora economica de Angola, já em numerosas notas manuscriptas acompanhando o herbario, já em differentes publicações.

Por isto, todas as vezes que se tratar das regiões quentes portuguezas, será sempre lembrado o nome do Dr. Welwitsch, bem como o são o de Thomé Pires para a costa de Malabar, o do Dr. Garcia da Orta para a India, o do padre João Loureiro para a Cochinchina, China e Moçambique, e o de João da Silva Feijó para Cabo Verde.

João Cardoso, Junior.

NOTAS

I

Mammiferos de Moçambique

Nomes scientificos	Localidades onde vivem	Nomes vulgares
Macacos		
Cercopithecus erytrarchus, *Peters*..	Inhambane, Quelimane	Gôro, Nschógo.
» ochraceus, *Peters*....	Qucrimba	Njane.
» flavidus, *Peters*	Quitangonha	Niôve.
» pygerythrus, *F. Cuv.*	Tete, Senna	Pussi, Nschima.
» samango, *Wahlberg* ..	Inhambane	Côro.
Galago crassicaudatus, *Geoffroy*...	Quelimane, Tete	Namahive, Schanga.
» senegalensis, *Geoffroy*....	Tete	Canuindó.
Microcebus myoxinus, *Peters*......	Bahia de Santo Agostinho .	Ntéte.
Morcegos		
Pteropus Edwardsii, *Geoffroy*.....	Inhambane	Gebôa.
Epomophorus crypturus, *Peters* ...	Tete	Djmea.
Nycteris fuliginosa, *Peters*........	Quelimane	Nantutu.
e muitos outros sem nomes vulgares, todos interessantes.		
Insectivoros		
Chrysochloris obtusirostris, *Peters*.	Inhambane	Morogunga.
Macroscelides fuscus, *Peters*......	Boror	Dundú.
» intufi, *Smith*.......	Boror, Inhambane.........	Dundú.
Petrodromus tetradactylus, *Peters*.	Tete, Senna	Sôro.
Rhynchocyon Cirnei, *Peters*	Boror	Mutáu.
Carnivoros		
Rhabdogale mustelina, *Wagner*...	Inhambane, Cabaceira.....	Munjonga.
Mellivora capensis, *Fr. Cuvier*....	Tete	Sere.
Lutra inunguis, *Fr. Cuvier*.......	Moçambique..............	Candué (Lontra).
Viverra civetta, *Buffon*	Senna	Fungo.
» rasse, *Horsfield*	Anjoanes.................	Fungo.
» genetta, *Linné*	Querimba, Tete...........	Munjambe, Fungo.
Herpestes undulatus, *Peters*	Quitangonha, Mossimboa .	Ntulú.
» fasciatus, *Desmarest* ...	Querimba, Quelimane......	Ntulú.
» ornatus, *Peters*	Tete	Runcóo.
» atilax, *Wagner*	Quelimane	Moceo.
Bdeogale crassicauda, *Peters*	Tete, Boror	Goccoco, Munjonga.
» puisa, *Peters*..........	Mossimboa	Puisa.
Canis adustus, *Sundevall*.........	Moçambique..............	Candué, Macange.
Hyaena crocuta, *Erxleben*........	Quelimane, Senna, etc.....	Ntica, Dugo, Quisumba.
Felis leo, *Linné* (Leão)	Inhambane, Senna, Tete ...	Caramo, Pondóro.

Nomes scientificos	Localidades onde vivem	Nomes vulgares
Felis pardus, *Linné* (Leopardo)...	Moçambique, Quelimane, etc.	Havara, Camba, Suvi.
» serval, *Buffon*............	Tete, Senna.............	Megusi, Sudche.
» caligata, *Temminck*	Tete, Senna.............	Bonga.
Roedores		
Sciurus mutabilis, *Peters*.........	Boror....................	Ingerere.
Myoxus murinus, *Desmarest*......	Tete, Inhambane..........	Cadiaverama, Corrododô.
Anlacodus variegatus, *Peters*.....	Senna, Tete..............	Seuzi.
Heliophobius argenteocinereus, *Ptrs*	Tete, Boror..............	Fuco, Nafúo.
Meriones leucogaster, *Peters*.....	Boror, Mossuril..........	Ntschirú.
» tenuis, *Smith*..........	Tete....................	Panja.
Mus microdon, *Peters*...........	Tete....................	Cuisi, Bêva
» arborarius, *Peters*..........	Tete....................	Sunto.
» minimus, *Peters*............	Tete....................	Mapanja.
» dorsalis, *Smith*.............	Tete....................	Poni.
Pelomys fallax, *Peters*...........	Boror....................	Vumbo, Vumboé.
Acomys spinosissimus, *Peters*.....	Tete....................	Suan, Cassussú.
Steatomys edulis, *Peters*.........	Tete, Senna..............	Sana.
Saccostomus lapidarius, *Peters*....	Senna, Tete..............	Psuco, Succú.
» fuscus, *Peters*.......	Inhambane...............	Succú.
Cricetomys gambianus, *Waterhouse*.	Quelimane, Inhambane....	Kuva, Schikuva.
Hystrix australis, *Peters*.........	Querimba, Tete...........	Nungo.
Lepus saxatilis, *Fr. Cuv.* (Lebre)..	Tete....................	Suzo.
Desdentados		
Manis Temminckii, *Smuts*........	Moçambique..............	Héca, Nhéca.
Pachydermes		
Phacochoerus africanus, *Fr. Cuv.*.	Senna, Tete.............	Dschiri.
Ruminantes		
Antilope sylvatica, *Sparrmann*...	Senna, Tete..............	Bavare, Mbare.
» pygmaea, *Lichtenstein*...	Moçambique, Quelimane, Inhambane..............	Injazôrro.
» altifrous, *Peters*.........	Senna, Boror.............	Injassa.
» ocularis, *Peters*.........	Senna, Tete..............	Injassa.
» melanotis, *Forster*......	Senna, Tete..............	Capenja.
» tragulus, *Forster*......	Inhambane...............	?
» hastata, *Peters*.........	Senna...................	Dutsa, Cutúa.
» moschata, *v. Düben*.....	Tete....................	Rumpsa.
» isabellina, *Afzelius*.....	Senna, Tete, Boror........	Poio, Tsengo.
» ellypsiprymna, *Ogilby*...	Senna, Tete..............	Vesimbo, Ntúca.
» strepsiceros, *Pallas*.....	Moçambique, Senna, Tete..	Tata, Ngôma.
» melampus, *Lichtensteinii*.	Tete, Chidima............	Psuáre, Suáre.
» Lichtensteinii, *Peters*....	Tete, Senna, Boror........	Gondo, Gondongo.
» oreas, *Pallas*...........	Tete, Senna..............	Chefú, Schuzo.
» gorgon, *H. Smith*.......	Senna, Tete..............	Njumbo, Nhumbo.
» oreotragus, *Forster*.....	Tete....................	Barare.
Bos caffer, *Linné*................	Senna, Tete.............	Njatti, Nare.

Dr. Peters.

II

Pande e Dromedario

Além dos animaes já sabidos, originaes de Africa occidental, hoje ao alcance de todos seu conhecimento, fallarei em dois animaes, que julgo ser novo o conhecimento de um, o *dromedario,* e ignora-se a existencia do outro, *pande,* da especie ou da mesma familia da *abada,* conhecida pelos gentios d'estes sertões por este nome. Tamanho, altura, côr, etc., representa a mesma *abada,* com a differença unicamente que em logâr de ter uma só ponta, como este animal, sobre a tromba superior, tem mais outra no queixo inferior, por metade do tamanho da outra, tambem flexivel, mas uma vez embravecido toma egual consistencia, tem uma pequena curva virada para baixo, e a extremidade inclinada para a frente, servindo para suspender os objectos prostrados por terra, aos quaes quer offender com a ponta inferior, que em todos os casos é a mais offensiva. Este animal é mais temido que a *abada;* para esta o gentio tem o costume de prostrar-se por terra quando já não pode fugir-lhe, e ella saltando-lhe por cima segue em sua carreira; o que já não succede com a *pande,* porque com a ponta inferior suspende do chão os objectos para os estrangular com a superior.

Tem este animal a grande singularidade de ter no peito uma pequena ferida do tamanho de um pero, de nascença, por onde sempre corre uma certa reima; é tão calida sua carne que essa mesma pouca gente que a come, fazendo uso d'ella por alguns dias, lhe rebentam feridas pelo corpo, e raras vezes deixa de produzir diarrhéa de sangue.

Hoje pode asseverar-se a existencia do *dromedario* nas margens tanto áquem (poucos) como além (em grande abundancia) do rio Cunene; eu os vi, e pela distancia a que me deixaram approximar para os examinar não resta a menor duvida, além de prova evidente, não serem mui bravios; talvez facil o apanharem-se e domesticarem se. Os naturaes pouco usam matar estes animaes, aos quaes dão o nome de *dure,* pelo pouco prestimo que lhes conhecem; porque não tendo ponta ou outro qualquer objecto de que lhes resulte lucro para venderem, e ser sua carne das mais ordinarias, unicamente fazem uso do couro para *alparcas,* pela grossura ser um pouco menor que o da *abada.*

Gambos, 1 de setembro de 1850.

B. J. Brochado.

III

Oleo de mafurra

Ill.^mo Sr.— Tive muita satisfação de receber o Officio de V. S.ª de 9 do corrente mez, dando uma interessante noticia ácerca de dois dos productos das nossas Provincias Ultramarinas, que faziam parte da collecção que o Conselho Ultramarino mandou para a Exposição universal de Paris, e um dos quaes, o denominado *mafurra*, V. S.ª diz que attrahiu a attenção de todos os homens eminentes que se consagram ao estudo das applicações industriaes da chimica.

Respondendo pois ao dito Officio, vou agradecer a V. S.ª, em nome d'este Conselho, aquelle seu trabalho, e ao mesmo tempo declarar-lhe que elle foi tido em tanto apreço que o mesmo Conselho o vae mandar publicar no *Diario do Governo*, para que o Commercio e a industria fabril possam tirar proveito dos valiosos esclarecimentos que V. S.ª n'elle lhes offerece.

Quanto ao mais que sobre o mencionado Officio o Conselho tenha a dizer a V. S.ª, reserva-se para o fazer opportunamente.

Deus Guarde a V. S.ª Lisboa, 13 de dezembro de 1855. = Ill.^mo Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel. = SÁ DA BANDEIRA, presidente do Conselho Ultramarino.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.— V. Ex.ª tem mostrado sempre, em todas as epochas da sua vida publica, um interesse tão decidido e tão esclarecido pelo melhoramento e prosperidade das nossas Possessões Ultramarinas que me auctorisa a acreditar que a noticia que tenho a honra de communicar-lhe será por V. Ex.ª acolhida com todo o favor.

Entre os productos da interessante collecção que o Conselho Ultramarino, que V. Ex.ª preside, apresentou na Exposição universal de Paris, figurava um que attrahiu a attenção de todos os homens eminentes que se consagram ao estudo das applicações industriaes da chimica.

Era este um oleo concreto, ou sebo vegetal, vindo de Moçambique com o nome de sebo de mafurra;[1] um producto inteiramente novo e desconhecido até agora na Europa

---

[1] O Sr. Major Salles Ferreira, que conhece muito os sertões de Angola, tendo visto esta semente, dá a informação seguinte:

«A semente chamada *mafurra* em Moçambique tem em Angola o nome de *guimbi*. A arvore que a produz acha-se em abundancia no districto de Encoge, e no Songo, districto de Talla-Mugongo.

«O sebo ou manteiga que contém este fructo usa-se como remedio contra a sarna.»

Em presença d'esta noticia o commercio poderá desde já fazer para Angola as suas encommendas.

Por estas razões, e porque elle figurava unicamente na exposição portugueza, resolvi-me a fazer o seu estudo chimico e a apresental-o á Academia das Sciencias de Paris, porque este era o meio mais convenienta de fazer conhecido em todo o mundo um producto cuja exploração pode enriquecer uma das nossas melhores provincias do Ultramar.

Para a melhor execução d'este importante trabalho associei-me com o meu amigo Julio Bouis, que dispõe de um dos melhores laboratorios de Paris no Conservatorio Imperial das Artes e Officios, e que se tem já distinguido entre os sabios por trabalhos analogos de merecimento incontestavel. A coadjuvação de Mr. Bouis foi para mim muito util e muito agradavel, e elle mostrou n'ella todo o desejo de pôr ao serviço de Portugal, na execução d'este trabalho, o seu saber e a sua experiencia. Eu creio que o Governo de Sua Magestade não deixará, por certo, de agradecer-lhe este serviço; e V. Ex.ª, que conhece melhor do que ninguem a grande importancia dos estudos d'esta ordem e a influencia que elles teem no progresso da industria, não deixará de o recommendar, e de prestar todo o apoio da sua influencia para que este serviço, prestado com tão boa vontade e com tanto zelo por um sabio extrangeiro de tanto merecimento, não fique sem ser galardoado, como é proprio da generosidade do Governo portuguez.

Agora permitta-me V. Ex.ª que eu lhe dê aqui uma breve noticia do estudo que eu e Mr. Bouis fizemos da *mafurra*, que, apesar de ser um estudo puramente scientifico, tem uma grande importancia industrial e commercial, principalmente para nós, e que deve produzir consideraveis vantagens para o engrandecimento das nossas provincias da Africa.

Na execução do trabalho a que me refiro servimo-nos de uma pequena porção do sebo vegetal de *mafurra* e das sementes de onde este se extrae, que o Conselho Ultramarino havia mandado á Exposição de Paris, e tambem de umas amostras do acido solido, extrahido do mesmo sebo, na fabrica do Sr. Ignacio Hirsch, pelo processo ordinario que se emprega na fabricação das vélas stearicas, amostras que o mesmo senhor me remetteu n'essa occasião para Paris, pedindo-me conselho sobre o processo mais conveniente para branquear aquelle producto.

É de rigorosa justiça que eu diga por esta occasião a V. Ex.ª que, sendo o Sr. Hirsch uma das primeiras pessoas que em Lisboa teve conhecimento da existencia do sebo vegetal de *mafurra* em Moçambique, concebeu immediatamente a idéa de o empregar na fabricação das vélas stearicas, e creio até que para esse effeito requereu o privilegio exclusivo.

Como tinhamos á nossa disposição o sebo de *mafurra* e as sementes de onde elle se extrae, ainda que as quantidades de que podiamos dispôr não fossem avultadas, tentámos verificar se das sementes, a que se dava no catalogo da Exposição Portugueza o nome de *mafurra*, se poderia extrahir a materia que tinha de ser o objecto do nosso estudo. A experiencia confirmou a exactidão do catalogo, e ficámos plenamente convencidos de que o sebo vegetal que iamos estudar era, sem duvida, extrahido de sementes identicas ás que acompanhavam aquelle producto.

As sementes ou amendoas da *mafurra*, nome que se lhe dá em Moçambique, pertencem, segundo a sua apparencia indica, a uma planta da familia das *euphorbeaceas;* são de fórma oval e cobertas de uma tenue casca de côr vermelha, tendo uma pequena mancha negra no meio do lado externo. Cada amendoa pesa, termo médio, 0gm,660; a menor pressão é sufficiente para destacar o involucro, cujo peso é egual a 0gm,187, de sorte que a semente descascada tem o peso de 0gm,473. As amendoas da *mafurra* assemelham-se um pouco aos grãos de cacau; são, pela maior parte, chatas do lado interno e convexas do lado externo, e dividem-se facilmente, como as de todas as *dicotiledoneas,* em duas partes no sentido longitudinal.

Teem um sabor amargo, e os diversos productos que d'ellas se tiram conservam pertinazmente este amargume. A amendoa da *mafurra* é dura e exhala pela trituração o aroma caracteristico do cacau; submettidas á simples pressão, a frio, não cedem senão uma muito pequena quantidade de materia gorda, e é necessario recorrer ao emprego da agua quente ou aos dissolventes usuaes dos corpos gordos para a despojar completamente. O emprego do ether ou da benzina

mostrou-nos que se pode extrahir d'aquellas sementes descascadas 65 por 100 de materia gorda: o residuo contém 4,3 por 100 de azote, e por isso é eminentemente proprio para ser empregado como adubo na agricultura.

Estas sementes cedem aos diversos agentes uma materia extractiva, uma substancia muito amarga e um producto particular que os alkalis coram fortemente; mas o ponto essencial sobre que fixámos com particularidade a nossa attenção foi o exame da materia gorda. A côr d'esta materia é ligeiramente amarellada; o seu aroma é o da manteiga de cacau; é menos fusivel que o sebo; o alcool fervente dissolve-a em pequenas proporções; o ether quente facilmente a dissolve, e abandona-a, pelo resfriamento, em pequenos crystaes estrellados. Os alkalis saponificam-a, corando-a notavelmente de pardo; porém a maior parte da materia córante é arrastada pela dissolução alkalina. O oxido de chumbo transforma-a, egualmente, em sabão, e a glycerina, que se separa n'esta operação, apresenta o seu caracter assucarado unicamente depois de lavada com o ether, que se apodera da substancia amarga. Os acidos gordos provenientes da decomposição dos sabões alkalinos crystallisam, e são formados de um acido gordo liquido muito corado, e de um acido solido branco, que entra por 55 por 100 do peso total da materia.

O acido liquido solidifica-se pela acção do acido hypoazotico, e dá um producto analogo ao acido elaidico; a distillação secca decompõe este acido em carboretos de hydrogenio e em acido sebacico; fórma tambem com o oxido de chumbo um sal soluvel no ether; finalmente possue todas as propriedades caracteristicas do acido oleico.

O acido solido no estado de pureza é perfeitamente branco e scintillante, o seu ponto de solidificação é fixo a 60°,5 do T. C., e apresenta-se o acido em massa crystallina e friavel; as suas dissoluções alcoolicas solidificam-se em massa pelo resfriamento. Este acido dá um sal ammonial soluvel a quente e insoluvel a frio na agua distillada; os saes que fórma com a potassa e com a soda decompõem-se pela acção da agua; o seu sal de chumbo funde a 115°, e pelo resfriamento coagula em massa opaca e amorpha; o ether que fórma com o alcool é solido e fusivel a 24°; finalmente apresenta todas as propriedades do acido ethalico ou palmitico, estudadas e descriptas por Mrs. Dumas e Stas.

As analyses repetidas que fizemos do acido, do ether, dos saes de chumbo e de prata convenceram-nos de que a composição do acido existente no sebo de *mafurra* deve ser representada pela formula = $C.^{32} H.^{32} O.^{4}$ =

Á vista d'este nosso estudo, a palmitina contém-se em abundancia, não só no oleo de palma, mas tambem no da *mafurra*, e são estas as substancias vegetaes ate hoje conhecidas que a podem fornecer de uma maneira vantajosa para os usos industriaes, porque não podemos aqui metter em linha de conta a existencia do mesmo principio que Mr. Rochleder indicou em proporção minima nos grãos do café.

Alguns ensaios de um outro genero nos fizeram conhecer a facilidade com que o sebo da *mafurra* distilla, depois de haver sido saponificado pelo acido sulfurico, dando por este processo productos perfeitamente brancos e com todas as condições requeridas para a fabricação das vélas.

Esta mesma materia, como já disse a V. Ex.ª, havia sido tratada na fabrica do Sr. Hirsch pelo processo ordinario da saponificação calcarea, e submettida á pressão a frio e a quente deu excellentes resultados, salva e deficiencia do branqueamento; assim nós entendemos que na exploração industrial d'este producto, para a fabricação das vélas, o processo mais conveniente será o da distillação, como o que já hoje se applica no tratamento do oleo de palma, excepto se fôr possivel obter que da Africa venha o sebo perfeitamente branco e isento de materia corante.

Aqui tem V. Ex.ª muito em resumo o extracto do trabalho que eu e Mr. Bouis apresentámos á Academia das Sciencias de Paris e que foi impresso nas actas da mesma Academia. O extracto publicado n'aquellas actas appareceu excessivamente resumido, por falta de espaço, e porque, estando eu ausente de Paris, não pude rever as provas, resultando até d'essas circumstancias a suppressão de uma parte do nosso trabalho, em que davamos ao Instituto a noticia de um outro producto natural das nossas Colonias, que promette um grande interesse

industrial: tal é a *castanha de Inhambane,* fructo de uma trepadeira de Africa, muito rico de oleo que congela facilmente e que contém tambem em grande quantidade um acido solido branco e crystallisavel, analogo, se não é identico, ao acido ethalico.

Este fructo fazia tambem parte da Exposição do Conselho Ultramarino e não se via entre os productos dos outros paizes. O seu estudo vae ser objecto de um novo trabalho de que me occuparei incessantemente logo que tenha á minha disposição a quantidade indispensavel de materia.

Se os productos de que tenho falado, se principalmente a *mafurra* se produz em grande abundancia, como asseveram as noticias vagas que temos de Moçambique, se ella se pode ainda colher nas outras provincias de Africa, principalmente na Costa Occidental, nenhuma duvida pode haver de que o partido que o Estado pode tirar d'esta producção é de summa importancia. O sebo de *mafurra* é, no meu entender, um producto mais rico do que o oleo de palma, e V. Ex.ª deve lembrar-se que este ultimo entrava na importação da Europa, no principio d'este seculo, só por algumas dezenas de toneladas, e que hoje só a Inglaterra consome d'elle muitos milhares de toneladas.

Acabarei aqui este meu longo arrazoado; e a V. Ex.ª, como Presidente do Conselho Ultramarino e como enthusiasta dos melhoramentos das nossas Colonias da Africa, cabe promover o estudo de tantos productos maravilhosos que possuimos n'essas regiões ainda tão incultas, mas que encerram os elementos de uma grande riqueza e de immensa prosperidade. A Africa pede-nos a civilisação; a Europa pede, em troco d'ella, productos novos de que está sequiosa; fazel-os pois conhecer é uma obra de progresso e de civilisação digna do Conselho Ultramarino e do talento e da actividade do espirito illustrado de V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Lisboa, 9 de dezembro de 1855.=Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira.=JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL.

IV

Febres da Zambezia

O Dr. Mac William participou á *Sociedade Epidemiologica de Londres*[1] que Mr. Washington, official da marinha de guerra e socio da real sociedade hydrographica do almirantado, lhe transmittira a seguinte noticia sobre as febres da Zambezia, escripta pelo Dr. Livingstone:

«Nos casos typicos citados na *Historia medica da expedição do Niger* a vesicula biliar estava destendida por grande quantidade de bilis escura, e em muitos dos doentes tratados com quinina no primeiro periodo a molestia tornou-se mais benigna, ou desappareceu, ou tomou o typo intermittente. Em 1850 comecei a dar a quinina misturada com um purgante, logo no principio do tratamento, e tive o prazer de observar que por este modo se curaram dois dos meus filhos e alguns inglezes que encontrei junto ao lago Ngani. Perdi as notas em que havia consignado as razões que então me aconselharam esta pratica. Depois obtive bons resultados do mesmo tratamento em todos os casos em que o appliquei. A formula é a seguinte:

Resina de jalapa .... Calomelanos	aã 8 grãos.
Quinina .... Rhuibarbo em pó	aã 4 grãos.

«Misture muito bem, e quando fôr necessario faça pilulas com espirito de cardamomo.

«Dose — de dez a vinte grãos.

«A cephalalgia violenta, as dôres lombares, etc., desapparecem quatro ou seis horas depois de se tomarem as pilulas, e a sua acção purgante produz muitas evacuações de bilis negra, que alguns julgam ser de sangue. Se tardam as dejecções, uma colher de sal em clyster promove-as. A quinina deve ser administrada até que haja zunido nos ouvidos.

«Tentámos substituir a jalapa e os calomelanos por outros purgantes, mas estas experiencias deram-nos a convicção de serem melhores os que preferimos.

«Na nossa marcha pelo litoral do rio, percorrendo seiscentas milhas, não perdemos ninguem. Se alguns dos nossos adoecia, tomava logo o remedio, e no dia seguinte continuava a acompanhar-nos a pé; porém algumas vezes, quando os ataques eram violentos, foi necessario collocal-os sobre um burro: dois ou tres dias depois já o doente preferia ir a pé. Experimentámos a tintura de Warburgo, a qual tem grande reputação na India, mas vimos que causava suores abundantes e diminuia as forças sem curar os doentes.

«O uso diario do sulfato de quinina não é preventivo: observei muitos casos de febre em individuos que apresentavam symptomas de quinismo. Já na costa occidental eu tinha empregado as pilulas com feliz resultado, mas não fiz especial menção d'este facto e apenas o deixei consignado no livro dos missio-

[1] Sessão do dia 3 de junho de 1861.

narios. Não estava então completamente certo de que a febre fosse identica á que o Dr. Mac William observou no Niger; porém o fatal destino dos missionarios em Linyanthe, onde no curto espaço de seis mezes morreram seis dos treze individuos que compunham a expedição (nove europeus e quatro indigenas), faz-me recear de que a doença seja a mesma do que foram victimas os officiaes do commodore Owen, no Zambeze, os do capitão Tuchey, no Congo, e as tripulações dos navios da grande expedição ao Niger, no rio d'este nome. Os meus companheiros M. Kirk e M. C. Livingstone partilham da minha opinião emquanto á utilidade das pilulas, a respeito das quaes já escrevi uma noticia para um dos jornaes medicos; porém os tristes acontecimentos que ha pouco referi fazem-me desejar que este remedio tenha a maior publicidade.

«Os que fizerem uso das pilulas devem saber que as dóses de dez a vinte grãos são para pessoas adultas e robustas, e não recear que produzam maus effeitos sobre a economia, porquanto eu, depois de regressar de Africa, não senti algum accesso regular de febre, e apenas tenho tido pequenas doenças provenientes da exposição á malaria na sua maior intensidade. Sou de opinião, emfim, que não é preciso seguir o conselho que me deram na Africa, isto é, tomar purgantes antes de administrar o sulfato de quinina.

«Emquanto ás causas da febre da Zambezia direi que em redor de cada aldeia n'este paiz ha, durante a estação secca, uma grande porção de materias fecaes, que depois as chuvas levam para o rio. Note-se que ha milhões de aldeias nas margens do rio e facilmente se comprehenderá o effeito produzido por aquella causa deleteria.

«Os indigenas abrem buracos na areia para se proverem de agua. É provavel que esta pratica tenha, na origem das febres d'esta localidade, a mesma influencia que se lhe reconhece no nosso paiz.

«Tete, 28 de novembro de 1860.—David Livingstone.»

N. B.—A communicação official d'onde se extrahiu esta noticia foi ultimamente rectificada, emquanto á formula, do seguinte modo:

Resina de jalapa .... Rhuibarbo	aã 6 a 8 grãos
Calomelanos .... Quinina	aã 4 grãos.

V

Ilha de S. Thomé

A arvore do balsamo e o balsamo

É sem duvida a ilha de S. Thomé, essa verdejante perola do oceano equinocial, uma das regiões a mais luxuriantemente enriquecida com os preciosos dons da Flora.

Alli, conjunctamente com outros admiraveis especimens do grande reino vegetal, nas cristas das montanhas e platós em terrenos araveis, pelo interior das florestas em solo argiloso, pelos declives, faldas e sopés de variegadissimas collinas junto a algum crystallino arroio, e nos alcantilados despenhadeiros por entre gigantescos polyedros de escuro basalto, se nos depara tristonho talvez, e se não de tão bello porte como a *Isa myriapeltis* ou a *Artocayrus incisa,* pelo menos de magnifica apparencia, e despertando pelo seu aroma suave a attenção do transeunte o pau balsamo, ou a *Sorindea trimera* dos botanistas, cujas aproveitaveis propriedades therapeuticas, hoje já conhecidas por alguns distinctos clinicos, são aliás pelo vulgo exaltadas a um poder que, embora o não queiramos nem o possamos negar, nos parece por emquanto muito hypothetico, mas que mais experiencias bem dirigidas por pessoas habeis, conscienciosas e amigas da sciencia talvez possam vir um dia confirmar no todo ou parte tão lata asserção.

Esta arvore exsuda naturalmente pela camada cortical d'entre os feixes de liber, mórmente no tempo dos syzigios, o seu balsamo, ou mais propriamente diremos a sua terebinthina, em tanta quantidade que muitas vezes se chega a derramar no solo circumjacente; porém alguns agricultores laboriosos e intelligentes conhecemos que nas derrubadas feitas em suas mattas sempre com muito acerto teem sabido poupar ao brutal golpe do machado tão preciosas arvores, e obteem d'ellas a mesma terebinthina por meio de incisões transversaes praticadas no cortex de seus troncos, a que adaptam vasos apropriados á sua recepção. Citaremos como useiros de tão util pratica os srs. Sobral e Guimarães, donos da aprasivel roça Saudade.

Outr'ora, antes do anno de 1876, epocha em que foi dada a liberdade aos escravos, eram estes homens, se pode dizer, a unica via por onde se podia obter algumas pequenas porções d'aquelle producto, porque elles na sua misera e infima condição, carecendo de meios necessarios á sua proverbial embriaguez e outros vicios a que tão dados eram, tinham necessariamente de crear as suas fontes de receita, e n'esta conjunctura dividiam o tempo que seus senhores lhes davam de folga em duas estações bem distinctas: uma empregada nas grandes libações, no grande gaudio, folgança e tremenda algazarra de descantes gentilicos e muito aguardentados, e outra dedicada unica e exclusivamente á sua industria particular, que consistia então em adquirirem productos coloniaes (em propriedades alheias, já se vê), entre os quaes figurava o balsamo de S. Thomé, que cuidadosamente acondicionavam nos endocarpos dos côcos, a maior parte das vezes misturado com serradura e identicas impurezas, e era assim que o vendiam na cidade pelo modico preço de setenta a cem réis cada um d'aquelles involucros.

Eram geralmente os escravos do bem conhecido estabelecimento agricola

Agua-Isé os que mais exclusivamente se dedicavam a este ramo de industria. Como, porém, os tempos antigos acabaram e com elles caducasse o velho regimen, abundando o serviçal mais em dinheiro do que então, hoje pouco ou nada se dedica a tal mister e com difficuldade se encontra á venda este precioso producto, e quando apparece não desdenha o preto em pedir quatrocentos ou quinhentos réis por cada côco.

Voltando ainda a falar do sr. Sobral diremos que devido á obsequiosa offerta d'este senhor pudemos ultimamente fazer acquisição de duas pequenas garrafas do mais puro balsamo colhido sob a sua methodica direcção; e nós no intuito de vermos se no mercado teria prompta sahida e poderia auferir preços convidativos, o que na affirmativa seria de certo abrir na ilha de S. Thomé mais uma pequena fonte de receita publica e de que tão precisado está o agricultor, ouvimos com summo desgosto dizer-se-nos que o genero era desconhecido, que não era procurado, que no mercado não tinha cotação, e quando muito pudemos encontrar quem nos offerecesse 2$400 réis por kilogramma, porém prevenindo-nos logo de que com quatro ou cinco kilogrammas ficariam abarrotados.

Parece-nos, todavia, que não é ainda tempo de desesperar da empreza, não obstante as depreciações e mesquinhez do nosso mercado ephemero e rachitico; temos mesmo grandes fundamentos para suppôr que não longe chegará o dia que este novo ramo de industria colonial attinja o eminente logar a que desde já nos parece ter irrefutavel direito. Sabemos, como testemunhas presenciaes, que habeis e distinctos medicos n'aquella colonia e no continente do reino teem empregado na sua clinica, em tratamento interno, preparados pharmacologicos do balsamo de S. Thomé, e na maior parte dos casos com feliz successo. Um nos disse a nós muitas vezes que o reputava de reconhecida utilidade em todos os catarrhos, e que se o não applicava sempre em taes casos pathologicos era pela difficuldade de se encontrar nas pharmacias.

Como topico, sabemos que bem applicado, embebido em fios a qualquer região muscular ferida de pouco com instrumento cortante, seja só por que evite todo o contacto do ar ou que opere por algum principio immediato ainda não estudado mas que faça parte da sua composição, é certo que os labios da ferida se unem perfeitamete, sem que haja decomposição do tecido muscular, evitando por isso o cheiro fetido e diminuindo o dilatado tempo que este genero de ferimentos leva a curar pelos processos ordinarios e geralmente seguidos.

Alguns do povo levam a sua admiração pelo mirifico balsamo a suppôl-o capaz de curar toda a qualidade de ferida, e mesmo as ulceras, qualquer que seja a sua proveniencia. Escusado será dizermos que a tal exageração se oppõe com bons fundamentos a therapeutica e pathologia.

Ora, como temos visto até aqui, um agente tal qual a natureza nol-o offerece, ligado empiricamente á therapeutica sem que para isso se houvesse procedido a uma previa analyse, obrar tanto a contento do clinico como do cliente, deduzimos fatalmente que se ao clinico aprouver coadjuvar o medico, fazendo em laboratorio que esteja nas circumstancias de satisfazer ás indispensaveis condições a analyse immediata e conscienciosa do balsamo, e que de tal resultado se não faça segredo, e antes se lhe dê a maxima publicidade por intermedio de todos os jornaes scientificos, e que o medico então, bem conhecedor das forças do agente, o possa afoitamente empregar sobre diversos modos nas variadas affecções, o balsamo de S. Thomé não só ha de vir a preencher uma grande lacuna no quadro dos agentes therapeuticos ponderaveis, mas ainda terá subido valor mercantil, e poderá em dias vindouros constituir uma das riquezas d'aquella uberrima e encantadora ilha.

A. Sisenando Marques.

(*Colonias Portuguezas*, n.º 1, de 3 de janeiro de 1884.)

VI

Mappas comparativos de algumas classificações a respeito dos climas

1.º—Systema das linhas isothermicas

Designação	Temperaturas médias	Observações
Clima ardente	27° a 25°	O clima ardente pertence á zona torrida, e, segundo observa M. Lévy, cada uma das zonas isothermicas pode dividir-se em climas constantes, variaveis e excessivos.
» quente	25° a 20°	
» doce..........	20° a 15°	
» temperado	15° a 10°	
» frio...........	10° a 5°	
» muito frio	5° a 0°	
» glacial........	Abaixo de 0°	

2.º—Classificação dos climas, segundo M. Levy

Designação	Graus de latitude	Observações
Climas quentes	0° a 30° N. 0° a 35° S.	Devem tomar-se em consideração as singularidades topographicas e todas as modificações intermediarias de cada uma das respectivas zonas climatericas.
» temperados ...	30° a 35° N. 35° a 55° S.	
» frios	55° ao polo boreal 55° ao polo austral	

3.º — Melhor classificação para a ethnographia das emigrações, admittida pelo visconde de Paiva Manso

Designação	Graus de latitude	Observações
Zonas torridas.......	0º a 23º N. 0º a 23º S.	O visconde de Paiva Manso, na sua *Memoria sobre Lourenço Marques*, pag. LII, não diz quaes são os escriptores que seguem a classificação que elle não acceita.
» quentes.......	23º a 40º N. 23º a 40º S.	
» temperadas....	40º a 50º N. 40º a 50º S.	
» frias..........	50º a 60º N. 50º a 60º S.	
» glaciaes.......	60º a 90º N. 60º a 90º S.	

4.º — Systema das linhas isothermicas, segundo Jules Rochard

Designação	Graus de temperatura (média geral)	Observações
Zona torrida.........	...... até 25º centigr.	A classificação de Jules Rochard tem sido adoptada por alguns collegas, especialmente por Mr. Rey, no seu excellente escripto *Geographia Medica*, inserto em o *Novo diccionario de medicina e cirurgia praticas*, t. XVI.
» quente.........	+25º a +15º centigr.	
» temperada	+15º a + 5º centigr.	
» fria............	+ 5º a — 5º centigr.	
» polar	— 5º a —15º centigr.	

5.º — Divisão astronomica dos climas

As divisões astronomicas do globo, isto é, as cintas que ficam entre os tropicos e os circulos polares, formam zonas geraes, cujas denominações são muito vagas.

Contam-se tambem sessenta climas que geographicamente se definem: «Uma porção de terra, cujos habitantes teem os dias maiores ou menores que os dos seus vizinhos.» Marcam-se vinte e quatro do equador ao tropico de cancer e egual numero até ao tropico austral, aos quaes se reunem os climas de entre os polos e circulos polares, seis ao N. e seis ao S. Esta classificação tem por base a latitude que estabelece a distincção de cada um dos climas, o que facilmente se observa no seguinte quadro:

0°	de latitude, clima de	12	horas
16° 44′	» »	13	»
30° 48′	» »	14	»
41° 24′	» »	15	»
49° 2′	» »	16	»
54° 31′	» »	17	»
58° 27′	» »	18	»
61° 19′	» »	19	»
63° 23′	» »	20	»
64° 50′	» »	21	»
66° 21′	» »	23	»
66° 32′	» »	24	»
67° 23′	» »	1	mez
69° 31′	» »	2	mezes
73° 46′	» »	3	»
78° 11′	» »	4	»
84° 5′	» »	5	»
No polo	» »	6	»

Esta disposição dos climas satisfaz a geographia, mas não serve para o estudo de colonisação, que exige o conhecimento de outras condições independentes da duração do tempo, e não achamos palavras mais regulares do que as que adoptámos, dividindo cada um dos hemispherios terrestres em nove zonas, sendo as da parte septentrional: *equatorial, equatorial-norte, tropico-equatorial, tropical quente, tropical-temperada, temperada, fria e glacial.*

Distinguem-se estas zonas, unicamente para facilidade do estudo, por meio de parallelos tirados por 11° 45′, 23° 30′, 35° 15′, 47°, 58° 45′, 70° 30′, 82° 15′ de latitude, limite além do qual difficilmente se pode viver.

6.° — Systema mais simplificado, segundo os graus de latitude

Hemispherio boreal (nomes da zona)	Latitude (graus ao N. e ao S. do equador)	Hemispherio austral (nomes da zona)
Equatorial[1]	0°	Equatorial.
Equatorial N.	0° a 11° 45′	Equatorial S.
Tropico equatorial N.[2]	11° 45′	Tropico equatorial S.
Tropico quente N	11° 45′ a 23° 30′	Tropical quente S.
Tropical N.[3]	23° 30′	Tropical S.
Tropical temperada N	23° 30′ a 35° 15′	Tropical temperada S.
Temperada N	35° 15′ a 47°	Temperada S.
Fria N.	47° a 58° 45′	Fria S.
Glacial N	58° 45′ até aos polos	Glacial S.

MANUEL FERREIRA RIBEIRO.

[1] Considera-se uma zona de transição, á qual pode dar-se mais ou menos espaço. Não deve exceder comtudo 1°, ficando 30′ para N. e 30′ para o S. do equador.

[2] Comprehende uma extensão de 60′, contando se 30′ para o S. e 30′ para o N. do parallelo tirado por 11° 45′.

[3] É uma zona que abrange 30′ de um lado dos tropicos e 30′ do outro.

VII

A mosca tsé-tsé

A mosca tsé-tsé, já muitas vezes descripta, tem a configuração mais da mosca das cavalgaduras do que da ordinaria que habita entre nós. É comprida e pequena. Habita principalmente a serra de Mossuate, na parte E., e segue para o N. pelas nossas terras de Matola, Mohamba, sempre para o N. até á Sinquine, na altura do Bazaruto, onde ha noticia que ella tambem alli chega; mas não transpõe além d'esta linha, nem para O., a montanha Lebombo e outros terrenos, nem para E. Assim é que havendo grande quantidade de gado nas terras de O., além da sobredita linha, onde se cria muito bem, se se transportar para E, passando pela zona da mosca e fôr mordido, não resiste e morre em poucos dias; e vice-versa se elle passa de E. para O. No entretanto, fóra d'essa zona, ha numerosas manadas. Se porventura a mosca morde alguma pessoa, o que raras vezes acontece, produz apenas uma pequena inflammação local, sem consequencias futuras. Está, porém, demonstrado que ella se ausenta dos sitios habitados e das campinas para o matto, ou logares arborisados, em companhia do gado bravo.

Um inglez, Abet, mandou vir de Zamzibar tres camellos, que conservou e acclimou por algum tempo em Lourenço Marques, com o fim especulativo de que a mosca não lhes faria damno, visto que ella, cousa notavel, não prejudica o gado bravo com que anda. Na primeira viagem, em que os mandou ao rio Incomate com a competente carga, foram mordidos e morreram em poucos dias uns após outros.

Um meio lembrado para afugentar a mosca tsé-tsé consiste na abertura de grandes clareiras de um e outro lado da estrada. Urge pôl-o em pratica, porque é de instante necessidade que se estabeleçam as relações commerciaes entre a nossa colonia e a republica do Transwaal.

Manuel Ferreira Ribeiro.

VIII

Resultado dos ensaios mandados fazer pelo ex.mo sr. Francisco de Oliveira Chamiço sobre uma amostra de oleo mineral vindo de Africa (Fazenda Cachoeira, a S. E. da ilha de S. Thomé, em altitude de 1(0 a 150 metros, junto de um pequeno ribeiro).

Oleo bruto, submettido á distillação a uma temperatura vizinha de 300°, deu:

Alcatrão.. 20 %
Oleo de primeira distillação........................ 70 %

O alcatrão pode servir para embreagens, asphalto e outros usos.

O oleo de primeira distillação, do qual mandámos uma amostra, arde com boa luz, e parece-nos poder já applicar-se a certas illuminações. É todavia muito impuro, dando bastante fumo e mau cheiro.

Este oleo refinado pelas acções successivas do acido sulfurico concentrado e da soda caustica dá um oleo pesado, que se pode vantajosamente empregar na lubrificação de machinas, etc., e outro mais leve que distillado a 300° dá o producto que remettemos com o titulo de oleo de segunda distillação e que nos parece bom para illuminação. Relativamente ao oleo bruto a sua porção é de 44 %.

Além d'estes productos, talvez se possam extrahir outros de valor commercial importante. Para a solução d'esta questão é necessario dispôr de mais tempo e de maiores porções de materia.

O juizo que fazemos da materia examinada é que ella deve ter um valor importante, se as suas condições de abundancia e transporte forem favoraveis.

Lisboa, 3 de julho de 1872 = Rezende e Carneiro = Laboratorio central de analyses mineraes e consultorio minerio, rua do Crucifixo, 77–79, Lisboa.— Certificado de analyse.

IX

Em prol da utilisação pratica das plantas medicinaes do Ultramar Portuguez, bem como ainda de outras cousas que interessam á Provincia de Cabo Verde

Deposito Pharmaceutico do Estado,
na Praia,
14 de janeiro de 1904

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Chefe do Serviço
de Saude de Cabo Verde e Guiné.

Do 1.º Pharmaceutico.

Rogo a V. Ex.ª se digne fazer subir a S. Ex.ª o Governador — juntamente com os Esclarecimentos que abaixo seguem — o *Herbario de Plantas medicinaes de Cabo Verde,* que, n'uma lata, será entregue a V. Ex.ª.

João Cardoso, Junior.

Esclarecimentos sobre o Herbario de Plantas medicinaes de Cabo Verde, offerecido ao Governo d'esta Provincia por João Cardoso, Junior

....

...........Venho hoje, completando a minha idéa, offerecer ao Governo da provincia de Cabo Verde o Herbario que formei de plantas medicinaes d'este archipelago, crente que esta collecção virá a ser o nucleo da formação, official, de um Herbario de plantas medicinaes a empregar utilmente, mais cedo ou mais tarde, official e particularmente, na therapeutica das populações d'estas ilhas, *ideal* que se integraria com a permutação racional de todas as plantas medicinaes que habitam em todo o nosso restante Ultramar, especies innegavelmente muito valiosas para a therapeutica dos povos, *ideal* que teria a fazel-o acceitar, a facilitar-lhe o caminho, a apressar-lhe a sua expansão natural, a importante economia, que, em todos os casos, mais na integra que sómente em parte, evidentemente, da sua realisação derivaria, a breve trecho, para Portugal Continental e Ultramarino.

A collecção ou herbario que offereço hoje, e muito gostosamente, ao Governo da provincia de Cabo Verde folgaria eu bastante que ficasse sendo pertença do Laboratorio de trabalhos utilissimos, de analyses, de ensaios, etc., ou do Museu de productos de historia natural que se preste praticamente a estudos, consultas, etc., laboratorio e museu que, formando um só estabelecimento de estudo, estou bem persuadido que a evolução natural das cousas, conjugada com a bellissima orientação, talento e actividade, que não afrouxa, de S. Ex.ª o Governador actual, criarão, darão vida, cedo, a par de uma bibliotheca, indispensavel, annexa, constituida por obras especiaes que favoreçam, estimulem, etc., a missão, a pôr em pratica e a tirar d'ella partido, não esquecendo, entre outras especialidades importantes, no campo da sciencia, em regiões quentes, as obras ou publicações que se refiram á *Materia medica colonial*, á *Toxicologia colonial*, á *Therapeutica colonial* e á *Agricultura colonial*.

Todas as especies que constituem o herbario que offereço estão classificadas scientificamente e teem os respectivos nomes vulgares......

Seguem os nomes das especies, devendo finalmente esclarecer que a determinação scientifica foi feita pelo meu saudoso amigo Dr. J. G. Boerläge, conservador que foi do *Rijks Herbarium Te Leiden*, e mais tarde sub-director do importantissimo Jardim botanico de Buitenzorg, Java, onde morreu ha pouco em serviço do seu paiz, a Hollanda, d'onde eu quizera que derivassem para o aperfeiçoamento, estudo e aproveitamento das cousas da historia natural, sob todos os pontos de vista, do Ultramar Portuguez, individualidades tão distinctas e valiosas, como distincto na sciencia que professou foi o Dr. Boerläge, e de valiosa e reconhecida é a sua obra, que, não o esqueçamos, tambem irradiou e desinteressadamente até á provincia de Cabo Verde, classificando-nos obsequiosamente muitissimas das nossas plantas, classificação que para nós foi o ponto de partida, seguro para posteriores investigações e estudos, classificação que para muitos, para muitos estudiosos, estamos convicto, servirá de elemento precioso.

....

João Antonio Cardoso, Junior.

Boletim official de Cabo Verde, n.º 11, de 12 de março de 1904

N.º 73 — Tendo a junta de saude d'esta provincia proposto a creação, junto do hospital da cidade da Praia, de um laboratorio para analyses bactereologicas e de diagnostico medico, e sendo egualmente necessarias outras para attender-se a necessidades de ordem hygienica, agricola e industrial; mas não estando a provincia em situação de poder manter laboratorios independentes para aquelles diversos fins, — o que tudo fundamentou proposta, já enviada ao Governo de Sua Magestade, para a creação de um estabelecimento que reuna as condições alludidas: hei por conveniente determinar que uma commissão, — composta do chefe do serviço de saude Antonio Manoel da Costa Lereno, que servirá de presidente, do 1.º pharmaceutico do quadro de saude João Antonio Cardoso Junior, do agronomo da provincia Antonio José do Sacramento Monteiro, e do meu secretario particular Augusto Santhiago Barjona de Freitas, que servirá de secretario, — formule a lista do material que julgar indispensavel para o funccionamento de um laboratorio unico, que fique a cargo da direcção do serviço de saude e onde os diversos funccionarios competentes possam proceder ás analyses profissionaes que se lhes torne necessario executar, bem como quaesquer outros trabalhos de investigação scientifica adstrictos a tal estabelecimento.[1]

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução da presente competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Governo da provincia na cidade da Praia, 12 de março de 1904 — Antonio Alfredo Barjona de Freitas, Governador.

---

[1] Este laboratorio foi inaugurado no dia dos annos de Sua Magestade El-Rei, em 28 de setembro de 1904.

João Cardoso, Junior.

Supplemento ao Boletim official n.º 39
do Governo da provincia de Cabo Verde de 29 de setembro de 1904

N.º 218.— Sendo de capital importancia adquirir, no menor praso possivel, um conhecimento exacto das riquezas e aptidões agricolas, industriaes e commerciaes da provincia, o qual só poderá fundadamente basear-se n'um completo e methodico inventario botanico, zoologico, mineralogico, etc., de cada uma das ilhas; hei por conveniente determinar que:

1.º Uma commissão central, composta do tenente coronel de artilheria Antonio Julio da Costa Pereira d'Eça, que servirá de presidente, o tenente coronel medico Antonio Manoel da Costa Lereno, o engenheiro José Eduardo de Brito Carvalho da Silva, o agronomo Antonio do Sacramento Monteiro, o capitão pharmaceutico João Cardoso Junior, o engenheiro Julio Nunes Pereira e o alferes medico Arnaldo José Villela, que será o secretario, compile todos os esclarecimentos que possam servir de subsidio áquelle inventario, quer se achem publicados, quer existam ineditos nas repartições publicas, e ainda dos que sejam particularmente postos á sua disposição, informando do seu merecimento; e bem assim estude a melhor e mais rapida maneira de se completarem esses conhecimentos, em cada um dos ramos em que devam ser classificados, ou seja por meio de questionarios apropriados, enviados a funccionarios ou particulares, ou por pedidos de exemplares, ou por estudos e investigações directas determinadas pelo governo da provincia;

2.º Em cada concelho uma commissão, composta do administrador, o delegado de saude e o professor da séde do concelho, auxilie os trabalhos da commissão central na área do seu concelho, e em especial forme collecções em triplicado, uma das quaes ficará á sua guarda e conservação, sendo as duas restantes enviadas á commissão central, que conservará uma e enviará a outra ao Museu colonial;

3.º Tanto a commissão central como as concelhias aggreguem a si quaesquer pessoas, funccionarios ou particulares, que possam proveitosamente tomar parte nos seus trabalhos;

4.º As commissões tenham uma reunião ordinaria na primeira segunda feira de cada mez e as reuniões extraordinarias que julgarem necessarias, devendo semestralmente dar conta ao governo provincial dos seus trabalhos.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução da presente competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Governo da provincia na cidade da Praia, 28 de setembro de 1904 — Antonio Alfredo Barjona de Freitas, Governador.

X

Recenseamento da população do Ultramar Portuguez

	Numero de habitantes	Varões	Femeas	Numero de fogos	Observações
Cabo Verde	147:424	68:793	78:631	31:501	A. E. D. U. P.[1]
Guiné	67:165	—	—	—	As C. P.[2]
S. Thomé e Principe..	42:130	23:248	18:882	4:960	A. E. D. U. P.
Angola	4.181:730	—	—	—	As C. P.
Moçambique..........	3.120:000	—	—	—	As C. P.
India	531:798	255:825	275:973	31:501	A. E. D. U. P.
Macau	63:991	38:083	25:908	12:010	A. E. D. U. P.
Timor	1.840:000	—	—	—	Major Vaq.[3]

[1] *Annuario Estatistico dos Dominios Ultramarinos Portuguezes.* 1903. Publicação feita pela Direcção Geral do Ultramar.
[2] *As Colonias Portuguezas,* por Ernesto de Vasconcellos. 1896.
[3] Timor. João da Silva Vaquinhas.

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
49	1	Datura stramonium, *L.* (Leguminosas)	Datura stramonium, *L.* (Solanaceas)
52	1	Datura Metel, *L.* (Leguminosas)	Datura Metel, *L.* (Solanaceas)
287	28	Espurgueira	Esponjeira
310	1	uns e outros	uns e outras
379	2	isto e	isto é
387	16	mais de 20 annos	mais de 21 annos
387	16	perto de 17 seguidos	mais de 18 seguidos
389	28	a recepção do impresso	a recepção do manuscripto